

# LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

# A VERDADE VENCERÁ

## O POVO SABE POR QUE ME CONDENAM

BOITEMPO

**Sobre *A verdade vencerá***
**Luiz Felipe de Alencastro**

O Partido dos Trabalhadores e a carreira política de Luiz Inácio Lula da Silva, iniciada em 1977 com a projeção nacional de sua liderança sindical, têm seguido um destino comum. O PT cresceu até se tornar um partido de massa e o maior partido de esquerda da América Latina. Em plena adversidade, ainda representa a segunda bancada da Câmara. Quanto a Lula, depois de derrotado em uma eleição para governador de São Paulo e em três eleições presidenciais, foi conduzido duas vezes ao Planalto e fez sua sucessora, deixando um legado democrático e progressista inédito no Brasil e nos países vizinhos. Hoje, a maioria dos brasileiros o considera o melhor presidente que o país já teve, e todas as sondagens indicam seu retorno ao cargo, caso ele concorra ao pleito eleitoral.

Numa reunião pública sobre a intervenção federal no Rio de Janeiro, em fevereiro de 2018, o jurista José Carlos Dias, ex-advogado de presos políticos durante a ditadura e ex-ministro da Justiça de Fernando Henrique Cardoso, declarou: "Não podemos crer no Executivo, não podemos crer no Legislativo e descremos do Judiciário". Embora sua fala não aludisse à situação de Lula, não me parece exagerado considerar que parte das descrenças apontadas tem origem nas circunstâncias políticas e judiciárias que envolveram o *impeachment* de Dilma Rousseff e a condenação de Lula. Circunstâncias que, em 2016, afrontaram o voto majoritário expresso em 2014 pelo eleitorado e podem impedir, em 2018, a expressão em favor do principal candidato à Presidência.

Da extensa entrevista com o ex-presidente aqui publicada, em companhia de textos de autores respeitados, desejo destacar uma frase em particular: "O PT não nasceu para ser um partido revolucionário, nasceu para ser um partido democrático e levar a democracia até as últimas consequências". Afirmação de confiança na luta republicana contra a ditadura e nas promessas da Constituinte e da Constituição, a frase de Lula resume toda a força social de sua representação política.

**Sobre *A verdade vencerá***

Este livro traz um depoimento revelador de um dos maiores políticos da história brasileira. Sua publicação ocorre num momento crucial da mais recente crise da democracia na nação: após assistir à perseguição movida pela operação Lava Jato ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o país aguarda a decisão do Poder Judiciário sobre sua prisão.

Entre os temas discutidos, ganha destaque a análise inédita de Lula sobre os bastidores políticos dos últimos anos e o que levou o Partido dos Trabalhadores a perder o poder após a reeleição de Dilma Rousseff. O ex-presidente também fala sobre as eleições de 2018 e suas perspectivas e esperanças para o país.

Organizada por Ivana Jinkings, com a colaboração de Gilberto Maringoni, Juca Kfouri e Maria Inês Nassif, a obra traz ainda textos de Eric Nepomuceno, Luis Fernando Verissimo, Luis Felipe Miguel e Rafael Valim. Além disso, conta com uma cronologia da vida de Lula, feita pelo jornalista Camilo Vannuchi, e com dois cadernos de fotos históricas dos tempos de sindicato, da Presidência e das recentes caravanas e manifestações de rua, entre outros momentos marcantes.

“Não fui eleito para virar o que eles são, eu fui eleito para ser quem eu sou. Tenho orgulho de ter sabido viver do outro lado sem esquecer quem eu era.” – **Lula**

# LUIZ INÁCIO
# LULA
# DA SILVA

## A VERDADE VENCERÁ
### O POVO SABE POR QUE ME CONDENAM

ORGANIZAÇÃO DE **IVANA JINKINGS**
COM A COLABORAÇÃO DE **GILBERTO MARINGONI**, **JUCA KFOURI**
E **MARIA INÊS NASSIF**

COM TEXTOS DE **ERIC NEPOMUCENO**, **LUIS FERNANDO VERISSIMO**,
**LUIS FELIPE MIGUEL** E **RAFAEL VALIM**

BOITEMPO

# Sumário

# Nota da edição

Ivana Jinkings

No dia 24 de janeiro de 2018, em Porto Alegre, o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva teve julgado seu recurso à condenação por corrupção passiva e lavagem de dinheiro, proferida pelo juiz federal Sérgio Moro. Num jogo de cartas marcadas, três desembargadores do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) confirmaram a sentença e ampliaram a pena anterior. Nenhuma prova foi apresentada. Do lado de fora, dezenas de milhares de pessoas, na maioria trabalhadores e estudantes, manifestavam apoio ao mais popular líder político que a classe trabalhadora brasileira produziu.

Diante desse processo de destruição das instituições políticas e jurídicas brasileiras e de ameaça à democracia, decidimos publicar este livro, que, de certa forma, sintetiza nossa razão de existir.

A Boitempo é uma editora independente – não faz parte de nenhum grande grupo empresarial nem é vinculada a partido político, movimento social ou instituição religiosa – e tem como única fonte de renda os livros que publica. Em duas décadas de existência, buscamos articular as necessidades de sobrevivência com uma linha editorial comprometida com o pensamento crítico. Não publicamos obras de autoajuda, livros didáticos nem *fast-food* literário. Não buscamos confortar ilusoriamente as pessoas. Tornamo-nos reconhecidos por oferecer

aos leitores edições bem-cuidadas de obras de alta qualidade, escritas por

autores progressistas das mais diversas tendências – muitas delas com críticas consistentes a posições e à gestão do PT no poder.

Não apoiamos – como empresa – este ou aquele candidato. Mas temos consciência de que o Brasil vive uma escalada de intolerância e preconceito, potencializada pelo golpe de abril de 2016. A ruptura institucional tem agora uma pedra angular, a eventual prisão do ex-presidente Lula. Independentemente de concordar ou não com sua personalidade política ou sua conduta no governo, entendemos que a perseguição a ele transcende em muito uma questão individual ou partidária. Diante de uma das raras lideranças brasileiras de porte global, a Justiça brasileira vem amesquinhando seu papel de guardiã do Estado de direito e da Constituição e contribuindo para o estreitamento do espaço democrático. Encarcerar Lula – uma possibilidade real neste momento – significa lançar o país em uma aventura autoritária que envolve perdas de direitos da população – especialmente dos mais pobres –, concentração de renda, regressão econômica e aviltamento da soberania nacional.

Com essa convicção profundamente democrática e cidadã, lançamos este livro também para dizer que não queremos o Brasil projetado pelas forças obscurantistas que tomaram o governo de assalto. É nosso esforço para a mudança e um ato de resistência cultural.

• • •

Na quarta-feira, 31 de janeiro deste ano, fui conversar com Lula em seu escritório, no bairro do Ipiranga, em São Paulo. Recebeu-me pontualmente para uma conversa que deveria durar trinta minutos, mas se prolongou por duas horas e meia. Falamos de tudo: do processo movido contra ele, da vida, de livros e, claro, de minha proposta de colher dele um depoimento que se tornasse livro. Pediu-me um tempo para pensar e conversar com seus advogados. Dois dias depois, telefonou e disse: “Vamos fazer!”.

A partir daí, criou-se uma força-tarefa para a montagem da edição, incorporando autores dos textos complementares e a equipe de entrevistadores. Nos encontros que se seguiram, o ex-presidente mostrou-se aberto e não evitou responder nenhuma pergunta – talvez nunca tenha havido uma entrevista em que se desnudasse tanto. O resultado, os leitores poderão conferir no volume que ora apresentamos.

Alguns agradecimentos são necessários. Aos entrevistadores – Gilberto Maringoni, Juca Kfouri e Maria Inês Nassif –, companheiros solidários desta curta e intensa jornada; a José Chrispiniano, Marco Aurélio Ribeiro, Ricardo Stuckert, Paulo Okamotto e Claudia Troiano, do Instituto Lula, que se desdobraram para viabilizar os encontros e as gravações; aos autores dos demais textos que compõem este volume – Luis Fernando Verissimo, Luis Felipe Miguel, Eric Nepomuceno, Rafael Valim e Luiz Felipe de Alencastro –, colaborações essenciais e feitas em tempo recorde; a Mauro Lopes, responsável pela hercúlea tarefa de transcrever (com Murilo Machado) e editar a entrevista; a Frei Chico e Larissa da Silva, que nos cederam as fotos do arquivo da família; e, finalmente, agradeço à equipe da Boitempo. Não fosse a dedicação desse time sem igual, este livro não estaria pronto neste momento dramático da vida nacional, que exige mais que nunca a unidade das forças progressistas.

*ão aulo de março de 1*

Prólogo

# Controle de natalidade

Luis Fernando Verissimo

Não se constrói o país mais desigual do mundo em pouco tempo. Foi um longo processo, que começou com o primeiro nativo sendo espoliado pelo primeiro português, na nossa cena inaugural, e continua até hoje – mais de quinhentos anos de submissão de uma maioria a castas dominantes e fechadas, primeiro a dos nossos colonizadores, depois a de uma oligarquia nacional empenhada em se manter fechada e dominante.

As histórias oficiais política e econômica do Brasil nem sempre reconhecem esse empenho deliberado de proteger privilégio e poder do patriciado brasileiro, preferindo atribuir nossa tragédia social a alguma espécie de danação, culpa do nosso caráter, ou mesmo do legado daqueles nossos "descobridores" portugueses, quando não ao tamanho de nosso território ou ao nosso clima. Mas a desigualdade brasileira não é uma fatalidade, tem autores identificáveis, pais conhecidos. Através da história, ela vem sendo mantida, principalmente, pelo que pode ser chamado de controle de natalidade de qualquer opção de esquerda, proibida de nascer ou se criar. Até onde a casta dominante está disposta a ir para evitar que a esquerda prolifere, nós já vimos. Os gritos de dor dos torturados pela ditadura de 1964 ainda ecoam em porões abandonados. E 1964 é apenas um exemplo do que tem sido uma constante histórica.

Até hoje se discute se o governo de Getúlio Vargas foi “progressista” por convicção ou por conveniência política. De qualquer maneira, foi uma das poucas vezes, antes dos anos petistas, em que “as esquerdas” brasileiras estiveram nas cercanias do poder, mesmo fazendo concessões para não ser abortadas. O primeiro governo do Partido dos Trabalhadores mostrou que era possível fazer política social consequente sem ter que ceder a tentações ditatoriais, como as que acometeram Vargas. Houve distribuição de renda – e começou-se a diminuir a desigualdade no país. Daí a reação feroz da casta dominante à perspectiva da volta do PT ao poder, de que trata este livro. O patriciado, em eterna vigilância contra o nascimento de uma esquerda viável, deu-se conta da sua distração e agora se apressa em corrigi-la – até com o repetido sacrifício de convenções jurídicas e cuidados éticos.

*orto Alegre fevereiro de 1*

# Prefácio
# **A democracia à beira do abismo**

Luis Felipe Miguel

Quando se fecharam as urnas do segundo turno da eleição presidencial de 2014, selava-se também o fim de um ciclo da vida política brasileira. A reeleição da presidenta Dilma Rousseff significava que, apesar da mais agressiva campanha midiática de desmoralização contra um governante no Brasil, intensa e ininterrupta por mais de um ano, as forças conservadoras não conseguiam obter a maioria do voto popular numa eleição presidencial. Nesse momento, a parcela da elite política insatisfeita com o condomínio de poder que o Partido dos Trabalhadores (PT) lhes oferecera passou a estudar uma nova alternativa, que incluía virar a mesa e destituir a presidenta reeleita. Formou-se uma ampla aliança, que reuniu desde grupos empresariais nacionais intolerantes às moderadas medidas de distribuição de renda então em vigor até conglomerados internacionais atraídos pela perspectiva de desnacionalização de setores-chave da economia. Mobilizou-se, também, o ressentimento da classe média (incluídos aí setores da burocracia estatal, que paradoxalmente haviam ganhado muito ao longo dos governos petistas) contra o que ela percebia como redução de sua diferença em relação aos pobres. Os meios de comunicação cumpriram o papel de sempre, demonizando os grupos políticos à esquerda e propugnando saídas moralistas e autoritárias. A fraqueza moral do vice-presidente era o ingrediente

final; para ocupar a cadeira que não lhe pertencia, ele se dispôs a realizar o programa dos idealizadores do golpe.

O conjunto de eventos que levou à queda de Dilma Rousseff é conhecido. A falta de base constitucional para o *impeachment* e os vícios do processo já foram amplamente demonstrados pelos juristas mais competentes do Brasil e também por muitos de seus colegas estrangeiros. Mas o programa do golpe de 2016 não era, nunca foi, somente apear do cargo uma governante indesejada por alguns. Assim como ocorreu em 1964, mas agora por outros métodos, obter a Presidência era apenas um passo, necessário e simbólico, para implantar um programa de acelerado retrocesso social. É o programa que está em curso: passa pelo congelamento do investimento público em políticas sociais (aprovado no fim de 2016), pelo desmanche dos direitos trabalhistas (aprovado no início de 2017), por diferentes medidas de desnacionalização da economia e por uma severa restrição no acesso dos trabalhadores à aposentadoria, proposta que gera tamanha repulsa na população que mesmo os parlamentares alinhados ao golpe ainda não foram capazes de aprová-la.

Há um paradoxo, porém, no projeto golpista. Por um lado, seu propósito é reduzir brutalmente as concessões feitas aos grupos subalternos, impondo sem qualquer negociação medidas que foram derrotadas sempre que submetidas à apreciação do voto popular. Na expressão precisa do cientista político Wanderley Guilherme de Santos, busca-se "uma ordem de dominação nua de propósitos conciliatórios com os segmentos dominados". Por outro, seus urdidores não se dispõem a abrir mão de uma fachada mínima de respeito às regras da democracia liberal. A memória ainda fresca da ditadura de 1964 e a conjuntura internacional diversa tornam mais custoso optar por uma deriva autoritária sem meias-tintas. Esta também alienaria parte da coalizão golpista, seja pela sobrevivência de pruridos democráticos, seja pela lembrança do episódio anterior – muitos políticos que apoiaram a derrubada de Jango imaginavam que os militares manteriam as eleições presidenciais no ano seguinte e que eles poderiam disputá-las (sem os candidatos de esquerda, todos presos, exilados e com direitos cassados), mas logo se frustraram.

No entanto, é difícil impedir que o sentido mínimo da democracia liberal (liberdades cidadãs, autorização popular ao governo) seja usado para inibir a adoção de medidas tão impopulares. O caso da reforma da Previdência Social serve de exemplo: ela não foi aprovada, mas isso não se deve ao compromisso de

alguma maioria parlamentar com a justiça social, e sim ao fato de que, bem ou mal, todos devem passar pelo crivo da eleição para renovar seus mandatos. Assim, a própria dinâmica do golpe o obriga a reduzir cada vez mais as brechas democráticas que ele mantinha como forma de se legitimar. Por isso, o Brasil vive um momento de ataque também aos direitos civis e políticos. Há um cerceamento da liberdade de expressão, com ofensivas contra órgãos da imprensa alternativa, escolas, universidades, centros de pesquisa e artistas. Há também a ampliação da repressão policial a movimentos sociais e uma violência crescente contra manifestações e protestos. Em fevereiro de 2018, sob pretexto de garantir a segurança pública, o governo federal promoveu uma intervenção no estado do Rio de Janeiro, cujo primeiro efeito foi colocar nas ruas o Exército, que até então se mantinha como um ator discreto na crise.

Há, de maneira geral, o que se está chamando de *criminalização da esquerda*, em que posições políticas progressistas deixam de ser aceitas como legítimas e passam a sofrer perseguição. A seletividade da imprensa e dos órgãos repressivos do Estado em relação aos escândalos de corrupção faz com que esta seja vista como exclusividade dos partidos de esquerda, que passam então a ser tratados como "organizações criminosas". Com o retrocesso no entendimento dos direitos, eles são considerados exclusivamente individuais e em oposição aos coletivos; uma greve, uma ocupação ou uma passeata precisam ser contidas porque ameaçam a vigência de contratos privados e o exercício dos direitos de comparecer ao trabalho e à escola, ou de ir e vir. O conservadorismo moral permite que as lutas pelos direitos das mulheres ou da população LGBT apareçam como ameaças à família tradicional, instituição social apresentada como natural e imutável e que, sendo a "base da civilização", justifica qualquer abuso em sua defesa.

## A direita e o direito

É nesse contexto que a perseguição ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva ganha a dimensão de elemento central da conjuntura política do Brasil. Lula é, segundo todos os levantamentos, o candidato favorito às eleições presidenciais de outubro. Independentemente das ações que viesse a realizar em eventual novo mandato, sua vitória representaria a condenação popular ao golpe. O *la fare* (guerra jurídica) contra Lula tem todas as características de um procedimento de

exceção. Seu ponto de partida já marca uma ruptura com princípios basilares do Estado de direito: a igualdade perante a lei e a presunção de inocência. Lula não se tornou alvo de investigação por terem surgido indícios que sustentassem suspeitas de improbidade; antes, polícia, Ministério Público, Judiciário e também os meios de comunicação de massa passaram a caçar qualquer coisa que pudesse ser usada para acusar o ex-presidente. Sempre foi uma condenação em busca de uma prova.

A cobertura da mídia corporativa, sobretudo do fim de 2014 em diante, mereceria um estudo à parte. Qualquer boato contra Lula, por mais despropositado que fosse, ganhava manchetes e reportagens por dias e dias. Operava-se uma triangulação. Primeiro, uma informação contrária ao ex-presidente era vazada pela polícia ou pelo Ministério Público. Em seguida, todos os meios de comunicação alçavam o assunto à posição de tema principal. Por vezes, era o inverso: um jornal, uma revista ou uma emissora de televisão anunciava o "furo" de reportagem, e depois os órgãos de repressão davam respaldo oficial à informação, iniciando uma investigação. Por fim, intervinha a terceira ponta do triângulo: os *ebsites* dedicados a *fake ne s*, voltados para a militância da direita, preparavam versões ainda mais simplificadas e agressivas das notícias, escorando-se na credibilidade dos funcionários públicos e do jornalismo "sério". O resultado foi a produção de um ambiente tóxico para o debate político, cuja superação é um desafio para a restauração de algum grau de civilidade democrática no Brasil, mas que presta um serviço essencial na perseguição à esquerda em geral e a Lula em particular. É uma situação em que argumentos e evidências tornaram-se irrelevantes e só valem as "convicções".

É possível especular que a perseguição teve como objetivo inicial deixar Lula na defensiva e, sobretudo, desmoralizá-lo, esvaziando sua liderança política com a descoberta de algum ilícito incontestável. No entanto, esse objetivo não foi alcançado. A crer-se nas pesquisas de intenção de voto, após um impacto inicial negativo, seu prestígio retornou inalterado. Há quem julgue que as evidentes arbitrariedades do processo, a parcialidade de juízes e investigadores e a desproporção entre o tratamento dado a Lula e a outras lideranças políticas contribuíram para reforçar sua popularidade. Não resta dúvida de que uma eleição com o ex-presidente entre os candidatos é, para aqueles que chegaram ao poder com o golpe, uma operação de altíssimo risco.

Assim, não houve outra saída a não ser a condenação de Lula em segunda

instância, pelo Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4), em janeiro de 2018. As fragilidades do processo foram amplamente denunciadas: ausência de provas, cerceamento do direito de defesa, constrangimento ilegal de testemunhas, enquadramento em crimes inexistentes no Código Penal, desvio de foro, *parti pris* contrário ao réu. Causaram espanto também a sintonia absoluta nos votos dos três desembargadores e o fato de que órgãos de imprensa já divulgavam o resultado muito antes de ser anunciado. Além disso, para que o tribunal alinhasse seu calendário à estratégia política da direita, houve uma inusual antecipação do julgamento.

Cria-se uma situação em que a manutenção do processo eleitoral para a escolha do novo presidente é fundamental para a legitimação do golpe de 2016 e dos retrocessos oriundos dele, mas ao mesmo tempo a necessidade de impedir a candidatura favorita tinge o pleito com uma ilegitimidade irreparável. Por isso, a possibilidade ou não de Lula se apresentar nas eleições é o termômetro para saber se existe a chance de uma recomposição negociada da ordem instaurada pela Constituição de 1988.

Com a decisão do TRF-4, buscou-se anunciar desde cedo que o ex-presidente estava fora da disputa, acostumando votantes e lideranças políticas com um cenário eleitoral restrito. A única questão, segundo o enquadramento que o noticiário tentava impor, era se (ou quando) Lula seria preso. A transformação da situação política em situação criminal cumpriria o triplo papel de (uma vez mais) desmoralizar Lula, normalizar a eleição prevista para outubro e mostrar que as instituições republicanas funcionavam à perfeição.

O que permitiu chegar a tal situação foi uma espiral punitivista que começou já nos governos do PT e se aprofundou após o golpe. Dois momentos foram especialmente importantes. Em 2010, o Congresso aprovou quase por unanimidade – e o próprio Lula, então na Presidência, sancionou – a Lei da Ficha Limpa, nascida de um projeto de iniciativa popular, cujo efeito líquido é determinar a tutela do Judiciário sobre a soberania do povo. Em meio ao entusiasmo frenético da mídia e de muitas organizações da sociedade civil, pouquíssimas vozes ousaram se erguer contra a lei. Ela determina que os cidadãos que tenham sido condenados por decisões colegiadas do Poder Judiciário não podem concorrer às eleições. Repousa em duas premissas: que as decisões dos tribunais são imunes à manipulação política e que o povo, condenado a ter baixo discernimento sobre as questões públicas, sempre será

manipulado por maus candidatos. Hoje, é a Lei da Ficha Limpa que dá base formal à possível impugnação da candidatura de Lula, condenado em julgamento viciado, com evidente motivação política.

Em 2016, o Supremo Tribunal Federal decidiu que é possível prender réus antes da condenação definitiva. Embora esteja em oposição direta ao texto da Constituição, a decisão apoiou-se na ideia de que é necessário punir aqueles que, em geral dispondo de recursos e bons advogados, postergavam o julgamento de forma quase indefinida. O combate à impunidade de alguns justificaria a retirada de garantias de todos. O subtexto, crucial em todo o discurso do golpe e mobilizado em diversos contextos para apoiar diferentes tipos de retrocesso, é que os direitos devem ser olhados com desconfiança, pois encobrem injustiças. Caso essa decisão inconstitucional não estivesse em vigor, a ameaça de prisão do ex-presidente careceria de substância.

## Lula, vítima do próprio êxito

O processo contra Lula representa um passo essencial no projeto político que deflagrou o golpe de 2016. Trata-se de proteger do risco de revogação as medidas implementadas desde a deposição de Dilma Rousseff. Em si mesmo, esse processo simboliza também a disposição do grupo no governo de ultrapassar qualquer limite para se manter no poder. O que se condenou em Curitiba e em Porto Alegre não foi o ex-presidente e seu direito de disputar as eleições. Condenou-se um pedaço do que restava do império da lei e da democracia formal no Brasil. Depois do julgamento de Lula, ficamos mais próximos da instauração de uma ordem abertamente autoritária.

Ao dobrar as apostas contra o ex-presidente, os golpistas também anunciaram sua disposição de queimar as pontes para uma eventual repactuação da democracia no país. Lula, por vezes pintado como um "radical", construiu-se muito mais como conciliador. Seu projeto, calcado numa prudência extrema e numa avaliação muito desencantada da correlação de forças no Brasil, é o de uma saída não traumática para a conjuntura aberta com o golpe, reduzindo as tensões e evitando os embates mais diretos.

Essa "recomposição negociada" da institucionalidade anterior ao golpe não é uma saída incontroversa – assim como Lula não é uma figura incontroversa – para a esquerda brasileira. O Partido dos Trabalhadores nasceu em 1980,

quando a ditadura militar estava no processo de “abertura” para uma transição política controlada. Liderado pelos sindicalistas do ABCD paulista, responsáveis pelas greves que poucos anos antes haviam simbolizado o renascimento da luta operária no Brasil, entre seus fundadores estavam também dirigentes de outros movimentos sociais, militantes veteranos da esquerda comunista, intelectuais engajados e cristãos progressistas vinculados à Teologia da Libertação e às comunidades de base que a Igreja católica então patrocinava no país. Um grupo heterogêneo, que tinha em comum a aposta em formas mais participativas de fazer política. Para o PT inicial, dar expressão aos movimentos populares era a prioridade, e a disputa eleitoral vinha em segundo plano.

No entanto, o partido foi vítima de seu próprio êxito. Não é fácil participar da disputa eleitoral e do jogo parlamentar sem submeter a eles todo o restante da estratégia política. O governo foi restituído aos civis em 1985, uma Constituição democrática foi promulgada em 1988, e eleições presidenciais diretas foram realizadas no ano seguinte. O PT ampliou suas bancadas parlamentares, conquistou prefeituras municipais, tornou-se um ator importante da política institucional brasileira. Lula chegou ao segundo turno das eleições presidenciais de 1989. Naquele momento, o partido vacilou muito quanto à possibilidade de receber o apoio de políticos moderados ou conservadores, mas indispostos com seu adversário, Fernando Collor, um arrivista jovem, autoritário e arrogante. Muitos consideraram que esse principismo foi responsável pela derrota no pleito. A partir daí, cresceram os estímulos externos e a pressão interna para que o partido fizesse concessões maiores e, em troca, tivesse chances também maiores de sucesso eleitoral.

Quando finalmente venceu a eleição presidencial, na quarta tentativa, em 2002, Lula já pilotava uma coligação heterogênea. O candidato a vice-presidente era um rico empresário, José Alencar, filiado a um partido de centro-direita. A campanha eleitoral foi adaptada ao modelo de baixa politização do discurso, que impera no Brasil e em boa parte do mundo. Lula tinha trazido para o cenário político uma “palavra imperfeita”, como disse certa vez o linguista Haquira Osakabe, não apenas por chamar para a arena política a prosódia e a sintaxe das classes populares, mas especialmente por transgredir as fórmulas e os modelos das esquerdas tradicionais e, ainda mais, das elites. Partindo da experiência vivida dos trabalhadores, bebendo nos embates cotidianos dos movimentos sociais, o discurso fundador do PT se construía no próprio fazer. Na eleição de 2002,

porém, a palavra já estava "aperfeiçoada", pronta para disputar – e ganhar – o jogo político tal como ele sempre foi jogado.

Na Presidência, Lula construiu uma amplíssima base de apoio parlamentar, seguindo o padrão de seus antecessores: o Poder Executivo é um balcão de negócios, que aprova seus projetos no Congresso oferecendo em troca cargos e vantagens. Manteve uma política econômica favorável aos bancos e foi de prudência extrema na implementação de bandeiras históricas do partido, como a reforma agrária. Iniciativas em agendas consideradas sensíveis, como direitos reprodutivos, direitos sexuais ou democratização da mídia, foram revogadas sempre que a grita dos grupos mais conservadores ultrapassou determinado patamar.

O caminho adotado foi abrir mão de tudo para garantir um ponto: o combate à miséria extrema, por meio de políticas de transferência de renda para a população mais pobre, cujo maior emblema foi o programa Bolsa Família. Este, criticado à direita por seu paternalismo ("em vez de dar o peixe, devia ensinar a pescar") e à esquerda por seu caráter meramente compensatório, representou, para dezenas de milhões de pessoas, a diferença entre permanecer ou não em situação de inanição. Esse sentido de urgência, de que a ação política deve encontrar soluções imediatas para os problemas mais prementes das maiorias, fez com que o "lulismo" adotasse uma feição oposta ao principismo do PT original.

Foi uma maneira de postergar a resolução dos conflitos sociais e, enquanto isso, assegurar algumas melhorias para os mais pobres sem ameaçar os privilegiados. Na leitura do cientista político André Singer, que se tornou o intérprete mais sofisticado da estratégia do PT no poder, aquilo que, à primeira vista, parecia ser mera capitulação torna-se peça de um projeto – muito moderado, é verdade, mas orientado decididamente na direção da mudança do país. A tese principal de Singer é a de que o "reformismo fraco" do lulismo não foi o abandono, mas a "diluição" do "reformismo forte" do petismo de antes. O reformismo diluído lulista evitava a todo custo o confronto com a burguesia, optando por políticas que, na aparência, não afetavam quaisquer interesses estabelecidos.

O problema que os críticos à esquerda apontam é que tal estratégia tinha o efeito imediato de deteriorar as condições de luta para avanços mais profundos. A crítica não revela uma postura de que "quanto pior, melhor", mas o

entendimento de que o caminho lulista tinha custos. Alguns deles se mostraram particularmente elevados no momento em que os grupos dominantes optaram pela revogação unilateral do pacto e pela imposição de seu programa máximo. A incorporação da massa de excluídos tinha de ser feita por meio do consumo (o que assegurava que não haveria interrupção do ciclo de apropriação privada do fundo público, apenas a introdução de novos elos), e não por meio de serviços socializados. O modelo predatório de desenvolvimento, com alto custo humano e ambiental, foi aceito como atalho inevitável para a melhoria das condições materiais da população. Não se desafiava a ideologia do mercado nem se buscava a construção de uma lógica social diversa da capitalista, o que permitiu o avanço do discurso da direita radical mesmo entre os mais pobres. A precariedade crônica de muitos serviços providos pelo Estado, que os governos do PT enfrentaram de maneira muito insuficiente, também contribuiu para distanciar do governo parte de sua base potencial, como os protestos de 2013 deixaram patente.

O preço mais alto, entre todos os cobrados pelo caminho do menor atrito com as classes dominantes, foi a desmobilização popular. Ela era a garantia de que as transformações na sociedade brasileira não ultrapassariam limites bem pouco elásticos. A presença de um partido de esquerda na administração federal exigiria toda a contenção do mundo, a fim de não gerar algum tipo de desestabilização. Sindicalistas e lideranças de movimentos sociais diversos foram chamados a ocupar posições nos governos petistas. Embora isso afiançasse que houvesse sensibilidade, dentro do Estado, às demandas desses grupos, sobrepunha a elas as preocupações de governo e incentivava que conversas de bastidores substituíssem a mobilização como forma de buscar ganhos. Como regra, no período petista a preocupação principal do campo popular foi proteger o governo – e as pressões sobre ele vieram quase sempre só da direita.

A desmobilização figurava, portanto, como um apoio ao governo. Mas já rezava o célebre conselho de François Andrieux a Napoleão: "*On ne s appuie que sur ce qui résiste*" [só nos apoiamos sobre o que resiste]. Ao refrear a resistência dos movimentos sociais no Brasil, o PT enfraqueceu sua própria base, como ficou patente na crise que terminou por derrubar a presidenta Dilma Rousseff e na reação insuficiente à ofensiva de criminalização da esquerda e ao *la fare* contra Lula. Não se trata de um efeito colateral ou inesperado. O enfraquecimento dos movimentos sociais que alimentaram a experiência do PT

em sua fase heroica representou a garantia dada ao capital de que a inflexão moderada, pragmática ou conservadora (o adjetivo mais adequado ainda está em disputa), expressa em documentos como a *Carta aos brasileiros* da campanha de Lula em 2002, não seria letra morta. Reduzindo-se a possibilidade de ação efetiva dos setores que sustentariam um projeto de transformação mais radical, assegurou-se a credibilidade das promessas de manutenção das linhas gerais do modelo de acumulação em vigor.

O experimento lulista se apoiou por inteiro na crença de que as instituições da democracia eleitoral não seriam desafiadas e de que o voto era instrumento suficiente para a expressão política da população. Sempre que o governo apostou em ampliação da participação política popular, o fez canalizando a expressão das demandas para dentro do Estado, por meio de conselhos em geral desprovidos de poder efetivo e nos quais os interesses dos grupos dominantes também se faziam ouvir com força. As brechas assim abertas não eram irrelevantes por serem *brechas*, tanto que causaram desconforto nos conservadores – quando se tentou institucionalizar o Sistema Nacional de Participação Social, em 2014, houve uma reação apocalíptica, parte como estratégia de agitação, parte como maneira de restringir mecanismos para a verbalização de interesses e perspectivas populares. Neste caso, como em outros, o governo optou por recuar.

Em linhas gerais, o PT acreditava que as políticas compensatórias proporcionariam a obtenção da maioria eleitoral; o acesso ao governo forneceria os recursos para a manutenção das políticas desejadas. Com tensões e tropeços, o modelo funcionou por mais de dez anos. Tudo mudou após a reeleição de Dilma Rousseff. A ofensiva contra o governo e a possibilidade cada vez mais palpável de derrubada da presidenta geraram uma rápida desvalorização dos cargos no Executivo, que sempre foram a moeda de troca para assegurar o apoio do Congresso. Com Eduardo Cunha no comando da Câmara dos Deputados, o Poder Legislativo dedicou-se a impedir, na prática, o exercício da Presidência. Por sua vez, o *impeachment* inconstitucional da presidenta significou a revogação do voto popular como critério final da atribuição do poder. Mas as bases lulistas se encontram em larga medida despreparadas para se manifestar de outras maneiras. Acorrem em grande número aos atos que o ex-presidente promove pelo país e reiteram seu favoritismo a cada nova pesquisa de intenção de voto. São alheias, entretanto, à maior parte do repertório de táticas da luta popular.

As críticas ao lulismo merecem reflexão. Assim como merece reflexão a

resposta dada a elas: que a transformação radical do Brasil nunca foi mais do que uma possibilidade muito distante e incerta e que, concretamente, a única alternativa palpável à opção por reformas moderadas e mesmo insuficientes era a continuação inalterada do padrão aberrante de injustiça que sempre imperou no país. O debate, que é complexo, não há de se esgotar tão cedo. O golpe de 2016 acrescenta um novo fator à discussão, mostrando que, com classes dominantes tão intolerantes à igualdade como as nossas, mesmo o caminho "seguro" da moderação extremada está sujeito à desestabilização.

## Uma candidatura necessária à democracia

Em suas declarações como pré-candidato à eleição presidencial, Lula tem – assim como muitos dirigentes de seu partido – sinalizado a disposição de dialogar com aqueles que deflagraram o golpe de 2016. Ao que parece, seu objetivo é recriar as condições do pacto que viabilizou o governo do PT nos primeiros anos do século e voltar à política do menor enfrentamento possível. Alguns analistas, entre os quais me encontro, julgam que esse programa é ilusório e que, mesmo que ele seja vitorioso num primeiro momento, representará uma acomodação ainda maior com as injustiças e terá uma margem ainda mais estreita para promover qualquer transformação social no Brasil. Mas isso não vem ao caso no que diz respeito à possibilidade de Lula se candidatar. A alternativa representada pelo ex-presidente, seja ela certa, seja errada, tem o direito de estar presente no debate e ser submetida à decisão do povo, nas eleições.

Ao impedir por um ato de força que Lula concorra, o que se faz é afirmar que a autoridade política deve se desgarrar de qualquer referência à vontade popular. Foi o que ocorreu, já, com a deposição inconstitucional de uma presidenta e com a imposição, sem qualquer esforço significativo de convencimento, de medidas rejeitadas pela ampla maioria dos cidadãos. Não se trata, no entanto, de um passo banal. É um agravamento importante da fratura da democracia brasileira ocorrida em 2016: a realização de uma eleição carente da possibilidade de revestir de legitimidade o governo que dela sairá. Deslizamos de uma democracia insuficiente, em que a desigualdade no acesso aos recursos políticos prejudicava fortemente a capacidade de ação dos grupos dominados, para uma menos-que-democracia, em que se torna escancarada a tutela dos poderosos sobre decisões ainda atribuídas nominalmente à soberania popular.

A perseguição a Lula, portanto, não diz respeito apenas ao ex-presidente e ao PT – e, justamente por isso, a defesa de seu direito de concorrer congrega um campo democrático amplo, que ultrapassa o conjunto de seus apoiadores. O veto imposto a ele certamente se aplica a qualquer outra opção política progressista que mostre condições efetivas de vitória eleitoral. Não se deve esquecer também o componente simbólico: independentemente do juízo que se faça sobre as políticas que adotou, Lula é o maior líder popular de nossa história e aparece, no imaginário da política brasileira, como símbolo vivo de que a classe trabalhadora pode chegar ao poder. Assim como a campanha contra Dilma foi tingida pela misoginia, a perseguição a Lula passa pela mobilização do preconceito de classe. Um componente central na estratégia de desmoralização do ex-presidente é associá-lo a bens e propriedades que são corriqueiros para a classe média, mas não poderiam ter sido obtidos legitimamente por um "trabalhador braçal". É o reforço às hierarquias sociais, base da agitação política da direita, que tem como um braço o pânico moral gerado pela maior visibilidade das pautas feministas e LGBT e como outro o discurso da "meritocracia" que exalta as desigualdades e condena qualquer tipo de solidariedade com os mais vulneráveis. A ruptura da democracia é acompanhada por um severo recuo nos parâmetros do debate público no Brasil.

Quando o processo de impedimento da presidente Dilma Rousseff se desencadeou, talvez nem todos os setores políticos, nem os que já gritavam contra o golpe, tivessem consciência clara da natureza do que estava acontecendo. Hoje, já não é possível manter dúvidas. Há uma tentativa de silenciamento absoluto da voz popular na política brasileira. A cassação de Lula é um passo central para a consolidação do retrocesso. A defesa intransigente de seu direito a um julgamento justo e a submeter seu nome ao eleitorado é uma linha divisória que separa democratas de autoritários e coniventes.

*Bras lia de março de 1*

# ENTREVISTA
# LULA POR LULA



Da esquerda para a direita: Maria Inês Nassif, Juca Kfouri, Luiz Inácio Lula da Silva, Ivana Jinkings e Gilberto Maringoni. Instituto Lula, São Paulo, 7 fev. 2018.



A primeira rodada da entrevista. Instituto Lula, São Paulo, 7 fev. 2018.

Luiz Inácio Lula da Silva é um dos maiores políticos da história brasileira, talvez comparável unicamente a Getúlio Vargas, pela quantidade de marcas que ambos imprimiram ao Brasil. Esta entrevista foi realizada às vésperas de mais um momento crucial de sua história, na virada de fevereiro para março de 2018, enquanto o país aguarda a decisão do Poder Judiciário sobre sua prisão em decorrência da perseguição que lhe é movida pela operação Lava Jato.

O texto a seguir é o resultado de três rodadas de conversa que aconteceram no Instituto Lula, em São Paulo, nos dias 7, 15 e 28 de fevereiro. Desse diálogo com Lula participaram os jornalistas Juca Kfouri e Maria Inês Nassif, o professor de relações internacionais Gilberto Marigoni e Ivana Jinkings, fundadora e diretora da editora Boitempo. A edição do texto e as notas de rodapé ficaram a cargo do jornalista Mauro Lopes.

**Lula –** Bom, gente, eu tenho por método não ser censor das coisas que falo, é por isso que às vezes eu não me assisto, porque fico criticando o que falei. Quero deixar vocês totalmente à vontade. Acho que temos que começar a falar do passado, a falar de hoje, a falar de amanhã. Vou dar início ao jogo... Estou com aquele gol que o Cássio sofreu ontem[1]... Se ele tivesse ficado com a mão parada, a bola não tinha entrado. Eu pago o preço de ser corintiano há setenta anos, não aguento mais isso, vou trocar de time, que sofrimento... Acabei de ler ontem o livro do Galeano sobre futebol[2]; é extraordinário. Aí você vai compreendendo a podridão do futebol quando virou indústria. Hoje o jogador não vale nada, é um instrumento de publicidade. O que importa é a marca que ele tá carregando na camisa. Por falar nisso, o Neymar ontem... Precisa ser homem, né...?

**Juca Kfouri –** O português, né? Participa muito menos do jogo, tum, tum... dois gols[3].

**Lula –** Sim, o Cristiano Ronaldo tem uma vantagem: ele sabe que não é tão hábil com a bola como o Neymar, ele sabe que não é tão bom quanto o Messi... Mas por isso ele virou profissional... O cara não faz nada, vai lá e marca dois gols. Teve um jogo aí em que o Cristiano Ronaldo marcou quatro gols, e quando cheguei aqui [ao Instituto Lula] na segunda-feira, teve um cara que falou: "Ele não jogou nada, só fez gol"...

Bem, deixa eu contar uma coisa, só pra vocês saberem como é que a minha cabeça funciona neste momento... Daqui a cem anos, vão falar: "Porra, como é que funcionava a cabeça daquele *véinho*?". Quando deixei a Presidência da República [em 1º de janeiro de 2011], eu tinha nítida consciência do tipo de governo que nós tínhamos feito no Brasil. Eu tinha consciência de que, quando você ganha uma eleição, você não ganha o governo, porque o governo é algo muito mais poderoso, o governo é composto de instituições como a Receita [Federal], a Polícia Federal, o Ministério Público, que estão além do governo. Mas eu tinha feito aquilo que eu entendia que era possível, o melhor que já se havia feito neste país do ponto de vista de inclusão social. Na verdade, o governo colocou em prática um pouco daquilo que foi o meu aprendizado na relação com o movimento social, na relação com os setores da esquerda do país e nas aspirações seculares... Eu queria lembrar a vocês que o meu discurso da vitória[4] na avenida Paulista foi muito simples; e teve gente que me criticou porque era pouco pretensioso – porque normalmente um populista faz discurso: "Eu vou prender não sei quem, vou reduzir o salário de não sei quem, vou...".

Não, eu falei o seguinte: "Se eu terminar o meu mandato e todo brasileiro tiver tomado café de manhã, almoçado e jantado, já terei cumprido a meta da minha vida". Por quê? Porque não era pouca gente que tinha fome neste país; eram nada menos que 54 milhões de pessoas, ou seja, talvez a população do que seria o décimo país do mundo não tinha o que comer. As pessoas não comiam. Eu achava que isso era um desafio. E eu achava que só era possível acabar com a fome se incluíssemos os pobres na política, se conseguíssemos fazer com que eles começassem a entrar no orçamento da União. Porque as pessoas que passam fome não têm sindicato, não

**Eu achava que só era possível acabar com a fome se incluíssemos os pobres na política, se conseguíssemos fazer com que eles começassem a entrar no orçamento da União.**

têm partido, às vezes não têm nem igreja, não se manifestam, não vão a Brasília, não vão à Paulista, não carregam bandeira. A única bandeira do pobre é o ronco do seu estômago – e a certeza de que ele é um lascado na vida. Como incluir essas pessoas? Era quase estender a mão a essas pessoas. E eu sabia que eu não era um deles. Eu tinha consciência de que eu era um dos que comiam e de que a gente tinha que estender a mão para aqueles que não comiam. Quando nós criamos esse programa, o Fome Zero[5], e depois os outros programas sociais, foi tudo resultado de coisas começadas aqui neste Instituto [o Instituto Lula]. Aqui nós fizemos o programa Fome Zero, aqui fizemos o programa Minha Casa Minha Vida[6], as políticas de inclusão do movimento social, a política de segurança pública, o programa de juventude. Tudo antes de chegar ao governo. Então, o governo foi quase como colocar em prática uma série de coisas que a gente tinha aprendido aqui e no movimento social. E, muitas vezes, companheiros do próprio PT [Partido dos Trabalhadores], companheiros ideologicamente mais refinados, achavam que era um governo de conciliação. Eu sempre entendi que um governo de conciliação é quando você pode fazer mais e não quer fazer. Agora, quando você só pode fazer menos e acaba fazendo mais, é quase que o começo de uma revolução – e foi o que fizemos neste país.

Incluir a quantidade de pessoas que nós colocamos na economia, que nós colocamos na política, que nós colocamos na sociedade organizada, e sem dar um único tiro – pelo contrário, levando tiro às vezes –, é quase que uma revolução pacífica que foi feita neste país. Eu tinha consciência disso e tinha consciência de que uma parcela da população tinha entendido o que fizemos.

Eu não pensava em voltar a concorrer em 2014. Não me passava pela cabeça a ideia de voltar à Presidência da República. Com medo... Sabe aquele jogador que sai do time, que sai como o melhor, vai para o exterior e, quando volta, pensa: “E se me compararem com o que eu era antes? Eu vou é pra outro lugar, não vou voltar pro meu time”. Um presidente da República que sai do governo com 87% de bom e ótimo[7]... Se vocês lembram, aqui em São Paulo e no Rio Grande do Sul, que são os estados teoricamente mais conservadores em relação ao PT, eu tinha 80% de bom e ótimo quando deixei a Presidência. O que eu pensava em fazer: pegar a minha experiência de governo e viajar o mundo tentando apresentar para sociedades mais pobres que é possível a gente dar passos. E foi isso que eu tentei fazer. Pensei que ia viver tranquilo. E planejei viver de palestras, que acho que é a forma mais decente que eu posso ganhar

minha vida.

Eu não queria ficar dependente do PT, porque sempre que o PT me pagou salário houve crítica: “Ele é profissional da política” [em tom de deboche]. Porque é fato que muita gente nunca se preocupou com a maneira como muitos vivem, mas comigo é uma preocupação permanente, desde que imaginei criar um partido político... Não sei se vocês sabem, mas uma das primeiras críticas que recebi, de ter casa no Guarujá, foi na campanha de 1982, feita pelo MR[8], quando eu era candidato a governador. Pegaram uma casa do Airton Soares[9] na praia de Pernambuco, que ele tinha emprestado para mim, para o Greenhalgh[10] e para o Olívio Dutra[11], e fotografaram; era “a casa do Lula”. Pegaram a mulher com quem meu pai se casou[12] e veio pra São Paulo, arranjaram uma fotografia dela, num bairro pobre lá em Santos, e: “Lula abandona a mãe”. Tudo isso feito pela esquerda. Então, eu sempre vivi isso, sempre soube que não tinha vida tranquila. Aí, depois que deixei a Presidência, pensei: “Agora vou viver uma vida tranquila, finalmente vou cumprir meu compromisso assumido com a Marisa[13] em 1978. Já fiz o que tinha que fazer, já fui presidente da República, fiz um bom governo, agora vou cuidar da família”. Resolvi montar uma empresa e viver de palestras.

**Pegaram uma casa do Airton Soares na praia de Pernambuco, que ele tinha emprestado para mim, para o Greenhalgh e para o Olívio Dutra, e fotografaram; era “a casa do Lula”.**

O que eu comecei a notar? Que havia, por parte da imprensa, uma tentativa de criar uma separação entre Dilma e Lula. Quase todo santo dia tinha uma tentativa de criar divergência. Eu disse duas frases. A primeira: “Torço pelo sucesso da Dilma, porque o sucesso dela será o meu sucesso, e o fracasso dela será o meu fracasso”. E disse também: “Se tiver divergência entre mim e a Dilma, ela estará certa, e eu, errado”. Eu não podia ter duas frases mais claras para mostrar meu grau de compromisso com a Dilma. Era um compromisso total, de alguém que tinha indicado uma pessoa em quem confiou plenamente. E confiei tecnicamente e politicamente. Eu apenas achava que a mesma inteligência que ela usou para aprender termos técnicos, termos econômicos, ela deveria ter tido para aprender na relação humana, na relação com o político. Bem, vejam só a que ponto se dava nossa relação, minha e da Dilma. Antes da campanha [de 2010], o João Santana[14] queria que eu dissesse para a Dilma que ela seria uma candidata-tampão, e eu me recusei, sempre afirmei que ela era uma candidata plena. Curiosamente, o mesmo João Santana que me propôs isso depois

trabalhou o tempo inteiro para tentar criar uma separação entre nós.

Um dado inusitado: quando o Fernando Henrique Cardoso[15] completou 80 anos de idade [em 2011], houve uma grande festa promovida pelos empresários – que aproveitaram a ocasião e fizeram uma arrecadação para instituto dele [a Fundação FHC] –, e a Dilma fez uma carta para ele tão elogiosa que nem o Fernando Henrique Cardoso acreditou. Eu peguei, liguei pra Dilma e falei: “Companheira Dilma, deixa eu entender uma coisa; se eu soubesse que você pensava isso do Fernando Henrique Cardoso, você não teria sido minha candidata”. E ela falou: “Você sabe que não fui eu que fiz”. Na verdade, fizeram a carta pra ela, dizendo que era importante, e ela topou. A imprensa tratou aquilo com destaque por uma semana, uma carta de aniversário... E eles tentaram criar divergência, até que a Dilma, numa postura de muita lealdade, definiu: “Não, espera lá, meu mundo aqui é com o Lula, não vem querer me separar, não, que não tem separação entre nós dois. Eu sou presidenta, eu governo, mas não venham querer me utilizar para criar confusão para o Lula, que não vai ter”. E isso ela cumpriu com grande fidelidade.

Ela cometeu muitos erros na política pela pouca... talvez pela pouca vontade que ela tinha de lidar com a política; muitas vezes ela não fazia aquilo que era simples fazer. Vou falar sobre o *impeachment*, que já passou, já faz parte da história: quando você decide enfrentar uma guerra como a do *impeachment*, politicamente, quem está no governo precisa ter noção da força que tem. Não se trata de se reunir com um deputado de um partido! É você chamar a bancada do partido que te apoia, com o presidente do partido que te apoia, com os senadores e os ministros do partido que te apoia, colocar na mesa: “Estamos aqui, qual é o jogo?”. Isso não foi feito em nenhum tempo, acharam-se números fictícios de que teríamos 300 votos, 280, 270, e terminou não tendo... Do ponto de vista político, é quase impossível você imaginar que quem está no governo, com a base que o governo tinha, não conseguisse 170 deputados[16].

**Juca Kfouri –** Por que o senhor não fez isso por ela?

**Nunca comecei uma reunião ministerial falando; eu abria a reunião dizendo qual era o problema e ouvia todos os que estavam à**

**Lula –** Porque você só faz quando é chamado. E você tem que respeitar as regras do jogo de quem está no governo. Havia uma coisa muito engraçada: a Dilma montou uma equipe de negociadores que eram companheiros da mais

mesa. Se o presidente fala em primeiro lugar, ninguém vai discordar.

alta qualificação, mas, para o jogo que estava sendo jogado, era para fazer como fez a Seleção Brasileira contra a Argentina na Copa do Mundo de 1978, quando foi preciso tirar um quarto zagueiro mais pacífico e colocar um Chicão para dar um "guento" e falar o seguinte: "O jogo é pesado aqui"[17]. Porque eles [os adversários] tinham um exército de gente de qualificação muito duvidosa que sabe lidar com aquele Congresso como ninguém, que vai do próprio Temer ao Wellington Moreira Franco[18], ao Geddel[19], ao Jucá[20]... É uma coisa... E nós lá, com meu amigo Ricardo Berzoini[21], meu amigo Jaques Wagner[22], o Aloizio Mercadante[23] – em todas as conversas que eu mantinha, as pessoas queixavam-se 100% dele e 101% da Dilma. E eu nunca vi tanta unanimidade de deputados e senadores contra; todo mundo reclamava. Eu cheguei a ponto de dizer pra companheira Dilma: "Olha, você vai passar para a história como a única presidente que nem os ministros defenderam". Porque mesmo os ministros, quando vinham conversar comigo, eu questionava: "Por que não está acontecendo isso?". E, em vez de o sujeito explicar, ele já dizia: "Você conhece ela, você conhece ela". Eu falei pra ela: "Dilma, todos dizem 'você conhece ela, você conhece ela'. Eu, que não sou teu ministro, que recebo empresário, sindicalista, catador de papel, digo pra todos que 'a Dilma vai melhorar, ela vai mudar, tá difícil'". Era preciso encontrar uma forma de explicar, e havia uma explicação simples... Eu costumo fazer um paralelo entre a Dilma e o Fernando Henrique Cardoso; em 1999, ele estava na mesma situação da Dilma em 2015: com 8% de aprovação nas pesquisas, morto. Qual era a diferença? O Fernando Henrique Cardoso tinha o Temer como presidente da Câmara querendo aprovar as coisas e o Maciel[24], como vice, completamente fiel a ele. A Dilma, na presidência da Câmara, tinha o Eduardo Cunha[25], totalmente antagonizado com ela, e um traidor como vice [Michel Temer].

**Gilberto Maringoni –** E o que ela lhe dizia quando o senhor falava isso para ela?

**Lula –** Que estava tudo normal. Esse é um erro nos governos. Quando um governo coloca na cabeça que está certo, é difícil mudar. E o partido tinha pouca influência, porque a Dilma era muito gentil, ela recebia muito o Rui Falcão[26], que teve várias reuniões comigo... A verdade é que aquilo que nós falávamos não acontecia, porque não era o que ela queria nem o que outras pessoas do governo

queriam. E aí, o que eu falava, depois de já ter sido presidente? "Bom, ela ganhou, ela tem que governar."

**Gilberto Maringoni –** Presidente, deixe-me perguntar algo sobre a relação com um presidente ou uma presidenta da República. Deve ser muito difícil para alguém chegar e dizer: "A senhora tá errada"...

**Lula –** Ninguém fala. Esse é o grande defeito. Na primeira reunião ministerial, depois que tomei posse em 2003, eu disse algo que marcou muito o meu governo: "Isso aqui não é um governo de ministros. Isso aqui é um governo em que todas as políticas públicas têm que ser do governo. Esse negócio de o ministro pensar a estrada, pensar o porto... não será assim. Isso aqui é de governo. É um por todos e todos por um". Criamos um manual, um boletim chamado *Destaque*, para todos os ministros receberem a cada dois meses todas as informações do que estava acontecendo no governo, para que o da Cultura soubesse o que estava acontecendo no MDA [Ministério do Desenvolvimento Agrário], para tentar unificar e uniformizar o governo.

No caso da companheira Dilma, pelo jeito dela, era diferente. Um dia cheguei a falar pra Dilma: "Olha, companheira, não confunda respeito com medo. Quando o cidadão te respeita, ele vai fazer coisas que você espera; quando ele tem medo, ele começa a evitar conversar com você". Havia até uma piada, nos bastidores do governo, sobre as duas alegrias dos ministros: uma quando conseguiam a audiência e outra quando era desmarcada [risos]. Não sei explicar; quando eu era presidente, eu gostava do jeito da Dilma, porque ela era dura o necessário; e aí o pessoal vinha reclamar pra mim, eu pegava no colo, dava chamego aqui, carinho aqui, e ainda falava: "Ela tem que ser assim mesmo, ela é a minha proteção". Todo mundo concordava. Acontece que, quando ela assumiu... Vocês se lembram de uma frase minha: "Cadê a Dilma da Dilma?". Qual era a minha preocupação? A Dilma tinha levado a Casa Civil para dentro da Presidência, a Casa Civil passou a morar no Alvorada. Talvez ela achasse que não havia alguém, além dela, capaz de fazer as coisas. É uma diferença de origem, de formação.

Por exemplo, nunca comecei uma reunião ministerial falando; eu abria a reunião dizendo qual era o problema e ouvia todos os que estavam à mesa; somente depois é que eu dava uma opinião, dizendo o que eu considerava. Porque, se o presidente fala em primeiro lugar, ninguém fala mais; ou, se falar,

ninguém vai discordar. Então, as pessoas vão confundindo o papel político de fazer bem as coisas para o Brasil com o papel de puxa-saco, de tentar agradar. Isso é muito difícil. Eu era a única pessoa que dizia à Dilma as coisas como elas eram, conversando com franqueza. Ela ouvia, mas, como tem uma personalidade muito forte, devia pensar: “Esse cara não entendeu nada”. Ela chegou a falar para um deputado, brincando: “Você não entende de política”. O cara tá na Câmara há 48 anos... [risos]. Eu tinha sido alertado de que a Dilma ia ter dificuldades na política, mas eu a achava tão inteligente... Se ela tivesse montado uma equipe... Por exemplo, digo agora com todo o carinho: eu não queria que o Padilha[27] fosse o ministro da Saúde, eu queria que ele continuasse como ministro responsável pela articulação política, porque ele era tudo o que a gente precisava, uma figura simpática, agradável, que se relacionava com todo mundo. Entrou a Ideli Salvatti[28], que, apesar de ser uma pessoa digna demais, é muito diferente do Padilha na relação humana. Eu não queria que o Palocci[29] fosse ministro da Casa Civil e falei pra ela, mas ela não ouviu.

**Gilberto Maringoni –** O senhor falou para ela que queria que o Trabuco[30] fosse para a Fazenda?

**Lula –** O que eu falei para ela foi que minha recomendação era o Meirelles[31]. E dizia pra ela: “Dilma, a questão com o Meirelles é saber como lidar com ele”.

**Ivana Jinkings –** Por que o Meirelles?

**Lula –** Porque o Meirelles daria a tranquilidade de quem tinha dado certo num outro governo. O fato de ele ter trabalhado comigo era importante. Pelas razões dela, a decisão foi “eu não quero”.

**Juca Kfouri –** Mas com o Meirelles não seria uma política que confrontaria aquilo que era o ideário do PT e do programa de governo?

**Você tem o seu lado; embora você governe para todos, você sempre tem o seu lado.**

**Lula –** Não, eu não deixei de fazer minhas políticas sociais por causa do Meirelles. Funcionava assim: tinha hora que fazíamos reunião eu, Guido[32] e Meirelles ou eu, Palocci e Meirelles. Havia momentos em que eu percebia que eles tinham muita divergência e [então] fazia [reunião em] separado e depois ia para

casa pensar o que fazer. Toda vez que o Meirelles falava "estamos precisando aumentar a taxa de juros em 0,5%", eu dizia: "Tudo bem, você aumenta 0,5%, e eu reduzo a TJLP[33] em 0,5%". Porque tem muita hipocrisia nessa história dos juros. Eu falava para o Paulinho[34] da Força Sindical, para o presidente da CUT: "Vocês se incomodam com a taxa Selic[35], mas eu não vejo nenhum de vocês perguntar quanto é que o coitado paga na geladeira que ele compra nas Casas Bahia, onde os juros vão a 300% ao ano, ou num cartão de crédito, que dá 8% de juros ao minuto. Não venham dizer que os juros são altos por causa da taxa básica. Não é verdade". Porque o crédito consignado[36], que foi o crédito mais barato do país, levou a um confronto meu com o Banco do Brasil, porque os juros do consignado eram de 1,7% ao mês, o que dava perto de 18% ao ano, e a taxa Selic estava a 13%. E vocês acham que é a taxa Selic que encarece o dinheiro que o povo toma? Quisera Deus que o povo pudesse tomar dinheiro emprestado e pagar 13% ao ano. O Estado paga 13%, mas o povo paga 300%, 400%, e eu não vejo deputado fazer discurso nem a gente fazer campanha contra os juros que o povo paga. Por isso fizemos o crédito consignado, para fazer com que o dinheiro chegue na mão do pobre.

Bom, quando a Dilma ganhou em 2014, eu estive com ela, senti a Dilma triste no dia da vitória [26 de outubro de 2014]; eu estive com ela junto com o Franklin Martins[37], e saímos conversando da casa dela para o hotel onde ela foi fazer o pronunciamento, [eu] convencido de que era a primeira vez que via uma pessoa ganhar triste, inquieta. A sensação que tive foi de que ela não tinha gostado de ganhar. Quando me aproximei dela, ela falava: "Eu nunca mais quero participar de um debate, nunca mais". Estava visivelmente irritada, não sei se foi pela vitória apertada; mas a vitória apertada é mais gostosa do que qualquer outra coisa!

**Ivana Jinkings –** Foi uma campanha muito agressiva...

**Lula –** Foi. Mas eu dizia: "Ô, Dilma, ninguém conhece o Brasil e o governo como você, não tem que ler nada para o debate; e, no debate, você não tem que responder ao que o cara pergunta, você não tem que falar para o babaca que faz pergunta, fala para o povo. Ele vai reclamar: 'A candidata não respondeu, nhe-nhe-nhem'. E você, na lata, diz: 'Eu não estou aqui pra responder pra você, eu estou aqui pra falar com o povo'". Mas ela se preocupava em estudar de uma

maneira... O Palocci me falava: "Olha, presidente, a gente faz as reuniões com ela, e ela escreve tudo; a cada debate, é um livro que ela escreve". É de um perfeccionismo técnico que ela deve ter tido desde o tempo de estudante.

Então, voltei para a Dilma logo depois da reeleição, em 2014, e falei: "Olha, Dilma, das pessoas que eu vejo por aí, se você quiser colocar um cara que tem respeitabilidade no mercado por tudo o que ele tem escrito, por tudo o que tem falado na imprensa, por todo o discurso que ele tem feito defendendo o governo, acho que compensaria você falar com o Trabuco. Ele tem demonstrado muita lealdade ao seu governo, em todos os artigos que escreve, seria uma surpresa enorme para o tal do mercado". Ela parecia ter concordado, ela foi para a Austrália, creio que ele estava no Catar, ela falou que ia conversar com ele. Para minha surpresa, ela volta com o Levy[38] embaixo do braço e não me comunica nada. Eu fiquei sabendo pela imprensa que ela estava escolhendo o Levy.

**Maria Inês Nassif –** E qual é a sua avaliação do Levy no governo? A presença dele foi importante para o *impeachment*?

**Lula –** Não. Ele foi importante mesmo para fazê-la ficar desacreditada junto aos setores de esquerda que tinham apoiado ela no segundo turno.

**Gilberto Maringoni –** E o que o senhor achou do ajuste fiscal?

**Lula –** Muito ruim, muito ruim...

**Gilberto Maringoni –** Publicamente, o senhor apoiava.

**Lula –** Na verdade, não. Eu não apoiava nem desapoiava. Deixa eu falar uma coisa: o governo tinha uma base ampla, uma base social muito forte. Então, você não poderia dar passos sem conversar com essa gente, pois é essa gente que está na rua, que está no sindicato, que está fazendo assembleia, que está conversando com a parcela da sociedade que é o seu lado. Você tem o seu lado; embora você governe para todos, você sempre tem o seu lado.

Eu, sinceramente, jamais apresentaria um orçamento negativo. Eu teria anunciado: "Este país tem tantos bilhões de dólares de reserva, este país tem tantos bilhões de compulsório no Banco Central não rendendo nada, nós vamos pegar esse dinheiro...". Fazer como eu fiz na *marolinha*[39] de 2008, quando

peguei 100 bilhões de reais e coloquei no BNDES [Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social]. Ora, se estou numa crise, se não tem emprego, o que eu preciso fazer? Gerar emprego. Para gerar emprego, tem que ter desenvolvimento; para ter desenvolvimento, tem que ter crescimento; para ter crescimento, tem que ter dinheiro! [Bate na mesa.] Não precisa ir para a universidade para saber disso. Ora, eu anunciar que vou cortar o orçamento e apresentar o orçamento negativo?!

Eu teria feito uma aposta no Brasil. Se eu confiasse no que eu estava fazendo, diria: "Tem uma crise econômica, ela vem de uma crise internacional, mas também de equívocos [bate na mesa], eu cometi equívocos...". De vez em quando, a gente tem que falar que cometeu equívocos.

**Ivana Jinkings –** Pode detalhar que equívocos foram cometidos?

**Eu não quero um gênio para ser o responsável pela economia. A decisão para a economia tem que ser política. Eu quero um cara que execute a decisão política que o governo toma para a economia.**

**Lula –** Houve erros na economia. Por exemplo, várias vezes eu conversei com a Dilma que, se aumentasse um pouco a gasolina, não teria implicações na inflação, porque aquilo saía no xixi. A equipe econômica teimou que não precisava aumentar a gasolina. Tá bem, mas, se você não aumenta a gasolina, acaba quebrando o setor de etanol. Depois, a Dilma anunciou o PIL, o Plano de Investimento em Logística, que poderia ser o PAC 3, o PAC 4[40]... mas resolveram criar o PIL. Foi coisa de marqueteiro, criar um nome novo para ela ser a mãe: "Chega de PAC, vamos criar um tal de PIL". E criaram. Pode ir à rua e perguntar o que é o PAC, todo mundo sabe; pergunta o que é o PIL, e a pessoa diz: "É um galinho de briga". Mas ela era a mãe do PAC, e a mãe pode ter um, dois, três, quatro, cinco filhos, todos são filhos! Eu não sei quem foi que a induziu à ideia de que era preciso criar outra cara. Alguém achou que falar de PAC parecia coisa do Lula. Acho que foi isso que utilizaram para convencê-la. Ela acabou estabelecendo uma taxa de retorno, se não me falha a memória, de 5%. Conclusão: não apareceu ninguém. Aí o companheiro Guido teve que refazer. Isso levou um ano e meio, o que é quase metade do mandato. Aí, quando você anuncia, não acontece mais nada, o governo já está vendo seu fim lá na frente.

Tem muita coisa para falar desse período. Eu dizia para a Dilma: "Querida, não espere janeiro [de 2015] para mudar o seu governo; ele vai nascer velho.

Mude agora, troque agora". Para mim, é difícil falar nomes, porque eu vou continuar convivendo com as pessoas, e elas estão vivas. E, se nossa entrevista vai valer para daqui a vinte anos, eu vou ter que conviver com essas pessoas amanhã... Mas eu indiquei para a Dilma alguns nomes para alguns lugares-chave para enfrentar a situação. Eu sempre saía com a sensação de que iria acontecer. Chegava no Instituto, e todo mundo, Paulo Okamotto[41], Clara Ant[42], Luiz Dulci[43], todo mundo ansioso: "E aí, como estava a Dilma?". E toda vez eu falava: "Acho que ela mudou, acho que agora vai acontecer...".

**Gilberto Maringoni –** O senhor falou do Meirelles. O que o senhor acha dele, que é o cérebro das reformas do Temer?

> **Eu vim de São Bernardo e vou voltar para São Bernardo. Eu não vou pra Paris ficar dois anos pro povo esquecer de mim...**

**Lula –** Eu não quero um gênio para ser o responsável pela economia. A decisão para a economia tem que ser política. Eu quero um cara que execute a decisão política que o governo toma para a economia. Porque, se você não tem chefe, se esse chefe não dá ordem, se o chefe não tem objetivo e estratégia, cada um vai fazendo o que bem entende, o Banco Central faz o que bem entende, o Meirelles faz o que bem entende, e aí fica como tantos ministros e técnicos da burocracia, que vão fazendo e, se não der certo, dão de ombros: "Foda-se, eu vou pra Harvard, eu vou pra Sorbonne, e dane-se o Brasil". Não, nada disso. O que eu dizia? "Eu vim de São Bernardo pra cá e vou voltar para São Bernardo. [Bate na mesa.] Eu moro a 600 metros do sindicato e vou voltar e ficar a 600 metros do sindicato. Eu não vou pra Paris ficar dois anos pro povo esquecer de mim..."

Essa postura me fazia ter mais responsabilidade com as coisas. Você tem o movimento sindical de todos os matizes, você quer fazer uma discussão sobre a Previdência Social? Vamos fazer! Mas como? Vamos colocar todo mundo à mesa aqui. O que você não pode é fazer uma reforma na aposentadoria na qual quem vai perder são os pobres. Eu quero ver é eles mexerem na aposentadoria do Ministério Público. Quero ver eles mexerem na aposentadoria da elite do Estado. Quero ver se eles vão reduzir para 5 mil reais por mês. Porque, se você quiser moralizar, tem que começar por aí. Ninguém vai receber mais que tanto. Pronto, acabou. Mas, se ninguém pode receber mais que o presidente da República, que é o teto, e a aposentadoria do Temer segundo a imprensa dá 45 mil reais, o que é

quase duas vezes o teto, é uma desmoralização. Governar é isso, é o jeito de você lidar com as coisas. Eu talvez tivesse um privilégio: eu não sabia de tudo. Pode parecer um defeito, mas é um privilégio. Porque, quando você não sabe de tudo, você pergunta. Eu nunca tive vergonha de perguntar, de pegar um discurso preparado pela assessoria de imprensa e perguntar para um ministro, pegar três ou quatro pessoas e perguntar: "Você acha que tá bom?". Quantas vezes pedi para a Dilma ler meus discursos? No meu tempo de sindicalista, nunca tomava uma decisão sem antes ligar para o Barelli[44], do DIEESE, conversava com outras pessoas. É muito bom você ter três ou quaro opiniões e decidir: "Eu vou por aqui".

**Juca Kfouri –** E seus improvisos?

**Lula –** O improviso era a alma. Eu primeiro cumpria o rito do cerimonial, lia o meu discursinho de praxe para cumprir a formalidade, porque afinal tinha gente do Itamaraty trabalhando aquele discurso, o Marco Aurélio[45] trabalhando aquele discurso, então eu não ia jogar no lixo. Eu lia, às vezes sem gostar, e é duro você ler um discurso sem gostar [risos]. Ler um discurso apenas para cumprir a formalidade é a pior coisa do mundo. É comer feijão sem sal. Cadê o brilho no olho? Então, eu pensava: "Estou com essa gente aqui, tenho que falar com a minha alma para eles, tenho que ser o cara que eles elegeram presidente".

**Juca Kfouri –** Mas, presidente, o senhor nunca foi alguém que seguiu rigorosamente a liturgia do cargo, como fazia o José Sarney. O senhor sempre manteve a espontaneidade que garantiu a proximidade com o eleitor, com o povo brasileiro. Por outro lado, suscitou a aproximação de pessoas que, de alguma maneira, exploraram essa informalidade. Esse peso o senhor carrega hoje. Do Léo Pinheiro[46] a não sei mais quem. Como é isso?

**Lula –** Pode ser que eu tenha desencantado pessoas. Pode ser. Por exemplo, no meio da diplomacia, os companheiros com quem convivi, como o Celso Amorim[47], nunca se importaram com isso. Aliás, o Celso é muito parecido comigo. Pode ser que a estrutura da corte... Bem, quando você ganha a eleição, passa a ter um cara para dizer por onde você vai andar, onde você vai se sentar... É chata pra cacete a tal liturgia. Na verdade, tentei quebrar isso. Por exemplo,

quando o Bush foi ao Torto almoçar[48]. A liturgia dos dois lados, a segurança dizendo não isso, não aquilo. E tinha a famosa churrasqueira do *Guinness Book*, do Figueiredo, de uns 12 metros de comprimento, você colocava uma fazenda inteira lá dentro assando [risos] e todo mundo que ia lá, Fidel[49], Chávez[50], a todos eles eu ofereci churrasco, que é comida nossa, gostosa. Então, o Bush foi lá, um esquema de segurança da porra. Quando fomos juntos a Guarulhos, fecharam a marginal do Tietê, um absurdo; é tudo feito pra valorizar o esquema de segurança. Se alguém queria matá-lo no Iraque, tudo bem, mas aqui no Brasil era capaz de ele passar num bar pra tomar cachaça e não ser reconhecido. É que, como a imprensa brasileira puxa o saco com esse complexo de vira-lata, ele aparece mais na televisão do que os presidentes da região, então talvez ele fosse reconhecido, vá lá... Voltando ao churrasco: a segurança vem e diz que não podia ter faca. Mas agora me diz: como é possível ter churrasco sem faca? [Risos.] A primeira coisa que o Bush fez, na hora que ele entrou com a esposa dele[51] (eu estava lá esperando com a Marisa), foi dizer: "Me empresta essa faca aí que eu quero um pedaço dessa carne". Ele pegou a faca, partiu a carne e devolveu para o churrasqueiro. Aí fica todo mundo com cara de bunda [risos].

**Em política você tem que ser duro, mas com *finesse*. Porque você não precisa ficar chamando o outro de canalha, ladrão, bandido.**

A mulher do Hu Jintao[52] foi jantar em casa. Era pra você mostrar uma deferência, um carinho, e o Hu Jintao era um cara todo formal; pra falar "bom dia", ele lia [risos]. E o Celso Amorim ficava incomodado porque eu não sei falar com as pessoas sem tocar [nelas], não sei conversar sem tocar, é meu jeito. E a mulher do Hu Jintao é toda doentinha, tem muito cuidado com a comida... Chega lá, um feijão-tropeiro, uma carne assada enorme: aquela mulher sarou de tanto que comeu! [Risos.] E tem a recompensa. Quando fui à China [em 2009], ele me colocou numa casa dentro de um parque... Nem em filme da Disney eles conseguiriam inventar uma casa maravilhosa como aquela. E fomos jantar os dois casais. Então, tem as compensações. E assim fui tratando as pessoas, fazendo amizade. Eu não tinha preconceito se o cara era de direita ou de esquerda. Pra mim, o cara era chefe de Estado, de outro país, está no Brasil, tenho de tratá-lo com dignidade, quero tratá-lo com muito cuidado para ser tratado por ele como eu o tratei quando nos encontrarmos no país dele. Trabalhei isso com muita paixão, com muito carinho, às vezes cuidava como se fosse meu filho. Eu era presidente, e o Evo Morales[53] estava lá, concorrendo, era o "*cocalero*"[54]. E ele

[com entonação espanhola]: "Presidente Lula, *hermano ma or* – ele me chamava de *hermano ma or* –, como trato meus adversários?". E eu dizia: "Trate como você quer ser tratado. Você quer ser respeitado? Então respeite". Porque a política não exige grosseria. Você tem que ser duro, mas com *finesse*. Porque você não precisa ficar chamando o outro de canalha, ladrão, bandido.

**Gilberto Maringoni –** Isso é muito bom para sua imagem com o povo, mas a elite brasileira... No Judiciário, o Gilmar Mendes[55] chegou a dizer que iria "chamar o presidente às falas". O lado de cima não abusa dessa informalidade?

**Não fui eleito para virar o que eles são, eu fui eleito para ser quem eu sou. Tenho orgulho de ter sabido viver do outro lado sem esquecer quem eu era.**

**Lula –** Essa gente se preparou para uma liturgia exagerada. Um ministro da Suprema Corte, um ministro do STJ [Superior Tribunal de Justiça]... O exercício do poder por essa gente faz com que haja uma distância entre eles e a sociedade. Mas eu não acredito nisso. Você pode ser igual, apenas está ocupando uma função diferente. Você pode ser um juiz, o ministro mais importante do mundo, e tratar o empregado que trabalha na sua casa como se fosse seu filho, com muito carinho e respeito. Eu conto sempre uma história, porque tem gente que é um no microfone e outro quando dá bom-dia para a empregada; eu sou o mesmo quando dou bom-dia, boa-noite... Às vezes a Marisa achava que eu era exagerado. "Marisa, eu sou assim, aprendi assim." Eu fazia isso às cinco horas da manhã na porta da Volkswagen, tomava cachaça com o pessoal às quatro e meia da manhã, às vezes chegava pra falar às quatro da manhã, a garganta estava seca, tinha que tomar um conhaque Dreher pra pegar o microfone e a voz sair forte. A minha vida é isso. Não fui eleito para virar o que eles são, eu fui eleito para ser quem eu sou. Tenho orgulho de ter sabido viver do outro lado sem esquecer quem eu era. Às vezes fico pensando: "Por que as pessoas gostam de mim?". Porque o meu vocabulário...

**Juca Kfouri –** Deixe-me interrompê-lo. As pessoas que gostam do Lula acham que o senhor tem que ir para uma embaixada e não se deixar prender; as pessoas que gostam do Lula acham que o senhor tem que explorar politicamente, com seu discurso, a possibilidade de mobilização do povo brasileiro, e isso não se faz da cadeia, mas da embaixada de um país amigo. Parece, entretanto, que há uma

decisão sua de ir para casa e esperar a polícia chegar.

**Lula –** Olha, eu conheço companheiros que ficaram quinze anos exilados e não tiveram voz aqui dentro, no Brasil. Se eu tivesse cometido um erro, se tivesse cometido um crime, de todos esses de que estou sendo acusado, talvez eu fizesse isso. Como tenho plena consciência da minha inocência, eles vão pagar o preço. Tudo tem um preço. Eu sei que tem muita gente que gosta de mim, mas não tem ninguém que gosta mais de mim do que eu mesmo. Eu vou brigar aqui dentro. Vou fazer a sociedade brasileira discutir os meus processos aqui dentro.

**Maria Inês Nassif –** O senhor acha que o preço que eles pagam com o senhor na cadeia é maior do que pagariam com o senhor exilado?

**Lula –** O preço que vai ser pago historicamente é a mentira contada agora. Eu sei que é difícil eles aceitarem que um metalúrgico torneiro mecânico diga que eles estão mentindo. Mas eles estão mentindo. A Polícia Federal mentiu no inquérito, o Ministério Público mentiu na denúncia, e o Moro[56] sabia que não era verdade e aceitou e transformou as mentiras num processo que me condenou [bate na mesa]. E a segunda instância no Rio Grande do Sul[57] transformou a outra mentira na minha condenação. Qual é a única coisa que eu tenho? A minha dignidade. É o maior valor que eu tenho. Eles querem prender? Prendam, paguem o preço.

**O preço que vai ser pago historicamente é a mentira contada agora. A Polícia Federal mentiu no inquérito, o Ministério Público mentiu na denúncia, e o Moro sabia que não era verdade e aceitou e transformou as mentiras num processo que me condenou.**

**Juca Kfouri –** Humilhado na cadeia?

**Lula –** Eu não sei, esse negócio de humilhado na cadeia não é assim. Já houve momentos de muita humilhação na cadeia, de muita gente inocente. Vamos ver. Eu não tenho muita experiência, porque só fiquei trinta dias preso. Eu estou com 72 anos de idade, esses caras sabem que o que estão fazendo comigo é uma sacanagem política. Porque, se eles tivessem base material... Se eu tivesse cometido o crime que eles dizem que cometi, você acha que eu estaria brigando do jeito que estou? Você acha que o meu advogado[58], que é um menino, que muita gente pensou que não serviria, estaria brigando como está brigando? Eu

digo para os meus advogados todos os dias: “Quero que vocês saibam que estão defendendo um inocente” [bate na mesa]. Não tenho que mentir pra vocês. Meus filhos sabem disso, espero que minha bisneta amanhã aprenda e saiba disso. A chance que eu tenho de dizer para o povo brasileiro “vamos à luta” é essa. O que é preciso deixar claro: a gente não poderia viver o que está vivendo. Eles não estão julgando o Lula, estão julgando o governo do Lula, o período do PT no governo. Eu tenho alertado os companheiros do PT que eles criaram a nave mãe, que é o *po er point*[59], para dizer que o PT é uma organização criminosa. O próximo passo será caracterizar o PT como organização criminosa. É só olhar as peças dos processos. Eles começam a julgar por que eu indiquei fulano de tal para ser ministro. Aí você tem que explicar: “Ô, companheiro, você sabe como se ganha uma eleição? Com adversários e aliados. Na hora que vai governar, você chama os aliados para montar o governo. Então, cada partido que esteve na campanha tem direito a participar do governo, tem direito a indicar um ministro, o ministro tem direito a montar sua equipe”. É assim no mundo inteiro, é assim na França, na Alemanha. Só nos Estados Unidos que não, porque são só dois partidos. Mesmo assim, de vez em quando o Partido Republicano precisa de uma traiçãozinha dos democratas, e vice-versa. Isso se chama política, po-lí-ti-ca. Eu não posso fazer um concurso para escolher o ministério. Porque, na lógica deles, deveria ser por concurso. Vamos falar disso mais tarde de novo.

**Gilberto Maringoni –** Presidente, o senhor está sendo condenado por uma lei que o senhor mesmo sancionou, a Lei da Ficha Limpa[60]. Tem algum arrependimento?

**Lula –** Não tenho. A lei é feita para ser interpretada corretamente, não para ser interpretada politicamente. Não fiz a lei para os outros, fiz a lei para o Brasil. O que eu quero é que eles interpretem a lei dentro do processo. O que não dá é para as pessoas imaginarem que é proibido um presidente escolher ministro, que é proibido um presidente escolher diretor de empresa, que é proibido o presidente... Qual é o papel do presidente, então? [Bate na mesa.] É indicar o procurador-geral e o delegado-chefe da Polícia Federal? E o incômodo comigo é tão grave... Como é que o Temer indicou essa

**A lei é feita para ser interpretada corretamente, não para ser interpretada politicamente.**

turma aí que está com ele? Como é que o Fernando Henrique Cardoso indicou? Como é que o Sarney indicou? Como é que Getúlio indicou? Como é que Café Filho indicou? Todo mundo indica a sua base político-parlamentar.

"Ah, mas se o fulano de tal roubou, você sabia." Essa história do "você sabia" é fantástica. Tem pai cujo filho cheira cocaína dentro do quarto e que diz para o vizinho: "Ah, meu filho está estudando, ele gosta tanto de estudar, você nem imagina". E o menino tá cheirando coca no quarto. O pai é obrigado a saber? O pai é obrigado a saber se a filha está grávida? O pai é obrigado a saber se o filho saiu para roubar alguma coisa? Ora, como é que eu vou saber o que um sujeito fez em Roraima? É importante prestar atenção numa coisa: eles estão julgando doze anos de PT no governo. Eles querem mostrar que não é possível governar como nós governamos. Estou alertando para isso há muito tempo. Eles não estão me julgando, estão julgando um modelo de governo. E por que o Lula é a vítima? Porque o Lula é a pessoa mais importante. Você pega a história do PT, eu sou o mais importante; você pega a história do governo, eu sou o mais importante. Então, quem é o desgraçado que tem que ser condenado? O Lula.

**Ivana Jinkings –** De onde vem esse ódio todo? Quando o senhor foi eleito pela primeira vez, fez a *Carta ao povo brasileiro*[61], um documento muito controverso, com o objetivo de acalmar os mercados; saiu do governo com quase 90% de aprovação; veio o governo Dilma, que continuou acalmando o mercado. Por que acha que, ainda assim, a elite não o aceita?

**Lula –** Naquele livro do Galeano que eu mencionei, sobre o futebol, você percebe que, se a história do preconceito da sociedade contra os pobres for transportada para o futebol, é igualzinho. Imagine que o presidente do [time de futebol mexicano] Puebla resolveu brigar com a Televisa[62]. Em poucos meses, ele estava preso e com o patrimônio liquidado, porque ele brigou com a Televisa, que é dona do [time de futebol mexicano] América e do estádio Azteca. Quando deixei a Presidência, duvido que na história da humanidade – sou bastante presunçoso – tenha havido um presidente com tantos pedidos dos empresários para que voltasse. Se fizessem uma pesquisa em 2013, 2014, eu era unanimidade no meio empresarial.

**Gilberto Maringoni –** E por que isso mudou?

**Lula –** Ah, isso é o que eu quero saber.

**Ivana Jinkings –** Por que esses empresários foram bater panelas?

**Lula –** Deixa eu contar uma história. O PSDB tinha um projeto para 20 anos. Se não todo o PSDB, pelo menos nosso saudoso Sérgio Motta[63] e o Fernando Henrique Cardoso. Se eu sou candidato agora em 2018, se ganho as eleições e faço um bom governo, eu e a Dilma (se não tivesse sofrido o *impeachment*), nós iríamos para 24 anos de poder. Com 24 anos de poder, você poderia dobrar a qualidade de vida das pessoas mais humildes, e este poderia passar a ser um país com menos pobres, com menos miseráveis e com mais gente de ascensão a níveis médios. Se você pode, em pouco mais de 12 anos, praticamente colocar 4 milhões de jovens na universidade, com mais 10 anos – os dois que faltaram da Dilma e, em tese, mais dois mandatos meus –, você poderia colocar mais 4 milhões ou ainda mais, transformando o Brasil num país civilizado. Para fazer isso, é preciso aumentar o orçamento da educação em cinco vezes, como nós fizemos no meu governo, o que significa tirar dinheiro que ia para outro setor. Vejam a questão da comunicação: nós pegamos um país em que o dinheiro da comunicação era distribuído para trezentos meios de comunicação e passamos para quase 4 mil. Isso tudo cria problema. Então, nós começamos a criar uma série de problemas com uma elite que nunca aceitou...

**Gilberto Maringoni –** Presidente, em 2012 a Dilma baixou os juros, o que era até reivindicação da Fiesp [Federação das Indústrias do Estado de São Paulo], e concedeu diversas desonerações para as empresas; mesmo assim, o empresariado ficou contra. Eu não consigo entender.

**Lula –** Você não vai entender porque o problema não é juro. Os caras mais contrários aos juros no Brasil chamavam-se Antônio Ermírio de Moraes[64] e José Alencar[65]. Cada um aventa uma hipótese. Eu disse pra Dilma várias vezes: “Não ideologize essa questão dos juros, não bata bumbo”. Penso que a economia precisa de vários ingredientes para funcionar normalmente: primeiro, o governante tem que ter muita credibilidade, você não pode perdê-la, porque as pessoas têm que acreditar que, quando você fala, acontece. Se as pessoas começarem a perceber que você não tem credibilidade, a coisa fica feia. Mas – e essa é uma lição que nós temos que aprender – o Congresso Nacional não gosta

de presidente forte, eles gostam de presidente fraco. Quanto mais fraco, mais eles impõem a regra do jogo. O presidente tem que ser forte. Quando o presidente é forte, meu caro...

**Juca Kfouri –** O senhor disse ser pretensioso. O senhor tem a pretensão de ser o Nelson Mandela[66] brasileiro?

**Lula –** Não tenho, não. Eu tenho a pretensão de ser o Lulinha Paz e Amor que sempre fui e de passar para a história com a honradez que marcou a minha vida. O que me ofende nessa história toda – isso pode parecer uma coisa pessoal, mas eu não posso admitir, não posso admitir – é que um cidadão que tem como mérito ter passado num concurso por ter ficado estudando três anos chame de ladrão um homem que tem setenta anos de luta por este país. Isso não dá para admitir. Não, não. Se alguém roubou e quer engolir, que engula. Eu não roubei e não vou engolir. Essa é a minha luta maior. E, em segundo lugar, esse processo é a última coisa que eles acharam para evitar minha volta. Eu tenho uma carreira bem-sucedida. Se fosse jogador de bola, teria chegado à Seleção... ia ser reserva [risos], mas tinha outros bons reservas naquele tempo. Minha história é longa. Eu era um simples leitor do *Di rio da oite*[67], da coluna do Guzman[68], as *inte ot cias do Guzman*. Eu pegava o ônibus no Moinho Velho, em São Paulo, pra trabalhar na Villares, lendo a coluna. Meu irmão, o Frei Chico[69], já era do Partidão[70], mas ninguém sabia; era sindicalista e ficava me enchendo o saco pra eu ir pro sindicato, e eu falava: "Não fica me enchendo o saco pra eu ir pro sindicato; no sindicato só tem ladrão e pelego". O Frei Chico tinha relação com o Joaquinzão[71] e me chamava a toda hora para reuniões à noite: "Vamos lá ver juntos uma palestra". E eu só respondia: "Frei Chico, não vou a reunião clandestina sua". Ele levava o Emílio Bonfante[72], que tinha o codinome de Ivo, levava o Emílio lá em São Bernardo e falava assim pra mim: "Virá aqui um cara muito importante, o Emílio foi o responsável pela greve da Marinha Mercante". Aí o Frei Chico chegava na praça da Igreja Matriz, em São Bernardo (isso em 1974), eu me sentava num banco da praça, lendo jornal, e o Ivo se sentava atrás. Aí eu ia pra casa e falava pro Frei Chico: "Porra, Frei Chico, por que é que ele não pode ir no Sindicato? Eu sou o presidente do Sindicato, ele entra no meu gabinete, dou cafezinho pra ele, ele pergunta o que quiser... Por que tem que ser clandestino? Não pode ser uma coisa saudável? O que vocês ficam discutindo

trancados numa casa às oito da noite eu grito na porta de fábrica às cinco da manhã. Para com esse complexo de ser tudo clandestino…".

Bom, fui para o Sindicato [em 1968] porque o Frei Chico pediu para eu ir, porque era pra ele ir. Aí eu fui. Jamais imaginei ser presidente do Sindicato. Jamais imaginei virar liderança da primeira greve depois do golpe militar [em 1978], mas virei. Não só criei um partido, que até hoje toma conta dos meus dias, como fui o deputado federal constituinte mais votado[73] e virei presidente da República.

Então, o que mais eu quero na vida? Tudo foi construção coletiva; nada teria sido possível por mérito individual. Sempre tive comigo milhares e milhares de companheiros que acreditaram; então, é pra essa gente que eu trabalho. Não é pro Moro que eu digo que sou honesto, é pra essa gente, a quem devo o que eu fui e o que sou. Por isso, quando contarem minha história, quero que digam: "Esses caras estão condenando o Lula não porque ele roubou, estão condenando o Lula porque o Lula é um peão metalúrgico, só tem diploma primário, um curso no Senai; não era pra ele chegar a presidente. Ele chegou. Não era pra ele dar certo, esse cara não tinha que dar certo, era pra ele terminar a vida dele como o Walesa[74], liquidado, acabado, com 0,5% dos votos, mas ele deu certo. Esse cara sai consagrado, elege uma mulher como sucessora, uma mulher guerreira, uma mulher prisioneira, torturada, essa mulher se elege de novo. Aí esse cara pega o Fernando Haddad[75] e coloca ele como candidato em São Paulo, no auge do julgamento do Mensalão[76]. Temos que parar esse cara. No que a gente pode pegar ele? Ele é comunista? Não. Ele é fascista? Não. Ele é um democrata que adquiriu um pouco de consciência política. Nós temos que acabar com ele. E o que pode acabar com ele?".

O assunto que eles sempre trabalharam: corrupção. Li muito sobre o Roosevelt[77] e o *e Deal*. Fico vendo a quantidade de coisas que falavam do Roosevelt. A quantidade de ofensas, foi chamado de ladrão, de tudo. Até hoje os democratas não utilizam o Roosevelt como exemplo pra nada. É uma figura que quase não existe nos debates lá. Mas ele foi importante demais. É por isso que eles querem acabar comigo, não encontro outra explicação. "Ah, mas quando o Lula foi presidente os fazendeiros quebraram, como quebraram em [19]29 na crise do café." Mas não, não, eles ganharam foi muito dinheiro. "Ah, mas os usineiros de cana se lascaram." Não, eu fui o rei do etanol. "Ah, mas ele ferrou com não sei o que na Petrobras." Não, eu fui o rei do investimento em pesquisa

na Petrobras. "Ah, mas a indústria automobilística ficou nervosa." Não, não, nós saímos de 1,7 milhão para quase 4 milhões de carros vendidos neste país. "Ah, mas aumentou a fome no país." Mas não aumentou a fome, os bancos ganharam pra cacete, os microempreendedores ganharam pra cacete... Eu não encontro motivo...

**Juca Kfouri –** Presidente, é verdade que o senhor tem um helicóptero? [Risos.]

**Maria Inês Nassif –** Quantos metros quadrados tem seu apartamento?

**Lula –** Acho que 190. Deixa eu falar uma coisa do helicóptero. Essa é uma das coisas que sempre tentaram utilizar para jogar os mais pobres contra mim. Foi na campanha para governador, em 1982[78]. Eu era metalúrgico em São Bernardo do Campo ainda. E começou uma história de que eu morava no Morumbi [bairro de classe média alta em São Paulo]. Não adiantava dizer que não. Porque o cara que quer sacanear continua falando sem parar. Aí fizemos um filme para a campanha, eu estava com a perna quebrada, quebrei o tornozelo... O Chico Malfitani[79] teve a ideia de fazer um programa do PT na frente da minha casa, eu sentado numa cadeira, com o tornozelo engessado, apitando o jogo dos meus filhos, a molecada da rua... E a câmera fazia um *close*: "Rua Maria Azevedo, 273", que era a minha casa. Não adiantou nada. Teve gente que falou: "É, ele mora aqui, mas tem um túnel embaixo da casa que leva até a casa de verdade, lá no Morumbi". [Risos.]

Não sou patrimonialista. Eu tinha a obrigação de dar um mínimo de garantias às pessoas que pus no mundo. Então, tive um sonho de garantir que cada filho meu tivesse seu ninho pra morar. Eu até podia ter comprado um apartamento para cada um, mas não comprei, dei entrada pra cada um, eles devem ter ficado indignados comigo, mas eu pensei: "Eles têm que sentir o prazer que é pagar, eles têm que ter responsabilidade". E eu fico fiscalizando: "Olha, tá pagando? Porque, se não pode pagar uma, duas é mais difícil; se não pode pagar duas, três é mais difícil... Então, faça o sacrifício e pague". Consegui garantir para eles uma casinha, era isso que eu queria. A história do apartamento do Guarujá, que é a mais fantástica de todas...

**Juca Kfouri –** Foi avaliado em 2 milhões de reais...

**Lula –** Hein?

**Gilberto Maringoni –** Hoje foi divulgado que foi avaliado em 2,2 milhões de reais[80].

**Lula –** Ora, manda o Moro comprar por 2 milhões de reais! Acho que eles fazem tudo isso porque pensam: "É isso que toca na alma das pessoas". Eu vou enfrentar. Eles não me pegarão por corrupção.

Não me pegaram no movimento sindical, não sei se vocês sabem, quando o Murilo Macedo[81] interveio no Sindicato... (Você viu, Ivana, que eu falei "interveio"? [Risos.] Mandei bem... Uma vez, eu estava falando com o Brizola[82], e ele: "Interviu"; e eu, na lata: "Brizola, não é 'interviu', é 'interveio'"... [Risos.]) Pois então, o Murilo foi ao Sindicato, foi ao Banco Itaú, e nada... A coisa é tão canalha...

Se sou o chefe de uma quadrilha, como eles falaram, por que é que os meus "assaltantes" roubaram tanto, 100, 200 milhões de reais, e este babaca aqui ficou com um apartamento de cento e poucos metros quadrados pra ele? Que chefe de merda que é esse? Eu fico nervoso por isso, fico profundamente irritado por isso.

**Se sou o chefe de uma quadrilha, como eles falaram, por que é que os meus "assaltantes" roubaram tanto, 100, 200 milhões de reais, e este babaca aqui ficou com um apartamento de cento e poucos metros quadrados pra ele?**

Bem, em 1989 houve outra acusação, o famoso projeto Lubeca, estão lembrados? O Caiado fez a acusação[83]. Era um projeto que tinha 600 milhões de dólares de investimento em São Paulo, em que alguém do PT teria levado 200 mil dólares. Aí um companheiro veio me perguntar, e eu respondi: "Companheiro, deixa eu falar uma coisa pra você. Se tem 600 milhões de dólares em negócio e alguém se vende por 200 mil, esse filho da puta desmoralizou a corrupção aqui em São Paulo". [Risos.]

Duvido que algum presidente da República tenha sido tratado como eu fui depois de ter deixado a Presidência. Fui recebido como amigo pelos presidentes de todos os países que visitei. Fui recebido pelo Sarkozy[84]; fui recebido pela presidenta do Partido do Congresso na Índia, Sonia Gandhi, que é de fato quem manda lá; na América do Sul, fui recebido muitas vezes por todos; na África...

**Duvido que algum presidente tenha sido tratado como eu fui depois de ter deixado a Presidência. Fui recebido como amigo pelos presidentes de todos os países que visitei.**

**Juca Kfouri –** O senhor não se ressente de o Obama não ter se manifestado, depois de ter dito que o senhor era "o cara"[85]?

**Ivana Jinkings –** Os Estados Unidos não têm uma intervenção direta no que está acontecendo?

**Lula –** O Obama não teve nenhuma intervenção direta. A gente precisa separar o que é o governo americano do que é o Estado americano. Em relação ao Obama, eu não sei se essas pessoas têm noção do que é o Brasil. Os americanos sofrem de uma doença de grandeza, de que, além deles, ninguém mais existe. Existem os problemas: se tem uma guerra no Camboja, o Camboja é importante; se tem uma guerra na Coreia, a Coreia é importante; mas não dão bola para a América Latina nem nunca souberam lidar com a América Latina. No nosso episódio, creio que pode ter algo a ver com o protagonismo do Brasil na América Latina. O Brasil virou referência.

Você acha que é pouca coisa a gente ganhar a Organização Mundial do Comércio[86]? Não é pouca coisa. E nós ganhamos por causa de quem? Da África e da América Latina. Você acha que foi fácil ganhar a sede das Olimpíadas[87]? Ganhamos por causa da África e da América Latina. Você acha que foi fácil ganhar a FAO[88]? Ganhamos, de novo, por causa da África e da América Latina.

**Gilberto Maringoni –** Presidente, o ministro Celso Amorim diz que hoje acredita em teoria da conspiração. Para ele, nada está desconectado de nada. O senhor acha que existiu uma grande conspiração?

**Lula –** É sempre difícil falar, mas os interesses hoje, sobretudo em função do pré-sal[89]... O Brasil é muito grande, muito grande. Logo depois que nós descobrimos o pré-sal, os Estados Unidos restabeleceram a Quarta Frota no Atlântico [em 2008]. Para que a Quarta Frota? Nós somos um continente em paz, assim como na relação com a África. Nós temos fronteira marítima com todos os países da África banhados pelo Atlântico, do Cabo Verde à África do Sul. E não temos problema com ninguém. Então, a única coisa que deve ser levada em conta nesse contexto é o pré-sal. As petroleiras de todo o mundo não se conformaram com a famosa Lei da Partilha[90] e com a tese de que o petróleo

é nosso; não se conformaram com a destinação de 75% dos *ro alties* para a educação.

O Brasil não tem dimensão do que pode ser. Os outros, os de fora, têm mais dimensão do que o Brasil pode ser. O que eu acho triste é que as pessoas que deveriam pensar grande neste país, porque estudaram muito... Por exemplo, as cabeças pensantes da USP [Universidade de São Paulo] não deveriam ser de direita; deveriam ser, pelo menos, brasileiros, nacionalistas, com preocupação com este país... E começar a pensar qual é a estratégia para o país que queremos construir. Por que não podemos competir na produção de automóvel? O Brasil é o único país grande que não tem carro próprio... Não existe um automóvel brasileiro. A gente poderia ter um carro brasileiro.

**O Brasil precisa ver no que somos bons, então podemos pretender ser imbatíveis. Precisamos mapear isso e anunciar nossa decisão: este país vai ser uma grande nação.**

Com o aquecimento global, o Brasil precisa ter grandeza para tratar da sua biodiversidade, das suas reservas florestais, da sua produção agrícola, para tratar da questão do etanol[91]. O país é capaz de produzir um combustível que sequestra carbono quando está crescendo e não emite carbono quando está sendo utilizado. É uma coisa fantástica! Aí os europeus inventam: "É, mas está ocupando o lugar da comida". Mas é mentira. O lugar da comida, com o avanço tecnológico, é cada vez menor. Se você pegar a proporção da nossa capacidade produtiva com a nossa extensão de área, você vai perceber que o Brasil está crescendo demais sem ocupar o espaço proporcional no uso da terra. Porque é a evolução genética deste país. Antigamente, você levava cinco anos para matar um boi, hoje você está matando um boi com quinze meses. Você levava 90 dias para matar um frango, hoje você mata com 35. O café brasileiro, antigamente, era conhecido como café ruim. Agora já vendemos café de altíssima qualidade, chique; isso não existia dez anos atrás. O Brasil precisa ver no que somos bons, então podemos pretender ser imbatíveis. Precisamos mapear isso e anunciar nossa decisão: este país vai ser uma grande nação.

**Ivana Jinkings –** O senhor identifica a perseguição que está sofrendo com a de Getúlio[92]?

**Hoje eu continuo fazendo críticas à estrutura sindical**

**Lula –** Tem algo de similaridade no tema da ascensão social das pessoas. Quando eu comecei a minha vida política

criticando o Getúlio, o meu discurso era atacar a Carta del Lavoro de Mussolini, porque a estrutura sindical brasileira é fascista mesmo. O que nós fizemos no Brasil? Nós não mudamos ela na lei, mas mudamos na prática. Mas imagine hoje, comece a ler a CLT, e você vai perceber o que ela significou para o empresariado paulista, que achava que férias eram um luxo, que o ócio levava o homem a beber, então não podia ter férias! Imagine que você tinha uma classe empresarial pensando assim na década de 1940; fazer a CLT foi uma revolução. Então, essa gente não podia conviver com o Getúlio. Como destruí-lo? Inventando as infâmias que inventam. É sempre assim. Hoje eu continuo fazendo críticas à estrutura sindical brasileira, mas acho que o Getúlio teve um papel no século XX que poucos chefes de Estado tiveram.

**brasileira, mas acho que o Getúlio teve um papel no século XX que poucos chefes de Estado tiveram.**

**Gilberto Maringoni –** Por isso o simbolismo do petróleo...

**Lula –** Sim, veja, nós só encontramos o pré-sal à custa de muito investimento em pesquisa. Foram bilhões em investimento. Na época, você tinha que discutir o seguinte: você vai utilizar ou não? O que diziam alguns técnicos? Que seria muito caro trazer o óleo de 7 mil metros de profundidade. Diziam que não era competitivo. “Os americanos vão dar um banho na gente com o gás de xisto”. Logo inventaram esse gás de xisto para desmoralizar o nosso pré-sal e o nosso etanol. Passado esse tempo todo, como é que está o gás de xisto e como está o nosso pré-sal? Nós estamos trazendo o petróleo aqui em cima a 8,5 dólares o barril. Na Arábia Saudita, que é quase à flor da terra, é 6,5 dólares. Quanto está o petróleo a partir do xisto? Pelo menos 15% mais caro.

O que nós fizemos foi acreditar. Sonhamos em recuperar a indústria naval. Porque não tem sentido um país que tem 8 mil quilômetros de fronteira marítima ter caminhões transitando 4 mil quilômetros para carregar carga, quando isso poderia ser feito de navio. Mas acabaram com nossa Marinha Mercante nos governos de Fernando Collor e Fernando Henrique Cardoso. Hoje, 85% de nosso transporte é feito de caminhão. Com o potencial que nós temos de produção, vamos ficar pagando frete? Não! Vamos fazer uma indústria naval poderosa, que tenha um pedacinho no Brasil, um pedacinho na Argentina, um pedacinho na Venezuela,

**Ao contrário do pensamento vira-lata, quando a gente construir um bloco na América Latina, seremos uma força econômica no mundo. Temos que pensar grande. Não pensar em termos de um ou dois mandatos.**

e a gente pode ser dono. Porque, ao contrário do pensamento vira-lata, quando a gente construir um bloco na América Latina, seremos uma força econômica no mundo. Temos que pensar grande. Não pensar em termos de um ou dois mandatos. O que nós vamos plantar? Esse é o foco! Senão a gente nunca vai plantar uma árvore. Em vez de ficar com uma semente na mão, dizendo "porra, mas ela é pequena, mas ela é pequena", plante logo pra ela crescer. Plante e acredite. Adube este país. O que é adubar este país? É criar condições de o povo participar – e, quando o povo participa, dá certo.

**Maria Inês Nassif –** Neste momento, qual é a estratégia política para não perder tudo isso? O senhor definiu todas as possibilidades do que pode lhe acontecer. E para o país, o que pode acontecer daqui pra frente?

**Lula –** O Brasil não tem o direito de se automutilar, como estamos fazendo. Essa situação política em que a única forma de agradar o chamado mercado – interno ou externo – é destruindo o patrimônio que você próprio construiu é uma loucura. Usamos dinheiro do povo para construir coisas importantes, e isso está sendo vendido a troco de nada! Não é possível. O PT e os outros partidos de esquerda precisam escolher como queremos passar para a história. Você passa para a história se for arrojado, se apresentar coisas novas para a sociedade, se despertar sonhos na sociedade, mostrar que é possível fazer. Não dá pra você ficar com o debate apenas ético, achando que isso vai resolver. Resolve nada. O problema deste país ainda é a fome, o desemprego, é a água que não é tratada para todo mundo.

**O Brasil não tem o direito de se automutilar, como estamos fazendo. Essa situação política em que a única forma de agradar o chamado mercado – interno ou externo – é destruindo o patrimônio que você próprio construiu é uma loucura.**

Vamos começar a fazer o orçamento do país pensando no seguinte: o que nós temos está aí, e o que queremos agora? O que é prioridade neste país? Vou contar uma história pra vocês saberem. O Gushiken[93] foi para o Núcleo de Assuntos Estratégicos e um dia apareceu com um estudo mostrando que a única coisa que é unânime no Brasil é o desejo de escola de qualidade; ao mesmo tempo, 70% [da população] não acreditavam que o Brasil poderia um dia oferecer isso. O povo quer, mas não acredita. Eu falei: "Vamos, com base nisso, mostrar que é possível". Se você fosse discutir economicamente, você não faria o

Prouni, o Fies[94], as escolas técnicas, você não criaria o piso dos professores, você não quintuplicaria o orçamento da educação. Porque sempre aparece alguém pra dizer: “Não dá”. Ora, como é que não dá? Sempre os donos do dinheiro dizem que não dá. E quem são os donos do dinheiro? Aqueles que têm verbas vitalícias no orçamento público.

**Maria Inês Nassif –** Para isso, tem que estar no governo. Mas o cerco está se fechando para excluir a esquerda do poder. Como se faz para reconquistar a democracia?

**Juca Kfouri –** Tem o parlamentarismo...

**No Brasil, toda vez que tem uma crise aparecem uns engraçadinhos falando em parlamentarismo.**

**Lula –** Aqui no Brasil, toda vez que tem uma crise aparecem uns engraçadinhos falando em parlamentarismo. O povo brasileiro já derrotou por duas vezes a ideia [em 1963 e 1993]. Mas tem sempre o pensamento de que, “se a gente tiver parlamentarismo e se a gente conseguir manter o controle do Congresso, nós é que vamos fazer o primeiro-ministro sempre”. É assim que eles pensam. Para você implantar o parlamentarismo, é preciso que, antes, você tenha partidos representativos da sociedade, não partidos de negócios; não partidos que são criados porque recebem dinheiro do Fundo Partidário[95], e o deputado vira presidente do partido no seu Estado e vira dono daquele dinheiro para se eleger. Assim não é séria a política. Você tem que ter partidos ideologicamente bem formados, que sejam dois, três ou quatro, mas você não pode ter 32 partidos políticos. Isso não é sinônimo de democracia. Trinta e dois partidos significam patifaria. Você tem que ter partidos fortes, em que a sociedade possa votar ideologicamente, e aí você pode fazer acordos políticos, em cima de programa de governo, não de interesses. Esse é um problema sério, que nós precisamos resolver no Brasil. Precisamos de uma reforma política. E não é o presidente que faz reforma política. Quem faz reforma política são os partidos no Congresso Nacional. O presidente governa o país, quem governa os partidos são os dirigentes partidários.

**Juca Kfouri –** Hoje, olhando para trás, se o senhor tivesse que mudar alguma coisa – não estou falando de arrependimento, mas se tivesse de mudar algo –, o

que seria?

**Lula –** Eu teria estudado economia, porque acho economista o máximo. Eu brinco com eles: "Economista, quando a gente está na oposição, é do caralho, a gente sabe tudo". Pense num bicho sabido. Mas quando você governa... A diferença é que, enquanto você está na oposição, você vive no "eu acho"; quando você está no governo, você passa a viver do "eu posso", em função das circunstâncias políticas, econômicas. Se pudesse voltar no tempo, eu gostaria de ter um diploma de economista, gosto de economia, porque tive que lidar com economia desde o sindicato.

**A diferença é que, enquanto você está na oposição, você vive no "eu acho"; quando você está no governo, você passa a viver do "eu posso", em função das circunstâncias políticas, econômicas.**

**Ivana Jinkings –** Presidente, nas últimas vezes em que estivemos juntos, o senhor comentou muito sobre os livros que leu ou está lendo. Por que as pessoas falam que o senhor não gosta de ler?

**Lula –** O cara que fala isso talvez não tenha lido a metade do que eu li. E é muito mais ignorante do que eu. Quando fomos ao enterro do Mandela [em 15 de dezembro de 2013], Sarney, Collor, Fernando Henrique Cardoso, Dilma e eu, descemos no aeroporto, fomos para o velório, ficamos todos juntos, e o Fernando Henrique Cardoso falou assim: "Sabe, eu pensei que a velhice não chegava; hoje eu não consigo mais ler um livro, porque cai da minha mão". Mas, como ele é conhecido como intelectual, as pessoas pensam que, com 82, 86 anos, ele consegue ler um livro de mil páginas como quando tinha 40 anos...

**Gilberto Maringoni –** Presidente, em dezembro agora fará vinte anos da primeira eleição do Chávez. E aí teve uma safra de presidentes chamada de "onda rosa" ou "onda vermelha". Vinte anos depois, está muito mudado, mas há coisas parecidas. A Cristina Kirchner[96] está com a Justiça em cima dela, tem o golpe em cima do Fernando Lugo[97], tem o Rafael Correa[98], no Equador, que está passando um aperto, a Venezuela espremida. O senhor acha que tem um padrão de avanço da direita?

**Lula –** Tem, sim. Em El Salvador, está acontecendo a mesma coisa. A Frente Farabundo Martí[99] está com muita

**A razão pela qual a Globo quer derrubar o Temer não é a razão**

dificuldade de governar. Mas deixa eu dizer uma coisa, pra não dizer que não falei de flores. A Justiça tem um papel a cumprir, fazer justiça. Se a Justiça quer fazer política, então o cidadão deixa sua função de magistrado, entra para um partido político e vai disputar eleições. Quando a Justiça faz justiça, o povo acredita em justiça. O defeito da Lava Jato é que, ao mesmo tempo em que eles pensaram em combater a corrupção, eles construíram um pacto de se sustentar na imprensa brasileira. "Não importa o tamanho da mentira, eu transformo ela em verdade. O que nós temos que ter é inimigo." Sejamos francos: o que tentaram fazer com o Temer... No nosso meio, tinha muita gente dizendo: "O Temer vai cair amanhã". Eu dizia: "A razão pela qual a Globo quer derrubar o Temer não é a razão pela qual eu quero. Não vamos ficar dando risada aqui". Por quê? A sordidez da mentira inventada, a troco de conseguir mais um mandato para o Janot[100] e de levar o atual presidente da Câmara[101] a ser presidente da República, foi uma coisa sórdida. E ali sou obrigado a reconhecer historicamente que o Temer soube se impor. Desmoralizou o Janot, desmoralizou o Joesley[102] e desmoralizou a Globo. E nunca mais se tocou no assunto. E hoje ele pode governar. Mas olha como estamos no Brasil. Como é possível que um presidente não possa escolher um ministro?

**pela qual eu quero. A mentira inventada, a troco de conseguir mais um mandato para o Janot e de levar o atual presidente da Câmara a ser presidente da República, foi uma coisa sórdida.**

**Gilberto Maringoni –** O senhor está falando da Cristiane Brasil[103]?

**Lula –** Isso vale para qualquer um. Valeu pra mim! Se eu quiser amanhã indicar você para ser meu ministro, é problema meu. Eu pagarei pelas consequências políticas de ter indicado, mas não pode alguém vetar: "Ele quebrou o vidro da vizinha quando era pequeno".

**Ivana Jinkings –** O senhor acha que a Cristiane Brasil deveria ter tomado posse como ministra?

**Lula –** Eu não defendo, não conheço o caso dela, só acho que o ato de você impedir um presidente da República de indicar um ministro é grave. Imagina se a onda pega? Ela não pagou os empregados, foi processada, quantos milhares de empresários não pagam e não acontece nada? O Temer tem que pagar politicamente pela escolha dele, porque os partidos de oposição vão triturar ele, a

imprensa vai triturar. Mas não é tarefa do Judiciário dizer quem vai ser ministro e quem não vai.

**Gilberto Maringoni –** Por isso lhe fiz a pergunta da Ficha Limpa, porque ela permite que em segunda instância o sujeito já seja inelegível.

**Lula –** Mas isso foi uma interpretação. A decisão da Suprema Corte é de que "pode". Ela não diz que é definitivo. É que essa gente da segunda instância conquistou o poder de Deus.

**Maria Inês Nassif –** O senhor acredita em Justiça?

**Lula –** Se não acreditasse em justiça, eu não teria proposto a criação de um partido político, eu ia propor uma revolução. Eu propus nos limites da democracia, acreditando que cada instituição tem um papel e que o Judiciário tem o papel de fazer Justiça, de dar às pessoas o direito de se defender, a presunção da inocência e, quando provada a culpa, que as pessoas paguem por seus crimes. Eu não quero nem que um injustiçado seja condenado nem que um culpado seja absolvido.

**Se não acreditasse em justiça, eu não teria proposto a criação de um partido político, eu ia propor uma revolução.**

**Ivana Jinkings –** Não é o que aconteceu no seu caso.

**Lula –** Há sempre aprendizados históricos. O que está acontecendo... Eu saí de casa hoje e vi um cartaz: "Não à prisão do Lula". Eu não gosto desse cartaz. Nem sei quem fez. Eu preferia que fizessem um cartaz: "Lula é inocente". Porque, se eu fosse culpado, teria que ser preso. Da mesma forma, eu penso na candidatura. Jamais gostei da expressão "eleição sem Lula é fraude". Porque seria melhor que a gente tivesse trabalhado uma coisa mais positiva: "Queremos provar a inocência do Lula para que ele seja candidato". Claro que, quando você está recebendo solidariedade, você não pode dar palpite na solidariedade. De qualquer forma, prefiro discutir o tamanho da sordidez do que estão fazendo comigo. Porque tem uma parte da população que não gosta de mim, que não gostava de mim em 1978, não gostou em 1982, não gostou em 1994... e não gosta. Sempre tem uma parte que não gosta. No mundo inteiro, é assim. Então, você trabalha para convencer as pessoas, elas são "convencíveis". A política é para

isso, a arte de convencer.

**Maria Inês Nassif –** E se a gente pensasse num cenário da sua candidatura e sua vitória eleitoral em 2018. Qual seria sua prioridade?

**Lula –** Alguém que for eleito presidente da República hoje, para governar este país, tem que ter alguns compromissos que não sejam econômicos. Primeiro, é preciso recuperar a credibilidade das instituições e dar estabilidade à democracia. O Congresso Nacional tem que recuperar a credibilidade, e isso você só muda com a qualidade das pessoas e com o comportamento delas; você precisa fazer as pessoas voltarem a acreditar que o Poder Judiciário será o garante da Constituição Brasileira, e o governo tem que existir para governar em benefício da sociedade brasileira.

Mas é preciso conquistar essa credibilidade primeiro, porque, se você ganhar as eleições e disser "eu vou fazer um projeto de reforma tributária", não vai ser aprovado. Eu fiz dois... O processo de política tributária que eu fiz em 2007 teve apoio dos 27 governadores, dos líderes partidários, de todos os presidentes de indústrias neste país e de todo o movimento sindical. Eu tive tanto apoio que, quando eu mandei para o Congresso Nacional, falei: "Pela primeira vez, nós vamos fazer uma política tributária". O que aconteceu? Eu disse que precisávamos colocar o projeto na mão de alguém que quisesse mesmo aprovar. Pedi para o Arlindo Chinaglia[104] dar a relatoria para o Palocci. Mas ele deu para o Sandro Mabel[105]. Na semana seguinte, o Serra[106] passou a viajar pelo Brasil falando cobras e lagartos do Sandro Mabel, que ele era isso e aquilo, que era achacador... Morreu a reforma tributária. Essas coisas não são num tom de mágica.

Toda vez que discutimos a reforma tributária, você tem que saber o seguinte: neste país, quem paga mais imposto de renda proporcionalmente é o povo trabalhador, aquele que tem desconto na folha de pagamento. Então, você tem que fazer uma inversão, cobrando dos ricos, que pagam menos. Significa começar a discutir herança, por exemplo. Porque é uma vergonha o que se paga sobre herança[107]. O imposto de renda que os rentistas pagam é uma vergonha. Mas, para fazer isso, é preciso ganhar a eleição fazendo esse

**Neste país, quem paga mais imposto de renda é o povo trabalhador, que tem desconto na folha de pagamento. É preciso fazer uma inversão, cobrando dos ricos, o que significa discutir herança, por exemplo.**

discurso, sabendo que você terá muita gente contra você e, se você não eleger uma bancada que pensa assim, você não fará.

**Gilberto Maringoni** – Presidente, vai dar para fazer os referendos revogatórios[108] das reformas?

**Lula** – Pois é, temos que fazer uma discussão sobre o que a gente quer mesmo, se um referendo revogatório ou uma nova Constituinte. Porque a nossa querida Constituição Cidadã[109], tão bem liderada pelo saudoso Ulysses Guimarães[110], já não existe mais, já mudaram 105 artigos dela, já fizeram uma nova Constituição.

**Temos que fazer uma discussão sobre o que a gente quer mesmo, se um referendo revogatório ou uma nova Constituinte.**

Deixa eu dizer uma coisa que às vezes me inquieta. Eu fico pensando: "E se eu estivesse do lado de lá?". Eu sempre tento me colocar do lado dos adversários. Eles devem ficar pensando assim: "A gente inventou uma fraude para dar o golpe e a gente conseguiu dar o golpe, tiramos a Dilma. E fizemos tudo isso pro Lula voltar? Correndo o risco de ele levar a Dilma de volta pro governo?". Porque eu de fato levaria, para ela fazer coisas que sabe fazer como ninguém. Eles correriam o risco de eu montar um ministério ainda mais forte que o da primeira vez? Porra [bate na mesa], se tem uma coisa que o povo gosta é de viver bem. Ninguém se conforma de ganhar pouco, ninguém se conforma de comer mal. As pessoas gostam tanto de viver bem que o Moro, quando acha que não ganha o que precisa, pede auxílio-moradia[111] [risos]. Então, nós queremos ensinar o povo: "Complementem seu salário reivindicando auxílio-moradia".

**Se tem uma coisa que o povo gosta é de viver bem. Ninguém se conforma de ganhar pouco, ninguém se conforma de comer mal.**

**Juca Kfouri** – Presidente, esse não foi o problema dos governos do PT, que pensaram mais nos consumidores do que nos cidadãos?

**Lula** – Não, eu pensei no cidadão. Porque o cidadão que não pode consumir não é porra nenhuma. O cidadão que não pode comer, não pode vestir e não pode beber é pária, não é cidadão.

**O cidadão que não pode consumir, não pode comer, vestir, beber, é um pária, não é cidadão.**

**Gilberto Maringoni –** Há uma acusação recorrente de que os governos do PT teriam cooptado os movimentos sociais, que teriam perdido combatividade.

**Lula –** A verdade não é essa. É uma acusação indigna, do mesmo jeito que se fala que o PT encheu a máquina pública com seus quadros. Mas, se você analisar a história do país, está claro que o PT foi o partido que menos criou cargos de comissão. Porque a direita é sabida, eles fazem essa acusação para deixar os cargos deles lá.

Nós não cooptamos os movimentos sociais. No meu governo, se você entender o que foi feito do ponto de vista de políticas sociais, o fato é que nós atendemos uma demanda reprimida de décadas. Se você considerar que, em apenas doze anos, nós disponibilizamos para a reforma agrária 52% das terras disponibilizadas no Brasil em quinhentos anos, se você considerar que aprovamos uma lei que garantiu reajuste ao salário mínimo de acordo com o crescimento do PIB e mais a inflação, se você considerar que durante doze anos todas as categorias organizadas deste país tiveram aumento real de salários, você verá que não houve cooptação.

Olhem o que eu dizia para o movimento sindical. Um dia, quando eles levaram para mim um documento para reduzir a jornada de trabalho, eu falei: "Não vou fazer isso, não, é trabalho de vocês. Peguem, façam abaixo-assinado, vão para as portas das fábricas discutir com os trabalhadores e venham para o Congresso. Não venham pedir para fazer de cima pra baixo, que não vou fazer não. Isso só funciona se os trabalhadores quiserem". Então, acho que o que nós fizemos foi uma política que deixou o movimento social acomodado. Fiz 74 conferências nacionais para discutir políticas públicas; havia as municipais, as estaduais e depois a nacional[112]. Tudo isso dava um sabor de que estou sendo ouvido, participante. Mas a gente reduziu a discussão só à esfera da economia, abandonou a discussão política na porta de fábrica, nos movimentos sociais, especialmente durante o governo Dilma, especialmente a partir de 2013, 2014.

**Ivana Jinkings –** Qual é o seu sentimento hoje com relação aos processos e toda a perseguição que tem sofrido?

**Lula –** Eu me sinto um cara injustiçado. Não imaginei chegar em 2018 vivendo o que estou vivendo. Por todo o meu passado político, pelo meu dia a dia, por tudo o que

**Como eu sou da política e acho que todos nós que temos um lado pagamos um**

**preço, estou disposto a pagar o meu.**

fiz, por tudo o que sou, pela retidão de comportamento que tive com este país e continuarei tendo, eu não merecia essa fábrica de mentiras que se montou contra mim. Entretanto, como eu sou da política e acho que todos nós que temos um lado pagamos um preço, estou disposto a pagar o meu. Estou às vezes de mau humor, às vezes de bom humor, a única coisa que me dá tranquilidade é que eu sei que não cometi crime e sei o que eles querem. Acho que nós já conseguimos politizar um pouco a população. O Carnaval mostrou isso[113]. Você não viu banda com a cara do Moro nem banda com a cara do Temer. Você viu a Globo com vergonha de fazer entrevista, você viu muitas coisas...

**Gilberto Maringoni –** O senhor sente isso na rua, as pessoas não hostilizam o senhor?

**Lula –** Nunca me hostilizaram. Eu me cuido muito. Desde antes de ser presidente da República, eu me preservo muito. Não sou um cara de frequentar bar nem restaurante. Nunca antes na história deste país um presidente foi tão pouco a restaurante como eu. Quando presidente da República, nas minhas viagens, fui a dois restaurantes: um nos Estados Unidos, porque me convidaram dizendo que eu ia comer uma carne fantástica (e nem gostei da carne que comi lá); o outro foi na Noruega... Eu, todo cheio de charme com o primeiro-ministro, para ir comer um bacalhau... Aí cheguei lá e descobri que não existe bacalhau lá, eles nem sabem o que é bacalhau. Eu lembro que minha mãe comprava bacalhau na Semana Santa, bacalhau com leite de coco, que nordestino come muito. E eu: “Nossa, bacalhau norueguês, eu vou lá comer”. Cheguei lá, e não existe [risos]. Bacalhau é coisa nossa e dos portugueses; é um peixe que nem chama bacalhau, que os portugueses preparam e vendem. Foi a maior decepção. Isso tudo pra dizer que há muito tempo eu não saio. Se eu tiver que beber, bebo em casa. Tudo isso para me cuidar. Por isso fiquei nervoso com aquele cara do *e ork Times* quando ele fez aquela matéria sobre o Lula beber, porque eu duvido que um jornalista tenha me visto bêbado alguma vez[114]. A última vez que bebi para valer foi quando nós compramos bebida para ver Brasil e Holanda na Copa de 1974[115]. Um médico do Sindicato levou a televisão de 17 polegadas – a primeira TV colorida que vi na vida –, a gente guardando a bebida pra depois da vitória, e tomamos de 2 a 0; ficamos xingando

os jogadores e bebemos. E eu cheguei bêbado em casa, num estado lamentável, e a Marisa, que estava recebendo visitas, disse: "E agora, como você vai fazer?". E eu, com aquela conversa de bêbado... Ela falou: "Você vai jantar" – eu tô falando de 1974 –, "você come seu jantar aqui, pra melhorar um pouco, que eu vou pra sala". Ela colocou meu pratinho de arroz com feijão, e eu caí com a cara dentro [risos]. Foi uma cena pra eu morrer dentro de casa afogado no feijão. Aí eu passei reto por todo mundo na sala e: "Boa noite". Mas a pior coisa do mundo é o bêbado fingir que não está bêbado [muitos risos]. É melhor assumir logo. Eu só sei que eu mirei na porta, meti a canela na mesinha de centro, caí no sofá [mais risos]... E nunca mais fiquei bêbado. Então, eu fico puto porque as pessoas falaram que viram o que não viram. Nunca tive vergonha de dizer que eu bebo. Não escondo que gosto de beber e que sou corintiano. Sou corintiano e não escondo. Gosto de beber. Adoro tomar um uisquezinho e uma cachacinha gelada de vez em quando. Mas, na minha idade, estou me cuidando, tenho que me cuidar. Nesta semana aconteceu uma coisa. Tenho uma garrafa de Romanée-Conti guardada há vinte anos, safra 1961. Porque pobre é uma bosta. Eu e Marisa ganhávamos bebida: "Ah, vamos guardar, não vamos beber" [risos]. Só pra dizer pros outros: "Tenho um Romanée-Conti". Mas eu aprendi a lição. Se eu ganhar bebida agora, não quero mais dizer "eu tenho", vou dizer: "Eu bebi". Aí, nesta semana eu abri a caixa para beber o Romanée-Conti. Parecia que tinha um faraó enterrado, tinha todos os equipamentos ali, o abridor, o negócio pra cortar, pra beber. Quando eu pus o abridor, a rolha entrou. Vinagre puro. No outro dia, fui abrir um rum que o Fidel me deu. Um rum 100 anos, ganhei dele em 1985, era uma joia pra mim, mostrava pra todo mundo; um dia falei pra Marisa: "Vamos beber?"... Na hora que abro, só água. Agora eu tenho um litro de rum em casa que o Raúl[116] me deu. Era uma caixa enorme, parecia uma mesa; quando abri, era uma garrafinha deste tamaninho em homenagem aos quinhentos anos de Santiago de Cuba, e logo, logo vou beber. Já fui criticado demais porque, na campanha de 2002 no Rio de Janeiro, o Duda Mendonça[117] comprou uma garrafa de Romanée-Conti... Mas foi pra oito pessoas! Pra mim, foi uma dose do tamanho dessa xícara [de cafezinho], e fiquei dando explicação por muito tempo. Isso sempre foi assim. Por isso, sou muito tranquilo, porque sei como é.

**Ivana Jinkings –** Presidente, vamos falar um pouco mais da Lava Jato?

**Lula –** Jamais imaginei que os processos tivessem o andamento e o tratamento que tiveram durante toda a tramitação. Vou dar um exemplo do primeiro. Quando surgiu o primeiro problema do apartamento, fui conversar com alguns advogados, e eles disseram: "Não, Lula, isso não vai andar. Isso é tão insignificante, é tão… Sabe? Você tem que ter um documento de propriedade. Ninguém pode dizer que o apartamento é teu, se o apartamento não é teu". Lembro até que um companheiro muito importante, o Nilo Batista[118], que fez parte do primeiro processo, falou: "Lula, não tem jeito de esse processo andar. Isso vai parar. Isso é tão ridículo!". Você está lembrado que, na primeira audiência, eu disse: "Ô, Moro, você já foi a uma loja comprar sapato com a sua mulher? Ela não manda descer um monte de caixa, põe todos no pé e depois devolve? Ela comprou algum? Não, então não tem sapato. Será que, se o dono da loja abrisse um processo porque ela experimentou, ela teria que pagar pelo sapato? O fato de eu ter disposição de comprar um apartamento e comprar… Eu comprei o apartamento?".

Esse era o processo mais elementar de todos, que todo mundo dizia que não ia andar… E eles precisaram me levar para Curitiba [sede da operação Lava Jato], porque só tinha sentido me processar se fosse para levar para a Lava Jato. Eles inventaram uma história macabra. Apareceram com uma empresa *offshore* que tinha comprado um apartamento no mesmo bloco, dizendo que, portanto, essa empresa tinha relação com a [empreiteira] OAS. E que, portanto, havia problema da Petrobras no edifício. Essa foi a explicação para levar o processo para Curitiba. Cinco dias depois, descobre-se que a empresa *offshore* era dona do apartamento que a Globo tinha lá em Paraty e que era dona do helicóptero da Globo. A moça que tinha sido presa foi libertada, a *offshore* desapareceu, o assunto desapareceu, e ficou o Lula lá em Curitiba[119]. Com todas as reclamações que nós fizemos, eles nunca deram a menor importância para qualquer argumento da defesa. Foi nesse instante que comecei a perceber que não era o Lula pessoalmente que estava sendo julgado. Era o governo que estava sendo julgado. Era a forma e o jeito de governar.

**Foi nesse instante que comecei a perceber que não era o Lula pessoalmente que estava sendo julgado. Era o governo que estava sendo julgado. Era a forma e o jeito de governar.**

Já falei sobre isso com vocês, mas vale voltar. Eles começam a perguntar: "Como é que se escolhe ministro?". Eles poderiam perguntar para o Temer agora como é que ele escolhe ministro. Poderiam perguntar para o Fernando Henrique

Cardoso como era que ele escolhia ministro, como foi que ele conseguiu aprovar a lei da reeleição. Nada! Mas o problema era o governo Lula. Por que você indicou alguém do PP? Por que você indicou alguém do PMDB? Ô, companheiro, em qualquer regime democrático, qualquer governo que dispute uma eleição – sobretudo num regime presidencialista – e não consiga ter maioria de deputados vai fazer uma aliança política. E é normal que os partidos que fazem parte da coligação indiquem pessoas para governar, sabe? Isso é no mundo inteiro. A coisa era tão grave que um dia chamei o diretor-geral da Polícia Federal[120] e o José Eduardo Cardozo[121] e falei: "Gente, vocês não podem dar um cargo de delegado para um cidadão, se ele não tiver formação política!".

Então, comecei a perceber que nós estávamos diante do julgamento do governo, do jeito de governar. Como é que alguém indica uma pessoa? Para você indicar um diretor da Petrobras… Vamos pegar o Paulo Roberto[122] e o Duque[123], que eram funcionários de trinta anos de carreira. Quando alguém indica o nome de um cara desses, vai para o GSI [Gabinete de Segurança Institucional]. O GSI faz a investigação para saber se ele tem algum problema. É estranho que, depois que eles foram indicados – e são pessoas com mais de trinta anos de carreira –, não houve nenhuma manifestação do Conselho da Petrobras – que é quem nomeia, na verdade –, não houve nenhum questionamento do sindicato dos trabalhadores, não houve nenhum questionamento do Sindicato dos Engenheiros, não houve nenhum questionamento do Ministério Público. Não houve nenhuma contestação em lugar nenhum. Quando chega um nome desses, sem qualquer contestação, e o cara é profissionalmente capaz, o que acontece? Ele é indicado. E assim vale para todo mundo.

Mas eles não estavam querendo só o Lula. Em 2015, eu tinha dito ao PT, num evento em Brasília: o partido tem que tomar cuidado, que eles estão trabalhando para criminalizar o PT; nós já tivemos o exemplo do Partidão aqui no Brasil[124]. Depois, foi confirmado tudo com o *po er point* do Dallagnol[125], como eu já falei para vocês. Quando apresentou aquele *po er point*, se este fosse um país sério, ele teria sido exonerado, a bem do serviço público. Um cidadão construir uma mentira escabrosa daquela e, depois de uma hora e meia, dizer: "Não me peçam provas. Eu tenho convicção". Um cidadão desse não pode ser sério. Ele só pôde fazer isso porque tinha pactuado com alguém para transformar em verdade aquelas coisas dele. Era a imprensa, liderada pela Rede Globo de Televisão. Eu acho que foi a Globo que construiu aquilo para ele, o pessoal que

faz *po  er point* para o *Fant  stico*[126].

Depois disso, eles começaram a andar atrás de todas as minhas palestras, pedindo os textos, coisa que eu não tinha obrigação nenhuma de ter. Em todas as minhas palestras, leio o discurso por escrito e, depois, o que falo de improviso é gravado, fotografado, e ainda dou entrevista em muitos lugares. E a primeira desconfiança deles era de que fossem secretas as palestras! Então, nós temos discurso, temos gravação, temos fotografia. Nada disso interessa para eles. Era preciso dar continuidade à mentira. Aí vem viagem para África, vem porto de Mariel, em Cuba[127], vem dinheiro para o BNDES. Tudo para eles virou munição para dizer que o PT é uma organização criminosa e, portanto, tudo o que o PT fez foi errado.

Eu até brinco com os advogados. Se no processo mais simples os caras me deram doze anos de cadeia, fico pensando nos mais difíceis.

**Ivana Jinkings –** Quais são os mais difíceis?

**Lula –** Todos, porque, daqui para a frente, querida… Vamos pegar esse caso para o qual fui dar depoimento na segunda-feira [26 de fevereiro de 2018], do Frei Chico[128]. A [empreiteira] Odebrecht tinha um cara vinculado ao velho Partidão, e ele contratou o Frei Chico para dar uma assessoria nas crises da Odebrecht com o movimento sindical. De repente, sou colocado como aquele que trabalhou para arrumar emprego de 3 mil reais para o Frei Chico, porque eu tinha feito favor para a Odebrecht, e a Odebrecht ia, em contrapartida, dar 3 mil reais para o Frei Chico!

Ô, gente, eu sou um ladrão de merda! Eu precisava ser preso por desmoralizar a corrupção! E o coitado do Frei Chico merecia ganhar 10 [mil reais], se fosse para contratar, porque o Frei Chico é um bom sindicalista, tem histórico político, é um cara de cabeça bem-feita, sabe? Ontem eu estive com o Frei Chico e falei: “Frei Chico, o que eu posso fazer?”.

O Frei Chico, que é uma figura bem relacionada no movimento sindical, não precisava passar por isso. Se, em algum momento, a Odebrecht precisou contratar o Frei Chico, ela estava contratando um cara que tinha especialidade em movimento sindical. Ele tinha sido vice-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Caetano do Sul. Deixou de ser porque foi preso junto com o Vladimir Herzog em 1975[129]. Eu falei para o delegado: “Esse cara que você

está achando que se vendeu por 3 mil reais passou 75 dias sendo torturado por vocês". Setenta e cinco dias. Você acha que um cara que tem o histórico dele vai se vender por 3 mil reais? E vai precisar do irmão, que é presidente da República, para conversar com uma empresa para dar 3 mil pra ele? Ah, vá pra casa do cacete! [Bate na mesa.]

Tem outras coisas absurdas que vão ficando esclarecidas com o tempo. Neste momento que estou vivendo, o que me contenta é poder dizer: "Estou fazendo história". Não sei quando ela vai ser contada verdadeiramente, mas estou tentando contribuir, fazer história. É por isso que as pessoas acham: "Ah, Lula, você poderia ir para uma embaixada, você poderia pedir asilo". Mas eu vou ficar aqui no Brasil, na minha casa. Se eles quiserem fazer história me prendendo, façam.

Absurdo é o método, é a montagem da mentira contada. E o que é mais grave nesse processo? O grave é que, como ele está apoiado numa mentira muito grande, a do *po er point*, que é a chamada nave mãe, eles têm que sustentar a todo custo. A *e a*, a *sto* , essas revistas são a base de quase todas as investigações. Por exemplo, o apartamento: é tudo baseado nas reportagens mentirosas do jornal *O Globo*. O Moro cita *O Globo* quinhentas vezes. Então, como isso é baseado em mentira, e eles já estão há quatro anos mentindo, eles não têm como sair. Por isso é que eu disse para ele no meu depoimento: "Ô, Moro, você não tem como não me condenar. Você é refém da Globo". E a Globo é refém dele. Um alimenta o outro.

**Juca Kfouri –** O que o deixa mais indignado? É o sentimento de injustiça ou a impotência?

**Lula –** É o sentimento de injustiça. O sentimento de injustiça, de canalhice, da mentira mais escabrosa que se inventou neste país, e o mal que causa aos meus filhos. Isso causa mal aos meus filhos, aos meus netos. Eu estou com quatro filhos desempregados. E quem vai dar emprego para eles com o nome Lula? O meu filho Fábio, que era dono da PlayTV… Quando a *e a*, em 2006, resolveu fazer uma capa, era sabe para quê? Era para persegui-lo, porque a PlayTV estava ganhando da MTV[130]. Então, "vamos destruir essa porra desse Lulinha". Desde 2006! Estou falando de doze anos atrás. Então, não é só a questão do sentimento de inocência, mas a questão da perseguição.

**Gilberto Maringoni –** Pelo que a imprensa falava, o senhor tinha uma relação cordial com a cúpula da Globo, com o Roberto Marinho, com os filhos. Como é que ficou isso?

**Lula –** Eu tinha uma relação cordial com todo mundo. Apesar de não parecer, sou um cara muito cordial na minha relação humana com as pessoas. Eu tinha com a Bandeirantes, com a Globo, com a Record, com o Silvio Santos, com a Folha.

**Juca Kfouri –** Onde se quebrou essa relação?

**Lula –** Eles não aceitaram a ascensão social dos oprimidos neste país.

**Gilberto Maringoni –** Mas eles ganham dinheiro com isso, não ganham?

**Lula –** O dinheiro que eles ganham, na verdade, não diminui o incômodo deles no avião, na praça, sabe? Gente, a elite brasileira é tão perversa que, na Batalha dos Guararapes[131], os coronéis não deixavam nem os negros nem os índios participarem e diziam: "Se a gente ganhar com eles, depois eles vêm para cima de nós". Então, é assim. Eu sempre tratei todo mundo bem. Sempre.

**Maria Inês Nassif –** Em que momento o senhor percebeu que uma trama estava sendo urdida? No Mensalão?

**Lula –** Na verdade, nunca acreditei na história do Mensalão. Essa foi a grande descoberta do século XXI: de como a mídia poderia ser utilizada para criminalizar as pessoas antes da Justiça. A mídia tomou a decisão de, ao invés de esperar a Justiça criminalizar, transformar alguns líderes do PT em bandidos. Eu tinha medo porque, se o Zé Dirceu[132] não tivesse sido preso, poderia ter sido atacado por um fanático em alguma rua aqui de São Paulo e ser morto, tal era o ódio que eles disseminaram contra o Zé Dirceu.

**Ivana Jinkings –** Como o senhor avalia o comportamento do José Dirceu nesse período todo, incluindo quando esteve preso?

**Lula –** Eu acho que o José Dirceu é um guerreiro. Acho que, às vezes, ele não cuida da própria imagem. Mas é um homem de muita dignidade e é um

companheiro que soube enfrentar de cabeça erguida todo esse processo que está sofrendo.

**Juca Kfouri –** O senhor considera que a perseguição a ele é como a sua e que ele é inocente?

**Lula –** Não posso ser categórico e dizer se o José Dirceu teve contato com empresário, se pediu dinheiro, se fez alguma coisa. Algumas coisas ele reconhece que fez. Eu, no meu caso, continuo desafiando o Moro, o TRF-4, a Polícia Federal, o Ministério Público a provar que recebi um real de empresário na minha vida. Nunca precisei de favor. Não é apenas uma questão de honestidade, é uma questão de comportamento político. Era assim quando eu estava no Sindicato, era assim quando estava no PT, era assim quando estava na Presidência. Nunca um empresário teve coragem de me oferecer um real. Se ele oferece para alguém, é porque está escrito na testa: "Me oferece, que eu aceito".

**Gilberto Maringoni –** Presidente, o senhor costuma repetir uma frase: "Eles nunca ganharam tanto dinheiro como no meu governo". Será que isso foi uma vantagem ou é um problema?

**Lula –** O problema do sistema capitalista é que, se você não ganhar dinheiro, você não sobrevive. O cara não monta empresa, o cara não… Se eu quero montar uma empresa, eu tenho que saber se vou ter lucro com o produto. Faço pesquisa de mercado antes de montar a empresa. Se a perspectiva for de ter retorno, eu monto. Se não for, eu não monto. Vou te dar um exemplo.

Às vezes, as pessoas de esquerda têm um comportamento ideológico, mas esse comportamento ideológico não se coaduna com a realidade. Eu abro uma licitação para construir uma mesa dessas aqui [bate na mesa]. Se o cara perceber que a taxa de retorno é pequena, ele simplesmente não vai. Se ele não for, você vai ter que fazer outra licitação ou criar uma empresa estatal para fazer a mesa.

**Ivana Jinkings –** Presidente, como está sua relação com os empresários agora? Nenhum deles se reaproximou? Apesar da condenação, o senhor está à frente nas pesquisas...

**Lula –** Ô, gente, todo mundo tem medo! Quem é o doido que quer dizer que

veio se encontrar com o Lula? Quem é o doido?

**Ivana Jinkings –** Mas nem encontros discretos, sem vazar para a imprensa?

**Lula –** É difícil, Ivana. Eu sei que é difícil. Quando você está sendo atacado… Eu estou sendo atacado pela Polícia Federal, pelo Ministério Público, pelo Poder Judiciário e pela Receita Federal. Você sabe em quanto a Receita multou o Instituto [Lula]? Quase 18 milhões de reais! É um bloqueio mais feroz do que aquele que está sendo feito em Cuba há sessenta anos. É pra não deixar sobreviver. É uma estratégia de asfixiar economicamente para matar politicamente. Esse é o estado em que as coisas estão no Brasil. Qual é o empresário que vai querer dar dez reais para o Instituto? Porque tem que dar e tem que contabilizar. Quem vai querer dar? Não vai dar.

Então, a única coisa que me deixa feliz é a seguinte: eu sei quem são meus amigos de sempre e quem foram meus amigos eventuais. E com quem eu estou hoje? Com meus amigos de sempre. Os eventuais desapareceram.

**Eu sei quem são meus amigos de sempre e quem foram meus amigos eventuais. E com quem eu estou hoje? Com meus amigos de sempre. Os eventuais desapareceram.**

Isso, para mim, é uma lição de vida. Eu já tinha passado por isso em 1982, quando perdi o Sindicato, perdi as eleições para governador e eu não era mais nada. Descobri que eu não era mais nada. Levantava de manhã, em casa, eu e a Marisa tentando achar moeda, tentando pegar cofre da molecada para achar uma moeda e comprar um cigarro. A gente tomava café com pão sem manteiga porque não tinha dinheiro para comprar. E nunca ninguém passou lá para dizer: "Ô, Lula, você tem manteiga? Ô, Lula, você tem cigarro?". Nunca. Então, eu já tinha um pouco dessa experiência de vida. Essas coisas não me magoam porque sei que é assim. Sei que é assim. Não faço as coisas esperando favor. Não faço. Por isso é que eu quero voltar. Vou voltar muito mais maduro. Não vou voltar mais duro, não, porque meu coraçãozinho está paz e amor…

**Juca Kfouri –** Essa é a pergunta. O tratamento dessa gente que foi capaz de fazer tudo o que está fazendo vai voltar a ser o mesmo, porque o seu coraçãozinho…

**Lula –** Deixa eu falar uma coisa. Quem assume a Presidência da República não pode ficar tratando nenhum

**Quero voltar para governar e provar que tenho competência de**

setor como inimigo. Esses que desapareceram vão voltar, vão pedir reunião, vão querer discutir. Eu sei como é que funciona. Agora, não vou voltar para ficar com raiva, senão é melhor não voltar. Se eu voltar para destilar ódio contra alguém, é melhor não voltar. Quero voltar para governar e provar que tenho competência de recuperar este país; depois de quatro anos, fazer de novo este país sorrir, as pessoas ficarem alegres, as pessoas terem possibilidade de trabalhar. É por isso que eu quero voltar. Não é para ficar me vingando de ninguém.

**recuperar este país. Quero fazer de novo este país sorrir. É por isso que eu quero voltar. Não é para ficar me vingando de ninguém.**

**Maria Inês Nassif –** Presidente, como o senhor classifica os delatores?

**Lula –** Vou contar uma história para vocês. Em 1989, Paulo [Okamotto] era o meu tesoureiro da campanha. Ele foi pedir dinheiro para um empresário, e o cara falou simplesmente: “Eu não tenho dinheiro, não posso dar dinheiro, estou ferrado e tal”. Não deu dinheiro. Tudo bem. Passadas as eleições, esse empresário foi à minha casa com 60 mil dólares, verdinhas, e disse: “Lula, não pude te dar o dinheiro porque eu não tinha dinheiro na época, mas sei que você está devendo e vim te dar uma ajuda”. E eu falei para o cara: “Ó, companheiro, agradeço muito, mas eu precisava do dinheiro durante a campanha. Acabou a campanha, não preciso do dinheiro. Pode levar embora o teu dinheiro”. O cara: “Ô, Lula, não, Lula, você está ofendido? Isso aqui só não dei porque não podia mesmo. Aceita o dinheiro”. “Não aceito o teu dinheiro. Muito obrigado, querido, fico agradecido, mas, se você me desse antes, na campanha, eu pegaria. Agora eu não quero mais.” O cara não acreditava. E por que eu tinha esse comportamento? É porque eu gosto de respeitar as pessoas e gosto de ser respeitado.

**Ivana Jinkings –** E era grande a dívida de campanha em 1989?

**Lula –** Sim! E candidato derrotado não arruma dinheiro nem com parente, sabe? Então, eu fiz aquilo e faço isso sempre, porque quem quer ser candidato a presidente deste país não pode perder o direito de andar de cabeça erguida. Não pode! Eu não posso olhar um empresário, qualquer que seja o tamanho dele, sabendo que estou com o rabo preso com ele. Então, é melhor não ser candidato.

**Ivana Jinkings –** Gostaria que o senhor falasse sobre seus projetos para o futuro. O que fará, se for eleito?

**Lula –** Tenho participado de muitas reuniões de economistas. E digo para eles: "Tem um componente que vocês não discutem na economia, que é a base central do sucesso na economia – você ter uma pessoa com credibilidade aos olhos da sociedade e que, com essa credibilidade, aquilo que ela falar possa ser aceito pela sociedade.

Vocês não podem se esquecer de que, antes de eu tomar posse, em 2003, em qualquer reunião de economistas a conversa era: "O Brasil está quebrado. O Brasil não vai dar certo. O Brasil quebrou duas vezes no governo Fernando Henrique Cardoso. O Lula não vai conseguir governar. O FMI não vai deixar...". Eu até dizia: "Gente, se o Brasil está como vocês estão dizendo, por que vocês querem que eu seja eleito presidente da República? É melhor eles ganharem. Se é para quebrar, deixa para quebrar na mão deles". Eu tinha consciência disso. Mas a minha obsessão de não errar era muito grande. Era um compromisso de fé. Se eu errasse, como ia voltar para São Bernardo? Não posso errar porque não tenho como olhar aquela peãozada no olho. Eles não sabem o que é isso. Nenhum deles que chegou lá sabe o que é isso, porque nenhum deles teve o compromisso que eu tenho.

Veja, sou um cara agradecido ao Fernando Henrique Cardoso pela lisura da transição. Não pense que esqueço, não. As críticas que tenho ao Fernando Henrique Cardoso são que, como ele esperava o meu fracasso para voltar, não soube lidar com o meu sucesso. Ele poderia ter sido, em parte, ganhador, sócio do meu sucesso. Mas não soube. Lamentavelmente, é isso. Então, troquei toda a gordura política que eu tinha por fazer um ajuste pesado. Vocês estão lembrados que elevei o superávit para 4,1% do PIB, porque eu tinha que trocar aquilo pelas coisas que eu queria fazer.

**Gilberto Maringoni –** Os juros também subiram.

**Lula –** Os juros já estavam em 23% e foram para 26%, mas eles já estiveram em 49%. O dado concreto é que eu comecei a conquistar credibilidade com isso. Então, de repente, o Tony Blair[133] começou a falar bem de mim, o Gordon Brown[134] começou a falar bem de mim, o Chirac[135] começou a falar bem de mim, o Bush começou a falar bem de mim, o Schröder[136], na Alemanha, a

Angela Merkel[137] também, a China começou. De repente, virei unanimidade. E eu acho que, pelo fato de eu ter sido o único operário que chegou à Presidência no Brasil, os caras falaram: "Porra, esse cara está fazendo o que precisa ser feito".

**Gilberto Maringoni –** A imprensa fica classificando: "O Lula é um radical". A esquerda: "É de centro". Como é que, hoje, o senhor…

**Lula –** Eu não gosto de colocar rótulo na testa, sabe? Você tem que ser de esquerda quando precisa ser mais de esquerda e você pode ser liberal quando você tem que lidar com pessoas que pensam diferente. Não posso lidar com um país querendo que ele seja o que eu sou. Eu até brinco. Obviamente, alguns companheiros se ofendem. Eu dizia: "Quem quiser ser mais esquerda do que eu vai ser um imbecil, não vai ser um esquerda". O fato de você ser esquerda não o proíbe de dizer coisas palatáveis. O imbecil é aquele que fala, fala, fala de coisa que sabe – só que não vai realizar.

Eu aprendi, em 1980, a não fazer pauta de reivindicação dizendo: "80% ou nada". Porque a gente ficava sem nada. Então, aprendi a trabalhar próximo daquilo que era possível conquistar. Lembro que fui a uma greve dos jornalistas e acabei com ela, na verdade, a pedido do companheiro Davi de Morais[138]. Fui ao Estadão fazer um piquete e vi um monte de jornalista bonitinha paquerando os caras da Polícia Federal e um monte de empregados do jornal entrando pra trabalhar, com o jornal na mão. Falei: "Caralho, como é que vocês fazem greve? Tem gente se engraçando com os policiais e ainda tem uma coisa a mais: o jornal está entrando, os caras estão entrando lendo o jornal! Vocês não pararam a distribuição, não pararam a gráfica, como é que querem fazer greve?". Alguns amigos meus não queriam que eu parasse a greve. Naquele tempo, eu era chamado de "neopelego", "muleta da ditadura". É assim.

Eu aprendi. Se tem uma coisa de que tenho orgulho é da minha coerência de discurso. Se você pegar meu discurso de 1979 e comparar com o de agora, vai perceber que a sequência é a mesma. Aprendi umas palavras a mais, hoje falo "*en passant*" – não falava nunca [risos] –, não falo "menas"..., mas a linha é a mesma, da coerência. Sabe o que acontece? Não sou um operário científico, como gostaria o meu amigo Prestes[139]. Sou um operário operário. Sou mais do que científico, sou só operário. Uma vez, fui a um debate com o Prestes em Cajamar

e, depois que falei, ele disse: “Eu gosto muito do Luiz Inácio, mas ele não é um operário científico”. Eu falei: “Porra, Prestes, já sou operário, você ainda quer que eu seja científico? Cacete!” [risos].

**Maria Inês Nassif –** Num eventual novo governo, sua base de apoio estará muito definida, muito polarizada. Isso mudaria alguma coisa em relação ao que foi na eleição de 2002?

**Lula –** Enquanto você não mudar o modelo político do Brasil, enquanto não fizer uma reforma política em que possa haver partidos mais definidos ideologicamente, qualquer que seja o presidente eleito – seja a companheira Manuela, o companheiro Guilherme Boulos, o companheiro Ciro Gomes, o Bolsonaro[140] ou quem vier pela frente –, quem ganhar as eleições, ao terminar a apuração, vai ver quantos deputados tem, quantos senadores tem. E saberá que, para votar uma coisa importante na Câmara, precisará de, no mínimo, 247 votos. Se não tiver, vai ter que buscar. E vai buscar, normalmente, em quem não votou nele. Isso se chama “negociação”. Foi assim que acabou a Segunda Guerra Mundial. Alguém negocia. O que o Stálin[141] queria? O que o Truman[142] queria? O que o Churchill[143] queria? Você negocia. É assim. Se não for assim, você não governa.

No Brasil, há uma questão em que muita gente não repara. É o seguinte: o problema não é o PMDB, o PMDB tem cara, você sabe quem é do PMDB; o problema é a quantidade de partidos intermediários que têm vinte deputados, dezoito deputados, quando eles se somam, vira uma maioria absoluta. Veja o crime, neste país, que foi aprovado agora, no Fundo Partidário Eleitoral. O PT, se tiver um candidato a presidente, um percentual do dinheiro do fundo é destinado especificamente à campanha do presidente. O que estou dizendo é para você prestar atenção, porque quase ninguém mais vai querer ter candidato a presidente. Então, para aquele partido que tem candidato a presidente, 30% do dinheiro do Fundo será usado na campanha majoritária. Os que não tiverem candidato a governador nem candidato a presidente vão pegar todo o dinheiro do partido para dividir na eleição de deputados. Então, um partido que tem candidato a presidente vai dar quinhentos reais para cada candidato a deputado, e um que não tem vai dar de 2 a 3 milhões de reais. É a ditadura da minoria contra a maioria, meu filho! É isso que acaba de ser aprovado no Congresso

Nacional.

**Gilberto Maringoni –** Mas não há a vantagem de não ter o financiamento privado?

**Lula –** Mas não acabou o financiamento privado. Vai acabar para nós, do PT, que decidimos antes da lei que não íamos mais aceitar. E o PT vai ter que sustentar isso. O PT vai ter que voltar a aprender a vender camiseta. Eu sou um bom produto. Se o PT quiser me vender, o PT pode arrecadar dinheiro. Eu, antes de fazer meu discurso, fazia propaganda: "Companheiros e companheiras, estamos vendendo bola, camiseta, macacão. Se vocês comprarem, vou ter dinheiro para ir até a outra cidade". O pessoal comprava. É mais difícil, mas é mais gostoso. E você dorme com a consciência mais tranquila. O PT vai fazer isso. Eu quero saber quem vai fazer. Ainda vai entrar dinheiro privado na campanha, e eu duvido que o cara coloque dinheiro do bolso. Mostre um deputado de qualquer partido político que tenha vendido seu carro para fazer campanha. Normalmente, ele pediu para alguém. Então, vai levar tempo ainda para a gente moralizar este país.

Eu, se for candidato, vou tentar aproveitar a campanha para conversar um pouco com o povo sobre a importância do voto proporcional. Não adianta votar num presidente bom, de esquerda, e votar num deputado de direita. Não adianta gostar dos sem-terra e votar no ruralista. Então, vamos aproveitar para tentar politizar um pouco a campanha. Fazer o eleitor ser mais exigente. Quando o cara vota no sacana de direita que depois começa a meter o pau no PT, o cara não tem coragem de dizer em quem votou. É capaz de esquecer duas horas depois do voto. Então, nós vamos tentar politizar um pouco a campanha e vamos tentar, durante o processo de campanha, construir um Congresso mais forte. O melhor Congresso com que eu convivi foi a Constituinte. Você tinha um sujeito que não era de esquerda, mas era um homem de bem, como o Mário Covas[144]. Você tinha Ulysses Guimarães, que não era nenhum esquerdista, mas era um homem que tinha conquistado credibilidade pela sua vida e não cedia para a esquerda tudo o que a esquerda queria, mas também não cedia para a direita tudo o que ela queria.

**Gilberto Maringoni –** Presidente, deixe-me perguntar uma coisa que me veio à

cabeça em vários momentos nesta conversa: o senhor não manda no PT?

**Lula –** Não, eu não mando. Nem quero mandar.

**Juca Kfouri –** Mas, se o senhor não manda no PT, vai mandar no quê? No Corinthians?

**Lula –** O PT tem uma coisa diferente. Você vai entender. O PT tem uma diferença em relação à chamada "esquerda tradicional". Na esquerda histórica, tradicional, a figura do secretário-geral do partido era quase que a de um imperador. Quando o secretário-geral falava, o Comitê Central obedecia, e, muitas vezes, ele falava em nome do Comitê Central. Quando se abria um congresso, e o secretário-geral lia seu discurso, estava decidido o congresso. No PT, pela nossa formação junto ao movimento sindical, junto às comunidades de base, junto aos movimentos sociais, você não é respeitado pelo cargo que tem. Você é respeitado pelo trabalho que faz. No PT, se você não tomar cuidado, viaja daqui para Roraima e, chegando lá, faz uma reunião com a direção do partido, e, se falar alguma bobagem, o cara vai te esfregar o dedo no nariz e dizer: "Não é assim, não! Aqui não é assim, não!". E você vai ter que conversar com o cara. Essa é uma cultura que não existe nos outros partidos políticos. Não existe. Obviamente, eu sei que sou uma figura importante no PT. Sei que a minha voz pesa. Eu sei. Mas, por exemplo, minha posição foi vencida na questão da punição ao Airton Soares, em 1985, antes de ele votar [em Tancredo Neves no Colégio Eleitoral][145]. Eu achava que primeiro ele deveria cometer o crime para depois ser punido. Mas a base do PT, inclusive meu companheiro Djalma[146], outros metalúrgicos, decidiram expulsar o Airton Soares, a Bete Mendes e o José Eudes, contra a minha vontade. "É o seguinte, Lula, você é bom, mas aqui quem manda é a maioria, meu filho!" Sabe? É assim que é o PT. Eu acho isso maravilhoso. Maravilhoso.

Uma vez fui a um congresso do Partido Comunista cubano e estava com o Cervantes[147]. Eram 3 mil delegados, eu estava lá sentado, e, em toda votação, o cara falava assim [fala com acento espanhol]: "Nosotros vamos debater agora la tesis sobre industrialización. El comité preparó una proposta, submetemos ao comandante en chefe Fidel Castro hoy, que está de acuerdo. Em votação!" [risos]. Era tudo unanimidade. Aí eu falei: "Ô, Cervantes, deixa eu falar uma coisa pra você, porra. No PT, a gente se reúne, onze membros da executiva se

reúnem, e a gente faz um acordo. Da sala do acordo até o plenário, já tem divergência. Não é possível". Aí ele falou para mim: "Você vai ver que, na questão de política externa, vai ter discussão, porque não foi levada para a base discutir". Então, no dia seguinte, fui lá. Falou ao plenário um velho, o Rafael, um grande comunista: "Compañeros y compañeras, agora nosotros vamos votar la última tesis. Política externa. Nosotros não fizemos discussão na base, mas ayer nos encontramos com o comandante em chefe Fidel Castro Ruiz e elaboramos um texto e ele está de acuerdo" [risos]. Unanimidade! Eu achava do cacete!

Mas é assim. No PCdoB do João Amazonas[148], era assim. Antes do João Amazonas, devia ser pior ainda. No Partidão, era assim. Em outras organizações de esquerda… As pessoas querem democracia dentro do PT, mas, quando elas se reuniam com o grupinho de trotskistas ali, de maoístas, não tinham nada de democrático. Então, a coisa mais sagrada é que o PT é uma grande novidade política do mundo. Outro dia eu estava discutindo no avião, vindo de Cuba para cá, com o Guilherme Boulos[149], e o Guilherme, entusiasmado, porque tinha falado com o Podemos[150] e não sei das quantas. Eu falei: "Guilherme, deixa eu te dizer uma coisa, querido. Você sabe a diferença entre o PT e o Podemos? É que o PT é um ser humano de 38 anos de idade. O Podemos ainda não aprendeu a tirar a fralda; não teve nem tempo de cometer erro, porque nem começou a governar...". O Guilherme agora está querendo criar o Avante, o Vamos, o Começamos, sei lá. Ele vai perceber.

O PT deu cidadania à esquerda. A esquerda vivia marginalizada. Um monte de grupelhos escondidos por ali, por lá, aquele negócio todo. E, de repente, surge o PT, abre um guarda-chuva grande. Cada um deles é uma "aspa" dentro do partido, cada um fala. O PT foi contra a ocupação do Afeganistão[151] quando a esquerda quase toda era favorável, mesmo os trotskistas. Eu era contra a ocupação russa, era contra a ocupação americana. Achava que eles deveriam cuidar do seu nariz e pronto. Então, o PT conseguiu estabelecer uma coisa que é a convivência democrática na adversidade. A Ivana aqui não tem que pensar como eu. Ela não tem que ter a mesma religião que eu. Ela não tem que ser corintiana. Ela é o que ela quer. O que eu posso compartilhar com ela é a construção de um projeto para este país. Eu acho que essa é a grande novidade do PT. É não ter uma doutrina que exclui quem pensa diferente. Não é assim. Isso é como o fanático no futebol. O PT não é o fanático. O fanático no futebol

– como diz o nosso companheiro uruguaio, o Galeano[152] – não é aquele que vai ao campo para ver o jogo; ele vai ao jogo e fica olhando para o adversário, querendo brigar. O jogo é o que menos importa para ele. O PT não é o fanático. O PT quer ver o jogo jogado. E, se você perceber, todas as coisas mais progressistas que aconteceram neste país do ponto de vista da administração pública começaram com as prefeituras do PT nos anos 1980.

**Gilberto Maringoni –** O senhor falou de vários personagens: Covas, Prestes, Ulysses. Sempre tive curiosidade em relação a um personagem com quem o PT teve uma eterna relação de amor e ódio, que é o Brizola. O Brizola, em 1989, teve aquele episódio do segundo turno, em que transferiu quase todos os votos diretamente para o senhor. Como foi sua relação com o Brizola?

**Lula –** O Brizola era uma figura extraordinária. O problema do Brizola é que era uma figura muito forte. Ele era uma pessoa pouco dada a ouvir. Sabe aquele tipo de líder que não gosta de ouvir? Que senta numa reunião e só ele fala? Mas houve um episódio muito engraçado com o Brizola, que foi no segundo turno de 1989. Nós estabelecemos uma conversa com ele e fomos à casa dele lá na avenida Atlântica, em Copacabana. Chegamos lá e estava cheio de pedetista, todo mundo nervoso, irritado. Estava lá o Brandão Monteiro[153] do lado dele, estava o Vivaldo Barbosa[154], o Brizola e acho que mais um. Estávamos eu, o José Dirceu e o Gushiken. Começamos a conversar, e o Brizola diz: "Olha, Lula, eu queria te dizer que, no negócio da eleição, houve um empate técnico. Quinhentos mil votos não é muita coisa. Então, o que eu acho? Acho que eu e você deveríamos retirar a candidatura e apoiar o Mário Covas". Falei: "Ô, Brizola, isso aqui não é pesquisa! É um resultado eleitoral. Se o povo quisesse votar no Mário Covas, teria votado. Por que não votou, porra? Eu ganhei as eleições, eu quero conversar com você sobre o teu apoio, rapaz!". Aí entramos na questão sindical, começamos a discutir a questão trabalhista, a questão de Getúlio, e tinham me preparado para o seguinte: "Se o Brizola pegar na tua mão e te levar até a janela, é porque você ganhou ele!". E fomos conversando, conversando, aí, quando o Brizola resolveu mudar de posição, começou a mudar de pretexto e disse: "Você sabe, Lula, que estou lembrando uma coisa? A Austrália teve um primeiro-ministro sindicalista que foi o cara responsável pelo desenvolvimento do país!".

Pensei: "Ganhei". Aí ele levanta, pega minha mão, vai até a janela… [Risos.] Ele trabalhou muito no segundo turno. E por que passou todos os votos para mim? Bem, você precisa tomar muito cuidado com o que fala... O Brizola tinha certeza de que ia para o segundo turno. Ele tinha certeza. Então, todo o discurso dele era o seguinte: "Se eu ganhar, o Lula vai me apoiar. E se o Lula ganhar, eu quero dar todos os meus votos para ele". Ele cansou de dizer isso na certeza de que ia ganhar. Então, foi uma coisa, uma avalanche. Quando fui conversar com o Brizola, já havia pesquisa de que 75% dos eleitores dele tinham definido voto em mim no segundo turno[155].

**Ivana Jinkings –** Há um episódio do senhor na frente do túmulo do Getúlio que o Juca descreve no livro dele[156]...

**Lula –** O Brizola tinha certa mágoa de mim porque eu não ia ao túmulo do Getúlio [em São Borja, RS], até porque o PT era muito crítico à estrutura sindical brasileira e ao Estado Novo. O PT era crítico. Existem artigos, livros de vários intelectuais do PT fazendo uma crítica. Hoje eu não sou crítico. Hoje eu tenho compreensão dos erros, mas também sou obrigado a compreender os acertos do Getúlio. Aí o Brizola reclamava. Em 1998[157], ele queria ser meu vice. Eu, na verdade, não queria que ele fosse meu vice; queria que ele fosse senador da República. Fui ao Rio tentar conversar com ele, e ele disse: "Não, Lula, eu quero ser teu vice". E começou fazendo discurso: "Nós vamos ganhar e vamos reestatizar todas as empresas privatizadas". Falei: "Porra, Brizola, se você falar isso, nós não vamos chegar nem no segundo turno. Essas coisas, Brizola, a gente só faz se não falar. Se a gente falar, a gente não faz".

O Brizola era tão impetuoso que entrava no avião – acho que ele tinha brevê ou teve brevê um tempo –, e não adiantava o piloto dizer que não podia aterrissar. Se houvesse um buraco na nuvem, ele mandava o cara embicar no buraco da nuvem. E eu ia atrás? Eu não ia! Eu dizia pro piloto: "Meu, aqui quem manda é você". Ele chegou a ir a alguns lugares a que eu não cheguei na campanha. Eu não mandava piloto descer em buraco. Quem manda é o piloto. Dá pra ir, vai; se não dá, vamos dormir aqui, que está de bom tamanho. Aí o Brizola: "Vamos visitar o túmulo do Getúlio". Foi uma coisa… Eu estava visivelmente emocionado, e ele conversava com o Getúlio, me apresentando para o Getúlio, como se ele estivesse vivo: "Olha, dr. Getúlio, aqui nós estamos com o

Lula. Ele é um operário mesmo, de fábrica, um companheiro. Diferentemente de nós dois, que não éramos operários, ele é operário e pode fazer muita coisa neste país, dr. Getúlio. Eu vou ser vice dele". E foi falando e ficando emocionado. Ele terminou, o pessoal bateu palma, e ele disse: "Lula, você não quer falar um pouco?". Respondi: "Não, dr. Brizola, não" [risos]. Eu não tinha o que falar. Aí ele me deu um ramalhete de flores para colocar no túmulo. Eu coloquei no túmulo, e terminou a conversa. Mas ele ficou agradecido. E não foi meu vice[158].

O Brizola faz falta. Acho que pessoas do caráter do Brizola fazem falta, como faz o Miguel Arraes[159], como faz o Eduardo Campos[160]. Se o Eduardo Campos não tivesse atropelado a história, hoje nós não estaríamos discutindo campanha de Lula. Estaríamos discutindo… O Eduardo Campos seria o candidato a presidente da República com apoio do PT.

**Ivana Jinkings –** Ele não teria participado do golpe contra a presidenta Dilma?

**Lula –** Depende. Eu tinha conversado com o Eduardo Campos em junho de 2011, em Bogotá. O político que está no segundo mandato começa a ficar preocupado com o futuro. E eu sabia que ele não queria ser senador da República. Eu dizia: "Eduardo, se a Dilma estiver bem, ela tem que ser candidata à reeleição. Como é que eu vou tirar? Agora, se você quiser...". A gente estava tomando um [uísque Johnnie Walker] Blue Label: eu, ele e a Renata[161], mulher dele. Tínhamos ido a um debate sobre governança, em Bogotá, depois eu ia fazer uma palestra lá. Achei que ele tinha concordado comigo. Foi numa boa a conversa. Eu disse: "Acho que, em 2014, Eduardo, a Dilma não vai mais precisar do apoio do PMDB, porque ela não precisa mais de televisão. Quando a gente não é conhecido, a gente precisa de tempo. Quando a gente já é conhecido, não precisa de tanto tempo assim. Então, acho que a gente pode trabalhar com você na vice-presidência". Foi passando o tempo, e ele começou a ficar um pouco ressentido, talvez porque a Dilma não desse a ele o tratamento que eu dava.

A minha relação com o Eduardo era muito forte. Era forte com o Arraes, depois com o Eduardo. Eu o tratava muito bem, e ele me tratava muito bem, a ponto de alguns governadores do PT ficarem com um pouco de ciúmes da minha relação com ele. Não sei se foi por isso. Eu sei que, um dia, fui convidado… Isso já em 2012, eu estava com a garganta muito inflamada ainda...

Houve uma reunião no Rio de Janeiro, com Sérgio Cabral[162], Eduardo Campos e Jaques Wagner. E já no almoço começou uma conversa estranha. O Eduardo dizendo: "O mandato da Dilma tem que ser visto como uma peça de teatro com dois atos. Tem o primeiro ato, o segundo ato, e eu acho que o primeiro ato não está bom". De 2012 para a frente, ele achava que a Dilma não estava dando certo. Eu disse: "Eduardo, vou dizer uma coisa. Você, o Wagner e o Sérgio Cabral não me convidaram aqui para falar mal da Dilma. Espero que não seja para isso. Se vocês quiserem falar mal da Dilma, vocês têm acesso ao gabinete dela, telefonem para ela e vão lá dizer a ela. Não para mim. Vamos mudar de assunto porque...". Aí paramos de conversar sobre o assunto, e nunca mais se recuperou a relação de amizade. Nunca mais. Foi uma pena. Acho que o Brasil perdeu com isso.

**Juca Kfouri –** Esse almoço foi decisivo para que ele se afastasse?

**Lula –** Eu acho que ele já estava com o sentimento de que não dava para conviver com a Dilma. Ele já estava pensando que talvez fosse a vez dele. Aí começou aquele discurso de todo mundo: "Se o Lula for candidato, eu não vou ser. Se o Lula for candidato, eu não vou ser". E me telefonava: "Lula, se você for, eu não vou". E foi. Foi uma pena. Eu acho que o Brasil perdeu muito. Se ele não tivesse sido candidato, ele não estaria no avião. Estaria comigo no estúdio, gravando – na hora em que eu soube da notícia de que o avião tinha caído, estava gravando no estúdio. Mas foi uma pena. Então, as pessoas são assim. As pessoas precisam ter paciência.

Por exemplo, eu vejo o companheiro Ciro Gomes[163]. Eu gosto do Ciro. Só acho que o Ciro faz parte de um grupo seleto de pessoas que sabem tanto das coisas que nem perguntam para a gente "como vai?", porque já sabem como a gente vai. A gente não pergunta porque não sabe, a gente pergunta por humildade, para deixar os outros se sentirem bem ao responderem como vão. Então, o que eu acho? Acho que o Ciro precisaria aprender a conquistar o PT. Porque ninguém será candidato pela esquerda sem o apoio do PT. Ofender o PT e ofender o Lula é uma desnecessidade. Pode até me ofender, mas diga: "Não gosto do Lula, mas adoro o PT". Ele não diz. Ele esculhamba com o PT.

**Juca Kfouri –** Mas parece o contrário. A sensação que passa é que ele gosta do

senhor e não do PT.

**Lula –** Ah, mas ele fala mal. Ele não perde a oportunidade. Bom, é uma pena, porque eu gosto do Ciro. Acho que ele é uma figura inteligente. Inteligente até certo ponto, porque, se fosse inteligente mesmo, estaria defendendo o PT agora, se acredita mesmo que não vou ser candidato.

Boa parte da classe política não quer que eu seja candidato. O Alckmin[164] diz o seguinte: “O Lula não pode ser candidato porque, se for candidato, nós só temos uma vaga para disputar. Uma vai ser dele, porque ele vai para o segundo turno. Ou ele pode ganhar no primeiro turno. Então, se ele não for, tudo fica mais ou menos igual. Caminhão de melancia, todo mundo vai, com uma diferenciação para o Bolsonaro”[165].

Agora o Temer, com essa história da intervenção no Rio de Janeiro[166], está lançando a candidatura dele. Veja, ele trocou uma proposta que tinha 80% de rejeição do povo [a reforma da Previdência] para colocar no lugar uma que tem 80% de aprovação da sociedade, que é a questão da segurança. O PMDB tem *expertise* nisso, porque o Plano Cruzado[167] foi lançado em 26 de fevereiro de 1986 e terminou em outubro de 1986. Durou até as eleições: 23 governadores e 306 constituintes. E o Temer já estava no PMDB. Então, ele está fazendo uma jogada. Como ninguém quer defender o governo dele, eu acho que ele está jogando na hipótese de que, se eu não for candidato, o único que está meio consolidado é o Bolsonaro, com o discurso sobre segurança. “Se eu fizer a intervenção, se der uma militarizada nesse problema, posso acabar com o Bolsonaro e aí vou ser o candidato da segurança pública”. Como está todo mundo aí nas pesquisas com 6%, 7%, 8%, ele pensa: “Eu posso recuperar a minha imagem e posso passar para a história como o cara que, pelo menos temporariamente, acabou com o problema da violência”. Foi por isso que tomou a decisão. E não se assustem se ele fizer o mesmo em outros estados.

**Gilberto Maringoni –** O senhor acha que essa intervenção é um fechamento do governo?

**Lula –** Do ponto de vista de quem sonha com democracia, é complicado o processo. É delicado. Eu não acredito que dê certo.

**Juca Kfouri –** Mas é um retrocesso?

**Lula –** Para a democracia, é um retrocesso. Primeiro, porque você desacredita a sociedade civil. Segundo, o Exército não está preparado para lidar com bandido urbano. O Exército existe para defender a soberania do Brasil contra possíveis inimigos externos. Contra inimigos externos, você não conversa. Você atira. Não é isso que vai acontecer em uma favela. Segundo, o Exército já ficou na favela da Maré um ano e não deu em nada. Terceiro, ninguém explica por que as UPPs[168], que eram um sucesso extraordinário quando foram lançadas, deram em nada. Nem a Globo fala mais em UPP. Então, por que não deu certo a UPP? Pô, subia tanque do Exército naquelas favelas, era um show. A sociedade acreditava que ia dar certo. Por que não deu certo? Sabe por quê? Eu acho que porque algumas coisas precisavam ser colocadas em prática. É importante lembrar que, antes da Constituição de 1988, quem cuidava das polícias eram as Forças Armadas. Os estados e nós, democratas do Brasil, brigamos a vida inteira para tirar as Forças Armadas da segurança pública, para ela ser responsabilidade dos estados. Os estados nunca aceitaram intervenção porque a polícia é um espaço de poder que eles utilizam muito bem. Tanto é que ninguém quer abrir mão. O Pezão[169] não pediu intervenção. Eles é que decidiram fazer intervenção.

Obviamente, as Forças Armadas têm um papel extraordinário. Nós temos 8 mil quilômetros de fronteira marítima. E boa parte das coisas que entram no Brasil chega pelo mar. É só ir ao lago de Itaipu para ver o contrabando. Não precisa ir ao oceano Atlântico. Você pode evitar que a droga entre no Brasil se tiver certo controle das instituições policiais do país. E temos 16 mil quilômetros de fronteira seca quase sem controle. Eu lembro que, durante meu governo, decidimos dar poder de polícia ao Exército, para ele poder prender. Não adianta você ver um ladrão e não poder prender: “Ô, fulano, não pode traficar, não pode contrabandear, pode voltar!”.

Então, temos que ter um sistema para cuidar da nossa fronteira. No meu governo, já discutíamos a compra daqueles aviões teleguiados israelenses, não tripulados. Você precisava colocar a Polícia Federal na fronteira; os policiais federais não têm que ficar nesses prédios enormes, em São Paulo e Brasília. Uma parte deles precisa estar na fronteira! Essa é uma coisa que as Forças Armadas poderiam fazer de forma extraordinária. Se a gente não for por esse caminho, estamos perdidos, porque quando precisar… Quando o Paraguai nos atacar

[risos], nós estaremos com nosso Exército ocupado numa favela? Aí não dá para tirar. Como é que nós vamos fazer?

Temer poderia ter chamado os secretários de Segurança, os governadores; ter chamado o Exército, a Aeronáutica, a Marinha; ter chamado alguns especialistas e feito uma discussão séria sobre a questão da segurança pública. Eu propus criar a Guarda Nacional, uma polícia mais preparada, que, em caso de emergência, quando solicitada pelo governador, pudesse intervir no estado para ajudar a polícia local. Eles nem falaram em Guarda Nacional. Então, eu temo que, quando terminar tudo isso…

**Juca Kfouri –** O Cláudio Lembo[170] cunhou numa palestra esses dias a seguinte frase: "O problema de você tirar o Exército do quartel é que depois é difícil fazê-lo voltar". E disse mais: "Eu sei, porque participei disso. Eu sei, porque, em 1964, eu participei disso".

**Lula –** Aliás, pense num cara de direita de quem eu gosto. É o Cláudio Lembo. De uma dignidade pessoal extraordinária... Então, acho que, no Brasil, as pessoas precisam começar a descobrir que tudo o que cheira a pirotecnia termina não dando certo. O problema não é de pirotecnia. O problema é de política perene, duradoura. E, para mim, está tudo muito ligado à situação socioeconômica do país. Hoje, eu fui para a academia, cheguei às cinco e meia da manhã. A menina que trabalha lá mora no Montanhão [bairro da periferia de São Bernardo do Campo], é filha da faxineira do Sindicato [dos Metalúrgicos de São Bernardo] e é casada com um menino que trabalha na TVT [emissora de televisão dos sindicatos dos Metalúrgicos do ABC e dos Bancários de São Paulo, Osasco e Região]. Ela sai de casa às quatro e meia da manhã, de ônibus. Hoje desceu na [rua] Marechal Deodoro [no centro de São Bernardo] para subir a rua da padaria, e um cara pegou ela pelo braço e falou: "Vá me dando seu celular e vá me dando o dinheiro que você tem". Arranhou o braço dela porque segurou com muita força. Pegou ela pelo pescoço e falou: "Eu tô armado. Eu só quero o celular. Me dá o celular". Isso acontece todo dia.

Um país em que as pessoas assaltam e matam por um celular, por uma jaqueta, por um tênis… Isso está muito menos ligado à bandidagem e muito mais ligado à questão socioeconômica. Pobre roubando pobre! A Joana, minha cunhada, que trabalha lá em casa, estava indo trabalhar, o cara põe a mão no ombro dela e diz: "Olha, celular. E não fale nada". "Mas eu não tenho celular!"

“Você tem, sim.” Na verdade, ela tinha, mas acho que colocou dentro do sapato, ou dentro das calças, sei lá onde. E o cara falou o seguinte: “Dinheiro”. “Ah, mas eu só tenho o dinheiro da passagem.” “Me dê o dinheiro. Na outra vez que eu lhe encontrar, eu quero o seu celular, viu?” Ela chegou em casa apavorada, sabe?

Num país em que as pessoas assaltam por isso, você acha que é o Exército que vai resolver? O povo tem que ser tratado com um pouco de respeito, porque também fica assustado. Agora, vamos ver… Como é que funcionam esses programas de televisão, gente? Na verdade, esses programas de televisão, tipo Datena[171], são um incentivo à criminalidade. Não têm nada de educativo. Ali é bate, mata e mata.

Eu não sei se disse a vocês. Quem é que matou aquele jornalista da Globo que foi à festa do funk? O Tim[172]. Quem matou foi a Globo! A Globo mandou o cara ir à favela clandestino, quando ele poderia ter comunicado: “Olha, estou indo ali fazer uma matéria”. Como é que você manda um cara assim? Aí, depois ele morre, e você vai culpar os outros?

Então, acho que a discussão sobre segurança pública é mais profunda do que colocar lá o Exército e dizer: “Tá acabado! Ganhei. A opinião pública vai ficar feliz. Vai ter um tanque na rua. Vai ficar tudo maravilhoso”. Isso é irresponsabilidade. Irresponsabilidade com o Exército, irresponsabilidade com o povo, e demonstra que você não está discutindo com seriedade a questão da segurança.

Se esse povo tiver emprego… O que acontece com esses crimes? O moleque de 14 anos não é um bandido. Ele não é um assassino. Ele pode virar. Se o Estado não der a ele a oportunidade de não virar… Então, o que acontece? A criminalidade é maior onde o Estado não existe. A ausência do Estado com políticas públicas é responsável por uma parte dessa meninada que se perde, que morre.

**Maria Inês Nassif –** Esse tipo de criminalidade reduziu nos governos do PT?

**Lula –** Eu não tenho as estatísticas aqui. De qualquer forma, como o combate à criminalidade é de responsabilidade dos governos estaduais, o assunto é complexo. Nós criamos o Pronasci[173], que tinha a finalidade de criar escolas de qualidade para recuperar essa meninada e depois parou. Eu lembro de um bandido chamado Nem[174], que deu uma entrevista na revista *poca*: “Meu

ídolo é o Lula. Adoro o Lula. Ele foi quem combateu o crime com mais sucesso. Por causa do PAC da Rocinha. Cinquenta dos meus homens saíram do tráfico para trabalhar nas obras. Sabe quantos voltaram para o crime? Nenhum. Porque viram que tinham trabalho e futuro na construção civil"[175].

O combate ao crime está ligado a um trabalho policial inteligente e também a emprego, oportunidade, educação, espaços de lazer e de cultura na favela, às pessoas perceberem que o prefeito está cuidando delas, que o poder público está ali cuidando delas. Mas elas nascem abandonadas.

Precisamos fazer a discussão: quem vai cuidar da segurança pública? Se é o governo federal, vamos discutir. E qual é o papel dos estados? Não pode ser assim como está hoje. Não existe mais autoridade civil no Rio de Janeiro. A intervenção foi um desrespeito com o Pezão, porque o problema não é só dele. Se você for ao Acre, se você for ao Ceará, todos estão reclamando da falta de segurança.

Eu lembro que dentro do Pronasci tínhamos um programa, as Mães da Paz. Fui lançar lá em Pernambuco. Eram mulheres que iam cuidar de meninos que estivessem cometendo delitos. Essa molecada tem que poder pensar: "Alguém está me oferecendo outro caminho, uma chance". Se você não oferece, alguém oferece. Então, até pedi para o Fernando Haddad[176], na elaboração do programa de governo, chamar os nossos governadores, chamar alguns especialistas e tentar fazer uma proposta.

Não dá para ficar só xingando. Não adianta só dizer que a polícia é assassina. Não dá para dizer que ninguém está cometendo crime. Tem um pouco de tudo. É preciso reunir quem entende para fazer uma proposta que seja consistente.

**Juca Kfouri –** O senhor ainda consegue ter confiança no último tribunal, o Supremo?

**Lula –** Preciso ter confiança. Se eu perder a confiança no Poder Judiciário, preciso parar de ser político e dizer que as coisas neste país só vão se resolver na base de uma revolução. Como também não acredito em tribunal popular, continuo acreditando na democracia e no funcionamento de todas as instituições. Que o Poder Judiciário cumpra seu papel, o Poder Executivo cumpra o seu papel, o Legislativo cumpra seu papel, o sindicato… Sabe? Tudo vai funcionar.

**Juca Kfouri –** Houve um estadista (não sei se ele foi tão estadista assim, mas, enfim, entrou para a história como se houvesse sido) que disse o seguinte: "O país que torna uma revolução pacífica impossível torna a revolução violenta inadiável". O estadista que disse isso se chamou John Fitzgerald Kennedy. Não foi Fidel Castro, não foi Che Guevara, não foi Mao Tsé-tung. Foi o Kennedy. Faz sentido isso?

**Lula –** Faz sentido. Aliás, o companheiro Mino Carta[177], em 1994, colocou na capa da *Carta Capital* uma manchete dizendo: "A elite brasileira está levando o Lula para a esquerda". É um caminho longo esse de aprender a construir o processo democrático… Para vocês terem uma ideia, em 1985 dei uma entrevista para a *Folha de  aulo* em que eu dizia que não via a possibilidade de um metalúrgico chegar à Presidência pela via do voto direto.

Menos de cinco anos depois, em 1989, terminei o segundo turno com 47% dos votos. Descobri que era possível. E fiz uma opção de construir a democracia para chegar ao poder. E chegamos. Perdemos três eleições [1989, 1994 e 1998], mas chegamos. E pudemos fazer coisas importantes. O que eu compreendo, o que eu aprendi? Que chegar ao governo é diferente de chegar ao poder. Agora, é importante você levar em conta que, muitas vezes, essa compreensão da chegada ao poder… Você começa a virar um pouco ditador. Não quero controlar o Poder Judiciário. Não quero que o Poder Judiciário seja bom para mim. Quando indiquei ministros para o Supremo[178], não indiquei pensando em fazerem favor para mim. Meu desejo era que eles fossem coerentes com a nossa Constituição e que cumprissem aquilo que estava na Constituição. Vocês podem perguntar para eles se eu tive, por um segundo sequer, alguma conversa assim: "Olha, eu vou precisar de você!". Nunca tive. Não foi para isso que indiquei. Não foi para isso que eu tentei fortalecer as instituições democráticas.

Então, quando alguém diz que precisa chegar ao poder, significa que tem que mandar em tudo. Eu não quero. Acho que a coisa mais gostosa da nossa passagem pela Terra é essa convivência fraternal na diversidade. Em vez de ter um sem-terra e um ruralista se matando no campo de batalha, é muito mais bonito vê-los digladiando no Congresso Nacional, argumentando, provando tudo, votando... E vença aquele que tem melhor argumento. Eu acredito nisso. Acho que no Brasil, lamentavelmente, a democracia não é regra, é exceção. E isso é

> **Jamais imaginei, depois de 1988, que a gente teria outro golpe. Eles civilizaram o golpe, modernizaram o golpe.**

triste, porque eu jamais imaginei, depois de 1988, que a gente teria outro golpe. Eles civilizaram o golpe, modernizaram o golpe; ou seja, antes você tinha guerra civil, agora não precisa mais ter guerra civil. Não precisa dar um golpe militar. Você faz dentro da lei: constrói a maioria, consegue ganhar a opinião pública, tem a imprensa para prestar o serviço. A imprensa presta o serviço, você, então, cria uma maioria da sociedade contra o governo, cria uma maioria dos parlamentares contra o governo e dá legalidade a tudo. E acontece o que estamos vendo no Brasil.

**Ivana Jinkings –** E o Judiciário está totalmente refém da imprensa no Brasil.

**Lula –** O mais grave é a falta de capacidade de indignação da sociedade. Mas não é só com a democracia. É a falta de indignação da sociedade com gente que está dormindo na rua. É a falta de indignação da sociedade quando eles acabam com investimento em ciência e tecnologia, quando querem acabar com o Fies, quando querem acabar com o Prouni, quando acham que fazer doutorado no estrangeiro é gasto desnecessário. E não é gente pobre, não. Cadê a academia se manifestando contra a retirada de dinheiro de ciência e tecnologia? É isso que me deixa puto da vida! Às vezes, fico pensando o seguinte: sempre achei que era a educação, a escola, que dava consciência política para as pessoas. Porra nenhuma! O que a gente está vendo é um bando de conservadores que não têm coragem de reagir em defesa dos seus interesses. O filho dessas pessoas não vai ter as mesmas coisas que tinha três anos atrás! A falta de perspectiva... E, se a sociedade não se indignar com isso, quando é que vai se indignar?

Então, quero voltar para ter o prazer de dizer o seguinte: “No meu governo, educação não será vista como gasto. Vai entrar na rubrica de investimento!”. Este país não será competitivo – nem industrialmente nem tecnologicamente – se não tiver investimento em educação. A gente lê a história e vê o que acontece no mundo inteiro… Como é que se desenvolveram os Estados Unidos? Como é que a Coreia [do Sul] virou o que virou? Como é que a Alemanha virou o que virou? Educação! Aqui no Brasil, não. Nós achamos que, do jeito que está, está bom. É preciso haver milhões de pessoas dizendo: “Olhe, este país tem que voltar a investir em educação. O Temer que vá gastar dinheiro em outro lugar, mas educação tem que ter prioridade”. Senão, a gente não vai para lugar nenhum.

**Este país não será competitivo – nem industrialmente nem tecnologicamente – se não tiver investimento em educação.**

Este país é tão hipócrita que, antes do meu governo, o ministro da Educação não tinha coragem de receber reitores das universidades! Conte nos dedos os presidentes da República que foram visitar universidades neste país. Qual foi o presidente da República que recebeu reitores? Pois eu, durante oito anos, fazia uma reunião anual com reitores das universidades federais e do IFSP[179]. Todo ano! Está certo que nós só começamos a ter universidade em 1920. O Peru teve em 1550. Nós demoramos quase quatrocentos anos! Essa é a elite brasileira. Esse é o nosso legado da elite brasileira. Para que universidade aqui? Para quê? O povo não tem que saber.

Você pega São Paulo, que é o estado mais importante. São Paulo perdeu a guerra, correto? Perdeu a batalha de 1932[180]. O que eles fizeram? Ganharam a consciência do país fazendo a USP[181]. Perderam a guerra, mas ganharam a batalha cultural, educacional. Vamos fazer a cabeça pensante deste país.

**Ivana Jinkings –** Dá para dizer de novo, como na manchete de 1994, que as classes dominantes estão empurrando o senhor mais para a esquerda?

**Lula –** Bem, em toda a minha vida de movimento sindical, sempre achei que a questão da luta de classes era colocada no discurso político pelos de baixo. Depois das passeatas de 2013, ela foi colocada pelos de cima. Não é mais um sindicalista que está falando. Quem está falando é a parte de cima, que não quer se misturar!

**Ivana Jinkings –** Mas a elite diz que o senhor é que estimula a luta de classes. E que lidera uma quadrilha.

**Lula –** Vou contar duas histórias que eu gosto de contar, há muito tempo, para mostrar a esses que acham que sou ladrão um pouco da minha vida. Eu estudava no colégio Visconde de Itaúna[182], que é aqui perto, e morava na Vila Carioca[183]. Era longe. Eu passava por uma rua que tinha feira. E, naquele tempo, no Brasil, a gente não tinha maçã, era coisa rara. Então, existiam umas caixinhas que vinham com maçã argentina. Lembro do papelzinho azul que vinha embrulhando cada maçã. Eu passava por aquela feira e tinha uma vontade de comer uma maçã daquela… Sabe o que é um moleque de 12 anos ter vontade de comer maçã? E, naquele tempo, se roubasse, eu ia correr. Se o cara me

pegasse, não ia me bater; ia me levar para a minha mãe e contar o que eu tinha feito. Então, como eu não queria envergonhar a minha mãe, ficava olhando, minha boca se enchia de água, eu engolia a água e ia pra casa sem minha maçã. Isso durou meses e meses e meses, enquanto eu estava estudando no colégio. Conto isso para mostrar: se eu não roubei uma maçã quando estava com fome, virei presidente da República e vou roubar um real, dois reais?

A outra história é sobre a minha vontade de mascar chiclete americano. Naquele tempo – faz tempo! –, a gente chamava de chiclete americano ou Ping Pong[184]. Eu conhecia uns caras que compravam aquele chiclete americano e ficavam o dia inteiro mascando e fazendo bola. Nunca pude comprar uma porra daquela! E tinha um tal de Boquita – que era filho de um cara de Sergipe, de Aracaju –, que ficava com chiclete o dia inteiro na boca. E a gente jogando bola, brincando. Quando ele ia jogar o chiclete fora, eu pedia para mim, lavava e colocava na boca para fazer bola. Um filho da puta que passou por isso e chega à Presidência da República com o compromisso que eu cheguei vai sujar o nome roubando um centavo neste país?

É por isso que eu desafio a classe empresarial. Desafio qualquer empresário do Brasil, qualquer governador de estado que conviveu comigo, qualquer deputado, qualquer senador, qualquer jornalista, qualquer um, a dizer que um dia pedi cinco reais para um deles. Eu não faço isso de bravata, não.

Pode aparecer o Emílio Odebrecht e dizer: “Eu dei dinheiro para o Lula”. Diga onde é que você depositou, onde você entregou, qual é a minha conta em que você colocou? Se alguém pegou o dinheiro em meu nome, diga para quem você deu. Não venha querer me incluir nesse negócio, não. Eu faço isso porque vir de onde eu vim e aprender a andar de cabeça erguida não é pouca coisa. E, se você baixar a cabeça, os caras botam uma canga e você nunca mais levanta a cabeça.

Então, eu conto isso para ver se as pessoas entendem que não aceito essa ideia de que todo mundo tem seu preço. “Não existe mulher séria, existe mulher mal cantada” – não aceito esses discursinhos canalhas.

Eu não tenho preço. E, se tivesse preço, ele seria tão impagável quanto o Messi[185] no Barcelona: não existe ninguém que queira comprar, porque sabe que não pode pagar. Então, é isso.

**Juca Kfouri –** Presidente, essa sanha das elites contra o PT chegou ao auge na

disputa de 2014; o segundo turno foi uma loucura...

**Lula –** A possibilidade de reeleição da Dilma em 2014 apavorou-os, porque eles imaginaram que depois disso eu poderia ganhar em 2018 e ser reeleito, e a gente seria o partido mais longevo no governo do país, pelo menos 23 anos. Eu participei de muitas campanhas, nunca vi tanto radicalismo como na campanha da Dilma. Achei que, pelo fato de nossa candidata ser mulher, eles seriam mais educados, respeitosos, mas a virulência foi a maior que eu vi. Não foi assim quando disputei com o Collor[186], com o Serra e com o Alckmin. O Alckmin, coitado, como não tem cara de raivoso mesmo que queira, quanto mais falava mal nos debates, quanto mais gritava, mais perdia voto. Eu e o Serra nos tratamos com muito respeito, e com o Alckmin foi civilizado também. Mas o Aécio[187] saiu completamente disso.

**Juca Kfouri –** Mas ali podia haver um componente de machismo?

**Lula –** Não, acho que era o componente da disputa ideológica, política, e eles acreditavam que ali poderiam detonar o PT de vez. A quantidade de mentiras, de acusações, aquela capa da *e a* ser publicada dois dias antes, de que Lula e Dilma sabiam[188], a revista ser antecipada, três dias antes da eleição... A *e a* foi distribuída no país inteiro. Foi uma operação. Pela primeira vez, a elite brasileira tinha criado um alto-comando, tinha encontrado um candidato para fazer o jogo e foi pra cima com tudo.

Nossa sorte foi que uma parcela significativa da sociedade, sobretudo na juventude e na periferia, quando se deu conta de que corríamos o risco de perder as eleições e o Aécio virar presidente da República, veio com muita força apoiar a Dilma e conseguiu virar o jogo. A virada do jogo foi uma coisa que eles não esperavam. Eles, em Minas Gerais, já estavam festejando a vitória.

**A Dilma estava olhando para o infinito e falou pra mim assim: "Nunca mais participo de um debate". Eu estranhei, porque ela tinha acabado de ganhar as eleições.**

Eu lembro que saí daqui umas cinco da tarde para ir a Brasília, e me ligou um pesquisador perguntando: "Presidente, o senhor está onde?". "Eu estou indo pra Brasília." "Pois deixe lhe dizer uma coisa: vai ser apertado, mas o PT ganhou as eleições; a diferença vai ser pequena." Cheguei lá, e o clima era muito tenso, muito tenso, sobretudo na coordenação, entre o pessoal que trabalhou na publicidade, com aquele negócio de o Aécio estar na frente,

a apuração acabando, e ele na frente... Na hora em que saiu o resultado favorável a Dilma, uma coisa que eu senti e não vou esquecer nunca – já falei pra vocês no começo da entrevista – é que fiquei mesmo com a impressão de que ela não gostou de ter ganhado. Ela estava olhando para o infinito, olhando para a frente, e falou pra mim assim: "Nunca mais participo de um debate". Eu estranhei, porque ela tinha acabado de ganhar as eleições, e, quanto mais apertado, mais você fica... Sabe aquele time que está perdendo de 4 a 3 e, faltando dois minutos, marca o gol do empate? O empate vira vitória.

**Juca Kfouri –** Mas, se foi essa a sua sensação, como se explica que ela não tenha permitido que o senhor fosse o candidato, em vez dela mesma?

**Lula –** Não sei, é que nós, seres humanos, reagimos a emoções, e o jeito como você reagiu ontem não é o mesmo como você reage hoje. Eu tinha a clareza de que 2014 seria o ano para que eu voltasse à Presidência da República, mas tinha clareza também de que eu devia respeito à democracia estabelecida pelo próprio partido. Quando indiquei a Dilma [para a eleição de 2010], disseram-me que ela seria uma "candidata-tampão", que a gente deveria se reunir com ela e dizer que ela seria candidata só para guardar a vaga para o Lula voltar. Eu recusei a ideia da candidata-tampão, ela era candidata plena e, se ela fosse bem, teria o direito de ser candidata à reeleição. A única possibilidade de eu ser candidato era se a Dilma me procurasse e dissesse: "Lula, eu acho que você deveria voltar a ser candidato". Como ela nunca me procurou, e o partido começou a insinuar uma campanha "volta, Lula", eu fui a um ato no Anhembi, a Dilma estava chegando, e aí acabei com a ideia do "volta, Lula". "É preciso parar com brincadeira, nós temos candidata, que é a Dilma, e vamos à luta".

**Ivana Jinkings –** Mas vocês dois nunca discutiram isso?

**Tenho uma relação com a Dilma de muita honestidade, muita fidelidade, muito companheirismo. Ela sempre me tratou muito bem, sempre me respeitou.**

**Lula –** Não, nunca. Eu jamais tive coragem de tocar no assunto. Tive uma experiência muito ruim, quando o Olívio Dutra[189] era governador no Rio Grande do Sul: o Tarso Genro[190] sugeriu fazer uma prévia, e o Olívio Dutra aceitou. Eu falei: "Olívio, você não pode aceitar a prévia. Se aceitar, significa que está atendendo a um conjunto de companheiros do PT que estão dizendo que você não foi

um bom governador. Mesmo que você ganhe a prévia, vai ser difícil ganhar as eleições. Porque você foi questionado internamente!". E o que aconteceu? Nós perdemos a eleição. Então, eu jamais tocaria nesse assunto com ela. Lembro que uma vez veio um ministro aqui perguntar, não sei se a mando dela ou não: "Olha, a presidenta está preocupada se você quer voltar ou não". Eu falei: "Não quero voltar coisa nenhuma, ela que tem que decidir se é candidata ou não. Se ela decidir ser candidata a um segundo mandato, tem direito legítimo". Aí teve problemas dentro do PT, diziam que poderia ter sido feita a discussão, alguns companheiros que trabalhavam comigo queriam que eu fosse o candidato, mas eu dizia: "Eu não posso chegar para uma companheira que está no mandato e dizer 'acabou seu tempo, saia que eu quero voltar'". Eu jamais falaria isso. E tenho uma relação com a Dilma de muita honestidade, muita fidelidade, muito companheirismo. Ela sempre me tratou muito bem, sempre me respeitou.

**Juca Kfouri –** O senhor não acha que errou ao indicá-la?

**Lula –** Não. Muita gente dizia que eu não devia ter indicado a Dilma, porque ela nunca tinha sido vereadora, nunca tinha sido não sei das quantas[191]... Por que eu indiquei a Dilma? Primeiro, porque os principais quadros do PT estavam baleados, e a Dilma, quando eu a trouxe para a Casa Civil, me deu uma tranquilidade de trabalho excepcional. Era como se ela fosse meu segurança para boas causas. Cumpria tudo o que eu queria mais rápido do que eu imaginava e com mais eficácia. E de uma lealdade, de uma fidelidade, para que nenhum ministro mentisse pra mim... Sabe, extraordinária. Então, na hora de escolher, você pergunta: "Quem eu vou escolher pra ser candidato a presidente?". Ela estava comigo, eu a designei como mãe do PAC[192], ela trabalhava... Se você pegasse a Dilma, a Graça Foster[193], a Miriam Belchior[194] e a Tereza Campello[195], essas mulheres eram um quarteto que valia ouro no meu governo, porque o que eu pedia no sábado à noite na segunda estava entregue.

**A Dilma, a Graça Foster, a Miriam Belchior e a Tereza Campello, essas mulheres eram um quarteto que valia ouro no meu governo, porque o que eu pedia no sábado à noite na segunda estava entregue.**

**Juca Kfouri –** Mas o senhor não avaliou em nenhum momento que ela não tinha a sua prática de conversar com parlamentares?

**Lula –** Mas eu imaginava que a Dilma aprenderia. Eu aprendi, então ela também deveria aprender: uma mulher formada, com mestrado, doutorado, ela sabe muito mais do que eu, então ela podia aprender com facilidade. Além do que, ela tem um partido político com experiência, com gente experiente. No começo da entrevista, eu falei para vocês sobre a indicação da Ideli Salvatti como coordenadora política do governo no lugar do Padilha[196]. Foi um erro. Mas aí era um direito da presidenta escolher quem ela quisesse. Ela tinha gente de sobra com militância política, articulação política para ajudá-la; o importante é saber se ela queria ou não. Se ela aceitava ou não.

**Gilberto Maringoni –** Aquele começo de governo, já entre a reeleição e o começo do governo, foi conturbado. Ela foi reeleita com 54 milhões de votos, e, logo em maio, caiu muito a popularidade do governo. Que erros podem ter sido cometidos entre a eleição e o começo do governo?

**Lula –** Quando você entra no seu segundo mandato... É duro dar uma entrevista sem falar mal das pessoas [risos]. Mas, quando começou o segundo mandato, eu fui conversar com a Dilma, mostrando que algumas coisas tinham que mudar, fui discutir com ela a Casa Civil, o Ministério da Justiça, o Ministério da Fazenda, fui conversar sobre o tempo de fazer as coisas. Porque tudo tem um tempo. Se você não tomar cuidado hoje, se você não pedir hoje a mulher que você ama em casamento, alguém pode passar na sua frente, então peça hoje! Mas ela tinha um tempo dela, as coisas em que ela acreditava. Havia alguém no governo que tentava mostrar pra Dilma que o segundo mandato dela deveria ser a cara dela. Eu, sinceramente, acho que o João Santana[197] teve um papel nessa história de tentar criar uma imagem própria da Dilma, desvinculada do Lula. Vou contar algo pra vocês: na campanha de 2010, eu estava em Belém, e a Dilma me procurou. Primeiro, recebi um telefonema, dizendo: “Tiraram você da televisão, e a Dilma começou a cair. Se você não voltar pra televisão, ela vai perder a eleição”. Eu fui me encontrar com a Dilma, lá em Belém, num comício nosso, dela e da Ana Júlia[198], que era nossa candidata a governadora. Quando chego no palanque, a Dilma me diz: “Presidente, o senhor sabe que eles estão querendo me desmamar do senhor, mas eu não quero”. Quem eram eles? A coordenação da campanha era o Zé Eduardo Dutra[199], o Zé Eduardo Cardozo e o Palocci, mais o João Santana, que era o publicitário, e o Gilberto

Carvalho[200], que era uma espécie de ligação da Dilma com esse pessoal. Só sei que, quando a Dilma me falou isso, eu do palanque mesmo liguei pro Gilberto Carvalho e falei: "Gilberto, você diga pro João Santana, pro Palocci e pros dois Zé Eduardo que eu quero uma reunião com eles amanhã de manhã quando eu chegar em Brasília". Cheguei muito irritado para a reunião. A pergunta era: "Eu quero saber quem de vocês aqui tem voto. Quem de vocês tem voto. Porque, se vocês não têm voto, eu tenho. E quem decidiu essa história do desmame? Porque, que eu saiba, ninguém estava querendo desmamar, ou seja, é preciso engordar mais o bezerrinho antes de desmamar, e engordar é só quando a gente ganhar essas eleições". Aí exigi gravar um programa, e a coisa voltou à normalidade.

Depois – eu tenho sinais, e as pessoas falam –, houve vários momentos em que tentaram separar o governo da Dilma do governo Lula. Deixa eu dar um exemplo. No meu governo, a Clara Ant[201] produzia um boletim interno chamado *Destaque*, para dar unidade de compreensão das ações do governo aos próprios líderes do governo. Então, todo ministro, em qualquer lugar do Brasil, ficava sabendo o que estava sendo feito no governo. E passou um tempo sem sair o *Destaque* depois da eleição da Dilma, então perguntei pra ela: "Você está sabendo que não está saindo o *Destaque*?". Era normal que ainda não tivesse saído, porque ela tinha um, dois, três meses de governo e talvez não tivesse coisa para escrever. E eu disse de novo pra ela: "Dilma, se a gente vai fazer um governo de continuidade, cada uma daquelas coisas que já vinham sendo feitas, vá colocando no seu mandato, não tem problema". Mas não. As pessoas que fizeram o boletim para a Dilma trataram de fazer a divisão, talvez por razões técnicas, sei lá. Eu sentia que havia uma forçação de barra para tentar separar os dois governos. Isso logo em 2011.

Já na campanha de 2014, eu lembro que houve uma reunião de coordenação, e a ideia que prevalecia no pessoal do governo – não da Dilma, mas do governo, inclusive de publicidade – era de que aquele seria de fato o primeiro mandato da Dilma, e isso deveria ser passado para a sociedade. Essa foi uma coisa trabalhada pelo companheiro João Santana, que achava que era preciso trabalhar aquele mandato como o primeiro mandato Dilma "puro-sangue". Houve uma discussão muito séria, e nós mostramos por números que ou você passava a ideia de continuidade, ou nós estávamos arrasados. E isso por números. Então, o "Muda Mais" [um dos motes da campanha de 2014] foi criado em função dessa

briga. A ideia central da coordenação de publicidade dela era um mandato como o primeiro, o que seria um desastre.

Ora, o que aconteceu depois de 2014? Nós ganhamos a eleição com um discurso. A Dilma dizia "nem que a vaca tussa eu vou mexer nisso, nem que a vaca tussa eu não vou fazer aquilo", e isso levou a juventude da periferia, os movimentos funk, rap, punk, o que você possa imaginar, companheiros do Psol e muito mais gente a mostrar a cara para dizer que a direita não podia ganhar.

Aí, primeiro veio o Levy como ministro da Fazenda, o que foi um desastre para a nossa militância. Depois, a proposta de Reforma da Previdência apresentada no dia 29 de dezembro [de 2014]. Quem é militante de base do partido sabe que ali nós perdemos muita credibilidade. A Dilma sabe disso, ela tem clareza de que ali perdemos credibilidade. O nosso povo do movimento social, do movimento sindical, dizia: "Fomos traídos". Esse é o sentimento da militância. E aí os adversários não nos perdoaram. Qual era a propaganda do PSDB? "Estelionato eleitoral." Isso nos fragilizou demais.

**Primeiro veio o Levy como ministro da Fazenda, o que foi um desastre para a nossa militância. Depois, a proposta de Reforma da Previdência apresentada no dia 29 de dezembro [de 2014]. Quem é militante de base do partido sabe que ali nós perdemos muita credibilidade.**

**Gilberto Maringoni –** Presidente, a imprensa é um tema que atravessou esta entrevista. E é mesmo um assunto central no Brasil. Quando o senhor acha que a mídia abriu guerra contra o senhor?

**Lula –** Sempre, sempre. Desde que eu nasci. A imprensa nunca me deu colher de chá. Houve um tempo, vou voltar ao velho *Estadão*, que tinha o Itaboraí Martins[202]. O Itaboraí foi um dia conversar comigo, ficou encantado e escreveu uma página no *Estadão*, mais ou menos com o seguinte título: "Surge o novo sindicalismo". Isso foi um pouco antes de 1978. E fez a minha apologia. A partir dali, eu virei coqueluche de muita gente. O que eu era? Um trabalhador, sindicalista, que não gostava de política. Era tudo o que eles precisavam. Era um sindicalista puro-sangue [risos], não tinha política, tanto que em 1978 eu cunhei uma frase que achei que era o máximo – somente depois de velho eu percebi que era bobagem. Eu dizia: "Não gosto de política,

**Eu lembro que a primeira vez que fui vaiado foi num comício em São Bernardo, quando eu disse que era preciso criar o PT. Era um comício feito pelo Tito Costa, do MDB. Comecei a perceber que eles queriam liberdade de organização partidária só pra eles.**

não gosto de quem gosta de política”. Achava o máximo [risos]. Quando chegou [19]79, comecei a notar a diferença, porque começou a disputa, o MDB começou uma grande campanha de liberdade de organização partidária. Eu lembro que a primeira vez que fui vaiado foi num comício em São Bernardo, quando eu disse que era preciso criar o PT. Era um comício feito pelo Tito Costa[203], do MDB. Comecei a perceber que eles queriam liberdade de organização partidária só pra eles. Foi muito difícil criar o PT, não foi tão fácil como criar a Rede, o Psol, o Democratas. Naquele tempo, era preciso legalizar o partido em quinze estados; precisávamos, se não estou enganado, de assinaturas de 15% do eleitorado nos estados, e tinha que ter 3% nas primeiras eleições – e ainda com a Lei Falcão[204]. Depois que nós criamos o PT, comecei a perceber que o Lulinha, que era o rei do sindicalismo novo, o rei da cocada, virou o demônio. Aí aquele líder “puro” já não era mais “puro”. Quando eu entrei na política, nunca mais tive espaço na imprensa. Só pra apanhar.

**Juca Kfouri –** E sua relação com o Fernando Henrique Cardoso?

**Lula –** Ah, ele queria que eu ganhasse em 2002, depois passou a torcer pelo meu fracasso. Qual era a lógica do Fernando Henrique Cardoso? Era que, se eu ganhasse, ia ser um fracasso, e ele voltaria nos braços do povo. Por isso ele não queria o José Serra. Se o Serra ganhasse, ia querer a reeleição. Ele dizia isso a vários interlocutores, que me diziam isso. Ele era muito simpático à minha candidatura. Fez uma transição extraordinária, civilizada, como eu falei antes. Tanto é que apresentei uma medida provisória para que, desde as prefeituras, houvesse uma transição de alto nível. Porque hoje, em muitas prefeituras, o cara sai e rouba a ambulância, rouba o motor da ambulância, rouba computador, leva a chave da Prefeitura... Com o Fernando Henrique Cardoso, não, foi uma coisa muito civilizada. Quando ele deixou de demonstrar grandeza? Como ele esperava o meu fracasso, e não houve fracasso, ele não soube lidar com o meu sucesso. Esse foi o dilema dele. Eu não vou explicar isso, ele é que tem que explicar. Depois ele se queixou que eu nunca o chamei pra tomar cafezinho... Bem...

**Depois que nós criamos o PT, comecei a perceber que o Lulinha, que era o rei do sindicalismo novo, o rei da cocada, virou o demônio. Aí aquele líder “puro” já não era mais “puro”. Quando eu entrei na política, nunca mais tive espaço na imprensa. Só pra apanhar.**

**Juca Kfouri –** O senhor acha que os títulos *honoris causa*[205] que recebeu causaram ciúme nele?

**Lula –** Mas isso foi de 2007 para cá. Mas é verdade, isso pode ter causado um problema, porque eu recebi um título *honoris causa* da Sciences Po[206], é um título que ele não tem [risos]. Mas o que o Fernando Henrique Cardoso teria que compreender? Eu fiz coisas que ele não pôde fazer e fiz coisas que ele não imaginava que podia fazer. Um governo Fernando Henrique Cardoso não podia ter o discurso de combate à fome, como eu tive. Era compreensível que ele não tivesse esse discurso, porque a elite brasileira nunca se preocupou com isso. Eu nunca vi no Fernando Henrique Cardoso – nem em outros presidentes, a não ser no Juscelino[207] – interesse em fazer universidades, em fazer o pobre ter acesso à universidade.

Eu tinha porque era um compromisso moral meu. Não tive o direito de fazer, então quero que os filhos dos trabalhadores façam. Vou passar para a história como o presidente que até agora mais fez universidades, mais fez escolas técnicas, que mais jovens colocou na universidade. Isso é uma coisa de que eu tenho orgulho, e por isso recebi muitos títulos. Se você somar a isso o combate à fome, os doze anos de aumento de salário, do salário mínimo, e todas as conquistas sociais, os títulos que recebi não foram méritos meus, mas da evolução do povo brasileiro, de muita gente que ajudou.

Eu não chegaria sozinho a isso. Se o povo não tivesse confiado e eu não tivesse ajuda, não teria feito. Acho que o Fernando Henrique Cardoso não soube compreender. Tem gente que fala: "Ô, Lula, conversa com o Fernando Henrique Cardoso". E eu às vezes penso em conversar, mas aí abro o jornal e está ele lá, fazendo uma crítica, às vezes preconceituosa, então penso: "Vou conversar pra quê?".

**Maria Inês Nassif –** O senhor acha que ele teve participação ativa nessa articulação da direita, no golpe?

**Lula –** Teve, teve. Ele era uma das cabeças pensantes do Aécio. Os tucanos não assumem nenhum compromisso sem falar com o Fernando Henrique Cardoso. Não sei como está agora. Mas ele era uma pessoa de muita influência na campanha do Aécio, um dos mentores. Se vocês quiserem saber o que eu penso, acho que eles não tentaram fazer o *impeachment* em 2005 [na época do

Mensalão] por medo.

**Ivana Jinkings –** Medo de quê?

**Lula –** Medo das ruas. O que aconteceu em 2005? O clima estava muito pesado. Eu fui a um encontro do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social e disse o seguinte: "Vocês estão acompanhando a imprensa e conhecem a história do Brasil. A elite brasileira levou um presidente a dar um tiro no coração por causa de denúncias. A elite brasileira não queria que o Juscelino concorresse, não queria que ele tomasse posse e tentou dar três golpes no JK[208]; depois, deram um golpe para ele não se candidatar à reeleição em [19]65[209]. A elite brasileira obrigou o João Goulart[210] a aceitar uma tese parlamentarista e, mesmo assim, não deixaram ele governar". Eu disse isso tudo na reunião. E falei: "Deixa dizer uma coisa pra vocês: não tenho vocação para me matar, não tenho vocação para sair do Brasil e não tenho vocação para receber golpe. Então, é o seguinte, só existe um jeito de fazer isso, que é ganhar na rua". E o que eu fiz? Logo a seguir, fui a Garanhuns lançar o Plano Safra [de Agricultura Familiar] e, a partir daí, não saí mais da rua. Se quisessem brigar, iam brigar com gente na rua, que era a única saída que eu tinha. O que eles pensaram? "Em vez de a gente violentar com o *impeachment*, ele está sangrando demais, ele não vai sequer..." Eu me lembro de uma reunião com a turminha da Globo, no começo de 2006, na casa do Carlinhos Drummond, que era representante da Globo em Brasília; quando eu fui embora – fiquei sabendo porque uma jornalista que estava lá depois me contou –, o João Roberto falou assim: "Puxa, mas o presidente tá bem, tá animado". Aí o Merval: "Ele tá é fazendo tipo, ele tá morto, não será candidato à reeleição. Posso dizer a vocês que ele não será candidato à reeleição". Eles imaginaram que eu ia perder a eleição...

**Juca Kfouri –** Presidente, o senhor está rico?

**Lula –** Se comparar com quando eu vim de Garanhuns, estou rico.

**Juca Kfouri –** O que é o seu patrimônio?

**Lula –** O apartamento em que eu moro desde 1998, dois apartamentos de 60 metros quadrados na Vila Baeta, em São Bernardo do Campo, e um terreno

comprado em 1992, em São Bernardo também, a dois reais o metro quadrado. O que eu tenho mais? Depois que eu deixei a Presidência, resolvi que a melhor forma de viver a minha vida, sem depender do PT e sem depender de consultoria, era fazer palestras. É boa a sua pergunta, porque eu posso explicar melhor esse assunto.

Comecei a discutir com meus companheiros aqui do Instituto que tipo de palestra. Começamos a saber o que era feito pelo mundo, pelo Kofi Annan[211], pelo Tony Blair, pelo Clinton[212], e concluímos que eu ia montar a mesma estrutura que o Clinton montou. Com que argumento? O Clinton tinha sido o melhor presidente do final do século XX, e eu tinha sido o melhor presidente do início do século XXI. Esses meninos que trabalham comigo resolveram pensar grande, e eu passei a cobrar 200 mil dólares por palestra. E a enxurrada de palestras era grande, 80% fora do Brasil.

Toda vez que alguém queria contratar palestra, eu mandava o pessoal perguntar sobre o que queriam que eu falasse. Porque eu vi palestra do Obama aqui, e ele não fala nada com nada. Vi o Clinton fazer uma palestra aqui, e o que prevalece é o complexo de vira-lata. Qualquer merda que o cara fale acham bonito. E o que os caras que me contratavam queriam? Saber de mim o que fizemos neste país para colocar o Brasil na geopolítica internacional como protagonista; saber como o Brasil cresceu durante oito anos consecutivos, o que eu fiz para este país ser respeitado pelo Bush, pelo Obama, pelo Chirac, como foi que acabou a fome, o que foi o crédito consignado... Eu perguntava: “Vocês não querem nada diferente?”. “Não, nós queremos isso.” Então, se você pegar os meus discursos, verá que eles têm uma narrativa das coisas que foram feitas neste país. Nem mais nem menos, não tinha invenção.

Tem uma história engraçada. Lembro que fui a Londres numa das últimas palestras, a convite do Santander, e me deu um destempero intestinal... Cheguei à tribuna suando gelado. [Risos.] E você olhava para o lado e não via banheiro... E eu suava e pensava: “Porra, eu não vou poder nem falar entusiasmado”. [Mais risos.] Os meus assessores, um bando de filho da puta, que toda vez que eu preciso de um assessor... Porque normalmente o assessor deve ficar na sua frente pra você ver e chamar... Não, os meus desaparecem... [Mais risos.] E eu procurava um disgramado e não achava, e o suor aumentando, e a barriga rrrronnnn, rrrronnnn... [Muitos risos mais.] E aquele monte de moça bonita nos carros de Fórmula 1, porque estava tendo uma exposição lá. E eu pensei: “Porra,

era o que faltava...”. Foi um sufoco, mas deu tudo certo no final.

Depois que terminei a palestra, falei para eles: “Agora eu quero dizer uma coisa pra vocês. Toda vez que eu venho aqui fazer uma palestra, alguém pergunta: ‘E a China?’. A pergunta que eu faço é a seguinte: vocês gostariam que o Brasil tivesse o modelo político da China? Porque certamente vocês gostam da China pelo volume de reservas que ela tem nos Estados Unidos e pela compra e importação que ela faz de vocês. Mas, se vocês querem democracia no Brasil, eu desafio algum de vocês a vir aqui e dizer pra mim qual é o país que, com exceção da China, oferece mais oportunidade de ganhar dinheiro e fazer investimentos que o Brasil”. Aí eu citava quantos quilômetros de rodovia, quantos quilômetros de linhas de transmissão, as três maiores hidrelétricas do mundo, a Copa do Mundo, as Olimpíadas, o etanol, o Brasil como único país do mundo a produzir combustível de fato limpo, sequestrando carbono e com zero emissão, a agricultura... Os caras ficavam embasbacados, e eu falava: “Vejam se algum país está fazendo isso, investimentos de tantos bilhões (nem lembro mais qual era o valor naquela época). Qual é o país que oferece isso? Com liberdade política, com democracia e com segurança jurídica”. Isso foi no primeiro governo Dilma.

Se eu não tivesse tido o câncer[213], teria ganhado muito dinheiro. Eu sabia que, como para o jogador de bola, a *performance* tem duração. Se o jogador soubesse que tem dez ou doze anos para ganhar dinheiro, seria mais profissional. Criei uma empresa que agora está indo à falência, o Instituto hoje não recebe um tostão de ninguém, porque a Receita Federal multou a gente em 18 milhões de reais numa operação “cata-piolho” que eles estão fazendo. Peguei parte do dinheiro que ganhei e depositei na previdência privada de cada um dos meus cinco filhos, que não conseguem trabalhar.

**Juca Kfouri –** Presidente, eu lhe perguntei sobre prisão e exílio. Mas queria voltar a esse assunto, porque é um dos temas mais urgentes do momento, ao lado da sua candidatura. O senhor está cogitando a hipótese de ser preso?

**Lula –** Estou. O que não estou é preparado para a resistência armada, nem tenho mais idade. Como sou um democrata, nem aprender a atirar eu aprendi. Então, isso tá fora. O PT não nasceu para ser um partido revolucionário, nasceu para ser um partido democrático e levar a democracia até as últimas consequências.

**O PT não nasceu para ser um partido revolucionário, nasceu para ser um partido democrático e levar a democracia até as últimas consequências.**

[Entrevista interrompida para Lula conversar ao telefone com o ex-presidente uruguaio Pepe Mujica.]

**Lula –** O PT não foi criado para isso, foi criado para, dentro do regime democrático, fazer as transformações de que o Brasil precisa, e provamos que é possível fazer. Eu não vou sair do Brasil, eu não vou me esconder em embaixada, eu não vou fugir. A palavra "fugir" não existe no meu dicionário. Vou estar na minha casa, chegando em casa entre oito e nove horas da noite, indo dormir às dez horas, acordando às cinco da manhã para fazer ginástica. Há duas instâncias superiores a que a gente pode recorrer [STJ e STF], e vamos recorrer.

Eles vão tomar a decisão, eu estou pronto para ser preso. É uma decisão deles.

**Ivana Jinkings –** Como é que se prepara o espírito pra isso?

**Lula –** Eu não preparo o espírito. Eu sou um homem de espírito leve. Tudo isso faz parte da história. Estamos num momento histórico importante pra mim. Eu sei por que estou sendo julgado. E eles não têm a mesma consciência tranquila que eu tenho. Duvido que um desses juízes que me condenaram tenha coragem de olhar para a cara de um filho de 8 ou 10 anos e dizer a verdade, dizer por que está me condenando. E ele vai ser cobrado amanhã. Essas coisas não acontecem no mesmo dia, porque a história não é definida no dia.

**Duvido que um desses juízes que me condenaram tenha coragem de olhar para a cara de um filho de 8 ou 10 anos e dizer a verdade, dizer por que está me condenando. E ele vai ser cobrado amanhã. Essas coisas não acontecem no mesmo dia, porque a história não é definida no dia.**

**Gilberto Maringoni –** Quando o senhor diz que sabe por que está sendo julgado, nós imaginamos, mas o leitor... Eu queria que o senhor destrinchasse um pouco...

**Lula –** O leitor sabe, porque, se não soubesse, eu não teria o percentual que tenho nas pesquisas eleitorais[214]. Vamos examinar o seguinte: a sociedade brasileira é historicamente dividida; 30% a 35% dela vota comigo; mais ou menos o mesmo percentual vota na direita; e 33% das pessoas, mais ou menos, ficam esperando ser convencidas. É esse diferencial que dá o ganho de voto para a gente. Eu disputei [19]89, [19]94, [19]98, 2002 e 2006. A exceção foi em [19]94 e em [19]98, quando formaram um blocão [contra mim] como nunca na

história do Brasil, e não houve debate na televisão. As pessoas não falam, mas em [19]94 e [19]98 não teve debate na televisão, porque não queriam expor o Fernando Henrique Cardoso[215]...

Eu tenho muito orgulho porque, com todas essas tempestades pelas quais estou passando, quando fazem uma pesquisa sobre quem foi o melhor presidente da história do Brasil, eu apareço às vezes com 50%, e o segundo, com 11%[216]. Na pesquisa de popularidade, até o Moro começou a perder, porque a dele era quase 90%. Mas, quando começam a fazer a ligação politica, as pessoas percebem que algo está errado.

**Na pesquisa de popularidade, até o Moro começou a perder, porque a dele era quase 90%. Quando começam a fazer a ligação politica, as pessoas percebem que algo está errado.**

**Gilberto Maringoni –** O senhor tem dito na imprensa que está mais sabido. O que isso quer dizer?

**Lula –** Olha, na minha idade [72 anos], já fui tudo o que eu jamais imaginei ser. Eu já passei por muitas coisas.

**Juca Kfouri –** Mas o que o senhor queria ser quando crescesse? O senhor falou que queria ter sido economista, mas aposto que não era esse o seu desejo quando criança...

**Lula –** Meu sonho era ser motorista de caminhão, e virei presidente da República, um "caminhãozão" desses. [Risos.]

Quando você chega na idade a que cheguei, nada mais mete medo. Já escapei de um câncer, já estive bem pertinho da desgraça. A quimioterapia que eu fiz não desejo pro meu pior inimigo. A radioterapia, que me disseram que era mais saudável, pode ser mais saudável quando é no dedão do pé, mas quando é na garganta ou no ânus você vai saber o que é radioterapia... Então, já passei por isso, já fui presidente da República, já fiz tanta coisa... O que mais eles podem fazer comigo que eu tenha medo?

**Juca Kfouri –** O senhor se imagina liderando um movimento de desobediência civil?

**Lula –** Não. Eu não tenho mais idade pra isso. Mas imagino que [um

movimento desses] possa acontecer.

**Maria Inês Nassif –** Presidente, nessa discussão toda sobre o Judiciário, o senhor concorda que houve um processo de politização que, na verdade, pegou todas as instâncias. Como o senhor explica esse processo de politização?

**Lula –** Eu estou dizendo isso há dois anos. Eu dizia para o pessoal aqui do Instituto: "Olha, esse golpe não fecha se não vier pra cima de mim". Ora, se o golpe foi dado para evitar a progressão dos descamisados deste país, eles não podem tirar a Dilma e deixar o Lula voltar dois anos depois. Já falei disso duas vezes e volto a falar, porque é importante mesmo. Eu estou alertando o PT: eles vão tentar colocar o PT na ilegalidade.

**Ora, se o golpe foi dado para evitar a progressão dos descamisados deste país, eles não podem tirar a Dilma e deixar o Lula voltar dois anos depois. Já falei disso duas vezes e volto a falar, porque é importante mesmo. Eu estou alertando o PT: eles vão tentar colocar o PT na ilegalidade.**

**Maria Inês Nassif –** Em que momento começou essa politização?

**Lula –** Isso foi montado, encontrando-se um jeito de não dar mais golpe militar e de tomar o poder pela via jurídica. Eles cometeram um erro de me colocar nesse prato. Foi erro, porque faço disso uma questão de honra. Não sei se vai ser daqui a dez anos, não sei quando, mas vou provar que eles são mentirosos.

**Ivana Jinkings –** O golpe final viria, então, com a sua prisão e sua saída da disputa eleitoral?

**Lula –** Tudo tem preço a pagar. Eles me proibirem de concorrer depois daquela decisão do TRF-4 vai ser muito complicado[217]. Muita gente diz: "Ah, Lula, se só tirarem você da disputa e não te prenderem, está bom". Está bom nada, porque pra mim é uma questão de orgulho e honra pessoal, de comportamento de vida. Eles mexeram com quem não deveriam mexer. Eu não sou maior do que a lei, mas eles mexeram com quem não deveriam mexer, e eu não vou morrer com a pecha de ladrão. [Bate na mesa.]

**Gilberto Maringoni –** Hoje, o que a gente viu foi que o golpe começou dentro do governo. O Temer, esses ministros todos do PMDB. Não sei se dava pra

governar sem o PMDB, sinceramente, da maneira como é montado o Congresso. Mas o senhor acha que esse tipo de acordo que foi feito se repetirá?

**Lula –** Acho que não se repete. Mas o golpe foi pensado de fora para dentro, não dentro do governo. Foi de uma parte da elite brasileira, do poder econômico brasileiro, aliado ao sistema financeiro, aliado a interesses multinacionais, aliado ao interesse de desmontar o sistema financeiro brasileiro, sobretudo dos bancos públicos, aliado aos interesses de entregar a Petrobras para o capital estrangeiro. E da mídia, que é o carro-chefe. Nada disso teria acontecido se não houvesse um acordo com a mídia. Não se fala mais de uma coisa chamada Millenium[218]. Várias vezes eu tentei abrir discussão sobre o Instituto Millenium, e nós chegamos a um momento da história em que a capa das revistas era praticamente a mesma.

**Juca Kfouri –** E o que o Instituto Millenium tem a ver com a capa das revistas?

**Lula –** O Instituto Millenium é o grande articulador do meio conservador nos meios de comunicação, formando gente, discutindo manchetes, pautas. Antigamente, a *e a* disputava com a *poca*, e a manchete era guardada em cofre. As manchetes da *Folha* e do *Estadão* eram segredos de Estado.

**Ivana Jinkings –** Agora parece que eles combinam, fazem reunião de pauta coletiva...

**Lula –** Parece, não. Eles combinam mesmo. E é um circuito. No tempo do Mensalão, eu descobri que o circuito para paralisar um governo é assim: na quinta-feira, começa a boataria; na sexta, começam a sair coisas na Internet; no sábado, dá no *ornal acional*; no domingo, vai para a imprensa escrita e, à noite, pro *Fant stico*. Aí, depois que eles fazem esse genocídio, perdura até a outra quinta, quando começa de novo. Isso foi assim o tempo inteiro. Eu não aguentava mais os meus assessores entrando para dizer: "Vai sair a capa assim, vai sair a capa assado". O que eu tomei de decisão? "Daqui pra frente, ou vocês me dão notícia boa, ou eu não quero saber de notícia [bate na mesa]. Vou provar que é possível governar este país sem ler a *Folha*, sem ler o *Estadão*, sem ler a *e a*, sem ler *O Globo*."

**Gilberto Maringoni –** Por que não foi possível criar um aparato de comunicação que se contrapusesse?

**Lula –** Porque não é fácil. Eu criei uma coisa fantástica, criei uma tevê. Foi aprovada no Senado, com orçamento de 350 milhões de reais, o orçamento da [TV] Bandeirantes. A TV Brasil[219]. Era para ser uma empresa de comunicação que falasse com toda a América do Sul. Por que não aconteceu? Porque nós somos republicanos demais; você começa a mexer com o deles e aí já escuta: "Você não pode interferir aqui". Montamos um conselho onde cabia todo mundo; colocamos pessoas sem experiência de televisão para fazer televisão. Em vez de fazer uma coisa nova, juntamos duas coisas velhas e dobramos o número de funcionários... Sabe, não foi uma coisa legal. Na verdade, a gente deveria ter acabado com o que existia e criado uma coisa nova.

**Ivana Jinkings –** Acabar com o que existia foi algo que o Temer não teve o menor pudor de fazer.

**Lula –** Ele não teve. Jamais eu teria mandado o cara do cafezinho embora. Eu mantive trabalhando comigo a mulher que passava e guardava a roupa do Fernando Henrique Cardoso. Eu não queria saber se ela era íntima do Fernando Henrique Cardoso. O que me importava era que ela era uma mulher pobre cumprindo uma função. O Temer mandou embora um neguinho flamenguista, extraordinário, o Temer vem e manda ele embora. O cara tinha servido cafezinho para o Temer quando ele era vice-presidente[220]! Você viu a imprensa criticar? Não. Ele fez uma limpeza... Até a ascensorista foi mandada embora. Nada de crítica. Como é que o Temer indica ministro? Você já viu alguém criticar? Não. Como é que ele conseguiu as votações na Câmara? Todo mundo sabe como foi. Nenhuma crítica. Se a gente não tomar consciência, não há possibilidade de o povo subir degraus na escala social... Se a gente não estiver disposto a comprar brigas mais sérias. Eles aceitam o intelectual de esquerda, eles aceitam um intelectual progressista. Eles não aceitam é um peão com consciência.

**Eles aceitam o intelectual de esquerda, eles aceitam um intelectual progressista. Eles não aceitam é um peão com consciência.**

**Juca Kfouri –** O Lulinha Paz e Amor morreu?

**Lula –** Não. Eu continuo tendo muita paz e continuo sendo muito respeitoso. Mas hoje tenho clareza de quem são os meus amigos e quem são os vira-latas, quem gosta do Brasil e quem não gosta. Então, eu vou voltar não de um jeito vingativo, porque este coração corintiano não tem mágoa pra ódio. Perdoei até o Marcelinho quando ele perdeu aquele pênalti contra o Palmeiras que tirou a gente da Libertadores[221]. [Risos.] Naquela noite, eu achei que ia morrer de infarto. Se eu encontrasse o Marcelinho, comia o pescoço dele de porrada. [Risos.] Eu perdoei! Eu não tenho mágoa.

**Eu continuo tendo muita paz e continuo sendo muito respeitoso. Mas hoje tenho clareza de quem são os meus amigos e quem são os vira-latas, quem gosta do Brasil e quem não gosta.**

**Gilberto Maringoni –** O senhor perdoou todo mundo, até quem lhe acusou injustamente?

**Lula –** Eu não sou instância de condenação. Eu sou um ser humano. Se eu ficar com raiva de você, eu vou sofrer, porque eu vou ter azia. Eu não quero me casar com eles. Então, por que tem que gostar ou odiar? Não, deixa cada um fazer o que quiser. Quando alguém escreve um artigo contra mim, sabe qual é a minha vingança? Não ler. Porque ele escreveu para que eu leia, para eu ficar com raiva; então, como não leio, não fico com raiva, quem vai ficar é quem escreveu, porque eu não leio mesmo.

Tenho tanta consciência do papel que posso desempenhar neste país que não tenho espaço para ser vingativo.

**Gilberto Maringoni –** E do Palocci? Porque ele foi pesado no depoimento.

**Lula –** Eu tenho pena do Palocci. Por que eu vou ter raiva dele? Eu tenho uma tese antiga. Delator só delata porque roubou. Quem delata é porque quer fazer negócio. Você veja o coitado do Léo. Há quantos anos ele está preso? Quase três anos. E qual é a grande teoria? Diga que o Lula sabia. Aí o Léo troca de advogado. Quando chega o depoimento em que o Léo disse que o Lula sabia, o Zanin pergunta: "Por que o senhor mudou de posição?". E ele: "Porque meu advogado pediu"[222]. Você acha que eu posso acreditar nisso?

Aquele depoimento do Palocci, a carta dele[223], você percebe que talvez tenham sido até eles [os integrantes da Lava Jato] que escreveram. Porque o Palocci falou em

**Como eles quebraram o sigilo bancário e não acharam nada,**

> **pensaram: "Esse cara deve ter barrinhas de ouro em casa".**

dinheiro de caixa dois, e eles: "Não, não, não, propina, propina". Porque eles criaram a tese da propina! Então, todo mundo é obrigado a falar. Por que eles foram fazer coerção na minha casa[224]? E por que me pegaram, pegaram o Paulo Okamotto, meus cinco filhos, o pessoal mais próximo de mim? É simples: como eles quebraram o sigilo bancário e não acharam nada – porque foram para a Suíça, para Taiwan, pra sei lá mais onde e não encontraram nada –, então pensaram: "Esse cara deve ter em casa, esse cara deve estar que nem o Nuzman[225], com barrinha de ouro em casa". Invadiram a minha casa. Seis horas da manhã, cada policial federal com uma máquina pendurada para, se encontrasse alguma coisa, mostrar: "Olha aqui, encontramos, tá aqui, ó, uma barra de ouro, uma joia da dona Marisa, um pacote de dólares" [bate na mesa]. Quando não encontraram nada, não podiam ter pedido desculpas? Não, não falaram nada.

**Maria Inês Nassif –** O senhor fica desconfortável ao falar do Palocci?

**Lula –** Não. É que eu não posso falar mais do que eu preciso falar. Você é jornalista, você sabe disso. Você também não pode escrever tudo o que você gostaria de escrever. Às vezes, você escreve as palavras possíveis de colocar. Acho que o Brasil deve ao Palocci a conquista da confiança de que era possível fazer a economia dar certo… Eu acho que o Palocci teve um papel muito importante, pelo jeito dele de ser, pela tranquilidade com que ele tratava os assuntos, pela confiabilidade que ele passava. O Palocci é a única pessoa que eu conheci que dizia "não", e o pessoal falava: "Que cara bom, me disse 'não', mas eu gostei". E o Palocci deixou meu governo por bobagem dele. Eu falei para ele: "Palocci, um ministro da Fazenda não pode ganhar de um caseiro. Ou você encontra uma explicação, ou você tem que sair"[226].

Hoje eu só posso pensar o seguinte. Eu não sei qual é a estrutura psicológica do cara dentro da cadeia. Também não quero fazer e nunca fiz prejulgamento de pessoas que foram presas. Nunca quis condenar ninguém por isto: "Ah, fulano de tal denunciou não sei quem". Eu nunca… Cada um sabe da sua dor. Nunca pensei que o Neymar ia chorar por causa de um dedinho[227]. A prensa amassou este meu dedo às duas horas da manhã, e ele ficou esmagado, pendurado na minha mão, e eu não chorei, porra[228]. Então, quando vi o Neymar chorando,

falei: “Um homão desse chorando num estádio com 100 mil pessoas?”. Mas eu tenho que respeitar, porque cada um sabe onde dói.

O Palocci diminuiu a figura dele fazendo o que fez. Acho que, certamente, o Palocci deve ter gostado de dinheiro, porque a minha concepção é que o delator está fazendo delação por duas coisas: ou ele não aguentou e quer a liberdade, ou ele tem dinheiro e está negociando uma parte, como fizeram os outros que já delataram. Eu lamento. Fui amigo da mãe do Palocci desde a fundação do PT. Não é pouca coisa essa relação. Então, eu lamento. Fico triste. Não fico com raiva, não. Eu fico triste.

**Eu lamento. Fui amigo da mãe do Palocci desde a fundação do PT. Não é pouca coisa essa relação. Então, eu lamento. Fico triste. Não fico com raiva, não. Eu fico triste.**

**Ivana Jinkings –** Esse tipo de delação e de comportamento, como o do Palocci, tem outro efeito muito ruim, que é fomentar o desencanto com as instituições políticas. É o tal: “Está vendo? É tudo a mesma coisa”.

**Lula –** É isso. E também porque... Veja um negócio. Ninguém esquece Tiradentes. Mas ninguém esquece também o Silvério dos Reis. O traidor também faz história. O Palocci poderia ter feito uma história positiva para a imagem dele. Acho que ele fez uma negativa. É triste, mas é assim que funciona a humanidade. É assim que caminha a humanidade.

**Gilberto Maringoni –** O senhor imagina eles fazendo tudo isso com o Fernando Henrique, entrando na casa dele?

**Lula –** Não. Deixa eu contar uma coisa. Houve uma campanha em que vieram me perguntar se eu queria ver determinadas coisas de alguns candidatos, coisas de ordem pessoal. Eu disse: “Olha, não me venha com proposta de coisas pessoais. Se o cara fuma maconha, se o cara cheira cocaína, se o cara tem amante, não é problema meu”. Uma vez um jornalista da Globo me levou um cartão pra mostrar onde era o apartamento do Fernando Henrique Cardoso em Higienópolis, pra denunciar na campanha, em 2002. Eu disse: “Não me dê cartão, que eu não vou denunciar. Denuncie você. E, se o cara comprou o apartamento honestamente, por que eu vou denunciar?”. Não denunciei. Não faz parte... Quando uma vez vieram me perguntar se um candidato tinha filho fora do casamento, respondi: “Ó, eu não vou fazer a canalhice que fizeram

comigo. A Lurian era minha filha legítima, estava reconhecida, registrada, e foram vender como uma filha clandestina na campanha de [19]89"[229]. Por isso, eu digo: não existe mau caráter. Ou a pessoa tem caráter, ou não tem. Eu não faço desse expediente.

Se esses caras têm alguma coisa contra mim que possam provar, que provem. Eles agora vão entrar na chácara[230], vai ser a mesma ladainha, a mesma coisa, depois vão entrar no suposto terreno do Instituto[231], vai ser a mesma coisa, depois vão entrar no meu apartamento. Vejam só, eu pago o aluguel do apartamento vizinho ao que eu moro desde 2003. Há quase quinze anos eu pago esse aluguel. Agora eles inventaram que eu não pagava, levaram o recibo, provamos que pagava, eles não acreditaram, nós é que fizemos a perícia, eles foram atrás de outra perícia... Seria tão melhor se esse Dallagnol fosse pra televisão pedir desculpas: "Eu queria pedir desculpa, Brasil; nós fizemos coisas boas, prendemos gente que roubou, mas, ô, Lula, desculpa". Ele não vai fazer isso, porque a desgraça de quem conta a primeira mentira é que vai morrer mentindo pra justificar a mentira.

**Gilberto Maringoni –** Essa campanha toda atingiu dona Marisa?

**Lula –** Atingiu. A Marisa tinha um problema de um aneurisma, fazia já sete anos, ela fazia *check-up* todo ano, e o médico dizia: "Está normal, não tem nenhum avanço". Mas de vez em quando ele falava em operar, e ela dizia: "Se não tem nada, por que vou operar?". Bem, com essas coisas todas, ela foi ficando mais tensa, perdendo o humor, não queria mais sair de casa. Cada vez que havia alguma coisa contra um dos filhos, ela ficava muito magoada. Quando houve a minha condução coercitiva[232], aquela violência, acho que foi a gota d'água[233] [chora].

**Ivana Jinkings –** Presidente, olhando agora com certo distanciamento, dá para dizer que, se a Dilma tivesse conversado mais, poderia ter evitado o golpe?

**Lula –** É difícil falar depois que tudo já aconteceu. Foi se acumulando uma animosidade entre a Dilma e o Temer. Isso é que nem casamento. Você está casado, você está bem com sua mulher, de repente começa uma briga, outra briga, outra briga, aí você já não quer chegar em casa cedo, daqui a pouco ela

também não quer que você chegue, e vem o dia em que você fala: "Bem, estamos separados".

Na política, é mais complicado porque pode dar em golpe. A Dilma sabe que teve divergências profundas com o Temer. Eu fui à casa do Temer quando ele fez aquela carta[234] e disse para ele: "Temer, isso não é papel de vice. O teu papel era chegar lá, conversar com a presidenta e fazer um acordo. E depois, Temer, você tem que ter consciência de que você tem tamanho, foi deputado muitos anos, foi procurador, é advogado, não pode passar pra história como o cara que deu o golpe, que rasgou a Constituição". Eu fui lá com o Sigmaringa[235], tomamos um uísque juntos. Até achei que tinha convencido o Temer. Convenci nada. Depois, acho que ele pensou: "Eu não gosto da Dilma mesmo, tenho três anos de mandato pela frente, não vou ganhar nem para deputado mais...". E fez isso. Obviamente, sempre debito essas coisas à falta de relacionamento... Tentaram fazer a mesma coisa com o Zé Alencar[236], tentaram convencê-lo assumir. Mas, primeiro, ele não aceitou; segundo, ele era mais à esquerda do que eu [sorrindo]. Então, os caras tinham medo dele com esse negócio de política de juros. Até nisso, eu soube escolher o melhor vice que alguém pode ter na face da Terra.

**Juca Kfouri –** Diz o Fernando Henrique que o Marco Maciel era o melhor vice...

**Lula –** E o Zé Alencar? Era uma pessoa com um discurso firme e uma lealdade mais que firme. E ele ainda dizia o seguinte: "Tô falando mal de juros porque o Lula não pode falar"; e pau nos juros [risos].

**Maria Inês Nassif –** Presidente, deixe-me fazer um exercício aqui. Houve uma radicalização muito grande nesse período golpista. Vai ser possível nessa eleição... Mesmo que haja condições ótimas, isto é, a Justiça recuando, o senhor sendo candidato, haverá condições de governar com o centro e com a direita, como o senhor fez da outra vez?

**Mas foram os políticos que judicializaram a política. Todo mundo sabe que cada cara que perdia uma coisinha ia para a Justiça. E a Justiça gostou disso e resolveu se politizar.**

**Lula –** Tem condições de governar.

**Maria Inês Nassif –** Segunda coisa: a Justiça mostrou que tem um poder de veto considerável...

**A arte da política é você conversar com os contrários.**

**Lula –** Mas foram os políticos que judicializaram a política. Todo mundo sabe que cada cara que perdia uma coisinha ia para a Justiça. E a Justiça gostou disso e resolveu se politizar. Foi isso que aconteceu. É preciso fazer um reordenamento das instituições deste país. Alguém tem que ganhar as eleições, juntar a sociedade, pegar os setores e dizer: "Está tudo certo ou está tudo errado? Quando é que a gente vai voltar a ser um país sério, um país em que o Executivo exerce sua função, o Legislativo exerce a sua, o Judiciário, o Tribunal de Contas, sem ninguém achar que é mais do que o outro?". É possível isso. Quando a Dilma era presidenta, uma vez eu disse a ela: "Dilma, eu, se fosse você, chamaria o presidente da Suprema Corte, o presidente da Câmara, chamaria o presidente do Senado, os presidentes das outras instâncias superiores, poderia até chamar alguns representantes dos movimentos sociais para uma conversa muito franca e dizer: 'Olha, a situação do Brasil é essa. A responsabilidade não é só minha. Eu quero saber se a gente está disposto a encontrar uma saída para este país'". Eu sinto que nessa ocasião a Dilma não queria nem ouvir falar no Eduardo Cunha. E aí é muito difícil você fazer política quando transforma as divergências políticas em coisas pessoais. Muito difícil. O conselho que eu dou é não entrar na política. Porque a arte da política é você conversar com os contrários. Outro dia brinquei, no Rio de Janeiro, que eu adoraria que o Freixo chegasse à Prefeitura[237]. Eu queria ver como é que ele ia lidar com uma Câmara, com os movimentos sociais, cada um querendo uma coisa, com os vereadores, cada um querendo um cargo. É que, enquanto é oposição, você tem espaço para ser principista. Quando você ganha, tem que colocar os teus princípios na mesa para torná-los exequíveis. Aí é que muita gente não quer ganhar. O Partido Comunista Italiano ficou quase meio século sem querer ganhar as eleições na Itália.

**Enquanto é oposição, você tem espaço para ser principista. Quando você ganha, tem que colocar os teus princípios na mesa para torná-los**

Gente, vocês pensam que são radicais [risos]. Mas eu era tão imbecil que considerava que um dono de um boteco é patrão. Eu não queria que ele entrasse no PT [risos]. A minha sogra, a mãe da... Vejam, eu sou um cara tão bom que tratava como sogra a mãe do ex-marido da Marisa, e ela morou comigo; então, eu tive três sogras [risos], a da minha

primeira mulher, a mãe da Marisa e a dona Marília... Pois ela era aposentada e recebeu de herança do marido um Fusquinha 1970; ganhava acho que mil reais ou menos de aposentadoria. Mas era uma *véinha* que gostava de andar elegante, bem-vestidinha, era gordinha, e tal. Ela chegava no PT, e eu pensava: "Lá vem a burguesa do Lula" [risos].

**exequíveis.**

Então, quando você começa a fazer política, tem que pensar: "Eu não gosto do Juca, mas qual é a divergência entre mim e o Juca? Porque o Juca pode me ajudar... Por que eu não posso estar junto do Juca? E fulano de tal?". Quando você ganha, descobre que suplente não vota nem faz acordo. Você faz acordo com quem está lá, no Congresso. E, se quem está lá é ladrão, mas tem voto, ou você vai ter coragem de pedir, ou vai perder. Achar que você ganha com discurso do tipo "eu vou colocar o povo na rua, vou ganhar"... Não ganha.

**Quando você ganha, descobre que suplente não vota nem faz acordo. Você faz acordo com quem está lá, no Congresso. E, se quem está lá é ladrão, mas tem voto, ou você vai ter coragem de pedir, ou vai perder.**

Eu já falei, depois de fazer comícios com milhões e milhões de pessoas, depois de todas as lideranças, de Ulysses Guimarães a Lula, passando por Brizola, Tancredo, Mário Covas e todo mundo na rua, tomamos uma trolha no Congresso Nacional nas Diretas. Voltamos pra casa com o rabinho no meio das pernas e fomos esperar o Colégio Eleitoral. E, ainda, quando morreu o Tancredo: "Vai Sarney mesmo" [risos]. E vamos ser francos: com todas as críticas que se fazem ao Sarney, ele teve um papel essencial para garantir o processo democrático neste país naquele episódio[238]. Porque não era fácil naquele tempo, o Brasil de 1985 a [19]89.

**Gilberto Maringoni –** Deixe-me perguntar uma outra coisa que está nisso tudo: o senhor dispara nas pesquisas; agora, ao mesmo tempo, existe uma cultura de ódio na sociedade, a sociedade ficou contrastada: "Eu odeio o Lula". Quem não gosta quer matar o Lula. O senhor acha que a sociedade está mais conservadora? E o que o governo poderia ter feito? Há algo que poderia ter sido feito?

**Lula –** Mas quem não vota no Fernando Henrique Cardoso ou no Serra também tem ódio. Deixa eu te falar, acho que isso é um subproduto da facilidade que a Internet criou na relação humana. Porque ela permite que o ódio seja viralizado com uma rapidez imensa. Antigamente, se

**Acho que isso é um subproduto da facilidade que a Internet criou na relação humana. Porque ela permite que**

**o ódio seja viralizado com uma rapidez imensa.**

você pensava alguma coisa de mim, tinha que procurar alguém para contar. Você tinha que falar mal de mim por telefone ou marcar uma cerveja com um grupo de companheiros e aí falar mal de mim. Hoje não. Hoje você vai no seu celular [tamborila os dedos], entra no *zapzap* [WhatsApp] e fala mal; você consegue, você tem uma facilidade.

Isso facilitou a disseminação do ódio. Quando eu era presidente, existia um blog *Morte ao Lula*[239], sabe...? Então, obviamente eu sei que tem um terço da população que não quer saber do PT, como tem um terço que não quer saber do PSDB, como tem um terço que não quer saber... Essas coisas só mudam com o exercício da política.

**Gilberto Maringoni –** Mas o governo poderia ter feito alguma coisa, uma campanha...

**Lula –** Eu não sei, não sei... Olha, eu acho que grupos sectários como o MBL[240] têm pouco tempo de existência. Muita gente tem vergonha... Eles já não têm a capacidade de mobilizar quase nada, sabe, porque é de uma cretinice e de uma imbecilidade que ninguém pode levar a sério. Então, acho que há um radicalismo, mas as pessoas vão se cansando também. Eu tenho dito pras pessoas: "Não seja raivoso, você vai morrer mais novo, você vai antecipar sua morte. Dê bom-dia no elevador, cumprimente o vizinho quando encontrar com ele no elevador". Por que as pessoas estão raivosas? Por quê? As pessoas compram comida pelo celular, chamam carro pelo celular, pagam conta pelo celular, fazem um monte de coisas pelo celular, ouvem piada pelo celular, veem filme pelo celular e, quando saem na porta e veem alguém na porta do elevador, acham que já está atrapalhando... "Eu estava tão bem no meu mundo virtual e vem esse cara me encher o saco." Acho que esse é um problema que a humanidade vai ter que trabalhar.

**Juca Kfouri –** O senhor acha que ninguém mais vai bater panela?

**Lula –** Acho que pode até bater panela, mas hoje estão com vergonha. Hoje alguns que bateram panela [em protesto contra a presidenta Dilma Rousseff] estão pensando em bater a cabeça, com vergonha de dizer que foram bater panela. A gente não pode ficar parado no tempo. Isso vale pra todo mundo.

Deixa eu contar uma história pra vocês saberem do que eu estou falando.

Passei trinta anos da minha vida carregando faixas contra o FMI. De repente, ganho as eleições para presidente e vou ter que lidar com um alemão chamado Köhler, diretor-geral do FMI[241]. Encontrei com esse cara em Paris. Começamos a conversar e, daqui a pouco, esse cara me abraça e começa a chorar. Ele nunca tinha ouvido a história verdadeira de um operário que veio lá de baixo e chegou a presidente da República. Então, eu posso dizer: um cara do FMI passou a me respeitar. Ele passou a falar bem do Brasil em vários lugares. Pois bem, ele saiu e foi ser presidente da Alemanha. Aí entrou o Rato[242], o espanhol. Então, chamei o Rato aqui no Brasil e disse: "É o seguinte, Rato, meu filho, eu tô querendo acabar com esse negócio da dívida que o Brasil tem com o FMI. Não quero ficar devendo". E ele [Lula usa acento espanhol]: "Non, presidente Lula, el Fundo gosta do Brasil, el Fundo non tiene problema com Brasil…". E eu disse: "Não, Rato, eu não tô falando que gosta ou que não gosta, eu não quero é ficar devendo, quero zerar minha conta". Demorou pra ele aceitar, ele não queria. Porque era importante pra ele ter o Brasil como devedor. Aí eu paguei, o Brasil se livrou do FMI.

Passado um tempo, fui à Alemanha e recebi uma homenagem prestada por quem? Pelo Köhler, que, como eu disse, tinha virado presidente do país. Esse cara, no discurso que fez pra mim, chorou. Eu falei: "Porra, eu sou o fodido mesmo, fazer um alemão chorar…" [risos]. E esse cara virou meu amigo. Por que eu dizia pra ele: "Não aceito ninguém dizer o que eu tenho que fazer. Não aceito. Porque eu sei que tenho que ter responsabilidade fiscal, sei que tenho que ter minhas contas em dia, sei que só posso me endividar naquilo que posso pagar, então não quero conselho. E não pense que aprendi na universidade que nem vocês, não. Aprendi com a minha mãe, analfabeta. Ela dizia: 'Não gaste o que você não tem e, se fizer dívida, faça só o que possa pagar'. Então, é assim que eu quero governar o Brasil; então, não preciso de conselho".

**Juca Kfouri** – O senhor vai ser um perigo na cadeia, o senhor vai sublevar a cadeia…

**Lula** – Não, não, vocês sabem o que acontece, o que aconteceu quando fui preso, quando fui detido pelo Tuma em 1980[243]? Foi engraçado, porque o Tuma ia até lá para eu prestar depoimento… Ele trazia as perguntas por escrito,

eu respondia, ele levava, trazia mais perguntas, eu respondia, e tal... E, nesse ínterim, eu conversava com uns investigadores lá, e um deles tinha um Rolex. E eu perguntei: “Companheiro, quanto é que você ganha?”. Aí ele disse: “Tanto”. E eu falei: “Você não acha que alguém que olhar você com esse Rolex vai saber que você roubou, que você achacou, que você pegou? Por que você não faz uma organização, faz uma greve e pede aumento de salário pra que vocês...?” [risos]. Aí o Tuma chega. Ele ficou nervoso pra cacete [risos].

**Gilberto Maringoni –** Presidente, depois desses anos todos, rola muita água debaixo da ponte, vira presidente duas vezes, elege a Dilma e, quando tudo parecia ir bem, enfrenta essa crise do golpe...

**Lula –** Vou contar uma coisa pra vocês. Pouca gente do nosso lado acreditava que ia haver *impeachment*. Lembro que, quando terminamos dezembro de 2015, tive uma conversa com a Dilma: “A gente estava com 39 graus de febre, chegamos a 37 agora, você precisa decidir se quer baixar para 36 ou ir pra 40. Você tem o mês de janeiro pra tomar uma decisão enquanto o Congresso não volta a trabalhar”.

O fato é que muita gente não acreditava que ia haver *impeachment*, muita gente dizia que eles não tinham coragem, que não havia clima pra isso, e não foi por falta de aviso do Cunha.

**Ivana –** O que o senhor acha que deveria ser feito agora para evitar sua prisão?

**Lula –** Eu não acho que o mais importante seja impedir minha prisão. Deixa eu fazer uma imagem: se o Getúlio Vargas tivesse tido em vida um terço das pessoas que foram ao velório dele na rua, ele não teria se matado. Então, não quero confundir comoção com consciência política. Não quero.

Eu já me dou por satisfeito se, depois de doze anos de porrada, sem poder falar na imprensa com destaque, apenas com as minhas *caravanazinhas*, as minhas *reuni ezinhas* com o povo, apareço nas pesquisas todas da forma como apareço; tenho que ser grato a Deus e grato a tudo. A coisa de que mais tenho orgulho não é de ter sido um presidente popular; eu tenho mais orgulho é do fato de ter mudado a relação do Estado com a sociedade e do governo com a

**Eu tenho mais orgulho é de ter mudado a relação do Estado com a sociedade e do governo com a sociedade. O que eu quis como presidente foi fazer com que os mais pobres deste país se imaginassem no meu**

sociedade. O que eu quis como presidente foi fazer com que os mais pobres deste país se imaginassem no meu lugar. E isso foi conseguido.

**lugar.**

**Juca Kfouri –** E esse ódio todo contra o senhor. Qual é a razão?

**Lula –** Também quero descobrir. Sempre tive um lema sobre a Presidência: primeiro, sempre fui e serei presidente de todos. Mas os que mais precisarem terão a mão do governo. E quem precisa são os trabalhadores, são aqueles que ganham menos, são aqueles deserdados, que não têm nem emprego. As pessoas têm que saber que essa gente tem que comer, tem que voltar a trabalhar, tem que ter chance de ir para a universidade. Ora, eu achei que isso era um bem.

**Sempre fui e serei presidente de todos. Mas os que mais precisarem terão a mão do governo. E quem precisa são os trabalhadores.**

Sempre me diziam: "Ah, o problema do Brasil é o atraso, o problema do Brasil é que não tem escola". Eu inventei com o Haddad uma história maravilhosa: nós vamos colocar pobre na universidade. E qual é o milagre? Você tem as universidades que sonegam imposto, que têm dívida com o governo... Vamos transformar parte desse imposto em bolsa de estudo[244]. E hoje isso virou uma política pública. São quase 2 milhões de jovens que passaram pela universidade. Então, hoje, quando ouço os empresários dizerem: "Ah, é uma questão de educação"... Eles não querem educar coisa nenhuma, porque, se eles quisessem acreditar em educação, o Brasil não teria sido o último país da América do Sul a ter universidade, como falei antes. Eles nunca acreditaram. Então, quando a gente resolve colocar os de baixo na universidade, eles deveriam ficar felizes.

Eu tento descobrir a razão do ódio. Não sei se é ódio, não sei se é medo.

**Juca Kfouri –** O senhor acredita que a elite brasileira ficou incomodada com o fato de estarem ocupando um lugar que historicamente foi só dela?

**Lula –** Todo mundo ouviu quando eles falaram: "Os aeroportos estão parecendo uma rodoviária". Ou seja, pobre andar de avião incomodava. Mas, se fosse um americano, eles achavam bonito. Quando os gringos entram no avião de shortinho, os vira-latas acham bonito. Quando é um negro brasileiro que entra com uma bermuda, "não sabe se vestir para entrar em avião". Tem isso. Tem a

ocupação de restaurantes. Eu lembro que uma vez estava num restaurante com o Jacó Bittar e o Mino Carta, ali na [rua] Treze de Maio. Não era nada chique o restaurante. Entramos pra comer uma feijoada. E fui ao banheiro. Quando passo, uma madame fala: "É, ele diz que defende o trabalhador, mas está no nosso restaurante". Eu voltei e falei: "A senhora vai pagar minha conta? Não. Então, por favor...". Acho que é isso. As pessoas não percebem que o povo mais pobre gosta de coisa boa. A primeira coisa que aconteceu em Guaribas [cidade do Piauí a 653 quilômetros de Teresina] quando a gente lançou o Fome Zero, em 2003, foi aparecer um instituto de beleza. As pessoas querem arrumar o cabelo, as pessoas querem se pintar, usar perfume. E as cotas? Eu conheço uma menina, negra, lá de Minas Gerais, com dois filhos, que entrou na universidade. Ela me disse: "Presidente, o senhor não tem noção do preconceito que eu sofro na sala em que estou".

Ainda sonho com ver muito gerente de banco negro, ver muito negro dentista. Mas isso é um processo. Olha os Estados Unidos. De vez em quando, assisto a alguns filmes de segregação racial, até hoje existe coisa nos Estados Unidos que é impensável, até hoje. Eu disse uma vez: "A gente não vai terminar o preconceito contra negros no Brasil porque a Constituição manda. O preconceito está na cabeça das pessoas. Ou a gente introduz a história da África neste país ou não vai acabar". Tem muita coisa.

**Juca Kfouri –** Há quem diga que o problema no Brasil é que nunca teve uma guerra, uma ruptura...

**Lula –** Eu acho. É engraçado porque toda vez que a sociedade brasileira esteve a ponto de uma ruptura, houve um acordo. E um acordo feito por cima. Quem está por cima não quer sair.

**Toda vez que a sociedade brasileira esteve a ponto de uma ruptura, houve um acordo. E um acordo feito por cima. Quem está por cima não quer sair.**

**Gilberto Maringoni –** E o que fazer agora?

**Lula –** Eles sabem que, se eu voltar, vou fazer mais. Quando você governa e depois fica quatro anos fora, você tem tempo pra pensar coisas pra cacete.

**Maria Inês Nassif –** O senhor acha mesmo possível voltar? Pensando no cenário

de hoje, final de fevereiro de 2018?

**Lula –** Ah, eu quero voltar. Depende de Deus me deixar vivo, me dar saúde. E depende da compreensão dos membros do Poder Judiciário que vão votar, de se preocuparem em ler mesmo os processos para saberem a sacanagem que está sendo feita.

**Ivana Jinkings –** E que peso a mobilização popular pode ter nisso?

**Lula –** A mobilização não resolve tudo. Nós fizemos a mobilização mais importante da história deste país, nas Diretas Já, fomos para o Congresso Nacional e perdemos as eleições diretas[245]. E não aconteceu nada. A gente ficou a ver navios e esperou o Colégio Eleitoral em 1985. Não há ninguém fazendo mobilização contra os processos que estão movendo contra mim. As pessoas estão na expectativa de que as coisas funcionem corretamente, de que as instituições funcionem, tomem decisões. Se acontecer uma coisa considerada anormal, aí vamos ver como é que fica a sociedade.

**Ivana Jinkings –** O senhor não acha que fez concessões demais nos outros dois governos?

**Lula –** Não, fiz as concessões que o momento exigia. Fui eleito presidente com 10 senadores e 91 deputados, num colégio de 513. E, mesmo com esse balanço desfavorável, promovi a ascensão social dos mais humildes. Tirei 36 milhões de brasileiros da miséria, disponibilizei 47 milhões de hectares para assentamento de pequenos produtores (quase 50% do que foi feito em quinhentos anos de história deste país), levei outros 40 milhões a um padrão de vida de classe média baixa, instalei luz elétrica para mais de 15 milhões de pessoas, dei início à transposição do rio São Francisco, coisa que dom Pedro tentou fazer nos tempos em que era imperador... Conciliação é quando você pode fazer e não faz. Se eu tivesse a força que teve o PMDB em 1988, com 23 governadores e 306 constituintes, teria concedido menos e realizado muito mais. Nós demos um padrão de vida para o povo que muitas revoluções armadas não conseguiram – e em apenas oito anos.

**Nós demos um padrão de vida para o povo que muitas revoluções armadas não conseguiram – e em apenas oito anos.**

Muita gente me pergunta: “Lula, você não acha que o PT precisa fazer uma

autocrítica?". Sabe o que eu acho? Se a gente fizer a governança e se criticar ao mesmo tempo, para que oposição? Então, deixa a porra da crítica para a oposição fazer! Eu vou defender o que fiz. O que não fiz, deixa a oposição falar! Senão, não tem oposição neste país [risos].

Deixa eu falar uma coisa que muitas vezes as pessoas me criticam. Aliança política é uma coisa menos trivial do que alguns companheiros de esquerda consideram. Você não faz aliança política porque gosta. Por que o Haddad foi atrás do apoio do Maluf[246]? Porque o Haddad não era conhecido e precisava de um minuto e meio de televisão do Maluf! Gente, em 1974, votar no Quércia[247] era a única opção de qualquer cidadão decente de esquerda deste país, porque do outro lado estava o Carvalho Pinto[248]! Dizer que o Jader Barbalho[249] é ladrão agora… Em 1982, era a única figura de esquerda no Pará que merecia voto!

Se a gente não acompanhar o processo histórico… "Ah, fulano de tal não presta agora." E ontem, ele prestava? E antes de ontem, ele prestava? Vamos pegar o Ulysses Guimarães de 1974 até a Constituição, a importância que ele teve. Eu quero saber se ele é burguês ou não? Ah, porque ele não queria que as pessoas votassem, ele queria estender o processo. Mas ele queria naquele momento, e depois ele virou um puta de um cara. Vamos falar do Teotônio Vilela[250], que pegou em armas lá em Alagoas para matar comunista. O que ele virou depois? Um símbolo da luta para libertar nossos presos políticos! Então, se a gente não discutir política assim, se a gente ficar só com chavão: "Ah, fulano de tal não presta, fulano de tal"... Vejam o Sérgio Cabral[251], que teve 60 e poucos por cento de votos no primeiro turno das eleições de 2010. Esse cara enganou mais de 60% do povo fluminense. Duvido que algum de nós tivesse a menor noção do que acontecia. Duvido. Então, naquele momento, foi importante fazer aliança com o Sérgio Cabral? Foi! Porque o Alckmin fez com o Garotinho[252]! E foi importante fazer a aliança com Cabral. E vou lhe contar uma coisa: tenho orgulho de passar para a história como quem fez mais políticas públicas no Rio de Janeiro. Se hoje não estão funcionando, a verdade é a seguinte: eu fiz. Foi posto muito dinheiro no Estado para fazer. Agora, se quem está governando não está fazendo direito, não tenho culpa. Eu penso sempre assim.

Democracia é bom porque é um aprendizado todo santo dia. Ela é tão boa que eu vou gravar um vídeo apoiando o Guilherme Boulos[253] [pré-candidato do Psol à Presidência]. Vou gravar o apoio! Fui ao congresso do PCdoB apoiar a

Manuela[254], por que que não vou gravar para o Boulos?

**Maria Inês Nassif –** Mas é um exercício essa atividade política...

**Lula –** Mas a política é assim. Eu gosto muito, quando falo de misturar política com futebol e política com casamento, é porque é a mesma coisa. Digo sempre que o melhor exemplo do exercício da democracia é o casamento. Quando você se casa (não estou falando de se casar na Igreja, é quando você vai morar com uma companheira, se casando na Igreja ou não), aí você começa a exercitar o que é democracia. Porque é uma política de concessão e de conquista todo santo dia. O "é dando que se recebe" vale para um casal. Se você tem que lavar a louça hoje, pode até esbravejar e gritar, mas vai lavar a louça. Ou então, quando o marido ou a mulher dizem pro outro: "Vou sair, você fica cuidando das crianças...". Tudo isso é um processo de concessão. É isso que permite que você mantenha o casamento. Quando não dá certo, vem separação, com dois anos, às vezes até com seis meses. Eu já fui padrinho de casamento que, com seis meses, acabou. No futebol, a mesma coisa, é fantástico. O futebol tem que ter a direita, mas tem que ter a esquerda. Tem que ter. É preciso um ponta-direita, um que jogue pela esquerda... Normalmente os melhores jogam no meio. São os do centro os que jogam melhor.

**Ivana Jinkings –** Há controvérsias...

**Juca Kfouri –** A Ivana acha que o melhor é o ponta-esquerda [risos].

**Lula –** Depende. Se fosse um Canhoteiro[255], um Rivellino[256] na seleção de 1970, aí sim. Mas então, querida, é isso. Agora, democracia é bom porque é um aprendizado todo santo dia.

**Juca Kfouri –** Voltando ao Boulos. O senhor acha que vai sair candidato mesmo?

**Lula –** Vai. Eu acho uma pena a escolha dele ser o Psol. O Boulos veio conversar comigo, veio conversar com a Dilma, foi conversar com o Lindberg[257], foi conversar com o Breno Altman[258], voltou a conversar comigo, voltou a

conversar com a Dilma. Ele estava inquieto. Quando conversou comigo, falei: “Boulos, deixa eu te dizer uma coisa, querido. Eu sou o único cara com quem você não tem que conversar. Primeiro, porque não vou dizer uma palavra para você não ser candidato. A única coisa que lamento é que você, com o sonho que tem na cabeça de um partido político, tenha entrado no Psol. Não deveria. Você deveria construir uma coisa nova. Então, deixa eu te falar. Se você quiser ser candidato, seja candidato. De minha parte, você não terá um milímetro de contestação. Sou seu companheiro”. E ele tem sido muito solidário comigo. E acho bom para o Brasil que as pessoas comecem a se lançar. É nobre para o Brasil ter Manuela, ter Boulos. A Marina[259] já não é tão nobre assim. Mas vai ser bom pro Boulos, porque é um aprendizado legal. Ele vai perceber que as pessoas não gostam tanto da gente como a gente pensa que gostam, vai perceber que nem todo mundo que dá tchauzinho pra gente vota na gente…

**Ivana Jinkings –** Presidente, retomando, para encerrar: por que o senhor acha importante ser candidato novamente?

**Lula –** Aí eu sou obrigado a deixar a minha humildade de lado e dizer para você uma coisa com muita seriedade e serenidade. É porque, neste instante da história do país, pela ausência de gente melhor, é preciso ter alguém com credibilidade na sociedade. Alguém em quem a sociedade confie. Alguém que recupere a credibilidade internacional. E alguém que entenda de povo. Alguém que fale menos em economia e fale mais da alma desse povo. Então, qualquer cara que vier a governar este país tem que saber que a palavra mágica é, primeiro, credibilidade do governo – esse é um tema sobre o qual falei no começo da entrevista. Segundo, a economia tem que voltar a crescer, porque tem que gerar emprego para fazer o PIB crescer e para diminuir a dívida pública. Então, o país está precisando disso, de geração de emprego, de aumento da renda desse povo e de pôr o dinheiro para circular aqui dentro. Do jeito que as pessoas estão, todo dia faz um aperto, todo dia corta alguma coisa. E aí vem o Temer e dá 30, 40 bilhões de reais para deputados, enquanto corta os benefícios do povo. Agora querem mudar o Código Florestal, para tentar acabar com a pequena propriedade no campo. Na verdade, o que nós precisamos é soltar esse país das amarras, pra ele crescer.

Eu colocaria 100 bilhões de reais da reserva para fazer o país voltar a crescer. E por quê? Só pode fazer isso quem acreditar no que está fazendo. Se eu tenho

confiança no que estou fazendo, vou dizer ao povo brasileiro: "Olha, não dá para continuar assim. O BNDES vai voltar a financiar o crescimento econômico deste país, a Caixa Econômica vai voltar a financiar habitação, o Banco do Brasil vai voltar a financiar o pequeno produtor, e este país vai voltar a crescer". Vai aumentar a dívida? Vai. Mas nós vamos pagar. E vamos pagar quando o PIB crescer. Alguém tem coragem de dizer essas coisas em alto e bom som? Eu tenho credibilidade para isso. Então, até lamento dizer, mas acho que sou a pessoa com mais credibilidade para fazer isso olhando na cara de uma pessoa de 80 anos e na de uma de 20 anos. É por isso que quero voltar. Estou convencido de que posso ajudar a resolver o problema do país. Assim como estou convencido de que a verdade vencerá.

---

[1] Derrota do Corinthians para o São Bento por 1 a 0 em 14 de fevereiro pelo Campeonato Paulista 2018.

[2] Eduardo Galeano, *Futebol ao sol e sombra* (trad. Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito, Porto Alegre, LP&M, 2004).

[3] O assunto era o jogo que o Real Madrid venceu do Paris Saint-Germain por 3 a 1 pelas oitavas de final da Liga dos Campeões da Europa 2018, em 14 de fevereiro, em Madri.

[4] Lula discursou na avenida Paulista, em São Paulo, em celebração à vitória eleitoral em 27 de outubro de 2002.

[5] O programa Fome Zero foi idealizado em 2001 no Instituto Cidadania, ligado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e transformado em Instituto Lula em 2011. O programa tornou-se política de governo em 2003 para combater a fome e garantir a segurança alimentar dos brasileiros.

[6] Minha Casa Minha Vida foi o programa de habitação popular do governo Lula, lançado em 2009, sendo descaracterizado pelo governo Temer depois do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff.

[7] Pesquisa do Ibope divulgada em 16 de dezembro de 2010 indicava que a popularidade do então presidente era de 87%, algo inédito na história. Pesquisa do Instituto Sensus indicou a mesma taxa, qualificando Lula como o presidente em fim de mandato com maior popularidade no planeta – Nelson Mandela havia deixado o governo da África do Sul, em 1999, com 82% de aprovação. Pesquisa do Datafolha anotou o índice de 83% e concluiu que Lula encerrou o segundo mandato com mais apoio do que havia começado o primeiro (76%).

[8] Movimento Revolucionário 8 de Outubro, organização política que participou da luta armada contra a ditadura e depois teve uma trajetória política tortuosa.

[9] O advogado Airton Soares era deputado federal pelo PT de São Paulo à época do episódio em questão. Ver nota 145 desta entrevista.

[10] Luiz Eduardo Greenhalgh havia sido o advogado de Lula e demais metalúrgicos presos nas greves do ABC (1979-1980) e presidente da seção paulista do Comitê Brasileiro da Anistia nos anos 1970. Foi vice-

prefeito de São Paulo na chapa encabeçada por Luiza Erundina (1989-1993). Depois de várias legislaturas em que foi suplente na Câmara dos Deputados, exercendo parcialmente os mandatos, elegeu-se deputado federal em 2002. Sua atuação na advocacia é marcada pela defesa dos direitos humanos e de protagonistas dos movimentos sociais perseguidos pelo sistema.

[11] Olívio Dutra era, à época do acontecido, presidente do PT gaúcho e candidato (derrotado) ao governo do Estado. Ver nota 189.

[12] Lula é o caçula dos oito filhos de Aristides Inácio da Silva e Eurídice Ferreira de Melo, casal de lavradores iletrados que vivenciaram a fome e a miséria na zona mais pobre de Pernambuco. Nasceu em 27 de outubro de 1945, em Caetés, que, à época, era um distrito do município de Garanhuns, interior pernambucano. Faltando poucos dias para sua mãe dar à luz, seu pai decidiu tentar a vida como estivador em Santos, levando consigo Valdomira Ferreira de Góis, prima de Eurídice, com quem formaria uma segunda família.

[13] Marisa Letícia Lula da Silva foi casada com Lula de 1974 até sua morte, em 3 de fevereiro de 2017, em decorrência de um acidente vascular cerebral (AVC).

[14] João Santana de Cerqueira Filho foi responsável pelo marketing político das campanhas de Lula e Dilma.

[15] Fernando Henrique Cardoso foi presidente do Brasil entre 1995 e 2003, derrotando Lula nas eleições de 1994 (no primeiro turno, com 54% dos votos válidos) e 1998 (no primeiro turno, com 53% dos votos válidos). Suas vitórias nos pleitos deveram-se sobretudo à estabilização da economia propiciada pelo Plano Real, lançado quando FHC era ministro da Fazenda (1993-1994), no governo Itamar Franco. Entre 1983 e 1992, foi senador por São Paulo. Um dos mais renomados sociólogos brasileiros, Fernando Henrique Cardoso teve uma trajetória da social-democracia ao neoliberalismo a partir dos anos 1990 e foi um dos incentivadores do golpe de Estado de 2015-2016 contra a presidenta Dilma Rousseff.

[16] A Câmara dos Deputados aprovou, em 17 de abril de 2016, a instalação do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff por 367 votos a favor, 7 abstenções e apenas 167 contrários; o número mínimo para a aprovação era de 342.

[17] O jogo, em 18 de junho, em Rosário, terminou 0 a 0.

[18] Wellington Moreira Franco, um dos mais ativos articuladores do golpe de Estado contra a presidenta Dilma, foi nomeado por Michel Temer como ministro-chefe da Secretaria da Presidência em fevereiro de 2017 e permanecia no cargo até a edição deste livro. Governador do Rio de Janeiro entre 1987 e 1991, Moreira Franco foi ao longo de anos alvo de inúmeras denúncias de corrupção e ficou conhecido por seus laços com o crime organizado, especialmente com o Comando Vermelho. Tinha relação de grande amizade e intimidade com o professor de educação física Nazareno Barbosa Tavares, seu *personal trainer*, que organizou e comandou um dos sequestros mais espetaculares da história, o do empresário Roberto Medina, dono do Rock in Rio, em junho de 1990.

[19] Geddel Vieira Lima, outro dos líderes do golpe contra Dilma, quando da edição deste livro estava no presídio da Papuda, em Brasília, para o qual foi em setembro de 2017, depois que a Polícia Federal encontrou 51 milhões de reais em dinheiro vivo escondidos em malas, num apartamento utilizado por ele em Salvador. Foi ministro da Integração Nacional no segundo governo Lula e vice-presidente da Caixa Econômica Federal entre 2011 e 2013. Sobre ele pesa uma série de denúncias de corrupção. Rompeu com Dilma e passou a articular o golpe contra ela, tendo sido ministro-chefe da Secretaria de Governo de Temer entre maio e novembro de 2016. Deixou o cargo depois que o ex-ministro da Cultura Marcelo Calero denunciou haver sido pressionado por ele para liberar as obras de um prédio no centro histórico de Salvador

(prédio em que Geddel tem um apartamento).

[20] Romero Jucá, um dos líderes do Movimento Democrático Brasileiro (MDB), foi também articulador do golpe contra Dilma, depois de ter sido ministro da Previdência no governo Lula em 2005. Ministro do Planejamento de Temer por menos de um mês, em maio de 2016 caiu, após o vazamento da gravação de uma conversa sua com o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado, na qual afirmava que seria dado o golpe contra Dilma para em seguida firmar-se um acordo, com a participação de membros do Supremo Tribunal Federal (STF), a fim de delimitar a Lava Jato – o que, de fato, ocorreu. Voltou ao Senado, onde assumiu a liderança do governo e a presidência do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB). Toda a sua carreira política, desde 1984, foi pontuada por acusações de corrupção.

[21] Ricardo Berzoini foi ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais entre abril de 2014 e janeiro de 2015 e depois ministro-chefe da Secretaria de Governo da Presidência da República entre outubro de 2015 e maio de 2016, cargos em que era um dos responsáveis pela articulação política do governo Dilma Rousseff.

[22] Jaques Wagner foi ministro-chefe da Casa Civil entre outubro de 2015 e março de 2016 e também responsável pela articulação política do governo Dilma Rousseff.

[23] Aloizio Mercadante foi ministro-chefe da Casa Civil de fevereiro de 2014 a outubro de 2015, quando foi substituído por Jaques Wagner. Ocupou o cargo de ministro da Educação de outubro de 2015 a maio de 2016, mas prosseguiu participando das articulações políticas do governo Dilma Rousseff.

[24] Marco Maciel foi deputado, governador de Pernambuco, senador e vice-presidente da República na chapa de Fernando Henrique Cardoso. Ligado à ditadura militar, foi discípulo do general Golbery do Couto e Silva, rompendo com o regime pouco antes da derrota de Paulo Maluf para Tancredo Neves no Colégio Eleitoral em 1985. Foi ministro da Educação e ministro-chefe da Casa Civil no governo José Sarney.

[25] Eduardo Cunha foi, na condição de presidente da Câmara dos Deputados, o grande comandante do golpe contra Dilma Rousseff. Ingressou na vida política a convite de Paulo César Farias (PC Farias), tesoureiro da campanha de Fernando Collor e pivô da queda do então presidente. Nomeado, por influência de PC Farias, presidente da Telerj em 1991, desde então sua carreira política esteve cercada por denúncias de corrupção e articulação de bancadas parlamentares com base em troca de favores, cargos e dinheiro, até formar a maior bancada do Congresso Nacional para a derrubada de Dilma Rousseff. Em setembro de 2016, teve seu mandato cassado pelos colegas da Câmara. Em 30 de março de 2017, foi condenado, no âmbito da operação Lava Jato, a quinze anos e quatro meses de reclusão pelos crimes de corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas, permanecendo preso em Curitiba até a edição deste livro.

[26] O jornalista Rui Falcão foi presidente do PT de 2011 a 2017.

[27] Alexandre Padilha foi ministro-chefe da Secretaria de Relações Institucionais no governo Lula de setembro de 2009 até o fim do governo, em 1º de janeiro de 2011, e ministro da Saúde do governo Dilma Rousseff de janeiro de 2011 a fevereiro de 2014.

[28] Ideli Salvatti foi ministra-chefe da Secretaria de Relações Institucionais no governo Dilma Rousseff de janeiro de 2011 a abril de 2014.

[29] Antonio Palocci Filho foi ministro da Fazenda do governo Lula de janeiro de 2003 a março de 2006 e ministro-chefe da Casa Civil no governo Dilma de janeiro de 2011 a junho do mesmo ano. Preso pela operação Lava Jato, negociou um acordo de delação premiada em setembro de 2017, desligando-se do PT.

[30] Luiz Carlos Trabuco, presidente do Bradesco desde 2009 até o encerramento da edição deste livro.

[31] Henrique Meirelles foi presidente do Banco Central durante os governos Lula (2003-2010). Depois da derrubada de Dilma Rousseff, tornou-se ministro da Fazenda do governo Michel Temer, cargo que ocupa atualmente.

[32] Guido Mantega foi ministro do Planejamento no governo Lula de janeiro de 2003 a novembro de 2004 e ministro da Fazenda nos governos Lula e Dilma Rousseff de março de 2006 a janeiro de 2015.

[33] Taxa de Juros de Longo Prazo definida pelo Banco Central.

[34] Paulo Pereira da Silva, presidente da Força Sindical, deputado federal e líder do partido Solidariedade.

[35] Taxa Selic representa a remuneração das instituições financeiras nas operações com títulos públicos, sendo o índice (patamar básico) que baliza as taxas de juros no Brasil.

[36] Crédito consignado é um empréstimo com pagamento indireto, cujas parcelas são deduzidas diretamente da folha de pagamento ou de algum benefício da pessoa física.

[37] O jornalista Franklin Martins foi chefe da Secretaria de Comunicação Social (Secom) durante o governo Lula, de março de 2007 a dezembro de 2010.

[38] Joaquim Levy foi ministro da Fazenda no governo Dilma de janeiro a dezembro de 2015. Ocupou cargos no Fundo Monetário Internacional (FMI) e no serviço público no Brasil entre 1992 e 2010, quando foi para o Bradesco, onde ficou até 2014, ano em que foi nomeado ministro da Fazenda (em 27 de novembro), tomando posse em janeiro do ano seguinte. Adotou uma política econômica de austeridade com perfil neoliberal.

[39] *Marolinha* foi o termo que Lula usou para qualificar os efeitos da grande crise mundial de 2008 no Brasil. Ao combater a crise com investimentos públicos e incentivo ao consumo, Lula enfrentou a recessão, que durou apenas um semestre no país, superada no primeiro trimestre de 2009 com um crescimento de 1,9% do produto interno bruto (PIB).

[40] O Plano de Aceleração do Desenvolvimento (PAC) foi lançando por Lula em janeiro de 2007, sob a coordenação da então ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff. Sua primeira versão previa investimentos de 500 bilhões de reais até 2010, com prioridade em obras de infraestrutura para dar base ao crescimento do país.

[41] Paulo Okamotto integrava a equipe de direção do Instituto Lula quando este livro foi editado. Foi sindicalista com Lula no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Durante o governo Lula, foi presidente do Sebrae (2003-2010).

[42] Clara Ant foi assessora especial de Lula nos dois mandatos e acompanhou o ex-presidente depois da fundação do Instituto Lula, sendo sua dirigente.

[43] Luiz Dulci foi ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência durante os dois mandatos de Lula. Como Clara Ant, acompanhou o ex-presidente na fundação do Instituto Lula, sendo seu dirigente.

[44] O economista Walter Barelli foi diretor técnico do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (DIEESE) entre 1966 e 1990.

[45] Marco Aurélio Garcia foi assessor especial para Assuntos Internacionais dos governos Lula e Dilma Rousseff. Coordenou a equipe do programa de governo de Lula nas eleições de 1994, 1998 e 2006 e de Dilma na eleição de 2010. Em 1990, na condição de secretário de Relações Internacionais do PT, foi um dos organizadores e fundadores do Foro de São Paulo, para reunir as organizações de esquerda da América Latina e do Caribe. Morreu em 20 de julho de 2017, de infarto.

[46] Léo Pinheiro, presidente da empreiteira OAS, foi condenado no contexto da operação Lava Jato a 26 anos de prisão. Preso em novembro de 2014, foi colocado em prisão domiciliar pelo STF em abril de 2015. Condenado inicialmente a 16 anos de prisão, teve sua delação premiada recusada porque insistia em inocentar Lula. Como retaliação, o TRF-4 aumentou sua pena em 10 anos. Preso novamente em setembro de 2016, passou a ser pressionado a mudar seu depoimento e acusar Lula, o que concordou em fazer em abril de 2017. Com isso, sua pena foi reduzida de 26 anos para 3 anos e meio.

[47] O embaixador Celso Amorim foi ministro das Relações Exteriores durante os dois mandatos de Lula e ministro da Defesa de agosto de 2011 a janeiro de 2015, no governo Dilma Rousseff.

[48] O ex-presidente dos Estados Unidos George W. Bush esteve na granja do Torto durante sua visita ao Brasil, em março de 2007. Em que pesem as enormes divergências ideológicas, Lula e Bush se tornaram amigos.

[49] Principal líder da Revolução Cubana, Fidel Castro, governou a República de Cuba de 1959 a 2008, inicialmente, até 1976, como primeiro-ministro, depois, como presidente. Uma das maiores figuras históricas do século XX, fez da ilha o símbolo da resistência ao imperialismo e ao capitalismo. Tendo sobrevivido a centenas de tentativas de assassinato, boa parte delas pela CIA, morreu de causas naturais em 25 de novembro de 2016, aos 90 anos.

[50] Hugo Chávez governou a Venezuela de 1999 até sua morte, em 5 de março de 2013. Elegeu-se presidente pela primeira vez em 6 de dezembro de 1998. Foi um dos maiores líderes populares da América Latina.

[51] Laura Bush é esposa de George Bush desde 1977.

[52] Hu Jintao foi secretário-geral do Partido Comunista Chinês e presidente da China entre 2003 e 2013. É casado com Liu Yongqing.

[53] Evo Morales é presidente da Bolívia desde janeiro de 2006 e continuava sendo quando este livro foi editado.

[54] Na campanha presidencial, Evo Morales foi candidato do movimento dos camponeses *cocaleros*. É um movimento social de ampla base social no país. Os *cocaleros* nunca se definiram apenas como camponeses, mas como indígenas plantadores e protetores de uma folha simbólica para sua cultura, a folha de coca. O movimento constituiu-se por várias identidades e diversos objetivos e acompanhou outros setores ativos da sociedade boliviana numa agenda de reivindicações étnicas, sociais e econômicas.

[55] Gilmar Mendes foi nomeado ministro do STF por Fernando Henrique Cardoso em 2002 e tornou-se um dos principais articuladores do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff e um líder das forças de direita no país.

[56] Sérgio Moro era, de março 2014 até a edição deste livro, o juiz de primeira instância responsável pelos julgamentos da força-tarefa da operação Lava Jato. Depois de um período de popularidade por construir uma imagem de juiz inflexível no combate à corrupção, tornou-se patente sua atuação de cunho político contra a esquerda e, em especial, contra o ex-presidente Lula. A Lava Jato passou a ser cada dia mais uma referência de desvio do Poder Judiciário, com a prática de falsificação de provas, chantagem e ameaças contra aqueles que a força-tarefa considerou seus alvos.

[57] Os três desembargadores do TRF-4, de Porto Alegre, condenaram Lula em 24 de janeiro de 2018 a uma pena de doze anos e um mês num julgamento considerado dos mais desmoralizantes para o Poder Judiciário nacional, pela quantidade de afrontas a princípios básicos do direito penal brasileiro.

[58] Cristiano Martins Zanin, sócio do escritório Teixeira, Martins e Advogados, tinha 37 anos de idade

quando começou a advogar para Lula e sua família, em 2013.

[59] Deltan Dallagnol, procurador da República, apresentou denúncia contra o ex-presidente Lula em 14 de setembro de 2016 num espetáculo que ficou conhecido como "o *po er point* do Dallagnol". A *performance* consistiu num conjunto de suposições e preconceitos do procurador contra Lula, exposto numa série de *slides* de PowerPoint, com apresentação gráfica tosca e sem qualquer prova que sustentasse as acusações. O caso ficou conhecido internacionalmente e foi ridicularizado e condenado pela comunidade jurídica no Brasil e no exterior.

[60] A Lei da Ficha Limpa foi sancionada por Lula em 2010. Torna inelegível por oito anos qualquer candidato que tiver o mandato cassado, renunciar para evitar a cassação ou for condenado por decisão de órgão colegiado (com mais de um juiz), mesmo que ainda exista a possibilidade de interpor recursos.

[61] *Carta ao povo brasileiro* foi um documento lançado por Lula em junho de 2002, durante a campanha eleitoral, com o objetivo de acalmar os ânimos do mercado (banqueiros, empresários, investidores rentistas e mídia) que estavam causando abalos na economia diante de seu favoritismo na disputa.

[62] Rede de televisão mexicana com poder equivalente ao da Globo no Brasil.

[63] Sérgio Motta participou da fundação do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), tornando-se o principal articulador do partido, amigo íntimo de Fernando Henrique Cardoso, coordenador de sua campanha em 1994. Ministro das Comunicações, continuou como principal articulador de FHC e conduziu o programa de privatização do sistema de telefonia do país, em meio a acusações de corrupção. Morreu em 1998, vítima de uma infecção pulmonar.

[64] Antônio Ermírio de Moraes foi presidente do Grupo Votorantim – criado por seu pai –, um dos maiores conglomerados empresariais brasileiros, com presença em 23 países nas áreas de siderurgia, energia, cimento, celulose, produção de suco de laranja e atuação financeira. Crítico dos juros elevados, obcecado pelo trabalho, foi candidato a governador de São Paulo nas eleições de 1986, quando foi derrotado por Orestes Quércia (PMDB).

[65] José Alencar, empresário fundador do grupo têxtil Coteminas. Foi vice-presidente de Lula nos dois mandatos (de 2003 a 2011). Morreu em março de 2011, em decorrência de um câncer.

[66] Nelson Mandela foi presidente da África do Sul de 1994 a 1999, depois de ter sido o principal líder da luta contra o regime do *apartheid* no país. Sua vida teve caráter épico, e ele é considerado hoje um dos grandes líderes inspiradores da humanidade, ao lado de pessoas como Mahatma Gandhi. Ficou preso por 27 anos, até 1990. Quando saiu da cadeia, comandou a derrota do regime racista. Morreu em 5 de dezembro de 2013, em decorrência de uma infecção pulmonar.

[67] *Di rio da oite* foi um jornal que circulou em São Paulo de 1925 a 1980, integrando o grupo dos *Di rios Associados* de Assis Chateaubriand.

[68] Antonio Guzman, corintiano fanático, foi jornalista. Com passagem por importantes jornais paulistas, como o *Di rio opular*, o *Di rio da oite* e a *Folha da Tarde*, entrou para a história do rádio ao lado de Lucas Neto ao colocar no ar, em 1979, o programa *inte ot cias de Antonio Guzman e Lucas eto*, transmitido pela Rádio Tupi. Morreu em 1996.

[69] José Ferreira da Silva, o Frei Chico, é irmão de Lula, quatro anos mais velho. Militante dos quadros sindicais do Partido Comunista Brasileiro (PCB) a partir dos anos 1960 até o início dos anos 1990, foi indicado em 1968 para participar de uma chapa que concorria à diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Recusou e indicou Lula. Não é frei de fato, trata-se de um apelido que recebeu de um companheiro de fábrica.

[70] Nome como é conhecido o Partido Comunista Brasileiro (PCB).

[71] Joaquim dos Santos Andrade, conhecido como Joaquinzão, foi presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo a partir de 1965, por seguidas gestões, até 1986, quando foi eleito presidente da Central Geral dos Trabalhadores (CGT). Apoiador do golpe militar em 1964, Joaquinzão tornou-se símbolo do peleguismo quando surgiram os sindicalistas independentes, que acabariam despontando para o cenário nacional com as greves do ABC (1978-1980). Afastou-se progressivamente do regime militar, chegando a ser um dos principais líderes da greve geral de 1983. Morreu em 5 de fevereiro de 1997.

[72] Emílio Bonfante foi destacado líder sindical na Marinha Mercante, comandando a greve dos marítimos, de 1953. Membro do PCB, foi preso e torturado barbaramente duas vezes, em abril de 1964 e em 1971, ao voltar de modo clandestino ao país, depois de dois anos em Moscou; na segunda vez, a esposa foi torturada com ele. Em 1976, foi preso novamente e condenado a mais quatro anos de prisão. Anistiado em 1978, morreu em 1999.

[73] Lula foi eleito deputado com 650 mil votos, em 1986.

[74] Lech Walesa foi fundador do sindicato livre Solidariedade, na Polônia, e liderou a greve dos estaleiros de Gdansk em 1980. Recebeu o Nobel da Paz em 1983 e teve papel decisivo na derrota do regime do socialismo de Estado no país. Elegeu-se presidente polonês em 1990. Católico conservador, a liderança de Walesa não perdurou muito. Foi derrotado no segundo turno de um pleito em que concorria à reeleição em 1995 (por três pontos percentuais) e, ao concorrer novamente em 2000, não chegou a ter 1% dos votos.

[75] Fernando Haddad foi eleito prefeito de São Paulo nas eleições de 2012 depois de ficar em segundo lugar no primeiro turno, com 28% dos votos (José Serra foi o primeiro, com 30%). No segundo turno, Haddad teve 55% dos votos (Serra, 44%).

[76] O “Mensalão” foi um caso surgido em 2005 e serviu como elemento de violenta pressão contra o governo Lula, ameaçando derrubá-lo ou, no mínimo, desgastá-lo fortemente para as eleições de 2006 (que ele acabaria vencendo), numa campanha que envolveu a imprensa conservadora, o PSDB e o Judiciário, em especial o STF. Apesar da falta de provas, foram vários os condenados, com destaque para José Dirceu, que era o poderoso ministro-chefe da Casa Civil do primeiro governo Lula, e o então presidente do PT, José Genoino.

[77] Franklin Delano Roosevelt foi presidente dos Estados Unidos de 1933 a 1945 pelo Partido Democrata. Logo depois de sua posse, lançou o *e Deal*, programa que tinha em vista combater a Grande Depressão americana (desde 1929) e se baseava nas ideias de John Maynard Keynes sobre o papel do Estado na economia, em oposição aos liberais (que seriam conhecidos como neoliberais do fim do século XX). As principais medidas foram: grandes investimentos em obras de infraestrutura com uso intensivo de trabalhadores para combate ao desemprego, diminuição da jornada de trabalho, criação do salário mínimo, do seguro-desemprego e do seguro-aposentadoria. O programa, que durou até 1937, arrancou os Estados Unidos da crise e alçou a economia americana à posição de maior do mundo. Roosevelt também liderou o país na Segunda Guerra Mundial contra o nazismo. Morreu em 12 de abril de 1945, ainda no cargo, de hemorragia cerebral.

[78] Nessa eleição, Lula teve pouco mais de 1 milhão de votos (10% do total) e foi derrotado por Franco Montoro, que governou São Paulo de 1983 a 1987. Antes do golpe de 1964, Montoro pertencera ao Partido Democrata Cristão. Esteve sempre na oposição ao regime militar, filiando-se ao MDB logo depois da extinção dos partidos políticos. Foi eleito senador em 1970 e reeleito em 1978. Era um dos principais líderes da luta pela redemocratização. Seu papel na campanha das Diretas Já, quando governador, foi fundamental. Morreu em 16 de julho de 1999, devido a um ataque cardíaco.

[79] Francisco Malfitani foi o publicitário responsável pela campanha.

[80] O "triplex do Guaruja", cuja propriedade foi falsamente atribuída a Lula pela operação Lava Jato, teria sido avaliado em R$ 2,2 milhões segundo divulgou o juiz Sérgio Moro em 14 de fevereiro de 2018. Ver Adriana Justi e José Vianna, "Triplex no Guarujá atribuído pelo MPF ao ex-presidente Lula foi avaliado em R$ 2,2 milhões", *G1*, 14 fev. 2018.

[81] Murilo Macedo foi ministro do Trabalho de 1979 a 1985, no governo Figueiredo, e, nessa condição, foi o responsável pela intervenção no Sindicado dos Metalúrgicos do ABC, que só se encerraria em 1981. Morreu em 26 de agosto de 2003.

[82] Leonel Brizola foi um dos principais líderes políticos do Brasil. Como governador do Rio Grande do Sul, ganhou projeção nacional ao liderar em 1961 a Campanha pela Legalidade para garantir a posse de João Goulart na Presidência, após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961. Exilado depois do golpe de 1964, voltou ao Brasil em 1979, com a anistia. Fundou o PDT, elegeu-se governador do Rio de Janeiro em 1982 e, no cargo, revolucionou a educação no Estado com o lançamento dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps). Candidato a presidente em 1989, perdeu a vaga no segundo turno por pequena margem para Lula, apoiando-o vigorosamente na segunda etapa do pleito. Foi eleito outra vez governador do Rio de Janeiro em 1990. Uma das marcas de Brizola foi seu corajoso combate ao monopólio e às posições reacionárias da Rede Globo. Morreu em 21 de junho de 2004 devido a um infarto.

[83] O "caso Lubeca", como ficou conhecido, surgiu de uma denúncia falsa feita em 1989 pelo então candidato do Partido Social Democrático (PSD) à Presidência, Ronaldo Caiado, líder da ala mais retrógrada dos ruralistas. Ele acusava o PT de ter recebido 200 mil dólares para a campanha de Lula em troca da aprovação de um projeto imobiliário na cidade de São Paulo. Todas as ações legais decorrentes da denúncia de Caiado foram arquivadas ou encerradas quando ficou comprovada sua falsidade. Ronaldo Caiado surgiu na política nacional em 1987 como presidente da União Democrática Ruralista (UDR), organização de fazendeiros e latifundiários que se opunham à reforma agrária e defendiam o confronto armado contra os trabalhadores rurais sem terra. No encerramento da edição deste livro, Ronaldo Caiado era senador por Goiás (Democratas, DEM).

[84] Nicolas Sarkozy foi presidente da França de 2007 a 2012.

[85] Barack Obama foi presidente dos Estados Unidos de 2009 a 2017. Durante reunião do G20, em abril de 2009, em Londres, Obama disse a Lula, numa roda de líderes mundiais, que Lula era "o político mais popular da Terra". Olhando para o então primeiro-ministro da Austrália, Kevin Rudd, disse, apontando para Lula: "Esse é o cara! Eu adoro esse cara!".

[86] Em 2012, o governo Dilma Rousseff lançou o nome do embaixador brasileiro Roberto Azevêdo para diretor-geral da Organização Mundial do Comércio (OMC). Ele venceu a disputa, com apoio explícito de Lula, derrotando o mexicano Herminio Blanco, que tinha o apoio dos Estados Unidos e da União Europeia.

[87] O Rio de Janeiro foi eleito em 2009 cidade-sede das Olimpíadas de 2016.

[88] O agrônomo brasileiro José Graziano foi eleito secretário-geral da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) em 2011, lançado pelo governo Dilma Rousseff, com apoio explícito de Lula. Foi reeleito em 2015 com o maior número de votos da história da FAO: 177 em 182. Em 2001, Graziano havia coordenado a formulação do programa Fome Zero, que se tornou um dos principais pontos da campanha presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002. Foi nomeado por Lula para chefiar o Ministério Extraordinário de Segurança Alimentar e Combate à Fome. Depois, tornou-se assessor especial da Presidência, iniciando em 2006 sua trajetória na FAO.

[89] Os campos petrolíferos do pré-sal no Brasil situam-se a profundidades que variam de 1.000 a 2.000 metros de lâmina d'água e entre 4.000 e 6.000 metros de profundidade no subsolo. Foram descobertos em 2006 pela Petrobras, e Lula tornou sua exploração prioridade nacional. Estima-se que lá estejam guardados cerca de 80 bilhões de barris de petróleo e gás, o que deixaria o Brasil na privilegiada posição de sexto maior detentor de reservas no mundo – atrás de Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait e Emirados Árabes.

[90] Lei da Partilha foi como ficou conhecido o diploma que estabeleceu o regime de exploração do pré-sal. Ela previa que 75% dos *ro alties* do petróleo seriam destinados à educação, e 25%, à saúde. A estimativa era de que, com essas medidas, em trinta anos só a educação teria um incremento de mais de 360 bilhões de reais em investimento. Em 2016, já no contexto do golpe de Estado, a Lei da Partilha foi na prática liquidada na Câmara e no Senado, com o fim da exclusividade da exploração do pré-sal pela Petrobras e o cancelamento de qualquer recurso destinado a educação e saúde.

[91] O Brasil é o segundo maior produtor mundial de etanol combustível, atrás dos Estados Unidos, e, até 2010, era seu maior exportador.

[92] Getúlio Vargas é um dos maiores nomes da história do país. Pode-se dizer que há um Brasil antes de Vargas e outro depois dele. Foi presidente do Brasil em dois períodos. O primeiro período foi de quinze anos ininterruptos, de 1930 a 1945, e dividiu-se em três fases: de 1930 a 1934, como chefe do Governo Provisório; de 1934 a 1937, como presidente da República do Governo Constitucional, tendo sido eleito presidente da República pela Assembleia Nacional Constituinte de 1934; e de 1937 a 1945, como presidente-ditador durante o Estado Novo, implantado após um golpe de Estado. No segundo período, em que foi eleito por voto direto, Getúlio governou o Brasil por três anos e meio, de 31 de janeiro de 1951 a 24 de agosto de 1954, quando cometeu suicídio. Seus governos foram responsáveis pela industrialização do país e por políticas desenvolvimentistas de cunho nacionalista, com a criação da Petrobras e da Companhia Siderúrgica Nacional, entre outras. Um dos feitos de Vargas foi a promulgação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), criada por meio do Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943, com forte oposição empresarial. Alguns analistas afirmam que ela foi fortemente inspirada na Carta del Lavoro do governo fascista de Benito Mussolini, na Itália, enquanto outros consideram que isso é uma mistificação – nela se estabeleceram salário mínimo, direito às férias, Previdência Social, entre outras medidas.

[93] Luiz Gushiken foi líder sindical bancário, coordenador das campanhas presidenciais de Lula em 1989 e 1998, deputado federal pelo PT (1987-1999) e ministro-chefe da Secom no primeiro governo Lula, até 2005. Foi o chefe do Núcleo de Assuntos Estratégicos até 2006. Foi inocentado de todas as acusações que sofreu durante o governo, especialmente as vinculadas ao caso do Mensalão. Morreu de câncer, em 13 de setembro de 2013.

[94] O Programa Universidade Para Todos (Prouni) foi criado no primeiro governo Lula, em 2005. O Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (Fies) foi criado em 1999 como sucessor do Programa de Crédito Educativo e reformulado e ampliado em 2010, no segundo governo Lula. O Prouni concede bolsas de estudo integrais e parciais de 50% em instituições privadas de educação superior, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, a estudantes brasileiros sem diploma de nível superior. O Fies destina-se a financiar a graduação na educação superior de estudantes matriculados em instituições não gratuitas. O bolsista parcial do Prouni pode utilizar o Fies para custear os outros 50% da mensalidade.

[95] O Fundo Especial de Assistência Financeira aos Partidos Políticos, mais conhecido como Fundo Partidário, é o financiamento público, não exclusivo, dos partidos políticos do Brasil; não se restringe às campanhas eleitorais. É constituído, sobretudo, por dotações orçamentárias da União e por doações de pessoas físicas ou jurídicas, efetuadas mediante depósitos bancários diretamente na conta do Fundo Partidário e por outros recursos financeiros que lhe forem atribuídos por lei. Em 2014, o Fundo Partidário

chegou a quase 400 milhões de reais.

[96] Cristina Kirchner foi senadora pelas províncias de Santa Cruz e Buenos Aires e presidente da Argentina entre 2007 e 2015. Viúva do ex-presidente Néstor Kirchner, seu antecessor, foi primeira-dama do país de 2003 a 2007. Em 2017, foi eleita novamente senadora por Buenos Aires, função que exercia até a edição deste livro.

[97] Fernando Lugo, bispo emérito da Igreja católica, aposentado muito antes do tempo pelo papa João Paulo II, foi presidente do Paraguai de 15 de agosto de 2008 a 22 de junho de 2012, quando foi vítima de um golpe parlamentar da direita paraguaia sob alegação de “mau desempenho”. Em 2013, foi eleito senador, função que exercia até a edição deste livro.

[98] Rafael Correa foi presidente do Equador de 2007 a 2017, elegendo Lenín Moreno como seu sucessor. Os dois romperam depois que Moreno deu uma forte guinada à direita no governo equatoriano. O governo Correa teve um perfil similar aos de Lula, Chávez e Morales.

[99] A Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) foi responsável pela guerrilha contra os governos genocidas da elite de El Salvador. A FMLN foi fundada meses depois do assassinato do arcebispo de San Salvador, dom Oscar Romero, em 20 de março de 1980. Em 1992, foram assinados os Acordos de Paz de Chapultepec, encerrando o tempo da guerrilha. A Frente tornou-se um partido político, passando a participar da vida política do país. Em 2009, a FMLN venceu as eleições presidenciais, com Mauricio Funes, e novamente em junho de 2014, com Salvador Sánchez Cerén.

[100] Rodrigo Janot foi procurador-geral da República de 2013 a 2017, nomeado por Dilma Rousseff, e atuou como parceiro e orientador da operação Lava Jato.

[101] Rodrigo Maia era presidente da Câmara dos Deputados até a edição deste livro. Filho de César Maia e genro de Wellington Moreira Franco, deputado pelo Rio de Janeiro, tem relações de parceria e intimidade com os Marinho, donos da Rede Globo, e defende todo o ideário neoliberal para a economia.

[102] Joesley Batista, sócio controlador do grupo JBS, gravou uma conversa com Michel Temer na noite de 7 de março de 2017, na qual insinuou a compra do silêncio de Eduardo Cunha e de juízes. A fita foi divulgada dois meses depois pelo jornal *O Globo*, e todos os veículos da organização entraram em campanha pela derrubada de Temer, sem sucesso.

[103] Cristiane Brasil é deputada pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e filha do deputado Roberto Jefferson (presidente do mesmo partido e pivô do caso Mensalão em 2005). Foi nomeada ministra do Trabalho por Temer no início de 2018, mas não chegou a tomar posse, devido a decisões do Judiciário, motivadas pelo fato de a parlamentar ter sido condenada em 2016 a pagar uma dívida trabalhista de 60,4 mil reais a um motorista que prestava serviços para ela e para a família dela, conforme decisão do Tribunal Regional do Trabalho da 1ª Região (TRT1) confirmada em segunda instância. Em 20 de fevereiro, o PTB retirou a indicação de seu nome ao Ministério.

[104] Arlindo Chinaglia, médico sanitarista, é deputado federal desde 1995. Tendo sido reeleito, estava no exercício do mandato na edição deste livro. Em 2007, era presidente da Câmara dos Deputados.

[105] Sandro Mabel, empresário, foi deputado de 1995 a 1999 e, depois, de 2003 a 2015. Filiado ao PMDB, era muito ligado a Arlindo Chinaglia em 2007.

[106] José Serra era senador por São Paulo no momento da edição deste livro. Uma das principais lideranças do PSDB, foi um dos grandes articuladores do golpe contra a presidenta Dilma Rousseff. Foi ministro das Relações Exteriores no governo Temer entre maio de 2016 e fevereiro de 2017. Aplicando uma retórica anticomunista, alinhada aos Estados Unidos, provocou uma guinada na política internacional

do Brasil, que isolou o país no cenário mundial. Afastou-se do ministério quando as denúncias de corrupção envolvendo seu nome ganharam vigor no noticiário e nas investigações da Polícia Federal. Foi deputado federal, ministro do Planejamento e ministro da Saúde no governo Fernando Henrique Cardoso, prefeito de São Paulo (de 2005 a 2006) e governador de São Paulo (de 2007 a 2010). Foi candidato a presidente em 2002 (derrotado por Lula) e em 2010 (derrotado por Dilma).

[107] O imposto sobre herança no Brasil é estadual. A alíquota média é de 3,86%, menos de um décimo da cobrada na Inglaterra (40%). No Chile, é de 13%. Na França, a alíquota máxima chega a 67%. Na Alemanha, na Suíça e no Japão, o imposto é de 50%.

[108] A proposta de realizar referendos revogatórios foi lançada em 2017. O objetivo de tais referendos é que o presidente eleito em 2018 tenha respaldo popular para a revogação das antirreformas implementadas no governo Temer, especialmente o congelamento de gastos sociais por vinte anos e o desmonte da legislação trabalhista.

[109] A Constituição brasileira foi aprovada por um Congresso Constituinte em 22 de setembro 1988 e promulgada pouco depois, em 5 de outubro. Marcou o fim do ciclo aberto com o golpe militar de 1964, com um texto constitucional considerado avançado mundialmente na garantia de direitos individuais e sociais.

[110] Ulysses Guimarães foi o presidente e grande articulador da Constituinte de 1988. Deu à Constituição o título de “Constituição Cidadã”. Presidente do PMDB, foi um dos principais protagonistas da luta contra o regime militar, desde que, em 1973, se lançou como anticandidato à Presidência da República, em protesto contra as eleições indiretas estabelecidas pelos militares. Morreu num acidente de helicóptero em Angra dos Reis (RJ), em 12 de outubro de 1992.

[111] O auxílio-moradia a juízes, desembargadores, promotores e procuradores foi estabelecido como benefício para aqueles nomeados para trabalhar fora de sua cidade, onde não tivessem imóvel próprio. A partir de 2013, em decorrência de uma decisão do ministro Luiz Fux, do STF, o auxílio foi estendido a todas as categorias, num valor de 4.377 reais mensais. Ao ser questionado sobre o benefício, o juiz Sérgio Moro, que tem apartamento próprio na cidade de Curitiba, onde trabalha, alegou que esse auxílio compensaria a falta de reajustes salariais das categorias. Vários juristas consideram inconstitucional o benefício.

[112] As conferências nacionais, assim como as estaduais e as municipais, são instâncias que remetem ao espírito da Constituição de 1988, que consagrou o princípio da participação social como forma de consolidação da democracia. Os governos do PT deram impulso a essa forma de mobilização e diálogo. De 2003 a 2014, foram realizadas 103 conferências nacionais, abrangendo 40 áreas setoriais, que mobilizaram, nos níveis municipal, regional, estadual e nacional, cerca de 8 milhões de pessoas no debate de propostas para as políticas públicas. Em 2015, estavam previstas mais 15 conferências nacionais, com uma estimativa de participação de mais de 2 milhões de pessoas, desde as etapas municipais até o encontro nacional, mas elas foram atropeladas pelo processo de cerco ao governo de Dilma Rousseff.

[113] Lula referia-se às manifestações contra o governo Temer e mesmo contra a Lava Jato no Carnaval de 2018, em contraste com a ausência de críticas a Lula, a Dilma ou ao PT. O desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti, no Rio de Janeiro, polarizou o país com o samba enredo “Meu Deus! Meu Deus! Está extinta a escravidão?”, uma crítica à condição dos negros e um ataque contundente ao governo Temer e suas antirreformas (Temer foi representado no desfile da escola como um “vampirão”).

[114] Em 9 de maio de 2004, o correspondente do *The e ork Times* no Brasil, Larry Rohter, escreveu reportagem com o título “Hábito de bebericar do presidente vira preocupação nacional”, insinuando que Lula seria alcoolista. Lula e o governo brasileiro reagiram fortemente, e o repórter acabou se desculpando.

[115] A partida foi em 3 de julho, na cidade alemã de Dortmund, na segunda fase do torneio.

[116] Raúl Castro é o presidente de Cuba desde 2008, tendo sucedido seu irmão, Fidel Castro.

[117] Publicitário responsável pelo marketing e pela publicidade da campanha.

[118] Nilo Batista, criminalista brasileiro, teve sua trajetória política ligada ao brizolismo. Foi vice-governador do Rio de Janeiro, na chapa de Leonel Brizola, na eleição de 1990. Acumulou a função com os cargos de secretário de Justiça e secretário de Polícia Civil do Estado, implantando uma política de combate à criminalidade combinada com respeito aos direitos humanos e políticas sociais. Em abril de 1994, assumiu o governo, depois que Brizola renunciou para candidatar-se à Presidência (na eleição em que Fernando Henrique Cardoso saiu vencedor).

[119] O episódio aconteceu em fevereiro/abril de 2016. A Polícia Federal fez uma busca na filial do escritório de advocacia Mossack Fonseca em São Paulo (a sede fica no Panamá), especializado em transações em paraísos fiscais. A operação buscava encontrar documentos que comprometessem Lula no caso do tríplex do Guarujá. Nada foi encontrado. No entanto, foram apreendidos papéis indicativos de que a empresa *offshore* proprietária de outro tríplex no Guarujá era também dona de imóveis e de um helicóptero da família Marinho, da Globo. O caso não chegou às manchetes e sumiu da imprensa conservadora em dois dias. Pouco depois, em maio daquele ano, vieram à luz os Panama Papers – 11,5 milhões de documentos confidenciais do escritório Mossack Fonseca que forneciam informações detalhadas de mais de 214 mil empresas de paraísos fiscais *offshore*, incluindo identidade de acionistas e administradores. Nos documentos, são mencionados chefes de Estado em exercício de cinco países, nomeadamente Argentina, Islândia, Arábia Saudita, Ucrânia e Emirados Árabes Unidos, para além de outros responsáveis governativos, familiares e colaboradores próximos de vários chefes de governo de mais de outros quarenta países, incluindo África do Sul, Angola, Brasil, China, Coreia do Norte, França, Índia, Malásia, México, Paquistão, Reino Unido, Rússia e Síria, bem como de 29 multimilionários na lista das 500 pessoas mais ricas do mundo. Os documentos foram enviados anonimamente para o jornal alemão *ddeutsche eitung* em 2015 e, em data posterior, para o Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação, com sede em Washington. Para desalento da mídia conservadora brasileira, não havia nada implicando Lula nem os líderes dos governos petistas. No entanto, havia, nos papéis, comprovantes de pagamentos feitos por uma pessoa da família Marinho ao escritório de advocacia para a manutenção de três empresas *offshore*

[120] Leandro Daiello Coimbra, que ocupou cargo de diretor-geral do Departamento de Polícia Federal do Brasil entre janeiro de 2011 e novembro de 2017.

[121] Na ocasião, José Eduardo Cardozo era ministro da Justiça do governo Dilma Rousseff. Cardozo, filiado ao PT, foi secretário de Governo na administração Luiza Erundina em São Paulo (1989-1993) e, a seguir, vereador na capital paulista e deputado federal de 2003 a 1º de janeiro de 2011 (dois mandatos). Depois de deixar o Ministério da Justiça, foi nomeado advogado-geral da União (março a maio de 2016), sendo, nessa condição, responsável pela defesa de Dilma no processo de *impeachment* no Congresso Nacional.

[122] O engenheiro Paulo Roberto Costa foi diretor de Abastecimento da Petrobras entre 2004 e 2012 e tornou-se conhecido no decurso da operação Lava Jato.

[123] O engenheiro Renato Duque foi diretor de Serviços da Petrobras entre 2003 e 2012 e também se tornou conhecido no decurso da operação Lava Jato.

[124] O PCB teve seu registro cassado em 1947, no governo do general Eurico Gaspar Dutra. Os parlamentares do partido foram todos cassados, e as sedes, fechadas; houve intervenção em vários sindicatos, e a Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT) foi fechada. Alinhado aos Estados Unidos no contexto da

Guerra Fria, Dutra determinou o rompimento das relações diplomáticas com a União Soviética. O PCB voltaria a ser um partido legal apenas em 1985.

[125] Ver nota 59.

[126] Programa dominical noturno da Rede Globo de Televisão, com reportagens, entrevistas e outros entretenimentos, que está no ar desde 1973.

[127] Concluída em janeiro de 2014, numa cerimônia com a presença da presidenta Dilma Rousseff e do presidente de Cuba, Raúl Castro, a obra do porto de Mariel, em Cuba, foi objeto de ataques agressivos da direita brasileira, que a considerou "ideológica". No entanto, a iniciativa mostrou-se lucrativa, gerou 156 mil empregos no Brasil e revelou-se um investimento estratégico num dos portos mais modernos e estratégicos do mundo, pela proximidade de Cuba com o mercado dos Estados Unidos.

[128] Irmão de Lula. Ver nota 69.

[129] O jornalista Vladimir Herzog, filiado ao PCB nos anos da clandestinidade, foi preso, torturado e morto em 25 de outubro de 1975, nas dependências do DOI-Codi em São Paulo. Sua morte ensejou protestos no país e no exterior, bem como a primeira mobilização popular de rua depois de anos de ditadura militar, no ato ecumênico celebrado na Catedral da Sé, São Paulo, em 31 de outubro.

[130] A PlayTV foi um canal de televisão por assinatura (inicialmente chamava-se Rede 21, nome retomado em 2008). Controlada pela Rede Bandeirantes, em 2006 fez um acordo com a empresa Gamecorp, que assumiu o controle de parte de sua programação diária – das cinco da tarde às dez da noite. A empresa tinha entre seus sócios Fábio Luís Lula da Silva, o Lulinha, filho de Lula. Especializada em programas sobre jogos, animes e conteúdo para celular, a gestão da Gamecorp foi bem-sucedida na direção do canal até o rompimento do contrato pela Rede Bandeirantes, em 2008, na esteira da campanha iniciada pela *e a*, que teve adesão de toda a mídia conservadora. A referência de Lula à MTV deve-se ao fato de o canal ser controlado pelo Grupo Abril, proprietário de *e a*

[131] A Batalha de Guararapes foi travada em dois confrontos: o primeiro em 18 e 19 de abril de 1648 e o segundo em 19 de fevereiro de 1649. Decisiva para o fim daquelas que ficaram conhecidas como "invasões holandesas" no Brasil, foi travada entre o exército da Holanda e as tropas luso-brasileiras no morro dos Guararapes, atual município de Jaboatão dos Guararapes, na região metropolitana do Recife (PE). A assinatura da capitulação se deu em 1654, no Recife, de onde partiram os últimos navios holandeses de retorno à Europa.

[132] José Dirceu de Oliveira e Silva foi um dos mais importantes líderes estudantis nas mobilizações contra a ditadura. Preso em 13 de outubro de 1968, com outros estudantes que participavam do XXX Congresso na União Nacional dos Estudantes (UNE), num sítio em Ibiúna (SP), foi um dos quinze presos libertados e banidos em troca do embaixador americano Charles Elbrick, sequestrado em setembro de 1969 numa ação da Ação Libertadora Nacional (ALN), do MR8 e da Dissidência Universitária da Guanabara. Dirceu foi para Cuba e retornou ao Brasil clandestinamente em 1971; viveu nessa condição até a anistia, em 1979. Foi um dos fundadores do PT. Foi deputado estadual por São Paulo e deputado federal. Tendo sido o principal formulador e articulador da campanha eleitoral vitoriosa de Lula em 2002, em 1º de janeiro de 2003 assumiu como ministro-chefe da Casa Civil, tornando-se o homem forte do governo Lula. Deixou o cargo em junho de 2005, em decorrência do caso conhecido como "Mensalão". Em 2012, foi condenado pelo STF; em 2013, preso e, no ano seguinte, libertado para cumprir prisão domiciliar. Foi preso novamente em 2015. Em 2016, foi condenado a 23 anos e 3 meses de prisão pela operação Lava Jato, tendo sido de novo condenado em 2017 a mais 11 anos e 3 meses. Preso outra vez, foi libertado em maio de 2017.

[133] Tony Blair foi primeiro-ministro britânico entre 1997 e 2007.

[134] Gordon Brown foi primeiro-ministro britânico entre 2007 e 2010.

[135] Jacques Chirac foi primeiro-ministro da França entre 1986 e 1988 e presidente do país de 1995 a 2007.

[136] Gerhard Scröeder foi chanceler alemão entre 1998 e 2005.

[137] Angela Merkel foi chanceler alemã desde 2005 e continuava no cargo na edição deste livro.

[138] Em 1979, e Davi de Morais era presidente do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo.

[139] Luiz Carlos Prestes foi o principal líder comunista da história brasileira. Liderou entre 1925 e 1927 a Coluna Prestes, movimento político-militar vinculado ao tenentismo, de oposição à República Velha, que empreendeu uma marcha de 25 mil quilômetros pelo Brasil, exigindo reformas políticas e sociais como o voto secreto e o ensino público. No trajeto, houve vários enfrentamentos com o Exército e com tropas estaduais. Aproximou-se dos comunistas e, em 1934, a direção do PCB, pressionada pelo Partido Comunista da União Soviética (PCUS), aceitou sua filiação, e ele assumiu a direção do partido ao ser eleito secretário-geral pouco mais de dez anos depois. Sua longuíssima trajetória política, marcada por prolongados períodos de clandestinidade e poucos de legalidade (foi eleito senador em 1945), encerrou-se com sua morte, em 7 de março de 1990, aos 92 anos de idade.

[140] Todos os mencionados por Lula eram, em março de 2018, pré-candidatos a presidente por seus partidos: Manuela d'Ávila, pelo Partido Comunista do Brasil (PCdoB); Guilherme Boulos, pelo Partido Socialismo e Liberdade (Psol); Ciro Gomes, pelo Partido Democrático Trabalhista (PDT); Jair Bolsonaro, pelo Partido Social Liberal (PSL).

[141] Josef Stálin foi primeiro-ministro da União Soviética de 1941 a 1953 e secretário-geral do PCUS de 1922 a 1953, quando morreu.

[142] Harry S. Truman sucedeu a Franklin Delano Roosevelt, com a morte deste último, que havia liderado os Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Truman assumiu a Presidência poucas semanas antes de a Alemanha se render, em 8 de maio de 1945. Governou o país de 1945 a 1953.

[143] Winston Churchill foi primeiro-ministro britânico de 1940 a 1945 e de 1951 a 1955.

[144] Mário Covas foi o senador mais votado para o Congresso Constituinte, com 7,7 milhões de votos na eleição de 1986. Na Constituinte, foi o líder do PMDB no Senado e um dos mais importantes articuladores do texto da Constituição. Em 1962, tinha sido eleito deputado federal pelo Partido Social Trabalhista (PST), filiando-se ao MDB depois que a ditadura extinguiu os partidos. Em 1968, era o líder da oposição na Câmara dos Deputados. Foi cassado em 1969 e ficou dez anos com os direitos políticos suspensos. Em 1979, assumiu a presidência do MDB e, em 1982, elegeu-se deputado federal, com mais de 300 mil votos. Assumiu a Prefeitura de São Paulo em 1983, até sua candidatura ao Senado. Foi fundador e primeiro presidente do PSDB, em 1988, sendo o candidato do partido à Presidência em 1989, quando ficou em quarto lugar. Em 1990, ficou em terceiro lugar na eleição para o governo de São Paulo. Em 1994, foi eleito governador de São Paulo, sendo reeleito quatro anos depois. Morreu em 2001, de câncer.

[145] Airton Soares era líder do PT na Câmara dos Deputados na votação da emenda pelo restabelecimento das eleições diretas para presidente da República, fruto da campanha das Diretas Já. A emenda obteve 289 votos a favor, mas foi derrotada, faltando 22 votos para aprovação. Com a derrota, Soares passou a defender o voto em Tancredo Neves no Colégio Eleitoral, que elegeria o presidente em 1985, contrariando a decisão do PT, de boicote à votação. Junto com ele, a deputada Bete Mendes e o deputado José Eudes foram expulsos do partido pelo mesmo motivo.

[146] Djalma Bom foi diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo de 1975 a 1980, participando ativamente das greves de 1979-1980; foi um dos fundadores do PT. Primeiro presidente regional do PT em São Paulo, foi o deputado federal mais votado do partido, com 164.398 votos, nas eleições de 1982. Foi o primeiro operário a assumir a presidência da Comissão de Trabalho e Legislação Social da Câmara dos Deputados.

[147] Sérgio Cervantes é dirigente do Partido Comunista de Cuba (PCC), foi conselheiro político da embaixada de seu país no Brasil e tem ligação histórica com o PT.

[148] João Amazonas foi deputado constituinte pelo PCB em 1946. Em 1962, foi um dos líderes da cisão com o PCB, que levou ao surgimento do PCdoB; eleito secretário-geral do partido, tornou-se seu presidente depois da legalização, em 1985. Deixou o cargo em 2001, passando a ser presidente de honra, pouco antes de sua morte, em 27 de maio de 2002, aos 90 anos, por insuficiência respiratória.

[149] Guilherme Boulos é líder nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Em fevereiro de 2018, lançou-se pré-candidato do Psol à Presidência da República.

[150] Podemos é um partido político espanhol de esquerda, fundado em 2014 com uma proposta de superação dos parâmetros da política tradicional. Seu principal líder é Pablo Iglesias Turrión, nascido em 1978, secretário-geral do partido desde a fundação até a edição deste livro.

[151] Tropas da União Soviética ocuparam o país por dez anos, de 1979 a 1989.

[152] Eduardo Galeano é uma das principais referências intelectuais da América Latina desde que, em 1971, escreveu o livro *As veias abertas da América Latina* (trad. Galeano de Freitas, São Paulo, Paz e Terra, 1979), que se tornou um clássico. No início da entrevista, Lula havia mencionado um livro de Galeano sobre futebol (ver nota 2). Morreu em 13 de abril de 2015, em decorrência de um câncer de pulmão.

[153] Brandão Monteiro foi um líder brizolista nos anos 1980, deputado federal pelo Rio de Janeiro em 1983-1984 e 1986-1991. Foi secretário de Transportes do Rio nos dois governos de Leonel Brizola. Morreu em 1991.

[154] Vivaldo Barbosa é um dos principais líderes do PDT. Deputado federal pelo Rio de Janeiro por dois mandatos, teve participação de destaque na Constituinte. Foi secretário de Justiça no primeiro governo Brizola no Rio de Janeiro.

[155] Na eleição presidencial de 1989, Lula teve 11,6 milhões de votos no primeiro turno; Brizola, 11,1 milhões; Fernando Collor, 20,6 milhões; e Mário Covas, 7,8 milhões. No segundo turno, Collor teve 35 milhões, e Lula, 31 milhões.

[156] Juca Kfouri, *Confesso que perdi* (São Paulo, Companhia das Letras, 2017).

[157] Eleição presidencial em que Fernando Henrique Cardoso foi reeleito.

[158] O candidato a vice de Lula foi o senador José Paulo Bisol, do PSB (Partido Socialista Brasileiro).

[159] Miguel Arraes foi um político socialista, por três vezes governador de Pernambuco (1963-1964, 1987-1990 e 1995-1990). Foi deposto pelos militares na sequência do golpe de 1964. Recusando-se a renunciar, como exigiam os militares, foi preso em 1º de abril e enviado para Fernando de Noronha, ilha onde ficou num exílio interno por quase um ano, sendo depois transferido para o Recife e o Rio de Janeiro. Em 1965, o STF concedeu-lhe um *habeas corpus*, e ele foi libertado, exilando-se na Argélia. Voltou ao Brasil com a anistia, em 1979. Seus governos foram marcados por uma decidida opção pelos mais pobres. Foi deputado federal constituinte (1983-1987) e por mais dois períodos (1991-1994 e 2003-2005). Morreu em 13 de maio de 2005, vítima de um choque séptico.

[160] Eduardo Campos era neto de Miguel Arraes. Foi deputado federal por três mandatos consecutivos (1995-2007), tornando-se uma das principais referências progressistas no Congresso. Ministro da Ciência e Tecnologia no primeiro governo Lula (entre 2004 e 2005), foi governador de Pernambuco de 2007 a 2014 (reeleito em 2010). Principal líder do PSB a partir dos anos 1990, era candidato a presidente pelo partido na eleição de 2014, quando morreu durante a campanha num acidente aéreo em Santos (SP), em 13 de agosto daquele ano.

[161] Renata Campos, viúva de Eduardo Campos, com quem teve cinco filhos, é economista. É sobrinha de Ariano Suassuna.

[162] Sérgio Cabral (MDB) era, na época, governador do Rio de Janeiro. No momento da edição deste livro, estava preso em Curitiba, com condenações que somavam 87 anos de prisão, em quatro processos vinculados à Lava Jato. Respondia ainda a treze outros processos, vinculados aos crimes de corrupção, lavagem de dinheiro e formação de quadrilha, entre outros. Cabral foi senador pelo Rio de Janeiro entre 2003 e 2006, quando renunciou para assumir o governo do estado em 1º de janeiro de 2007 (foi eleito com 41% dos votos válidos no primeiro turno e 68% no segundo); em 2010, foi reeleito no primeiro turno com 66% dos votos válidos. Estima-se que os desvios de recursos públicos nos governos de Cabral se elevam a centenas de milhões de reais. Apenas seus bens arrestados para leilão, em setembro de 2017, somavam 44 milhões de reais.

[163] Ciro Gomes era, no momento da edição deste livro, pré-candidato a presidente pelo PDT. Foi candidato a presidente em 1998 pelo Partido Popular Socialista (PPS), ficando em terceiro lugar, atrás de Fernando Henrique Cardoso (eleito no primeiro turno, com 53% dos votos) e de Lula (31%). Em 2002, foi candidato pela Frente Trabalhista (PDT, PTB e PPS), ficando em quarto lugar no primeiro turno, com 11% dos votos, atrás de Lula (46%), José Serra (23%) e Anthony Garotinho (17%). No segundo turno, apoiou Lula, que venceu com 61% dos votos. No primeiro governo Lula, foi ministro da Integração Nacional. Antes, havia sido governador do Ceará, de 1991 a 1994, deixando o cargo para assumir o Ministério da Fazenda no governo de Itamar Franco.

[164] Geraldo Alckmin, no momento da edição deste livro, era governador de São Paulo e pré-candidato do PSDB à Presidência. Em 2006, havia sido o candidato do PSDB à Presidência, perdendo para Lula no primeiro turno (48% a 41%) e no segundo (60% a 39%). Assumiu o governo do Estado pela primeira vez em 22 de janeiro de 2001 com a doença e posterior morte de Mário Covas (em 6 de março do mesmo ano). Elegeu-se governador em 2002 e novamente em 2010. Seus governos em São Paulo têm sido marcados pelo desmantelamento da educação no Estado e pelos altos investimento em segurança e equipamentos de combate a manifestações de rua pela Polícia Militar.

[165] Jair Bolsonaro era, no momento da edição deste livro, pré-candidato a presidente pelo PSL. Militar da reserva (capitão), ingressou na vida pública no Rio de Janeiro, em 1989, como vereador e, desde fevereiro de 1991, é deputado federal. Defende a ditatura militar e os torturadores – na votação do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, na Câmara, ao pronunciar seu voto, prestou homenagem ao coronel torturador Carlos Alberto Brilhante Ustra, que chefiou o DOI-Codi entre 1970 e 1974. Condena os homossexuais, o feminismo, a política de cotas; defende a tortura e a pena de morte. Nacionalista do ponto de vista econômico no passado, adotou a perspectiva neoliberal desde 2017.

[166] Em 16 de fevereiro de 2018, o governo Temer decretou a intervenção federal/militar no Rio de Janeiro. O Exército assumiu a Secretaria de Segurança Pública, com liberdade de ação para combater a criminalidade, reportando-se exclusivamente a Temer. Ao mesmo tempo, um general assumiu o Ministério da Defesa, algo sem precedentes desde a promulgação da Constituição em 1988.

[167] O Plano Cruzado foi o programa de estabilização da economia lançado no governo José Sarney

(1985-1990) pelo ministro da Fazenda Dilson Funaro. A medida com maior impacto foi o congelamento dos preços, que reduziu a inflação mensal de 12,47% em fevereiro de 1986 para 1,43% em outubro do mesmo ano, o que tornou o governo extremamente popular, considerado bom ou ótimo por 72% das pessoas no país.

[168] Unidades de Polícia Pacificadora, instaladas em diversas favelas no Rio de Janeiro a partir de 2008.

[169] Luiz Fernando Pezão, do MDB, governador do Rio de Janeiro no momento da intervenção federal/militar no estado.

[170] Cláudio Lembo foi eleito vice-governador de São Paulo na chapa de Geraldo Alckmin em 2002 e assumiu o governo do estado em 21 de março de 2006, quando Alckmin renunciou para concorrer à Presidência (sendo derrotado por Lula). Durante seu governo, teve de enfrentar uma onda de ataques do Primeiro Comando da Capital (PCC). Na ocasião, afirmou que a situação de violência era culpa da "elite branca, má e perversa", tinha relação com a herança histórica dos tempos da escravidão e só se modificaria quando a "burguesia abrisse a própria bolsa". Apesar de ter apoiado o golpe de 1964, Lembo sempre foi um moderado. Chegou a ser expulso do partido da ditadura, a Aliança Renovadora Nacional (Arena), quando, em meados dos anos 1970, na condição de presidente do Diretório paulista, foi ao Uruguai encontrar-se com Leonel Brizola, então exilado. Diretor de Assuntos Legislativos do Banco Itaú durante 35 anos, a partir de 1962, tornou-se o mais importante conselheiro do proprietário do banco, Olavo Setúbal.

[171] O jornalista José Luiz Datena comanda um programa popularesco policial, chamado *Brasil rgente*, que costuma demonizar os criminosos e defender a pena de morte e as ações truculentas da polícia. Como resultado, cria um clima de pânico nas grandes cidades do país, apresentando-as como "terras sem lei", e amedronta as pessoas. Vai ao ar pela Rede Bandeirantes e é uma das maiores audiências da emissora.

[172] Jornalista da Rede Globo, Tim Lopes foi morto por traficantes na favela Vila Cruzeiro, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em 2 de junho de 2002. Tinha ido à favela com uma microcâmera na cintura para gravar cenas de um baile funk. A jornalista e ex-produtora do *ornal acional* da TV Globo, Cristina Guimarães (que dividiu um prêmio Esso com Tim Lopes), produzia com ele as reportagens investigativas do telejornal. Ameaçada de morte por traficantes, saiu da emissora sete meses antes do assassinato de Tim Lopes. Segundo ela, a direção de jornalismo da Rede Globo foi informada das intimidações, mas nada fez para protegê-los.

[173] O Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci) foi criado em 2007, no segundo governo Lula, quando Tarso Genro era ministro da Justiça. Iniciado em 2008, propôs 94 ações que envolviam estados, municípios e comunidades, com o objetivo de atuar na prevenção da violência e da criminalidade, mesclando iniciativas sociais para mulheres e para jovens entre 15 e 24 anos, inteligência policial e repressão ao crime. A perspectiva era investir 6,7 bilhões de reais até o fim de 2012. No período, o programa chegou a 150 municípios. No governo Dilma, o programa foi desestruturado: após ter um orçamento de 301 milhões de reais em 2010, recebeu apenas 752 mil reais em 2013.

[174] Antônio Francisco Bonfim Lopes, conhecido como Nem ou Nem da Rocinha (nascido no Rio de Janeiro, em 24 de maio de 1976), é líder do tráfico de drogas na favela da Rocinha e em favelas controladas pela organização criminosa Amigos dos Amigos (ADA).

[175] Entrevista concedida à jornalista Ruth de Aquino em 4 de novembro de 2011.

[176] Fernando Haddad foi escolhido pelo PT como coordenador do programa de governo da candidatura de Lula para a eleição presidencial de 2018. Ministro da Educação nos governos Lula e Dilma (2005-2012), afastou-se do cargo para concorrer à Prefeitura de São Paulo. No primeiro turno, ficou em segundo lugar, com 28% dos votos (José Serra em primeiro, com 30%), e venceu no segundo turno, com 55% dos votos

(Serra teve 44%). Perdeu a reeleição, derrotado por João Doria (PSDB), que teve 53% dos votos no primeiro turno (Haddad teve 16%).

[177] O jornalista Mino Carta foi responsável por alguns dos projetos editoriais que revolucionaram a imprensa brasileira: *uatro Rodas* (1960), *ornal da Tarde* (1966), *e a* (1968), *sto* (1976) e *Carta Capital* (1994), da qual era diretor de redação no momento da edição deste livro.

[178] Lula indicou oito ministros do STF em seus dois governos: Eros Grau, Menezes Direito, Ayres Britto, Cármen Lúcia, Ricardo Lewandowski, Cezar Peluso, Joaquim Barbosa e Dias Toffoli.

[179] Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, que possui 36 *campi* no estado.

[180] A Revolução Constitucionalista de 1932, também conhecida como Revolução de 1932 ou Guerra Paulista, foi o movimento armado ocorrido no estado de São Paulo entre julho e outubro de 1932 com o objetivo de derrubar o governo provisório de Getúlio Vargas e convocar uma assembleia nacional constituinte. O golpe de Estado decorrente da Revolução de 1930 havia derrubado o então presidente da República, Washington Luís, e impedido a posse de seu sucessor, Júlio Prestes. Os revoltosos esperavam a adesão de outros estados, o que não aconteceu, e foram derrotados em três meses pelas tropas leais a Getúlio.

[181] A USP foi criada em janeiro de 1934.

[182] Colégio estadual situado na rua Silva Bueno, no Ipiranga, em São Paulo.

[183] Bairro do distrito do Ipiranga, também em São Paulo.

[184] Ping Pong era uma marca de chiclete. Foi o primeiro lançado no Brasil, em 1945, e se tornou sinônimo de chiclete. Saiu do mercado na década de 1990.

[185] Lionel Messi, jogador de futebol argentino, atacante do Barcelona, é comparado aos grandes nomes da história do futebol, como Pelé, Tostão, Garrincha, Di Stéfano, Maradona, Puskás ou Cruijff. Recebeu por cinco vezes o troféu Bola de Ouro (2009, 2010, 2011, 2012 e 2015), que designa anualmente o melhor jogador do mundo.

[186] Lula refere-se à disputa de 1989 com Fernando Collor de Mello, em que este teve o apoio de toda a elite brasileira. Collor, então no Partido da Reconstrução Nacional (PRN), venceu no segundo turno, em 17 de dezembro, com 53% dos votos válidos, contra 47% de Lula. A campanha foi marcada por dois fatos: 1) a agressividade da estratégia de Collor, que usou no programa eleitoral um depoimento em que Miriam Cordeiro, ex-namorada de Lula, o acusou falsamente de incentivar o aborto de Lurian, filha que tiveram em 1974; 2) a edição que a TV Globo realizou do debate de 3 de dezembro de 1989 entre Collor e Lula, que passou para a história do jornalismo político brasileiro como referência de comportamento antiético – ao longo do tempo, ficou claro que a eleição de Collor não teria sido possível sem a interferência da Globo. O governo Collor durou apenas de 15 de março de 1990 a 29 de dezembro de 1992, quando ele renunciou à Presidência da República, horas antes de ser condenado pelo Senado por crime de responsabilidade e ter seus direitos políticos suspensos por oito anos. No momento da edição deste livro, Collor era senador por Alagoas e pré-candidato a presidente pelo Partido Trabalhista Cristão (PTC).

[187] Aécio Neves, neto de Tancredo Neves, era, no momento da edição deste livro, senador por Minas Gerais (PSDB). Perdeu as eleições presidenciais em 2014 para Dilma Rousseff, que teve 52% dos votos válidos, enquanto ele obteve 48%. Aécio, a cúpula do PSDB e setores expressivos das elites do país contavam com vitória certa em 2014 e, inconformados, passaram a tramar a derrubada da presidenta eleita na noite do encerramento das eleições, em 26 de outubro. Deputado federal (1987-2002), governador de Minas Gerais (2003-2010) e presidente do PSDB (2013-2017), Aécio Neves tem uma trajetória política

marcada por controvérsias no âmbito pessoal e por uma longa série de acusações de corrupção. Depois que foi divulgada a gravação de uma conversa na qual ele pedia 2 milhões de reais a Joesley Batista, sócio da JBS, sua irmã e conselheira política Andrea ficou presa entre maio e junho de 2017, por ter igualmente solicitado dinheiro ao empresário. Em 18 de maio de 2017, foi afastado do cargo de senador pelo ministro Edson Fachin, do STF, a pedido da Procuradoria-Geral da República (PGR). A PGR também pediu sua prisão, mas Fachin negou. Retornou ao cargo no fim de junho, sendo novamente afastado, por decisão da -Primeira Turma do STF, em 26 de setembro. No mês seguinte, o plenário do Senado autorizou sua volta ao exercício do mandato. Até o momento, nenhum processo movido contra ele prosperou no Poder Judiciário.

[188] A manchete da edição n. 2.397 da revista foi: "Eles sabiam".

[189] Olívio Dutra, fundador do PT, foi deputado federal constituinte, tendo recebido 55 mil votos no Rio Grande do Sul, e elegeu-se prefeito de Porto Alegre em 1988. Sua gestão implementou algumas das políticas que marcaram a primeira fase dos governos petistas no país, como o orçamento participativo. Foi eleito governador do mesmo estado em 1998; no pleito de 2002, não se candidatou à reeleição, tendo sido derrotado nas prévias do partido por Tarso Genro. Encerrado o mandato, Dutra comandou o Ministério das Cidades no primeiro governo Lula até 2005.

[190] Tarso Genro começou na vida política em 1964 pelo PTB; foi membro da Ala Vermelha do PCdoB na juventude e, em seguida, do Partido Revolucionário Comunista (PRC). Em 1982, entrou para o PT, elegendo-se suplente de deputado federal (1986) e, depois, vice-prefeito de Porto Alegre, na chapa de Olívio Dutra. Em 1990, foi candidato (derrotado) ao governo gaúcho e, em 1992, elegeu-se prefeito de Porto Alegre, reelegendo-se quatro anos depois. Deixou o cargo para concorrer com Olívio Dutra e vencer as prévias de escolha do candidato a governador do PT nas eleições de 2002, nas quais foi derrotado por Germano Rigotto (PMDB). Foi ministro de três pastas nos governos Lula: Educação (2004-2005), da qual se afastou para assumir a presidência do PT em substituição a José Genoino, na esteira do caso do Mensalão; Relações Institucionais (2006-2007); e Justiça (2007-2010). Elegeu-se governador do Rio Grande do Sul no primeiro turno do pleito de 2010, com 54% dos votos, mas foi derrotado por José Ivo Sartori (PMDB) ao concorrer a um segundo mandato.

[191] A trajetória de Dilma Rousseff até a Presidência foi, resumidamente, a seguinte: na juventude, foi militante do Comando de Libertação Nacional (Colina) e, depois, da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares) – organizações que defendiam a luta armada contra o regime militar. Passou quase dois anos presa, de 1970 a 1972, primeiro por militares da Operação Bandeirante (Oban), tendo sofrido torturas, e, depois, pelo Departamento de Ordem Política e Social (Dops). Filiada ao PDT na década de 1980, foi secretária da Fazenda da Prefeitura de Porto Alegre entre 1985 e 1988, na gestão de Alceu Collares (PDT); foi presidente da Fundação de Economia e Estatística (FEE, organismo do governo gaúcho), de 1991 a 1993, e secretária estadual de Minas e Energia nos períodos de 1993 a 1994 e de 1999 a 2002, durante os mandatos de Alceu Collares e Olívio Dutra, respectivamente. Em 2001, filiou-se ao PT; em 2002, participou da equipe que formulou o plano de governo de Lula. No governo Lula, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia (2003-2005) e, posteriormente, da Casa Civil (2005-2010). Em 2010, foi indicada por Lula para concorrer à sucessão dele.

[192] Ver nota 40.

[193] A engenheira química Graça Foster foi, no governo Lula, secretária de Petróleo, Gás Natural e Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia (2003-2005), então comandado pela presidenta Dilma Rousseff. Em 2005, assumiu a presidência da Petrobras Química e a gerência executiva de Petroquímica e Fertilizantes na Diretoria de Abastecimento da Petrobras. Nesse período, chefiou também a Secretaria Executiva Nacional do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás e foi a coordenadora interministerial do Programa Biodiesel. Entre 2006 e 2007, foi presidente da Petrobras

Distribuidora, sendo também sua diretora financeira em 2007. Em setembro de 2007, assumiu a diretoria da área de Gás e Energia da Petrobras, além da presidência da Petrobras Gás e dos Conselhos de Administração da Transportadora Brasileira Gasoduto Bolívia-Brasil (TBG) e da Transportadora Associada de Gás (TAG). Integrou os Conselhos de Administração da Transpetro, da Petrobras Biocombustível, da Braskem e do Instituto Brasileiro de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis. Em 2012, no governo Dilma, assumiu a presidência da Petrobras.

[194] Miriam Belchior ocupou a Secretaria de Administração e Modernização Administrativa da Prefeitura de Santo André, de 1997 a 2000, na gestão de seu ex-marido, Celso Daniel; nessa cidade, coordenou o Programa de Modernização Administrativa, selecionado como uma das cem melhores práticas públicas do mundo pela Organização das Nações Unidas (ONU) em 2000. A seguir, foi secretária de Inclusão Social e Habitação, de 2001 a 2002, coordenando o Programa Santo André Mais Igual, selecionado como uma das dez melhores práticas públicas do mundo pela ONU, em 2002. Integrou a equipe de transição do governo Lula em 2002 e tornou-se assessora especial do presidente (2003-2004). Foi subchefe de Articulação e Monitoramento da Casa Civil a partir de junho de 2004, trabalhando com projetos estratégicos. Em 2007, ocupou a secretaria executiva do PAC. A partir de abril de 2010, com a saída de Dilma Rousseff, tornou-se coordenadora geral do PAC. No governo Dilma, foi ministra do Planejamento (2011-2015) e presidente da Caixa Econômica Federal (2015-2016).

[195] A economista Tereza Campello integrou a equipe de transição do governo Lula, em 2002. Ocupou a subchefia de Articulação e Monitoramento da Casa Civil, cargo em que coordenou projetos como o Programa Nacional do Biodiesel. Participou da criação do Bolsa Família. No governo Dilma, foi ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2011-2016).

[196] Ver notas 27 e 28.

[197] Ver nota 14.

[198] Ana Júlia Carepa, vencedora na eleição para o governo do Pará em 2006, foi derrotada em 2010 por Simão Jatene (PSDB) ao tentar a reeleição. Teve militância estudantil ligada às Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) da Igreja católica; foi vereadora de Belém (1993-1995) e deputada federal (1995-1996). Depois de ser vice-prefeita da capital paraense na gestão de Edmilson Rodrigues (1997-2000), tornou-se a vereadora mais votada da história de Belém, em 2000, e senadora (2003-2006), até vencer o pleito para governadora. Em 2017, depois de trinta anos, deixou o PT e ingressou no PCdoB.

[199] José Eduardo Dutra foi presidente do Sindicato dos Mineiros do Estado de Sergipe (1989-1994) e dirigente nacional da CUT (1988-1990). Foi senador por Sergipe (1995-2003), presidente da Petrobras (2003-2005), presidente do PT (2010-2011) e um dos coordenadores da campanha de Dilma à reeleição. Morreu em outubro de 2015, de câncer.

[200] Gilberto Carvalho é um dos mais próximos assessores de Lula. Seminarista nos anos 1970, trabalhou como soldador e foi um dos líderes da Pastoral Operária. Participou da primeira greve operária no Paraná, em 1979, e foi demitido. Fundador do PT no Paraná, integrou a direção nacional do partido desde 1984. Um dos coordenadores da campanha de Lula em 2002, foi seu chefe de gabinete nos dois governos e assumiu a Secretaria-Geral da Presidência (2011-2015) no primeiro governo Dilma, sendo um dos coordenadores de sua campanha à reeleição.

[201] Ver nota 42.

[202] Itaboraí Martins fazia a cobertura do movimento sindical no jornal *O Estado de aulo* nas décadas de 1970 e 1980.

[203] Tito Costa foi prefeito de São Bernardo do Campo (1977-1983) e deputado federal constituinte pelo

PMDB (1987-1990)

[204] A Lei n. 6.339, de julho de 1976, foi elaborada pelo então ministro da Justiça, Armando Falcão, com o objetivo de limitar as possibilidades de divulgação eleitoral do programa dos candidatos.

[205] Lula, mesmo não tendo ingressado no ensino superior, recebeu 33 títulos *honoris causa*; Fernando Henrique Cardoso, que foi professor universitário, recebeu 29.

[206] O Instituto de Estudos Políticos de Paris (em francês: Institut d'Études Politiques de Paris, ou simplesmente Sciences Po) é uma renomada instituição pública francesa de ensino superior especializada nas áreas de ciências humanas e sociais.

[207] Juscelino Kubitschek foi presidente do Brasil entre 1956 e 1961, com um governo de cunho desenvolvimentista. Foi duramente perseguido pelo regime militar de 1964, sendo cassado e forçado ao exílio. Retornou ao Brasil em 1967. Morreu num acidente automobilístico, em 22 de agosto de 1976, na rodovia Presidente Dutra. O cortejo com seu corpo reuniu milhares de pessoas no Rio de Janeiro, e o enterro, em Brasília, mais de 300 mil.

[208] A União Democrática Nacional (UDN), principal partido da direita brasileira de 1945 até o golpe de 1964, tentou impugnar o resultado da eleição de 1955, sob a alegação de que Juscelino não obtivera vitória por maioria absoluta dos votos; em seguida, em 1956, um grupo de militares da Aeronáutica iniciou a chamada Revolta de Jacareacanga, ao desviar um avião para a base militar com esse nome, no Pará; apesar da anistia concedida aos envolvidos, em dezembro de 1959 estourou outra revolta, por iniciativa de militares da Aeronáutica e do Exército. A intenção era bombardear os palácios das Laranjeiras e do Catete, no Rio de Janeiro, e ocupar as bases de Santarém e Jacareacanga, no Pará. Os rebeldes sequestraram quatro aviões e os desviaram para a base de Aragarças. Derrotados em três dias, os líderes fugiram de avião para países vizinhos e só retornaram ao Brasil no governo Jânio Quadros.

[209] Juscelino foi cassado em 8 de junho de 1964.

[210] João Goulart foi o presidente derrubado em 1964. Antes desse golpe militar, outros dois golpes haviam sido levados a termo, com a interdição de sua posse pelos militares e, depois, com a implementação do parlamentarismo. Jango (como era conhecido) era vice-presidente de Jânio Quadros, que renunciou em 21 de agosto de 1961. Os ministros militares Odílio Denys (Exército), Gabriel Grün Moss (Aeronáutica) e Sílvio Heck (Marinha) tentaram impedir a posse de Jango, que se encontrava no exterior, e o presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, foi empossado em seu lugar. Houve forte reação, com a formação da Cadeia da Legalidade, rede de mais de cem rádios liderada por Leonel Brizola, então governador do Rio Grande do Sul. Com isso, o legítimo sucessor conseguiu ser empossado. Porém, em 2 de setembro de 1961, o Congresso decretou o início da experiência parlamentarista para formar um governo que impedisse as reformas prometidas por Jango. O parlamentarismo foi fragorosamente derrotado num plebiscito em 1963.

[211] Kofi Annan foi secretário-geral da ONU entre 1997 e 2007 e recebeu o prêmio Nobel da Paz em 2001.

[212] Bill Clinton foi presidente dos Estados Unidos de 1993 a 2001.

[213] Em 29 de outubro de 2011, os médicos diagnosticaram um tumor na laringe de Lula, que foi considerado curado em 2016.

[214] Em todas as pesquisas divulgadas entre o fim de 2014 e o início de 2018, Lula aparecia como grande favorito às eleições presidenciais de 2018. Segundo pesquisa do Datafolha realizada em 29 e 30 de janeiro de 2018, Lula apresentava intenções de votos entre 34% e 37% no primeiro turno, vencendo todos os demais candidatos no segundo.

[215] Em 1989, Lula teve 17% dos votos válidos no primeiro turno; em 1994, 27%; em 1998, 31%; em 2002, 46%; em 2006, 48%.

[216] Pesquisa Vox Populi/CUT divulgada em abril de 2017 indicava Lula como melhor presidente do Brasil para 50% das pessoas, enquanto Fernando Henrique Cardoso, o segundo colocado, foi citado por 8%. Em pesquisas de anos anteriores, antes da intensa campanha contra Lula, o ex-presidente chegou a ter 80% das menções (em 2014).

[217] Ver nota 57.

[218] Fundado em 2005, o Instituto Millenium é um dos principais *think thanks* neoliberais no Brasil e, como tal, dedica-se a produzir e difundir informações a fim de disseminar o pensamento neoliberal e influenciar a imprensa, a opinião pública, as escolas, as universidades e o Estado. Seus financiadores e seus dirigentes são banqueiros, grandes investidores, rentistas, empresários e intelectuais a serviço deles, como Gustavo Franco, presidente do instituto, Henrique Meirelles e Jorge Gerdau Johannpeter. Além dos financiadores locais, o Instituto Millenium integra uma rede de *think thanks* de direita na América Latina, patrocinados pela Atlas Network – sustentada, por sua vez, pelos irmãos Koch, estadunidenses com fortuna estimada em quase 100 bilhões de dólares e interesses em gás, petróleo, fertilizantes e no setor financeiro, entre outros. O Instituto Millenium foi um dos articuladores e promotores do golpe de 2015-2016, com *think thanks* similares, tais como Instituto Liberal, Mises Brasil e Estudantes pela Liberdade. No Brasil, dois *think tanks* foram protagonistas do golpe militar de 1964: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática (Ibad) e o Instituto de Pesquisas e Estudos Sociais (Ipes). Em entrevista concedida em 1998 à *Folha de aulo*, o general reformado Hélio Ibiapina revelou que o Ibad possuía ligações com a Agência Central de Inteligência (CIA) estadunidense. O instituto foi extinto e integrado ao Serviço Nacional de Informações (SNI).

[219] A TV Brasil é uma rede pública de televisão que entrou no ar em 2007 e pertence à Empresa Brasil de Comunicação (EBC), conglomerado de mídias públicas do país, também criado em 2007, no primeiro governo Lula.

[220] O garçom José Catalão, que atendia no gabinete presidencial, foi demitido pela equipe de Temer em maio de 2016.

[221] Corinthians e Palmeiras disputaram a semifinal da Taça Libertadores da América em 2000. Em 30 de maio, o Corinthians venceu o Palmeiras por 4 a 3. No jogo da volta, em 6 de junho, o Palmeiras venceu por 3 a 2. Como não havia regra de gol qualificado, a decisão foi nos pênaltis. O último deles foi perdido por Marcelinho Carioca, ídolo corintiano à época, o que levou à eliminação do time.

[222] A troca de advogado de Léo Pinheiro deu-se em abril de 2017; Cristiano Martins Zanin é advogado de Lula (ver nota 58).

[223] Lula refere-se ao depoimento prestado por Antonio Palocci ao juiz Sérgio Moro em 6 de setembro de 2017, no âmbito das negociações do ex-ministro para favorecer-se da delação premiada. A carta mencionada por Lula é a de desfiliação do PT, enviada à direção do partido em 26 de setembro de 2017.

[224] Lula refere-se à condução coercitiva a que foi submetido em 4 de março de 2016, numa ação – que inúmeros juristas consideraram ilegal – determinada pelo juiz Sérgio Moro no âmbito da Lava Jato. Além de o ex-presidente ter sido coagido por uma equipe da Polícia Federal a depor sem que tivesse sido convocado antes, houve busca e apreensão em sua residência, na de familiares e nas de colaboradores do Instituto Lula, bem como interceptação de seus telefones, dos de seus familiares e seus colaboradores e até mesmo dos advogados.

[225] Carlos Arthur Nuzman, ex-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), foi preso em 5 de outubro de 2017, acusado de crimes de corrupção ativa, lavagem de dinheiro, formação de quadrilha e

enriquecimento ilícito, vinculados às Olimpíadas de 2016 no Rio de Janeiro. Ficou quinze dias encarcerado. Em sua casa, a Polícia Federal encontrou dezesseis barras de ouro, de 1 quilo cada.

[226] Lula refere-se ao episódio do caseiro Francenildo Costa, que em março de 2006 denunciou o então ministro da Fazenda por supostamente frequentar uma mansão do Lago Sul de Brasília para participar de reuniões com lobistas, partilhar dinheiro e desfrutar festas animadas por garotas de programa. O caso se agravou quando foi divulgado um extrato bancário da conta de Francenildo na Caixa Econômica Federal, com um saldo superior a 38 mil reais, que ele explicou depois ter sido fruto de um acordo com seu pai biológico por causa de um processo de reconhecimento de paternidade. A suspeita da quebra do sigilo recaiu sobre Palocci e sua equipe, e ele deixou o cargo em 27 de março daquele ano.

[227] Neymar fraturou o quinto metatarso do dedo mínimo do pé direito num jogo de seu time, o Paris Saint-Germain, contra o Olympique de Marseille pelo campeonato francês, em 26 de fevereiro de 2018. As imagens do jogador chorando copiosamente em campo foram destaque durante mais de uma semana na mídia brasileira.

[228] Lula perdeu o dedo mínimo da mão esquerda num acidente de trabalho em 1964, quando tinha 18 anos e era operário na Metalúrgica Independência, na cidade de São Paulo.

[229] Ver nota 186.

[230] Lula refere-se ao sítio Santa Bárbara, em Atibaia, de propriedade de Jacó Bittar, ex-prefeito de Campinas, fundador do PT e amigo do ex-presidente.

[231]231 O terreno localizado em São Paulo e comprado pela Odebrecht foi oferecido ao Instituto Lula, para aluguel ou compra, e recusado. A área já foi vendida pela empreiteira a terceiros. Ainda que o terreno jamais tenha pertencido ao Instituto e que sequer tenha sido por ele utilizado, a operação Lava Jato insiste em caracterizá-lo como vantagem indevida atribuída a Lula.

[232] Ver nota 224.

[233] Marisa Letícia Lula da Silva morreu em 3 de fevereiro de 2017, em decorrência de um AVC.

[234] Em 7 de dezembro de 2015, o então vice-presidente Michel Temer enviou uma carta para a presidenta Dilma, vazada no mesmo dia para a imprensa, queixando-se em termos duros e anunciando o rompimento com o governo. Nela, dizia-se inconformado por ser um “vice decorativo” e afirmava: “Sempre tive ciência da absoluta desconfiança da senhora e do seu entorno em relação a mim e ao PMDB. Desconfiança incompatível com o que fizemos para manter o apoio pessoal e partidário ao seu governo”.

[235] Sigmaringa Seixas é um advogado de Brasília. Foi do PMDB, do PSDB e era filiado ao PT no momento da edição deste livro. Foi deputado federal pelos três partidos, a última vez pelo PT, eleito em 2002. Com grande trânsito político, é amigo de Lula.

[236] O empresário José Alencar, então filiado ao Partido Liberal (PL), foi vice-presidente de Lula nos dois mandatos (2003-2010). Antes, filiado ao PMDB, fora senador por Minas Gerais (1999-2002). Morreu no dia 29 de março de 2011, de câncer.

[237] O deputado estadual Marcelo Freixo foi candidato do Psol a prefeito do Rio de Janeiro em 2016, derrotado no segundo turno pelo candidato do Partido Republicano Brasileiro (PRB) e bispo da Igreja Universal do Reino de Deus, Marcelo Crivella.

[238] Depois de derrotada a emenda das eleições diretas para presidente por 22 votos na Câmara dos Deputados em 25 de abril de 1984, a oposição ao regime militar (exceto o PT) decidiu concorrer no Colégio Eleitoral com a chapa Tancredo Neves/José Sarney, que derrotaria a chapa Paulo Maluf/Flávio

Marcílio por 480 votos a 180. Com a doença do presidente eleito, Sarney tomou posse interinamente como presidente em 15 de março de 1985, assumindo em definitivo depois da morte de Tancredo, em 21 de abril.

[239] Uma página no Facebook, que ainda existia quando da edição deste livro, com pouco mais de 2 mil seguidores.

[240] O Movimento Brasil Livre (MBL) é uma organização de direita que ganhou projeção nacional ao defender o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff. Alinhado com o liberalismo econômico, é bastião de valores conservadores e apoia a intimidação e a censura a ideias progressistas em ambientes como a escola, a universidade e museus.

[241] Horst Köhler foi diretor-geral do FMI de 2000 a 2004. Foi presidente da Alemanha entre 2004 e 2010 pelo partido conservador União Democrata-Cristã (UDC).

[242] Rodrigo Rato foi diretor-geral do FMI de 2004 a 2007. Havia sido vice-presidente do governo conservador da Espanha durante o mandato de José María Aznar (1996-2004).

[243] Em 1980, o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo sofreu intervenção, e Lula foi preso por 31 dias nas instalações do Dops paulista. Em 1981, a Justiça Militar condenou Lula a três anos e meio de prisão por incitação à desordem coletiva, mas ele foi absolvido no ano seguinte. Romeu Tuma foi delegado-geral do Dops de 1977 a 1982. Foi senador por São Paulo por dois mandatos consecutivos (de 1995 a 2010), filiado ao PL, ao Partido da Frente Liberal (PFL) e depois ao PTB. Morreu em 26 de outubro de 2010, por falência múltipla dos órgãos.

[244] Trata-se do Prouni, Programa Universidade para Todos. Ver nota 94.

[245] A emenda foi derrotada por 22 votos na Câmara dos Deputados, em 25 de abril de 1984.

[246] Lula e Fernando Haddad procuraram Paulo Maluf em 2012 para estabelecer uma aliança com o seu partido em apoio ao candidato do PT à Prefeitura de São Paulo.

[247] Orestes Quércia foi candidato do MDB ao Senado por São Paulo em 1974, vencendo (com 73% dos votos válidos) Carvalho Pinto, candidato do partido do regime militar (Arena). Quércia havia sido prefeito de Campinas, e a eleição de 1974 projetou-o nacionalmente. Foi vice-governador de Franco Montoro (1983-1986) e governador de São Paulo (1987-1991), dando origem a um movimento da política paulista chamado de "quercismo". Foi presidente nacional do PMDB de 1991 a 1993, quando renunciou devido a denúncias de corrupção, que foram uma constante em sua trajetória política. Foi derrotado em todas as eleições a que concorreu a partir de 1991. Morreu em 24 de dezembro de 2010, vitimado por um câncer na próstata.

[248] Carvalho Pinto foi governador de São Paulo (1959-1963). Um de seus principais secretários foi Plínio de Arruda Sampaio, que anos depois se tornaria fundador do PT. Foi nomeado ministro da Fazenda de João Goulart em 1963, numa tentativa do presidente de apaziguar os segmentos conservadores. Acabou aderindo ao golpe de 1964, sendo eleito senador pela Arena em 1966. Depois da derrota para Quércia em 1974, afastou-se da vida pública e morreu em 1987.

[249] Jader Barbalho foi eleito governador do Pará em 1982 pelo PMDB, voltando ao cargo em 1991. No momento da edição deste livro, era senador pelo Pará desde 2011, em sua segunda passagem pela Casa, para a qual havia sido eleito em 1994. Foi ministro do Desenvolvimento Agrário e da Previdência Social no governo José Sarney. Milionário, sua trajetória é marcada por denúncias de corrupção. Em 2001, depois de uma série de denúncias desse tipo, renunciou ao cargo de senador para evitar que o processo por quebra de decoro parlamentar instaurado contra ele o inabilitasse para o exercício de funções públicas por oito anos.

Em 2002, foi preso em Belém do Pará. Barbalho candidatou-se e foi eleito deputado federal mais votado pelo Pará em 2002 e novamente em 2006, até voltar ao Senado.

[250] Teotônio Vilela teve uma trajetória política ímpar no país. Usineiro em Alagoas, apoiou o golpe militar de 1964 e filiou-se à Arena, o partido do regime. Elegeu-se senador em 1967, sendo reeleito sucessivamente até 1982. A partir de 1974, no governo Geisel, começou a desligar-se do regime militar e assumiu a condição de oposicionista, ainda que filiado à Arena. Em 1978, apresentou o Projeto Brasil, com uma concepção desenvolvimentista e democrática. Em 1979, filiou-se ao MDB e tornou-se líder nacional da campanha pela anistia a presos e perseguidos políticos. Aos poucos, com suas posições libertárias, tornou-se um ícone da luta democrática no país, mas não viu o retorno da democracia ao Brasil, pois morreu em novembro de 1983, de câncer. Pouco antes, em setembro, Milton Nascimento e Fernando Brant haviam lançado em sua homenagem a canção *O menestrel das Alagoas*

[251] Ver nota 162.

[252] Nas eleições presidenciais de 2006, o candidato do PSDB, Geraldo Alckmin, teve o apoio de Anthony Garotinho, então no PMDB, enquanto o candidato do partido ao governo do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, apoiou Lula. Enquanto Lula teve 49% dos votos no primeiro turno, Alckmin ficou com 28%. No segundo turno, Lula teve 69% dos votos.

[253] O vídeo foi gravado por Lula e divulgado na Conferência Cidadã, ato de lançamento da pré-candidatura de Guilherme Boulos à Presidência e da líder indígena Sonia Guajajara à vice-presidência, em São Paulo, em 3 de março de 2018.

[254] Manuela d'Ávila, deputada estadual do PCdoB no Rio Grande do Sul, foi lançada pelo partido como pré-candidata à Presidência em 5 de novembro de 2017. Lula esteve na convenção do PCdoB e apoiou o lançamento. Entre 2007 e 2015, foi deputada federal, sendo a mais votada no Rio Grande do Sul em 2006, com 271 mil votos.

[255] Canhoteiro foi um habilíssimo ponta-esquerda dos anos 1950-1960, considerado por muitos o melhor da história do futebol brasileiro. Jogou pelo São Paulo Futebol Clube, de 1954 a 1963. Era titular absoluto da Seleção Brasileira, mas foi cortado da Copa do Mundo da Suécia por seu estilo de vida boêmio e um brutal medo de avião. Perseguido ferozmente pelos zagueiros adversários, teve a carreira arruinada depois de uma operação no menisco. Virou funcionário do Banco do Estado de São Paulo, onde servia cafezinho, sempre sorrindo. Morreu às vésperas de completar 42 anos, de derrame cerebral.

[256] Roberto Rivellino, comentarista esportivo no momento da edição deste livro, jogou nas posições de meia-esquerda e ponta-esquerda, de meados dos anos 1960 até o fim da década de 1970. Foi um ídolo tanto no Corinthians (1965-1974) como no Fluminense (1975-1978), tendo jogado ainda por três anos no Hilal, da Arábia Saudita (1979-1981). É tido como o inventor do "drible elástico", que consiste em fazer um movimento de vaivém com a bola usando o mesmo pé. Jogou as Copas do Mundo de 1970, 1974 e 1978 pela Seleção Brasileira.

[257] Lindberg Farias (PT) é senador pelo Rio de Janeiro, líder da bancada do partido na Casa. De 1992 a 1994, foi presidente da UNE.

[258] Breno Altman é jornalista, filiado ao PT, diretor do site *Opera Mundi*.

[259] Marina Silva foi vereadora, deputada estadual e senadora pelo PT do Acre. Ministra do Meio Ambiente nos dois governos Lula, de 2003 a 2008, deixou o governo e o PT ao se sentir preterida como candidata de Lula à eleição, filiando-se ao Partido Verde, pelo qual disputou as eleições de 2010 (ficou em terceiro lugar, com 19% dos votos). Em 2014, filiada ao PSB, foi candidata à vice-presidência na chapa de Eduardo Campos, assumindo seu lugar depois do acidente aéreo que o vitimou em plena campanha, no dia

13 de agosto de 2014 (ver nota 160). Ficou novamente em terceiro lugar, com 21% dos votos. No segundo turno, apoiou Aécio Neves (PSDB). Criou o partido Rede, em 2011, mas, na época, a agremiação não obteve as 492 mil assinaturas necessárias para o registro, o que inviabilizou sua candidatura presidencial em 2014. Nesse mesmo ano, porém, a Rede conseguiu finalmente o registro e, quando da edição deste livro, Marina Silva era pré-candidata à Presidência (2018) pela legenda.

# Lula: anotações para um perfil

Eric Nepomuceno

## 1.

Era novembro de 2002, era uma sexta-feira, e eu estava em São Paulo. Dias antes, Luiz Inácio Lula da Silva havia sido eleito presidente do Brasil, com 52.793.364 votos, quase 20 milhões a mais que José Serra.

Lembro-me de ter registrado o que li em algum lugar: naquela altura, os eleitores de Lula tinham dado a ele, em números absolutos, a segunda maior votação da história em todo o mundo.

Perdia apenas – ironias do destino – para Ronald Reagan, que nas eleições norte-americanas de 1984 havia conseguido 54.455.472 votos no complicado sistema eleitoral daquele país. Sim, sim, Lula era um fenômeno olímpico. E Reagan era quem era. Não havia como comparar.

Era uma sexta-feira, pouco depois de uma e meia da tarde, e resolvi comer numa cantina italiana em Higienópolis, onde costumava almoçar com meu pai quando ia a São Paulo.

Numa mesa próxima, havia um grupo de seis ou sete cavalheiros, alguns jovens, outros nem tanto, todos vestindo camisa social e gravata com o laço afrouxado. Pareciam advogados bem-sucedidos ou gente do mercado financeiro ou executivos de alguma empresa.

Estavam todos francamente indignados. “Não serve nem para porteiro do meu prédio”, disse um. “Este país está perdido”, declarou o da cabeceira. “Um

pau de arara semianalfabeto", lamentou o que era capaz de achar normal comer risoto bebendo uísque com água e gelo.

E a primeira coisa em que pensei foi que o causador daquele repúdio tão sonoro ainda nem tinha assumido a Presidência do meu país, que era o mesmo país daqueles cavalheiros, e já provocava tamanha indignação.

Como seria durante o seu governo? Como conseguiria superar semelhante resistência, tamanho repúdio?

A segunda coisa em que pensei foi que esse mesmo país padecia e padece, além de um racismo mal disfarçado, de um preconceito social perverso e covarde, um tremendo racismo social.

Não poderia haver mostra mais estrondosamente clara disso do que a frase "não serve nem para porteiro do meu prédio".

Naquele novembro de 2002, eu não tinha a menor proximidade com Lula. Havia estado com ele três ou quatro vezes, se tanto.

Mas recordei o tempo em que ouvi falar dele pela primeira vez, lá por 1978, quando eu estava fora do Brasil, e também o nosso primeiro encontro. Lembrei que aquele contato restrito havia me dado luzes suficientes para compreender as razões da rejeição explícita de parte significativa de brasileiros bem-vestidos e cuja visão do Brasil era tão degradada. E também para pressentir que ele saberia neutralizar esse ranço rancoroso.

Anos e anos mais tarde, ouvi de uma amiga espanhola, a escritora e jornalista Pilar del Río, uma definição perfeita para esse poder de Lula: "Ele é uma pessoa de mil carismas".

Como eu havia pressentido, na hora devida, justamente por ser o homem de mil carismas, Lula soube efetivamente neutralizar aquela resistência. Mas o que não fui capaz de pressentir foi que, quando essa resistência, esse preconceito, retornasse, viria com a fúria dos deuses iracundos – e que não só ele seria vítima dessa fúria, mas o Brasil construído por ele também. É o que vivemos nestes tempos de breu em meu país.

Tampouco soube pressentir que essa fúria seria provocada não apenas pelo que Lula da Silva fez em seus dois mandatos (e certamente faria num terceiro), mas pelas suas próprias origens.

Afinal, o homem que não servia nem para porteiro de prédio virou presidente da República, provavelmente o mais popular da história do mesmo país que é o meu, o dos cavalheiros engravatados e de dezenas e dezenas de

milhões de rejeitados e abandonados por um sistema perverso: os invisíveis aos olhos preconceituosos, a quem ele foi capaz de mostrar que resgatar a dignidade é algo possível.

Lula serviu, isso sim, para porteiro capaz de abrir as portas de uma casa que poderia (e talvez ainda possa) algum dia deixar de ser de poucos para ser de todos. Este o seu grande pecado: mostrar que outro mundo é e deve ser possível.

## 2.

Em 1945, o dia 27 de outubro foi domingo. E em Caetés, no interior de Pernambuco, nasceu Luiz Inácio, sétimo filho de um casal de lavradores analfabetos. Viviam todos numa casinha de apenas dois cômodos e chão de terra batida, sem água encanada, e nem sequer chegavam a ser pobres: eram menos que pobres. Eram parte do imenso batalhão de brasileiros condenados a viver na periferia da vida, do mundo.

Cinco anos depois, o menino conheceu o pai, Aristides Inácio da Silva. Até ali, havia sido criado, junto com os irmãos, pela mãe, Eurídice Ferreira de Melo, a Dona Lindu que ele idolatraria para sempre.

O pai tinha ido para Santos, no estado de São Paulo, levando uma outra mulher e deixando Dona Lindu grávida. Voltou, ficou um tempinho em Caetés e foi-se embora para Santos outra vez, levando com ele o filho mais velho, Jaime. O filho que ajudava Dona Lindu a manter os irmãos.

Dois anos depois, no fim de 1952, Dona Lindu recebeu uma carta de Jaime, que se fazia passar pelo pai. A carta, lida por um dos filhos que sabia ler, dizia para ela vender a casa e embarcar com a família para Santos.

E lá se foram todos, amontoados na carroceria de um caminhão, numa viagem que durou treze dias. Na época, era comum que nordestinos miseráveis migrassem para o sul; eram os chamados "retirantes", num daqueles caminhões conhecidos como "pau de arara".

Sim, sim, tinha razão o engravatado da boa cantina de Higienópolis: Lula foi, e no fundo da alma jamais deixou de ser, um "pau de arara". Um menino que, junto com a mãe e os irmãos, chegou a um porto distante – uma cidade com mar, tanta água que ele, naquele sertão de miséria, nem sonhara existir –, menino que dois anos depois começou a trabalhar vendendo bugigangas na rua, ao lado do irmão José, que depois se tornaria o Frei Chico.

E que foi engraxate; e que, escondido do pai (que proibia os filhos de estudar), entrou na escola, naquele tempo chamada de “grupo escolar”; e que viu a mãe separar-se do pai por não aguentar ser tão maltratada; e que nas vésperas de completar onze anos mudou-se, com a mãe e os irmãos, para uma vila operária no Ipiranga, bairro de uma cidade chamada São Paulo, que era maior do que qualquer coisa que ele pudesse imaginar; e que foi trabalhar como engraxate, depois *office bo* , depois auxiliar numa tinturaria, até conseguir, aos treze anos, seu primeiro emprego formal, com registro na carteira de trabalho, num luminoso março, o de 1959, do qual ele jamais se esqueceria, mês do orgulho de uma “carteira assinada”, como se dizia naquele tempo. Já não eram trabalhos temporários: sua estreia nos Armazéns Gerais Colúmbia era um patamar acima. Uma conquista.

Um ano e meio depois, em setembro de 1960, foi contratado pela Fábrica de Parafusos Marte – e parecia que realmente tivesse mudado para outro planeta.

Afinal, fábrica é fábrica, armazém é armazém. Ou ao menos assim parecia para aquele garoto ansioso e curioso.

Entrou num curso de torneiro mecânico no Senai, o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, e sua vida mudou de rumo outra vez.

## 3.

Meu primeiro encontro com Lula aconteceu logo depois das eleições para governador, em 1986. E quem me pediu que fosse conversar com ele foi Leonel Brizola, a quem me uniam laços de confiança, afeto e amizade.

Por que eu? Porque trabalhava como jornalista e não era ligado a nenhum partido. E assim fui a São Paulo entrevistar Lula para o semanário *O acional*, criado e dirigido por Tarso de Castro.

Lula tinha sido o deputado federal mais votado no estado mais poderoso do país, superando o veterano Ulysses Guimarães. O pernambucano pau de arara surpreendeu muita gente, mas se mostrava surpreso com a surpresa alheia.

Sabia, e me disse isso, não só que seria eleito, mas que seria o mais votado. Não era prepotência, explicou: era saber ouvir as ruas, apalpar sentimentos que pairavam no ar.

A entrevista, no fundo, não teve nada de mais. O que Brizola me pediu foi para tentar sondar o que Lula realmente pensava.

Voltei ao Rio e disse a ele que, para mim, Lula era insondável. Que era inteligente além da conta, tinha uma intuição que eu havia visto pouquíssimas vezes na vida – mencionei, lembro, o panamenho Omar Torrijos e principalmente o cubano Fidel Castro –, que era um estrategista atento e veloz. Que, quando se sentia pressionado, reagia com uma frieza e uma serenidade impressionantes e tratava de evitar o confronto. Usava ferramentas de negociador, trazidas dos tempos de dirigente sindical. Mas que eu pressentia – disse a Brizola – que, se o confronto fosse inevitável, se sua sedução de negociador falhasse, Lula seria um adversário implacável.

Quanto à minha impressão pessoal, conto aqui e agora que me impactaram sua firmeza na defesa de suas convicções, que aliás eram de pedra, e sua maneira de olhar nos olhos e ir fundo; também me impressionou a sensação de que parecia estar sempre na defensiva, à espera de qualquer tentativa de levá-lo a alguma armadilha, algum beco de onde fosse difícil escapar. Nunca entendi a razão de Lula ter agido assim naquela tarde, mas foi isso que senti naquele primeiro encontro. Um bicho iracundo.

Brizola jamais me disse, mas senti que queria alguém de fora do partido, do PDT comandado por ele, para saber qual era a possibilidade de uma aproximação naquele momento bastante conturbado do sempre conturbado panorama político brasileiro. Em algum momento, sabia ele, essa aproximação, uma aliança, seria, mais que necessária para o país, inevitável.

## 4.

Outro encontro aconteceu anos depois, em abril ou maio de 1994, e de novo em São Paulo. Brizola era candidato a presidente, Lula também. E, de novo, me impressionou a determinação dele.

Lula havia perdido a eleição de 1989, no segundo turno, graças a manobras desastradas dos coordenadores de sua campanha, a certo sentimento de inferioridade social – o tal preconceito de classe, só que ao revés – diante de Fernando Collor de Mello, o filho da oligarquia, mas principalmente graças à escandalosa manipulação dos meios de comunicação, atendendo aos pavores do empresariado.

O jornalista Ricardo Kotscho, que, além de ser amigo de Lula, funcionava como uma espécie de assessor dele, e o publicitário Washington Olivetto

participaram daquele encontro. Ao sair, altas horas, pensei que poucas vezes na vida Olivetto havia escutado mais do que falado, e aquela tinha sido uma.

Lula estava entusiasmado. Dizia e repetia que ia ganhar. E insistia num ponto: “Desta vez, eu estou preparado”.

Um dos adversários seria Fernando Henrique Cardoso. Lula aparecia, nas pesquisas, rondando a casa dos 40% das intenções de voto, mais que o triplo de Cardoso.

Fiquei impactado com aquela segurança toda. E guardei uma frase de Lula: “A não ser que eles inventem alguma coisa, não tenha dúvida, eu ganho. É só manter a campanha do jeito que está”.

Pois bem: inventaram o Plano Real, e ele perdeu.

## 5.

Esperou, com paciência e persistência. Tornou a perder para Fernando Henrique na eleição seguinte, em 1998. E finalmente chegou o dia: um mês depois de ter cumprido 57 anos, em 27 de outubro de 2002, o pau de arara que, quando adolescente, sonhava em dirigir um caminhão pelas estradas do país passaria a dirigir o país inteiro como presidente da República. Naquela altura, sua vida tinha se transformado em algo que ele jamais sequer sonharia em seus anos jovens.

O garoto que fora retirante do Nordeste para fugir da miséria e tinha começado a trabalhar ainda menino primeiro virou operário, torneiro mecânico. Um acidente de trabalho custou-lhe o dedo mindinho da mão esquerda, quando ele tinha 18 anos. Ficou um ano desempregado até conseguir emprego num grupo muito importante na época, as Indústrias Villares; entrou no Sindicato dos Metalúrgicos e casou-se com a irmã de um de seus melhores amigos, chamada Maria de Lourdes.

Alegrou-se de uma alegria sem fim quando ela engravidou, despencou num precipício de dor sem fim quando, aos sete meses daquela gravidez, Maria de Lourdes morreu e, com ela, o bebê.

Para sair daquele precipício, Lula fez o que fazem alguns homens: fugir para a frente. Avançar. Mergulhou fundo no sindicalismo. De um relacionamento fugaz, teve uma filha, Lurian. Casou-se com uma moça viúva, bela e de olhos luminosos, Marisa Letícia. E foi eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos

e de seus mais de 100 mil filiados.

Teve um filho com Marisa Letícia, Fábio Luís, tudo isso entre maio de 1971, quando da morte de Maria de Lourdes, e março de 1975.

E mais: em outubro daquele mesmo 1975, fez sua primeira viagem para fora do Brasil e foi parar no outro lado do mundo, no Japão.

Essa trajetória vertiginosa pairava sobre sua alma quando, no primeiro dia de 2003, viu seu peito ser cruzado pela faixa presidencial.

Tinha um sem-fim de projetos e programas. Queria mudar a cara do Brasil, o país dele, meu, dos senhores engravatados da cantina do bairro elegante de São Paulo, mas queria principalmente mudar a cara do país de dezenas de milhões de pessoas como ele.

Talvez sem saber a origem, tomou como lema uma antiga frase de Darcy Ribeiro: disse que sua missão central era a de assegurar que, ao fim do seu mandato, todo brasileiro tivesse a certeza de que todos os dias teria café da manhã, almoço e jantar.

Talvez não tenha conseguido cumprir a missão em toda a sua enormidade. Mas certamente mudou a vida dos pelo menos 43 milhões de brasileiros – uma Argentina inteira, quase quatro vezes Portugal, quase uma Espanha – que saíram da pobreza e da pobreza extrema, que é um nome burocrático para a miséria (a mesma que ele viveu quando criança), e viraram cidadãos.

Pois é: o mesmo homem que, em seus tempos de líder sindical, programou e levou adiante greves multitudinárias que desafiaram a ditadura e ajudaram a mudar o país naqueles tempos de breu, em tempos de claridade, soube programar e levar adiante ações que ajudaram a mudar o país.

Desde a campanha eleitoral, o negociador hábil e persistente, o sedutor intuitivo, "a pessoa de mil carismas", havia deixado claro o que pretendia ao promover uma ampla aliança, até aquele momento impensável, com setores que sempre demonstraram, mais que ser refratários, ter uma verdadeira alergia ao Partido dos Trabalhadores e ao próprio Lula.

Foi assim que o primeiro operário assumiu a Presidência do Brasil. O primeiro presidente sem diploma universitário. O seu PT foi o primeiro partido de esquerda a eleger presidente neste país.

Uma estrondosa mostra do rumo que ele havia traçado surgiu logo nas primeiras semanas de seu governo: compareceu, em Porto Alegre, ao Fórum Social Mundial e dois dias depois estreava no Fórum Econômico Mundial, em

Davos, aldeola dos Alpes suíços.

O primeiro luta por uma nova ordem global, de combate à fome e à miséria, de impulso à inclusão social.

O segundo, pela defesa do capital, das vantagens de pouquíssimos em detrimento dos direitos de todos os demais, pela defesa da manutenção dos benefícios dos beneficiados de sempre à custa do abandono dos eternos abandonados.

Coincidência ou não, sua presença em Davos serviu para projetar a sua imagem mundo afora. E, como consequência, abrir o rumo que levaria o Brasil a ocupar um espaço consistente e inédito no cenário mundial.

Um espaço e uma consistência que estavam consolidados e que se dissolveram num instante após o golpe parlamentar que destituiu a presidenta Dilma Rousseff e a própria institucionalidade do meu país.

## 6.

Qualquer análise minimamente objetiva e equilibrada que se faça dos dois mandatos presidenciais de Lula mostrará, em primeiro lugar, o óbvio: houve acertos e equívocos. Afinal, tanto ele como sua equipe foram feitos de barro humano, esculpidos pela vida e condenados à imperfeição.

Qualquer balanço minimamente objetivo e equilibrado que se faça desse mesmo período mostrará, em primeiro lugar e acima de qualquer dúvida, que os acertos e as conquistas foram esmagadoramente superiores aos equívocos e até mesmo aos erros mais graves.

Não houve praticamente nenhum – nenhum – setor ou segmento da sociedade que não tenha sido alvo de algum programa de governo. De levar luz ao campo à criação de universidades; de programas sociais que beneficiam milhões de famílias marginalizadas à defesa da criação de empregos; da distribuição de renda à quitação da histórica dívida com o Fundo Monetário Internacional; da oferta de bolsas de estudo e aperfeiçoamento no exterior à abertura de novos incentivos para as artes e a cultura, nada ficou incólume naqueles anos de vertigem.

E as ações não pararam aí. Avançaram para um programa de aceleração do crescimento, e o pré-sal, e o programa de construção de moradias populares, e uma ação de política externa sem precedentes, enfim, uma voragem ao revés,

que, em vez de destruir, construiu.

Esse balanço, se minimamente objetivo e equilibrado, mostrará também que ainda em seu primeiro mandato precisou usar os seus mil carismas para sobreviver à primeira tentativa de liquidar com seu governo.

A partir do que disse o então deputado Roberto Jefferson em uma entrevista, criou-se a figura do “Mensalão”, insinuando – até alcançar o convencimento da opinião pública, graças aos meios de comunicação – que havia parlamentares que recebiam mesadas, ou seja, eram corrompidos, para votar a favor de projetos do governo.

Na verdade, tratava-se, sim, de dinheiro irregular, destinado ao pagamento de dívidas de campanhas eleitorais. O famigerado caixa dois, que sempre existiu, não foi inventado pelo PT nem pelo governo de Lula, e continuou a existir.

Não importava nem importa: o objetivo era liquidar Lula. Ele sobreviveu, mas foram liquidadas lideranças-chave do PT, a começar pelo então deputado e ex-ministro José Dirceu.

O mais dilacerante é observar que aquela farsa foi reforçada pelos integrantes da corte suprema do meu país, do país de Lula e dos tais senhores elegantes que viram, pela primeira vez, uma oportunidade concreta de se livrar de uma vez e para sempre do pau de arara que, em vez de porteiro, se fez presidente. Teses jurídicas foram manipuladas escandalosamente, mas o espetáculo acabou prevalecendo: a imagem do “Mensalão” ficou para sempre.

O que não se conseguiu contra Lula foi conseguido anos depois contra um elo muito, muitíssimo mais frágil daquela corrente: Dilma Rousseff.

## 7.

Foi com Lula fora da Presidência, terminados seus dois mandatos, que nós dois passamos a ter mais contato.

Muita coisa mudou nele, em mim, no nosso país e no mundo, desde aquele agora longínquo 1986.

Está mais sereno, menos iracundo. As sovas do tempo, que incluíram a dor maior da morte de Marisa Letícia, companheira de vida, deixaram suas marcas, que ficarão para sempre.

Recordo agora um almoço em outubro ou novembro de 2016, em São Paulo, com ele, Fernando Morais e Paulo Vannuchi, os dois de sua confiança e

proximidade.

Falávamos do que poderia ser feito – não por ele, que sabia muito bem o que fazer, mas por pessoas como o Fernando e eu – naquele cenário desolador em que o Brasil tinha se transformado.

Lá pelas tantas, e aproveitando o espaço de confiança em que eu não cabia, arrisquei uma confissão: “Ando indignado, Lula, e muito. E ando muito, muito triste...”.

Lula me olhou com um olhar que guardava lampejos daquele mesmo ar iracundo do nosso primeiro encontro: “E eu, você acha o quê? Eu também ando muito triste, mas tristeza não adianta. É preciso lutar, isso sim”.

Esse é o homem que tratam de extirpar com uma perseguição sem precedentes. Nenhum precedente. Nem mesmo o que fizeram com Leonel Brizola quando governou o Rio.

E a razão de tanta arbitrariedade, de tanto absurdo, de tanta injustiça é muito simples: é preciso, seja qual for o custo, preservar um sistema perverso, maligno, sórdido. E Lula é um perigo olímpico.

Afinal, quando encerrou o seu segundo mandato com 87% de aprovação popular – a maior da história brasileira –, o pau de arara foi agraciado, pelo mesmo Fórum Econômico Mundial que reúne a nata das natas dos donos do dinheiro, que reúne o mais sacrossanto altar dos elegantes da cantina de Higienópolis, com o título de “Estadista Global”. E foi e é contra isso que se faz o que está sendo feito. Contra isso.

Contra esse perigo permanente, capaz de ir contra os privilégios de uns poucos em benefício de uma infinidade de muitos que nunca tiveram e nem podem ter direito a nada.

*Rio de aneiro de março de 1*

# O caso Lula e o fracasso da Justiça brasileira

Rafael Valim

Com esta contribuição, pretendo demonstrar ao grande público alguns dos graves problemas do chamado "caso tríplex", processo em que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva é acusado de corrupção passiva e lavagem de dinheiro por supostamente ter favorecido a construtora OAS em contratos com a Petrobras e, em contrapartida, ter sido beneficiado com a propriedade, a reforma e a decoração de um apartamento na cidade do Guarujá (SP).

Na medida do possível, evitarei utilizar o temido jargão técnico, conhecido como "juridiquês", a fim de facilitar a compreensão deste texto por parte dos cidadãos brasileiros e estrangeiros, que poderão assim perceber a real dinâmica dos acontecimentos e o modo como, lamentavelmente, a título de combater a corrupção, o sistema de justiça brasileiro está destruindo a Constituição Federal de 1988.

Desde logo, é fundamental deixar claro que a defesa da Constituição Federal e dos direitos e garantias nela consagrados não traduz nenhuma discussão ideológica entre esquerda e direita, "coxinhas" ou "mortadelas". Trata-se de preservar o mínimo indispensável à convivência social. Fora da Constituição, o que existe é a barbárie, a força bruta, o exercício arbitrário e violento do poder contra os "inimigos" da vez.

Ademais, a história comprova à exaustão que a Constituição e as leis devem ser aplicadas de modo isonômico, ou seja, que os órgãos do Estado não podem

"decidir" se observam o direito em relação a determinada pessoa. As exceções, que podem ser convenientes a alguns num primeiro momento, acabam por generalizar-se, atingindo toda a sociedade. A pretensão de um governo *impessoal* das leis cede lugar ao governo *pessoal* dos homens[1].

## Presunção de inocência: entre o *power point* e a prisão antes do trânsito em julgado da sentença condenatória

Um dos princípios constitucionais mais desrespeitados no âmbito da operação Lava Jato é, seguramente, o princípio da presunção de inocência, cujo significado nos remete à ideia, de todo singela, de que o acusado só pode ser considerado culpado depois do trânsito em julgado de sentença penal condenatória – em outras palavras, só depois de esgotados todos os recursos processuais[2].

Ora, se todos os agentes do Estado estão submetidos à presunção de inocência, como justificar os espetáculos que o Ministério Público Federal oferece quase todas as semanas por meio de coletivas de imprensa e entrevistas, maculando a reputação e a dignidade de inúmeras pessoas, muitas das quais, tempos depois, são absolvidas? No caso tríplex, ganhou notoriedade o tosco *po er point* apresentado pelo Ministério Público Federal em que o ex-presidente figurava como o grande chefe de uma quadrilha.

Não há como justificar nem admitir tal exibicionismo, do qual resultam, pura e simplesmente, graves atentados à presunção de inocência, com a criação de um julgamento *sum rio* e *irrecorr vel* pelos meios de comunicação[3]. Em um Estado Democrático de Direito, as acusações devem ser formuladas de modo responsável, com o devido equilíbrio entre o direito à informação e a proteção da honra e a imagem das pessoas.

Aliás, as forças-tarefa, integradas por polícia e Ministério Público, são, para além de *inconstitucionais*, vítimas da própria expectativa que geram na sociedade, em prejuízo, obviamente, do princípio da presunção de inocência. Como bem observa Eugênio Aragão,

> a montagem de uma força-tarefa é feita com tanto rapapé que ela fica sob permanente pressão de apresentar resultados. Ninguém cria força-tarefa para arquivar um inquérito. Esse estardalhaço, por si só, fere mortalmente a presunção de inocência e vai consolidando na opinião pública, como um enredo de novela previsível, a certeza do acerto da teoria inicial sobre o envolvimento dos atores escolhidos nos

fatos supostamente ocorridos.[4]

Outra consequência do princípio da presunção de inocência é a proibição de execução da sentença penal condenatória antes do seu trânsito em julgado, ou seja, a impossibilidade de prisão do réu antes de esgotados todos os recursos judiciais. Embora, no dia 17 de fevereiro de 2016, o Supremo Tribunal Federal tenha admitido a possibilidade de início da execução de sentença penal condenatória após a sua confirmação em segundo grau, ou seja, antes de esgotados todos os recursos, há uma viva discussão na Corte sobre a manutenção deste lastimável precedente[5].

Espera-se que, no caso tríplex e nos demais casos que tramitam no país, prevaleça o texto explícito da Constituição, com a afirmação da regra da liberdade não só em favor do ex-presidente Lula, mas também de todas as cidadãs e de todos os cidadãos brasileiros.

## Imparcialidade do juiz: a infame "parceria" entre magistrados e membros do Ministério Público

Outro problema gravíssimo que se apresenta, de maneira paradigmática, no processo penal em desfavor de Lula é a infame e, por óbvio, inconstitucional relação que se estabelece em muitos casos entre os juízes e os membros do Ministério Público. Há, sobretudo nas forças-tarefa, de modo aberto e declarado, uma "parceria" entre esses órgãos, o que é um verdadeiro acinte à administração da justiça prevista na Constituição Federal, uma vez que o Ministério Público, quando denuncia alguém criminalmente, apresenta-se como *parte* no processo, a merecer, portanto, o *mesmo* tratamento do advogado de defesa.

Demonstrações públicas de apreço entre juízes e membros do Ministério Público, conversas reservadas ou almoços conjuntos nos intervalos de julgamento não são meros detalhes ou "implicância", mas sim a prova cabal de que há uma profunda falha no sistema de justiça brasileiro e uma evidente disparidade de armas entre acusação e defesa. Em vez de uma relação equidistante, a acusação recebe a deferência do órgão julgador, ao passo que a advocacia é diminuída e, não raras vezes, criminalizada.

O caso tríplex é uma prova eloquente do que estamos a dizer. Tanto em primeira quanto em segunda instância, os órgãos julgadores e os membros do

Ministério Público se portaram como aliados, enquanto a defesa foi, em diversas ocasiões, desrespeitada com truculência. Basta mencionar o fato de que, no corpo da sentença que condenou o ex-presidente Lula, um terço dos parágrafos foi dedicado a desqualificar os advogados de defesa.

Também não se pode esquecer a ilegal interceptação telefônica de todo o escritório que defende o ex-presidente, da qual resultou a violação do sigilo telefônico de 25 advogados e de, pelo menos, trezentos clientes.

Outros sinais veementes de parcialidade no caso tríplex são: a atribuição direta de fatos em tese criminosos a investigado ou réu, ainda que a pretexto de informação; a divulgação ilegal do conteúdo de conversas telefônicas interceptadas; a participação em lançamentos de livros com conteúdo manifestamente contrário ao investigado ou réu[6]; a participação em eventos de natureza empresarial ou política, com manifestações contrárias a investigado ou a réu[7]; sem contar, naturalmente, a declaração do presidente do Tribunal Regional da 4ª Região, de que a sentença era "irrepreensível", tão logo ela foi proferida.

O que muitas pessoas não percebem é que o princípio da imparcialidade do juiz, além de constituir uma garantia indispensável a toda e qualquer pessoa, é fundamental para a preservação da confiança pública no sistema de justiça. Trata-se de um instrumento de preservação do próprio Poder Judiciário. Registre-se o seguinte trecho dos *Coment rios aos princ pios de Bangalore de conduta  udicial*:

> A percepção de parcialidade corrói a confiança pública, pois, se um juiz parece parcial, a confiança do público no Judiciário é erodida, de modo que um juiz deve evitar toda atividade que insinue que sua decisão pode ser influenciada por fatores externos, tais como relações pessoais do juiz com uma parte ou interesse no resultado do processo.[8]

Esse preocupante quadro de parcialidade dos juízes brasileiros mereceu a censura de um dos maiores juristas da atualidade, o italiano Luigi Ferrajoli, cujas palavras são dignas de reprodução literal:

> São, de fato, os princípios elementares do justo processo que foram e continuam a ser desrespeitados. As condutas aqui ilustradas dos juízes brasileiros representam, de fato, um exemplo clamoroso daquilo que Cesare Beccaria, no § XVII, do livro *Dos delitos e das penas*, chamou "processo ofensivo", em que o juiz – contrariamente àquilo por ele chamado "um processo *informativo*", em que o juiz é "um indiferente investigador da verdade" – "se torna inimigo do réu" e "não busca a verdade do fato, mas procura no prisioneiro o delito, e o insidia, e crê estar perdendo o caso se não consegue tal resultado, e de ver prejudicada aquela infalibilidade que o homem reivindica em todas as coisas"; "como se as leis e o juiz", acrescenta Beccaria, no § XXXI, "tenham interesse não em buscar a verdade, mas de provar o

delito”.[9]

Impõe-se, assim, em termos gerais, uma urgente retomada do princípio da imparcialidade pelo Poder Judiciário e, no caso tríplex, o reconhecimento da óbvia parcialidade do juízo que condenou o ex-presidente, com a consequente anulação de todos os atos processuais.

## A configuração do crime: corrupção sem ato de ofício e sem a demonstração da exigência e recebimento de vantagem ilícita

A Constituição Federal de 1988, em seu art. 5º, inc. XXXIX, proclama um princípio universal do direito penal, qual seja: “Não há crime sem lei anterior que o defina, nem pena sem prévia cominação legal”. É o que se denomina *princ pio da legalidade*, segundo o qual o poder punitivo estatal só pode ser exercido se a conduta estiver em estrita correspondência com o que está descrito na lei penal. Significa que os órgãos do Estado encarregados da apuração e da punição dos crimes não podem “criar” hipóteses não previstas em lei.

Pois bem, o ex-presidente Lula, no caso tríplex, foi acusado de dois crimes, a saber: corrupção passiva e lavagem de dinheiro. O ato de corrupção passiva está assim descrito no art. 317 do Código Penal:

> Solicitar ou receber, para si ou para outrem, direta ou indiretamente, ainda que fora da função ou antes de assumi-la, mas em razão dela, vantagem indevida, ou aceitar promessa de tal vantagem.

Ocorre, entretanto, que na sentença e no acórdão que condenaram Lula não há a configuração dos elementos que compõem o crime de corrupção passiva. Nela se reconhece que o ex-presidente não requereu diretamente vantagens em decorrência de contratos firmados com a Petrobras; dispensa-se a emissão de ato de ofício – ato inserido na esfera de atribuições do agente público – supostamente praticado ou omitido como contrapartida à vantagem recebida; e, para finalizar, não se comprova a suposta vantagem ilícita, uma vez que o ex-presidente não é proprietário (tampouco exerce a posse) do famigerado apartamento no edifício Solaris, na cidade do Guarujá.

Vê-se, pois, que os juízes abandonaram solenemente a Constituição e as leis e, por vontade própria, editaram, como autênticos soberanos, normas jurídicas “sob medida” para a condenação que pretendiam impor ao ex-presidente. Este exemplo, ao lado de tantos outros, deve chamar a atenção para o fato de que não

é só a corrupção que solapa as democracias contemporâneas, senão também o descumprimento sistemático, ainda que revestido de boas intenções, das leis. Oxalá um dia a sociedade compreenda que, em um Estado Democrático de Direito, todos, inclusive os órgãos de controle, devem observar os fins e, sobretudo, os meios previstos na ordem jurídica.

## Conclusão

Embora existam inúmeros outros vícios que comprometem, de maneira irreversível, o processo penal contra Luiz Inácio Lula da Silva, esta breve exposição já permite entrever a seríssima situação do sistema de Justiça brasileiro, cujas disfunções ameaçam toda a coletividade. Goste-se ou não do ex-presidente, vote-se nele ou não, é certo que seus direitos vêm sendo grosseiramente violados por agentes públicos que rezaram respeitar a Constituição Federal, e isso não pode ser tolerado.

A exemplo de todo e qualquer brasileiro, independentemente da ideologia que professe, ao ex-presidente deve ser dispensado um tratamento consentâneo às leis. Nem mais nem menos; sem favoritismos nem perseguições. Sem o perceber, quem defende o contrário debilita a si próprio, porquanto legitima a escolha arbitrária, por parte do titular do poder, de quem é merecedor de proteção jurídica.

O dado mais desolador da atual quadra é que o principal responsável pela barbárie a que assistimos todos os dias é o Poder Judiciário, entre cujos atos se destaca, por sua ignomínia, a decisão do Tribunal Regional Federal da 4ª Região, sob a relatoria do desembargador federal Rômulo Pizzollatti, que consagrou explicitamente um estado de exceção jurisdicional no Brasil:

> Ora, é sabido que os processos e investigações criminais decorrentes da chamada operação Lava Jato, sob a direção do magistrado representado, constituem caso inédito (único, excepcional) no direito brasileiro. Em tais condições, neles haverá situações inéditas, que escaparão ao regramento genérico, destinado aos casos comuns. Assim, tendo o levantamento do sigilo das comunicações telefônicas de investigados na referida operação servido para preservá-la das sucessivas e notórias tentativas de obstrução, por parte daqueles, garantindo-se entender que o sigilo das comunicações telefônicas (Constituição, art. 5º, inc. XII) pode, em casos excepcionais, ser suplantado pelo interesse geral na administração da Justiça e na aplicação da lei penal. A ameaça permanente à continuidade das investigações da operação Lava Jato, inclusive mediante sugestões de alterações na legislação, constitui, sem dúvida, uma situação inédita, a merecer um tratamento excepcional.[10]

Para arrematar esse cenário tétrico, é lamentável constatar, sem margem a dúvida ou entredúvida, que todas essas manifestas transgressões à ordem jurídica servem ao propósito de subtrair do povo o direito de eleger livremente os seus representantes. É a democracia, ou o que resta dela, portanto, que está em jogo.

*ão aulo de março de 1*

---

[1] Ver Rafael Valim, *Estado de exceção: a forma ur dica do neoliberalismo* (São Paulo, Contracorrente, 2017), p. 27.

[2] Estabelece a Constituição Federal: "Ninguém será considerado culpado até o trânsito em julgado de sentença penal condenatória".

[3] Guillermo Tenorio, "La construcción del derecho en el discurso mediático: el caso de las sentencias mediáticas", *Anuario de la Facultad de Derecho*, Cidade do México, Universidad Panamericana, v. 24, 2006, p. 271-2.

[4] Eugênio José Guilherme de Aragão, "O risco dos castelos teóricos do Ministério Público em investigações complexas", em Cristiano Zanin Martins, Valeska Teixeira Zanin Martins e Rafael Valim (orgs.), *O caso Lula: a luta pela afirmação dos direitos fundamentais no Brasil* (São Paulo, Contracorrente, 2017), p. 55.

[5] Essa decisão foi tomada no bojo do *habeas corpus* n. 126.292, em claríssimo contraste com o art. 5º, inc. LVII, da Constituição Federal.

[6] Relembre-se o que dispõe o seguinte artigo da Lei Orgânica da Magistratura: "Art. 36. É vedado ao magistrado: III – manifestar, por qualquer meio de comunicação, opinião sobre processo pendente de julgamento, seu ou de outrem, ou juízo depreciativo sobre despachos, votos ou sentenças, de órgãos judiciais, ressalvada a crítica nos autos e em obras técnicas ou no exercício do magistério".

[7] Silvio Luís Ferreira da Rocha, "A imparcialidade do juiz", em Cristiano Zanin Martins, Valeska Teixeira Zanin Martins e Rafael Valim (orgs.), *O caso Lula*, cit., p. 159.

[8] *Coment rios aos princ pios de Bangalore de conduta udicial* (trad. Marlon S. Maia e Ariane E. Kloth, Brasília, Conselho da Justiça Federal, 2008), p. 67. Os assim chamados princípios de conduta judicial de Bangalore foram elaborados pelo Grupo de Integridade Judicial, constituído sob os auspícios das Nações Unidas. Sua elaboração teve início em 2000, em Viena, e os princípios foram formulados em abril de 2001, na cidade de Bangalore, na Índia, sendo oficialmente aprovados em novembro de 2002, em Haia.

[9] Luigi Ferrajoli, "Existem, no Brasil, garantias do devido processo legal?", trad. Samanta Takahashi e Rafael Valim, *Carta Capital*, 16 nov. 2017; disponível online. Acesso em: 21 mar. 2018.

[10] P.A.N. 0003021-32.2016.4.04.8000/RS – Corte Especial. Neste caso, não se pode deixar de saudar, sob pena de grave injustiça, o eminente desembargador federal Rogério Favreto, único membro da Corte Especial do Tribunal Regional Federal da 4ª Região que votou pela abertura de processo disciplinar contra o juiz federal Sérgio Moro.

# Cronologia de Luiz Inácio Lula da Silva

Camilo Vannucchi[A]

**27 de outubro 1945 –** Luiz Inácio da Silva nasce em Caetés (PE), então um distrito de Garanhuns. É o sétimo filho dos lavradores analfabetos Eurídice Ferreira de Melo (Dona Lindu) e Aristides Inácio da Silva. A casa da família, de apenas dois cômodos e chão de terra, não tem luz elétrica nem água encanada.

**Junho de 1950 –** Aos cinco anos, conhece o pai, que havia migrado para Santos (SP) com outra mulher durante sua gestação. O pai visita Caetés por poucos dias e volta para Santos, levando o primogênito Jaime consigo.

**Dezembro de 1952 –** Passando-se pelo pai, Jaime escreve uma carta orientando Dona Lindu a vender a propriedade em Caetés e se mudar para Santos com as crianças. A família embarca em uma viagem de treze dias num pau de arara até São Paulo, de onde segue para o litoral.

**Agosto de 1953 –** Aos sete anos, Lula começa a trabalhar como vendedor ambulante no cais de Santos ao lado do irmão José, que mais tarde ganharia o apelido de Frei Chico. Torna-se engraxate no centro da cidade.

**1954-1955 –** Escondido do pai, que não permitia aos filhos estudar, Lula frequenta o Grupo Escolar Marcílio Dias, por imposição de Dona Lindu. No fim de 1955, cansada dos abusos, Dona Lindu separa-se do marido.

**Agosto de 1956 –** Dona Lindu e os filhos mudam-se para a Vila Carioca, em

São Paulo, um pequeno bairro operário na divisa com São Caetano do Sul.

**Março de 1959 –** Consegue o primeiro emprego com carteira assinada nos Armazéns Gerais Columbia, depois de trabalhar informalmente como ambulante, engraxate, *office bo* e auxiliar de uma tinturaria.

**Setembro de 1960 –** Aos 14 anos, é contratado pela Fábrica de Parafusos Marte como metalúrgico. Graças ao emprego, inscreve-se para o curso profissionalizante de torneiro mecânico do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai), onde completa o ensino secundário.

**Março de 1962 –** Aos 18 anos, começa a trabalhar na Metalúrgica Independência, no turno da noite. É frequentemente obrigado a realizar mais horas extras do que o permitido por lei. Numa dessas ocasiões, às duas da madrugada, sofreu o acidente que lhe custou o dedo mínimo. Recebe uma indenização de 371 mil cruzeiros, o equivalente a pouco mais de R$ 46 mil em março 2018. Segue trabalhando normalmente na fábrica.

**1964-1967 –** No ano do golpe civil-militar, envolve-se numa discussão por melhoria de salários e é demitido da Metalúrgica Independência. É admitido na Fris Moldu Car, mas perde o emprego seis meses depois. Passaria mais de um ano desempregado. Consegue emprego em 1966, nas Indústrias Villares, em São Bernardo do Campo. No ano seguinte, por influência do irmão Frei Chico, sindicalista, acaba se aproximando do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema.

**1968-1969 –** Lula se sindicaliza e disputa a eleição pela chapa situacionista. A chapa vence, e Lula toma posse como segundo suplente, no dia 24 de abril de 1969. Segue trabalhando na Villares.

**Maio de 1969 –** Aos 23 anos, casa-se com Maria de Lourdes.

**Maio de 1971** – Grávida de sete meses, abatida por um quadro grave de anemia e hepatite, Lourdes morre numa cesariana de emergência, depois de frustradas tentativas de internação. O bebê também não sobrevive ao parto.

**Agosto de 1972 –** Em depressão, Lula agarra-se à atividade sindical. Muda-se para São Bernardo do Campo. Dentro da Villares, passa a intervir nas negociações com os patrões e mostra-se habilidoso. Integra novamente a chapa reeleita para a diretoria do Sindicato, agora como primeiro-secretário. Dirige o departamento jurídico e responde pelo setor de previdência social, recém-criado.

**Abril de 1973 –** Conhece e se apaixona por Marisa Letícia, também viúva e com

um filho de dois anos, Marcos. Rompe com a namorada anterior, a enfermeira Miriam Cordeiro. Pouco depois, descobre que Miriam está grávida. Assume prontamente a paternidade da menina e os custos do pré-natal e do parto.

**1974 –** Em março, nasce Lurian, sua filha com Miriam Cordeiro. É Lula quem vai ao cartório registrá-la. Dois meses depois, oficializa no civil sua união com Marisa. Mais tarde, concluiria o processo de adoção do enteado Marcos.

**Fevereiro de 1975 –** Assume a presidência do Sindicato, com 92% dos votos e o desafio de liderar uma categoria de 100 mil operários. Popular e bom negociador, Lula ainda era péssimo orador. Na posse, porém, surpreende ao ler um discurso no qual criticava tanto o capitalismo quanto o socialismo, algo pouco comum em tempos polarizados de Guerra Fria.

**Março de 1975 –** Nasce Fábio Luís, seu primeiro filho com Marisa.

**Outubro de 1975 –** Durante um congresso da Toyota, no Japão (sua primeira viagem ao exterior), Lula fica sabendo que seu irmão Frei Chico está desaparecido e é orientado a não voltar ao Brasil. Ignorando a recomendação, Lula regressa e busca pelo irmão no II Exército e no Dops, até encontrá-lo no DOI-Codi. O episódio fortalece sua oposição à ditadura. No dia 25 daquele mês, o jornalista Vladimir Herzog é morto sob tortura no DOI-Codi.

**Maio de 1978 –** Lula é reeleito presidente do Sindicato com 98% dos votos. Para envolver os operários, transfere as assembleias para as portas das fábricas e substitui os tradicionais boletins por materiais mais lúdicos, com charges e quadrinhos. Surge o personagem João Ferrador, de Laerte Coutinho. No mesmo mês, 3 mil metalúrgicos da Scania, em São Bernardo do Campo, entram em greve. Lula assume as negociações, fechando um acordo positivo, com 15% de aumento real de salário. O exemplo se alastra pela região do ABC e por outras cidades paulistas.

**12 de maio de 1978 –** Morre seu pai, Aristides.

**Julho de 1978 –** Nasce o segundo filho, Sandro Luís. Enquanto Marisa dá à luz, Lula participa de um encontro de petroleiros na Bahia. Ali, em entrevista à imprensa, fala pela primeira vez publicamente sobre a ideia de fundar um partido de trabalhadores.

**Dezembro de 1978 –** Apesar da ilegalidade, mais de quatrocentas greves e paralisações são registradas no país.

**13 de março de 1979 –** Organizada desde janeiro, é deflagrada a greve geral. A

adesão de 80 mil metalúrgicos supera as expectativas, e a diretoria transfere a assembleia para o estádio da Vila Euclides, em São Bernardo. Sem megafone nem palanque, Lula sobe numa mesa no centro do gramado e discursa no gogó; os operários mais próximos repetem cada fala para as fileiras de trás.

**Março de 1979 –** Em dois dias, a greve já soma 170 mil metalúrgicos parados no ABC. O Ministério do Trabalho decreta intervenção, e viaturas da polícia cercam a sede do Sindicato. Os dirigentes são afastados, e parte da categoria volta a trabalhar. Lula propõe uma trégua aos empresários, com a volta imediata ao trabalho mediante o fim da intervenção, a reabertura do estádio de Vila Euclides para as assembleias, o pagamento dos dias parados, nenhuma demissão e reajuste de 11%. Em assembleia, expõe as condições da trégua e pede um voto de confiança aos trabalhadores. Os patrões firmam acordo com o Sindicato, mas não cumprem a promessa. Há demissões e retaliações em diversas fábricas. Lula é chamado de traidor e propõe então a destituição da diretoria e a convocação de nova eleição. O gesto é aclamado, e sua liderança se fortalece.

**Fevereiro de 1980 –** É fundado o Partido dos Trabalhadores, em cerimônia no Colégio Sion, em São Paulo, com a presença de cerca de setecentas pessoas, a maioria formada por sindicalistas, estudantes, líderes de movimentos sociais, católicos progressistas e intelectuais de esquerda.

**Abril de 1980 –** 140 mil metalúrgicos param em São Bernardo e Diadema; pedem reajuste real de 15% nos salários e redução da jornada de 48 para 40 horas semanais. Novamente, a Justiça declara a greve ilegal. Helicópteros do Exército sobrevoam as assembleias, e rondas ostensivas desencorajam os trabalhadores. Lula tem cassado seu mandato sindical, e é declarada nova intervenção no Sindicato. Decretada a prisão preventiva de Lula e outros dezesseis sindicalistas.

**19 de abril de 1980 –** No 17º dia da paralisação, Lula é preso e enquadrado na Lei de Segurança Nacional. Levado para o Dops, onde ficaria por 31 dias, faz greve de fome, que é interrompida no sétimo dia após apelo do bispo Dom Cláudio Hummes. A convite do bispo, as assembleias passam a acontecer na Igreja Matriz de São Bernardo.

**Maio de 1980 –** A greve termina no 41º dia, sem acordo, e o direito de greve torna-se uma bandeira nacional. Dona Lindu morre, aos 64 anos, de câncer no útero. Lula é autorizado a deixar a prisão, escoltado, para ir ao enterro.

**Fevereiro de 1981 –** É condenado pela Justiça Militar a três anos e meio de prisão. Recorre em liberdade e, em maio de 1982, o processo é anulado pelo Superior Tribunal Militar.

**Junho de 1981 –** Como líder e porta-voz do PT, Lula viaja o Brasil e mais de dez países. Nos Estados Unidos, tem audiência com o senador democrata Ted Kennedy; na Itália, encontra-se com o papa João Paulo II e com o líder sindical polonês Lech Walesa.

**1982 –** O TSE reconhece oficialmente a fundação do PT e o autoriza a disputar as eleições. Lula é candidato ao governo de São Paulo e incorpora o apelido ao sobrenome, passando a assinar Luiz Inácio Lula da Silva para que as cédulas preenchidas com o nome "Lula" fossem validadas. Recebe 10% dos votos, ficando em quarto lugar na disputa. André Franco Montoro, do PMDB, vence a eleição. Em todo o país, o PT elege 8 deputados federais, 12 estaduais, 2 prefeitos e 78 vereadores.

**Novembro de 1983 –** Encabeça o primeiro grande comício por eleições diretas, na praça Charles Miller, em São Paulo.

**Abril de 1984 –** Lula articula um comitê suprapartidário em prol das eleições diretas. Atos e comícios mobilizam milhões de brasileiros nas grandes cidades. No dia 25 de abril, é votada – e derrotada – a Emenda Dante de Oliveira, adiando o direito de votar para presidente.

**Março de 1985 –** Nasce seu filho caçula, Luís Cláudio.

**Novembro de 1985 –** Com a eleição de Maria Luiza Fontenele em Fortaleza, o PT conquista pela primeira vez a prefeitura de uma capital.

**Novembro de 1986 –** Lula é eleito deputado federal constituinte. Nos dois anos seguintes, participa da elaboração da Constituição Federal de 1988 e ajuda a garantir a inclusão de emendas como o direito à greve, a licença-maternidade de 120 dias e a redução da jornada de trabalho para 44 horas semanais.

**Dezembro de 1987 –** Olívio Dutra assume a presidência do PT para que Lula possa se dedicar à campanha de 1989. (Pouco depois, Luiz Gushiken assumiria a presidência.)

**1988 –** Lula é o principal mobilizador da campanha do PT para as prefeituras. O partido conquista três capitais: São Paulo (Luiza Erundina), Porto Alegre (Olívio Dutra) e Vitória (Vitor Buaiz) e outras 33 cidades.

**1989 –** Em março, Lula lança-se candidato a presidente da República e encabeça a coligação Frente Brasil Popular, apoiada por PT, PSB e PCdoB.

Polarizando com Leonel Brizola (PDT), Lula é apontado como favorito até a emergência da candidatura de Fernando Collor de Mello. Senador de Alagoas pelo nanico Partido da Reconstrução Nacional (PRN), Collor é apoiado pelos bancos, pelas grandes indústrias e pela mídia. Em dezembro, o empresário multimilionário Abílio Diniz é sequestrado em São Paulo. Na TV, são veiculadas imagens do sequestrador, Humberto Paz, com uma camiseta da campanha de Lula. Em depoimento à polícia, Paz alegou ter sido torturado e obrigado por policiais a vestir a camiseta[1]. Em outro episódio, o penúltimo programa eleitoral de Collor exibe uma entrevista com Miriam Cordeiro, ex-namorada de Lula, afirmando que Lula havia lhe oferecido dinheiro para um aborto e que nunca reconhecera a criança. O depoimento é exibido no *ornal acional* do dia seguinte. Por fim, o mesmo *ornal acional*, ao transmitir os "melhores momentos" do último debate entre Lula e Collor, valorizou a participação do candidato do PRN[2]. Lula é derrotado no segundo turno, com 47% dos votos válidos, contra 53% de Collor.

**Junho de 1990 –** Lula funda o Governo Paralelo, um núcleo inspirado numa iniciativa do Partido Trabalhista inglês, com a missão de monitorar as políticas adotadas por Collor e formular propostas alternativas. Por meio do Governo Paralelo, Lula ajuda a articular um movimento nacional de combate à fome – à época, um quinto da população brasileira (32 milhões de pessoas) vivia abaixo da linha de pobreza. O projeto inspira a campanha Ação Nacional contra a Fome, a Miséria e pela Vida, divulgada na mídia pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho.

**Junho de 1992 –** Como presidente do PT, Lula mobiliza a bancada e atua para instalar uma CPI sobre denúncias de corrupção, formação de quadrilha, desvio de dinheiro e uso indevido de verba pública contra Collor. Surge o Movimento pela Ética na Política, e os "caras-pintadas" vão às ruas pedir o *impeachment* do presidente.

**Setembro de 1992 –** A Câmara dos Deputados aprova por 441 a 33 o *impeachment* do primeiro presidente eleito após a redemocratização. A votação segue para o Senado Federal. Collor é afastado, e seu vice, Itamar Franco, assume o governo interinamente.

**29 de dezembro de 1992 –** O Senado começa a votar o *impeachment*. Collor renuncia ao cargo. A votação termina no dia seguinte, e Collor é cassado por

73 votos contra 3. Itamar Franco toma posse definitivamente como presidente da República.

**Março de 1993 –** O Governo Paralelo transforma-se em Instituto Cidadania.

**21 de abril de 1993 –** Ocorre um plebiscito nacional para determinar o regime (republicano ou monarquista) e o sistema (presidencialista ou parlamentarista) de governo do país, por determinação de uma emenda da Constituição de 1988. Vencem o regime republicano e o sistema presidencialista.

**1993 –** Em Garanhuns, Lula dá início à primeira Caravana da Cidadania, a fim de resgatar temas como conflitos de terra, seca e miséria. Até julho do ano seguinte, Lula e sua equipe fariam sete caravanas, percorrendo as cinco regiões do Brasil. A revista americana *e s eek* publica uma extensa reportagem sobre a iniciativa.

**1994 –** Favorito para a campanha eleitoral, Lula tenta costurar uma aliança com líderes do PSDB, negociando o nome de Tasso Jereissati para vice. A aliança fracassa com a ascensão da pré-candidatura do então ministro da Fazenda Fernando Henrique Cardoso, lançado pelos tucanos paulistas como "o pai do Plano Real". Fernando Henrique passa a ser apoiado pelos setores que temiam uma vitória de Lula[3]. O petista é derrotado no primeiro turno por FHC.

**Maio de 1997 –** A Vale do Rio Doce é privatizada. Em leilão contestado na Justiça, o consórcio Brasil, liderado pela CSN, adquire o controle acionário da empresa por R$ 3,3 bilhões. Na oposição, Lula condena a medida e os valores pagos.

**Julho de 1998 –** O sistema Telebrás é privatizado, por meio de leilão.

**Outubro de 1998 –** Lula cede aos apelos do PT e aceita disputar pela terceira vez a Presidência da República, mas perde novamente para Fernando Henrique Cardoso.

**1999 –** No início do segundo mandato, FHC contraria sua campanha, e o Banco Central adota o sistema de câmbio flutuante. A moeda brasileira desvaloriza, confirmando que sua paridade ao dólar vinha sendo mantida graças a juros altos e baixo investimento em produção. Crises deflagradas na Ásia, na Rússia e na Argentina comprometem a balança comercial brasileira e derrubam o preço das *commodities*. FHC perde popularidade, e Lula é apontado como favorito para a eleição de 2002.

**Outubro de 2000 –** Pela primeira vez desde sua fundação, o PT é o partido mais votado em todo o Brasil nas eleições municipais. Vence em 187 cidades, incluindo São Paulo (Marta Suplicy), Recife (João Paulo) e Porto Alegre (Tarso Genro) e pula de 1.895 para 2.485 vereadores.

**Janeiro de 2002 –** O prefeito de Santo André, Celso Daniel, é assassinado. Amigo pessoal de Lula, fora escolhido para coordenar seu plano de governo. Após a tragédia, é substituído por Antonio Palocci, prefeito de Ribeirão Preto.

**Março de 2002 –** Favorito dentro do partido, Lula impõe duas condições para sua candidatura: um amplo leque de alianças, inclusive com setores tradicionalmente arredios ao partido, e um vice ligado ao meio empresarial. José Alencar Gomes da Silva (PL), empresário mineiro e industrial do setor têxtil, é oficializado como vice de Lula. A dupla é festejada como uma conveniente união capital-trabalho.

**Junho de 2002 –** Para divulgar seu programa, Lula lê a famosa *Carta ao povo brasileiro*, escrita para acalmar os ânimos do mercado. A carta revela uma face mais moderada de Lula, que se comprometia a cumprir contratos, inclusive sobre a dívida externa, e os acordos com o FMI.

**Outubro de 2002 –** Seguindo recomendações publicitárias, Lula apara a barba, usa terno em seus compromissos, sorri mais, grita menos. Ganha o apelido de "Lulinha Paz e Amor". É eleito presidente da República no segundo turno, no dia de seu aniversário de 57 anos. Cerca de 150 mil pessoas se concentram na Avenida Paulista, em São Paulo, para a festa da vitória. A multidão canta "Parabéns a você".

**1º de janeiro de 2003 –** Pela primeira vez, um operário toma posse como presidente da República no Brasil. Lula é também o primeiro presidente civil eleito nascido em Pernambuco, o primeiro sem diploma universitário e o primeiro filiado a um partido de esquerda.

**Janeiro de 2003 –** Lula leva metade de seus ministros para uma viagem por regiões pobres do Nordeste e de Minas Gerais, a fim de que conheçam a miséria e compreendam a importância de políticas de distribuição de renda. Ainda em janeiro, é o primeiro presidente da República a discursar no Fórum Social Mundial, em Porto Alegre. Dois dias depois, discursa no Fórum Econômico Mundial, em Davos, e propõe um pacto mundial pela paz e contra a fome[4]. Lança o programa Fome Zero.

**Outubro de 2003 –** Lula unifica programas sociais como o Fome Zero para criar o programa Bolsa Família, que viria a se tornar o carro-chefe do governo. Recebe o prêmio Príncipe das Astúrias, na Espanha.

**Novembro de 2003 –** Lançamento do programa Luz para Todos.

**Janeiro de 2004 –** O PMDB adere formalmente à base aliada, garantindo maioria parlamentar ao governo.

**Fevereiro de 2004 –** A revista *poca* publica a primeira denúncia contra o governo Lula. Waldomiro Diniz, assessor do ministro da Casa Civil José Dirceu, é acusado de extorquir o bicheiro carioca Carlinhos Cachoeira.

**Janeiro de 2005 –** Lançamento do Programa Universidade para Todos (Prouni).

**Junho de 2005 –** Em entrevista à *Folha de aulo*, o deputado federal Roberto Jefferson (PTB) acusa o governo de pagar mesadas a deputados em troca de apoio para projetos de lei. É o início do escândalo do "Mensalão". Acusado de coordenar o esquema, José Dirceu deixa o cargo, e a então ministra de Minas e Energia, Dilma Rousseff, assume a Casa Civil.

**Dezembro de 2005 –** O Brasil quita sua dívida com o FMI.

**Março de 2006 –** Acusado de corrupção, cai o ministro da Fazenda Antonio Palocci. É substituído por Guido Mantega.

**Outubro de 2006 –** Em disputa contra Geraldo Alckmin, Lula é reeleito com mais de 58 milhões de votos (60,8% do eleitorado). Em números absolutos, é a maior votação obtida por um chefe de Estado no Ocidente. O IPCA registra inflação anual de 3,14%, a menor desde 1998.

**2007 –** Lula toma posse em seu segundo mandato como presidente da República. Ainda em janeiro, é lançado o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC). Em março, o presidente dos Estados Unidos, George W. Bush, visita o Brasil e anuncia acordo para a produção de etanol. Em maio, a Bovespa encerra o primeiro semestre com valorização de 22%, a maior alta desde 1999. Em agosto, o STF acata todas as denúncias apresentadas contra os suspeitos de envolvimento no Mensalão.

**Março de 2008 –** Lula inaugura obras do PAC no Complexo do Alemão (RJ) ao lado da ministra Dilma Rousseff, que é apresentada como "a mãe do PAC" e desponta como provável candidata do PT à sucessão presidencial.

**Setembro de 2008 –** Lula suja as mãos de petróleo numa extração simbólica da camada do pré-sal, na plataforma da Petrobras de Campo de Jubarte (ES).

**Dezembro de 2008 –** Lula comemora em pronunciamento o fato de o país sair praticamente incólume da crise mundial e credita o fato a trunfos de seu governo.

**Março de 2009 –** O STF mantém a demarcação contínua da reserva Raposa Serra do Sol (RO), uma importante vitória de índios e ambientalistas sobre os ruralistas. É lançado o programa Minha Casa Minha Vida.

**Abril de 2009 –** Na reunião do G20 em Londres, o presidente Barack Obama aperta a mão de Lula e exclama: "Esse é o cara! Eu adoro esse cara". Lula é eleito o "Homem do Ano" pelo *Le Monde*.

**Janeiro de 2010 –** Estreia o filme *Lula: o filho do Brasil*, de Fábio Barreto, baseado no livro homônimo de Denise Paraná. Pouco depois, é confirmada a candidatura de Dilma Rousseff à Presidência da República.

**Julho de 2010 –** Lula intensifica a presença brasileira na África: em oito anos de governo, foram abertas dezenove novas embaixadas em países africanos, e o comércio com o continente triplicou.

**Agosto de 2010 –** O presidente inaugura em Divinópolis (MG) o *campus* Dona Lindu, uma extensão da Universidade Federal de São João Del Rey; o local se soma ao rol de 126 *campi* e 14 universidades federais inauguradas no governo Lula.

**Outubro de 2010 –** Dilma Rousseff é eleita presidente da República.

**Dezembro de 2010 –** Lula registra em cartório um balanço dos oito anos de governo. O documento tem 310 páginas e é assinado por todos os ministros. Na última pesquisa de popularidade feita pelo Ibope, o petista crava a aprovação recorde de 87%. É eleito "Estadista Global" pelo Fórum Econômico Mundial

**Janeiro de 2011** – Após passar a faixa para Dilma Rousseff, Lula retoma sua atividade no Instituto Cidadania, ocupando-se de sua transição para Instituto Lula.

**Março de 2011 –** Faz sua primeira palestra como ex-presidente, para executivos da LG. Recebe em Lisboa o prêmio Norte-Sul de Direitos Humanos e em Coimbra o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Coimbra.

**Junho-setembro de 2011 –** Vence o prêmio World Food Prize em Washington. Ganha o título de cidadão de Bogotá. Em Paris, recebe o título de doutor *honoris causa* pela Sciences Po.

**Outubro de 2011 –** Recebe o diagnóstico de câncer na laringe e inicia

tratamento médico.

**Abril-agosto de 2012 –** Conquista o prêmio Internacional da Catalunha pelo combate à pobreza e à desigualdade. Na Holanda, recebe o prêmio Four Freedoms do Roosevelt Institute. Em São Paulo, ganha o título de Cidadão Paulistano e a Medalha Anchieta. Em Toronto, é laureado com o prêmio Nelson Mandela de Direitos Humanos.

**Outubro de 2012 –** Um ano após o diagnóstico, já curado, engaja-se nas campanhas municipais do PT, especialmente na de Fernando Haddad para a Prefeitura de São Paulo.

**Abril-maio de 2013 –** Lula recebe em Nova York o prêmio Em Busca da Paz, do International Crisis Group e o título de doutor *honoris causa* por diversas universidades e instituições de ensino de Buenos Aires, Lima e Quito.

**Junho de 2013 –** Passa a assinar uma coluna mensal no jornal *The e ork Times*. Dedica-se também às atividades internacionais de combate à fome pelo Instituto Lula, promovendo palestras e seminários. No mesmo mês, manifestações contrárias ao aumento das passagens de ônibus e metrô espalham-se por todo o país, com violenta repressão policial. O teor progressista dos protestos dá lugar a uma insatisfação geral e sem forma, de caráter conservador e despolitizado.

**Março de 2014 –** Começa a operação Lava Jato, com a detenção de dezessete pessoas, incluindo Paulo Roberto Costa, ex-diretor de abastecimento da Petrobras.

**Abril de 2014 –** Lula recebe o título de doutor honoris causa da Universidade de Salamanca e da Universidade de Aquino Bolívia, de Santa Cruz de la Sierra.

**Outubro de 2014 –** A presidenta Dilma Rousseff é reeleita. Imediatamente, o PSDB pede auditoria na eleição presidencial, deixando evidente que os meses seguintes seriam de incansável rechaço.

**Dezembro de 2014 –** O rancor antipetista toma forma com a criação do movimento Vem Pra Rua, que recebe apoio do PSDB. Os tucanos pedem a cassação da candidatura de Dilma Rousseff e Michel Temer no TSE, requerendo a posse de seu candidato, Aécio Neves.

**Janeiro de 2015 –** Dilma é empossada em Brasília. Eduardo Cunha (PMDB) é eleito presidente da Câmara dos Deputados.

**Fevereiro-maio de 2015 –** Instalada na Câmara a CPI da Petrobras. Rodrigo

Janot, procurador-geral da República, protocola no STF pedidos de inquérito para investigar políticos envolvidos na operação Lava Jato. Milhões de brasileiros participam de atos contra o governo em cerca de 160 cidades do país. A popularidade de Dilma despenca.

**Julho de 2015 –** Delatado por Júlio Camargo, Eduardo Cunha rompe com o governo.

**Agosto de 2015 –** José Dirceu é preso na operação Lava Jato, sob a responsabilidade do juiz federal Sérgio Moro. Eduardo Cunha é denunciado pela Procuradoria-Geral da República.

**Outubro de 2015 –** Dilma anuncia reforma ministerial e amplia participação do PMDB no governo. O TSE reabre a ação do PSDB para impugnar a candidatura de Dilma e Temer, e a oposição entrega a Eduardo Cunha o pedido de *impeachment* da presidenta.

**Novembro de 2015 –** Lula e Dilma são implicados na Lava Jato, após delação do senador petista Delcídio do Amaral.

**Dezembro de 2015 –** A bancada do PT anuncia voto pela continuidade do processo contra Eduardo Cunha no Conselho de Ética. Num ato de vingança, Cunha autoriza a abertura do processo de *impeachment* de Dilma. Michel Temer revela insatisfações com a presidenta por meio de uma carta pessoal supostamente vazada pela imprensa. O STF estabelece o rito do *impeachment*.

**Janeiro de 2016 –** Cunha livra Michel Temer do pedido de *impeachment*.

**Fevereiro de 2016 –** Lula é investigado pela Polícia Federal por tráfico de influência, acusado de "vender" medidas provisórias que beneficiaram fabricantes de automóveis. O marqueteiro do PT João Santana e a esposa são presos na operação.

**4 de março de 2016 –** Acusado de enriquecer com a corrupção, Lula tem sua casa revistada pela polícia às seis da manhã e é conduzido coercitivamente para depor.

**9 de março de 2016 –** Ministério Público de São Paulo denuncia Lula por lavagem de dinheiro e ocultação de patrimônio. Especificamente, o órgão acusava Lula e Marisa Letícia de ocultar a propriedade de um apartamento tríplex em Guarujá (SP).

**16 de março de 2016 –** Dilma anuncia Lula como ministro da Casa Civil. No mesmo dia, o juiz Sérgio Moro vaza para a imprensa gravações feitas pela

Polícia Federal no contexto da Lava Jato, incluindo o grampo de uma ligação entre Lula e a presidenta feito naquela tarde.

**Março de 2016 –** No dia seguinte, um juiz de primeira instância concede liminar que suspende a nomeação de Lula, que recorre, e a Câmara forma a comissão do *impeachment*. Em 24 horas, o ministro Gilmar Mendes suspende a nomeação de Lula para a Casa Civil. Dias depois, é revelada uma "superplanilha" farta em nomes da oposição e que lista valores (incompatíveis com doações declaradas) apreendida um ano antes na casa do presidente da Odebrecht Infraestrutura. Imediatamente, a planilha é posta sob sigilo por Sérgio Moro. A OAB protocola novo pedido de *impeachment* contra Dilma, e o PMDB rompe oficialmente com o governo. Em despacho oficial, o juiz Sérgio Moro pede desculpas ao STF pelo vazamento da ligação entre Lula e Dilma e nega motivação política.

**Abril-maio de 2016 –** Com 367 votos a favor, a Câmara aprova a abertura do processo de *impeachment*. É formada a Comissão Especial do Impeachment no Senado[5]. Em maio, o Senado afasta provisoriamente a presidenta Dilma Rousseff. Temer assume como presidente interino. Políticos, artistas e -intelectuais apontam que o processo de *impeachment* é inconsistente e configura golpe de Estado[6]. Ainda em maio, são divulgadas conversas de Romero Jucá com o ex-presidente da Transpetro, Sérgio Machado, em que o *impeachment* é sugerido como solução para deter a operação Lava Jato.

**29 de julho de 2016 –** Lula é imputado por um juiz de Brasília, que o acusa, junto a outras cinco pessoas, de obstruir a Justiça e tentar comprar o silêncio de envolvidos na rede de corrupção da Petrobras. O Ministério Público pede pena de três a cinco anos de prisão.

**31 de agosto de 2016 –** Dilma Rousseff é definitivamente destituída pelo Senado. Temer toma posse como presidente.

**20 de setembro de 2016 –** Sérgio Moro acata a denúncia de corrupção passiva e lavagem de dinheiro apresentada pelo Ministério Público contra Lula, considerando que tinha "indícios suficientes de autoria e materialidade".

**13 de outubro de 2016 –** A Justiça aceita a terceira acusação contra Lula. Os promotores solicitam a condenação do ex-presidente por crime organizado e lavagem de dinheiro relacionada às obras realizadas pela Odebrecht em Angola com empréstimos do BNDES.

**10 de dezembro de 2016 –** Lula é novamente acusado pelo Ministério Público,

dessa vez por suposto tráfico de influência na compra de 36 caças suecos.

**19 de dezembro de 2016 –** Sérgio Moro aceita a quinta denúncia do Ministério Público contra o ex-presidente, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro oriunda de subornos por intermédio do ex-ministro Antonio Palocci, então preso.

**24 de janeiro de 2017 –** Marisa Letícia sofre um acidente vascular cerebral hemorrágico e é internada na UTI do Hospital Sírio-Libanês, em São Paulo.

**3 de fevereiro de 2017 –** É constatada a morte cerebral da ex-primeira dama. A família autoriza, e são doados os rins, o fígado e as córneas.

**4 de fevereiro de 2017 –** Marisa Letícia é velada na sede do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, em São Bernardo do Campo. Muito emocionado, Lula discursa à multidão de 20 mil pessoas: "Marisa morreu triste porque a canalhice, a leviandade e a maldade que fizeram com ela... Que os facínoras que levantaram leviandades contra ela tenham um dia a humildade de pedir desculpas".

**17 de abril de 2017 –** Delações feitas por 78 ex-executivos da Odebrecht acusam toda a classe política, independente de partido ou orientação política, de prática constante de compras de favores, contratos e leis. Lula é acusado com especial fúria, em boa parte pelo mito de "homem pobre trabalhador" e "amigo dos pobres".

**28 de abril de 2017 –** Após ordem judicial, Lula devolve 26 presentes que recebera como chefe de Estado. No entendimento de Moro, os objetos – incluindo uma escultura de Joan Miró – deveriam fazer parte do acervo oficial da Presidência da República.

**10 de maio de 2017 –** Em Curitiba, Lula depõe perante Sérgio Moro em um interrogatório de cinco horas. Do lado de fora, cerca de 5 mil pessoas se manifestavam em seu apoio. O ex-presidente aproveitou para discursar após o episódio.

**22 de maio de 2017 –** Promotores do Ministério Público acusam novamente Lula, dessa vez alegando corrupção e lavagem de dinheiro envolvendo uma reforma paga por duas construtoras em um sítio de Atibaia (SP), de propriedade de um amigo do ex-presidente.

**12 de julho de 2017 –** O juiz Sérgio Moro condena o ex-presidente a nove anos e seis meses de prisão pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Lula é condenado por ter se beneficiado de dinheiro público

desviado para favorecer a OAS, construtora que, em contrapartida, teria reformado de graça o citado tríplex de Guarujá.

**20 de julho de 2017 –** A pedido da Justiça, a BrasilPrev bloqueia cerca de R$ 9 milhões de dois planos de previdência que estavam em nome da LILS Palestras e Eventos, empresa do ex-presidente.

**Outubro de 2017 –** Os advogados de defesa de Lula entram com um pedido de absolvição do ex-presidente, argumentando que Moro "reconheceu que não há valores provenientes de contratos firmados pela Petrobras que tenham sido utilizados para pagamento de qualquer vantagem a Lula".

**30 de outubro de 2017 –** A um ano da eleição de 2018, pesquisa Ibope coloca Lula na liderança isolada na corrida do primeiro turno, com 35% das intenções de voto, quase o triplo dos votos atribuídos ao segundo colocado, Jair Bolsonaro, com 13%.

**24 de janeiro de 2018 –** Em Porto Alegre, Lula é julgado no Tribunal Regional Federal da 4ª região (TRF-4), que confirma em segunda instância a decisão do juiz Sérgio Moro e condena Lula a doze anos e um mês de prisão. Há manifestações populares de apoio e de repúdio à decisão. De acordo com a Lei da Ficha Limpa, Lula ficaria inelegível para as eleições de 2018.

---

[a] Com a colaboração de Thaisa Burani. (N. E.)

[1] Ver "Sequestrador depõe e alega razão política", *Folha de aulo*, 6 jan. 1990. Disponível em: http://almanaque.folha.uol.com.br/cotidiano_06jan1990.htm. Acesso em 6 mar. 2018.

[2] Após 22 anos, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, então diretor-geral da Globo, admitiria, numa entrevista concedida a Geneton Moraes Neto em 2011, que a emissora não apenas manipulou a edição em favor do favorito de Roberto Marinho, como interferiu na maquiagem de Collor e plantou pastas vazias supostamente recheadas de "denúncias contra Lula".

[3] Com um farto material de vídeo das Caravanas da Cidadania e famosa por organizar comícios lotados, a campanha de Lula é surpreendida por uma lei aprovada no Congresso (por iniciativa do PSDB e do PFL) que proibia a exibição de cenas externas nos programas eleitorais.

[4] O primeiro passo, segundo sua proposta, seria a criação de um fundo internacional para o combate à miséria, constituído pelos países do G7 e estimulado por grandes investidores e donos das maiores fortunas do mundo.

[5] Em sessão da comissão do *impeachment*, o senador Randolfe Rodrigues prega peça em Janaína Paschoal e a faz admitir que, de acordo com a argumentação usada para definição de crime, também seria forçoso pedir o *impeachment* do vice Michel Temer. Pouco antes, a advogada afirmara não haver elementos para

que o vice fosse denunciado.

[6] O linguista e analista político Noam Chomsky usa o termo "*soft coup*" para denunciar o golpe no Brasil em entrevista a Amy Goodman, do *Democrac o* . A equipe do filme *Aquarius*, dirigido por Kleber Mendonça Filho, denuncia o golpe em curso no Brasil no tapete vermelho do Festival de Cannes.

# Colaboradores desta edição

CAMILO VANNUCHI, jornalista e escritor, é doutorando em ciências da comunicação pela ECA-USP e membro do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Direito e Liberdade, vinculado à ECA e ao IEA-USP. Integrou a Comissão da Memória e Verdade da Prefeitura de São Paulo, gestão Haddad. Para 2018, prepara uma biografia da ex-primeira-dama Marisa Letícia.

ERIC NEPOMUCENO é escritor, tradutor e colaborador de jornais da Argentina, México e Espanha. Entre 1973 e 1983 foi correspondente estrangeiro nesses mesmos países. É autor de livros de contos e de não ficção. Ganhou três jabutis de tradução e conquistou o segundo lugar em reportagem com seu livro *O massacre*. Tem livros publicados no México, Espanha e Portugal.

GILBERTO MARINGONI é jornalista, professor universitário e chargista. Doutor em história social pela FFLCH-USP, é professor de relações internacionais da Universidade Federal do ABC e autor, entre outros livros, de *A enezuela que se inventa: poder petróleo e intriga nos tempos de Ch vez* (Fundação Perseu Abramo, 2004).

IVANA JINKINGS é fundadora e diretora da editora Boitempo e da revista *Margem Esquerda*. Organizou, com Carlos Eduardo Martins e Emir Sader, o livro *Latinoamericana: enciclopédia contempor nea da América Latina e do Caribe* (Boitempo, 2007), com Kim Doria e Murilo Cleto, *or que gritamos golpe* (Boitempo, 2016).

JUCA KFOURI é jornalista esportivo, escritor e apresentador de televisão. Formado

em ciências sociais pela FFLCH-USP, trabalhou na editora Abril, foi comentarista esportivo de rádio e assinou colunas sobre futebol em diversos periódicos, como *O Globo*, *Folha de aulo* e *Lance* . É autor de *Confesso que perdi: memórias* (Companhia das Letras 2017).

Luiz Felipe de Alencastro é historiador e cientista político. Formado em Paris, lecionou nas universidades de Rouen e Paris – Vincennes. Atualmente, é professor emérito da Universidade de Paris-Sorbonne e professor da Escola de Economia da FGV-SP (seu texto não representa necessariamente a opinião institucional da FGV). É autor de *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atl ntico ul* (Companhia das Letras, 2000), entre outros.

Luis Felipe Miguel é doutor em ciências sociais pela Unicamp e professor titular do Instituto de Ciência Política da UnB. É autor de, entre outros livros, *Feminismo e pol tica: uma introdução* (com Flavia Biroli, Boitempo, 2014) e *Dominação e resistência: desafios para uma pol tica emancipatória* (Boitempo, 2018).

Luis Fernando Verissimo é jornalista, escritor e roteirista, além de saxofonista e dramaturgo. Trabalhou como publicitário, revisor e redator, e foi cartunista e colunista em diversos periódicos. Criador de personagens memoráveis e autor de vasta e diversa obra, é considerado um dos maiores nomes da literatura nacional.

Maria Inês Nassif é jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero e mestra em ciências sociais pela PUC-SP. Trabalhou em diversos periódicos nacionais, incluindo *alor Econ mico*, *O Globo*, *Folha de aulo*, *Estado de aulo*, *Gazeta Mercantil* e *GG* . Em 2014, recebeu pelo seu trabalho no *GG* o Troféu Mulher Imprensa.

Mauro Lopes é jornalista, escritor e editor do site de comunicação compartilhada e pós-capitalismo *Outras alavras* e autor/editor do blog *Caminho pra Casa*. É um dos autores da coletânea *or que gritamos golpe* (Boitempo, 2016).

Rafael Valim é mestre e doutor em direito administrativo pela PUC-SP. Atua como advogado e professor da Faculdade de Direito da PUC-SP. É autor de *Estado de exceção: a forma ur dica do neoliberalismo* (Contracorrente, 2017), entre outros.

RICARDO STUCKERT tem 29 anos de profissão. Foi fotógrafo oficial da Presidência da República entre 2003 e 2011. Trabalhou no jornal *O Globo* e nas revistas *Caras*, *sto* e *e a*. Atualmente, dedica-se à documentação de tribos indígenas do país.

# OUTRAS PUBLICAÇÕES DA BOITEMPO

*Brasil: uma biografia não autorizada*
**Francisco de Oliveira**
Apresentação de **Fabio Mascaro Querido e Ruy Braga**
Orelha de **Marcelo Ridenti**

*Cinco mil dias: o Brasil na era do lulismo*
**Gilberto Maringoni e Juliano Medeiros (orgs.)**
Orelha de **Luiza Erundina**

*Esquerdas do mundo  uni-vos*
**Boaventura de Sousa Santos**
Orelha de **Guilherme Boulos e Tarso Genro**
Quarta capa de **Nilma Lino Gomes**

*Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*
**Flávia Biroli**
Orelha de **Céli Pinto**
Quarta capa de **Albertina de Oliveira Costa**

*A liberdade é uma luta constante*
**Angela Davis**
Organização de **Frank Barat**
Tradução de **Heci Regina Candiani**
Prefácio à edição brasileira de **Angela Figueiredo**
Prefácio de **Cornel West**
Orelha de **Conceição Evaristo**

*A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*
**Michelle Alexander**
Tradução de **Pedro Davoglio**
Revisão técnica e notas de **Silvio Luiz de Almeida**
Apresentação de **Ana Luiza Pinheiro Flausina**
Orelha de **Alessandra Devulsky**
Quarta capa de **Eliane Dias**

*Manifesto Comunista/Teses de abril*
**Karl Marx e Friedrich Engels/ Vladímir Ilítch Lênin**
Com textos introdutórios de **Tariq Ali**

## COLEÇÃO MARX-ENGELS

*Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*
**Karl Marx**
Tradução de **Nélio Schneider**
Apresentação de **Ana Selva Albinati**
Orelha de **Rodnei Nascimento**

## COLEÇÃO TINTA VERMELHA

*or que gritamos golpe*
**Ivana Jinkings, Kim Doria e Murilo Cleto (orgs.)**
Apresentação de **Ivana Jinkings**
Quarta capa de **Luiza Erundina e Boaventura de Sousa Santos**

## SELO BARRICADA

Conselho editorial Gilberto Maringoni e Luiz Gê

*Marx: uma biografia em quadrinhos*
**Anne Simon e Corinne Maier**
Tradução de **Mariana Echalar**
Letras de **Lilian Mitsunaga**

## SELO BOITATÁ

*O capital para crianças*
**Joan R. Riera (adaptação)**
Ilustrações de **Liliana Fortuny**
Tradução de **Thaisa Burani**

*Meu crespo é de rainha*
**bell hooks**
Ilustrações de **Chris Raschka**
Tradução de **Nina Rizzi**

*O Deus Dinheiro*
**Karl Marx e Maguma (ilustrações)**
Tradução de **Jesus Ranieri e Artur Renzo**



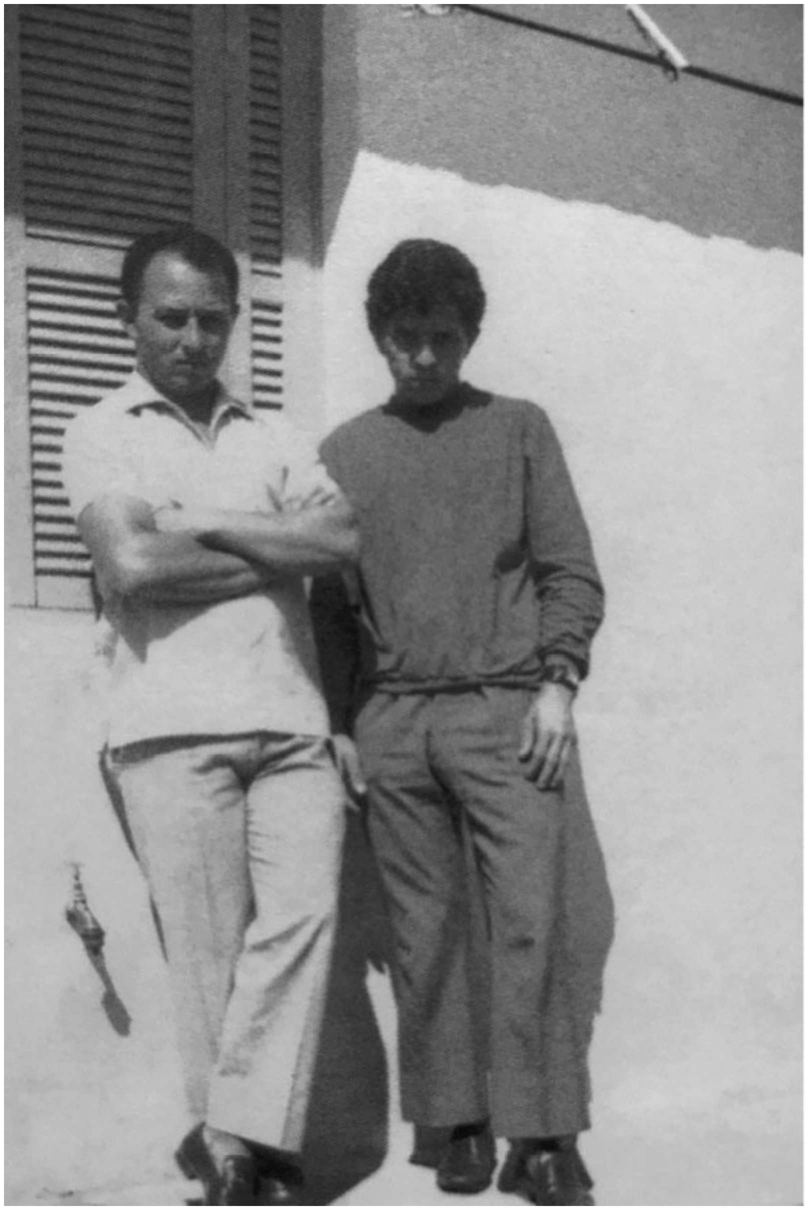
Lula, aos 3 anos, e sua irmã Maria. Nesta primeira foto da vida de ambos, feita em Garanhuns, foram usados roupas e sapatos emprestados do fotógrafo. Arquivo Família Silva.



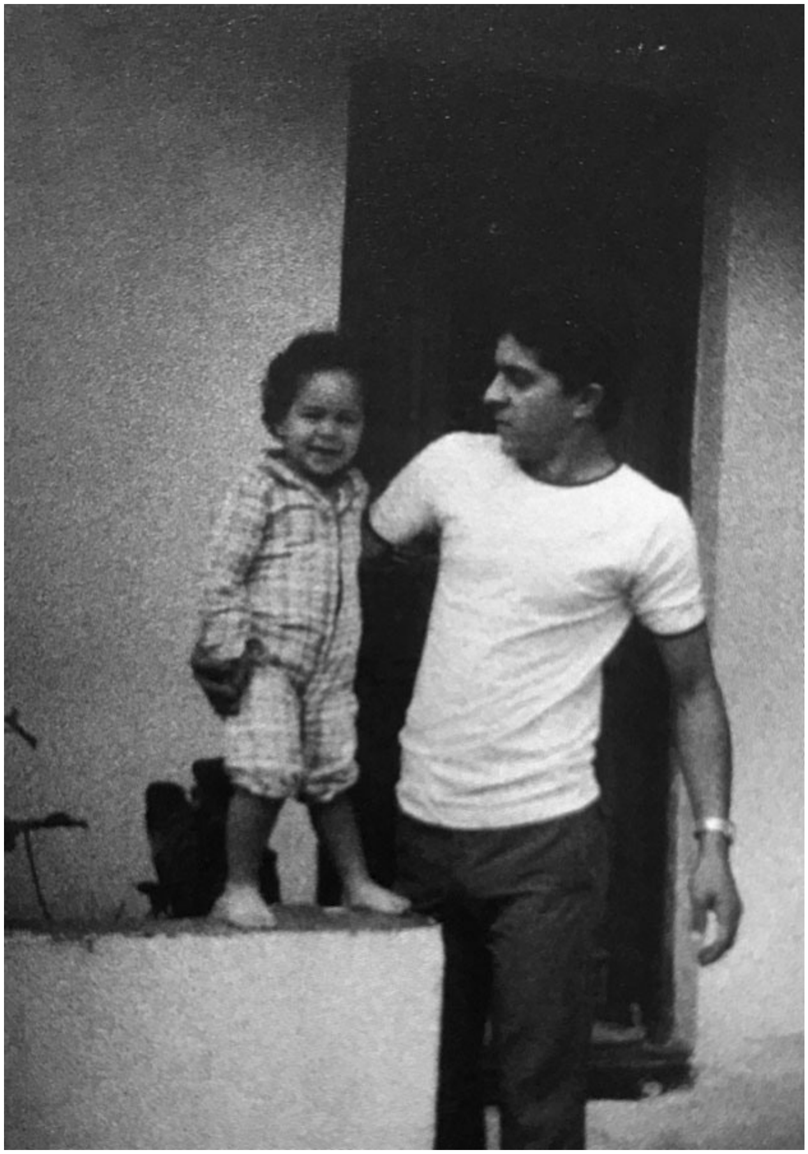
Eurídice Ferreira de Melo, a Dona Lindu, mãe de Lula.



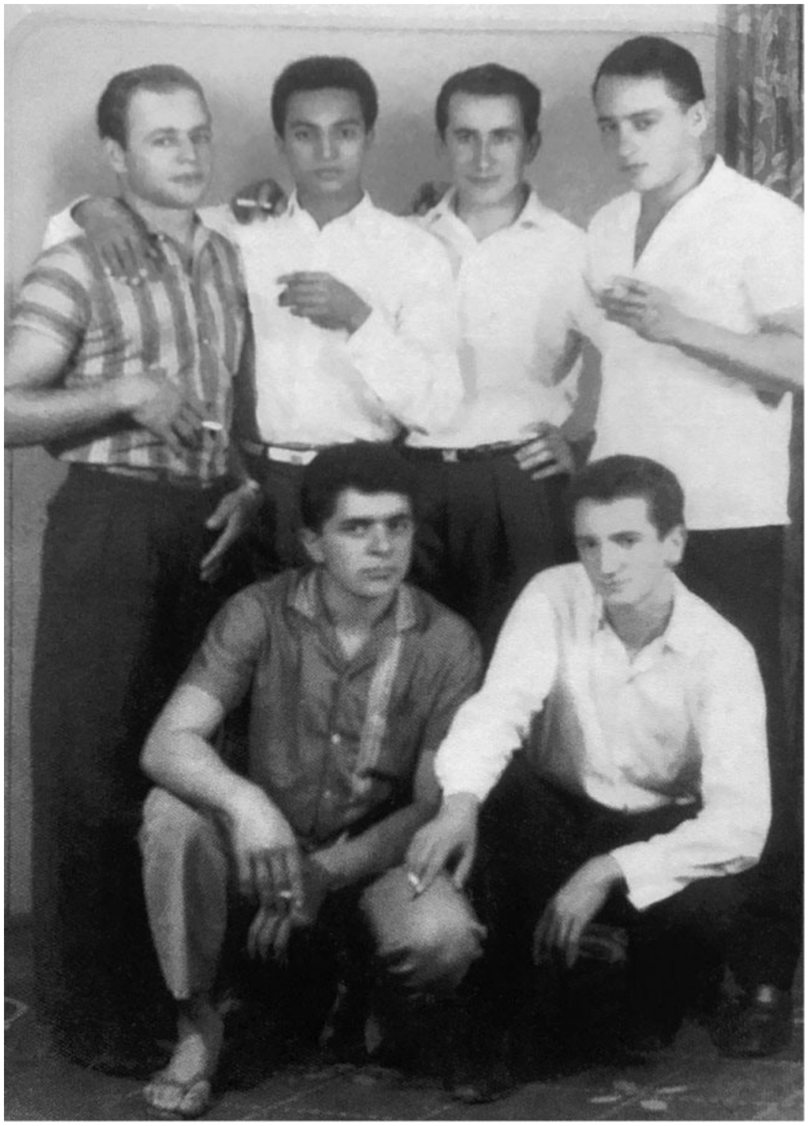
Aristides Inácio da Silva, pai de Lula. Arquivo Família Silva.



Lula, à direita, e seu irmão Frei Chico; década de 1960.



Lula com o sobrinho Denis; década de 1970. Arquivo Família Silva.



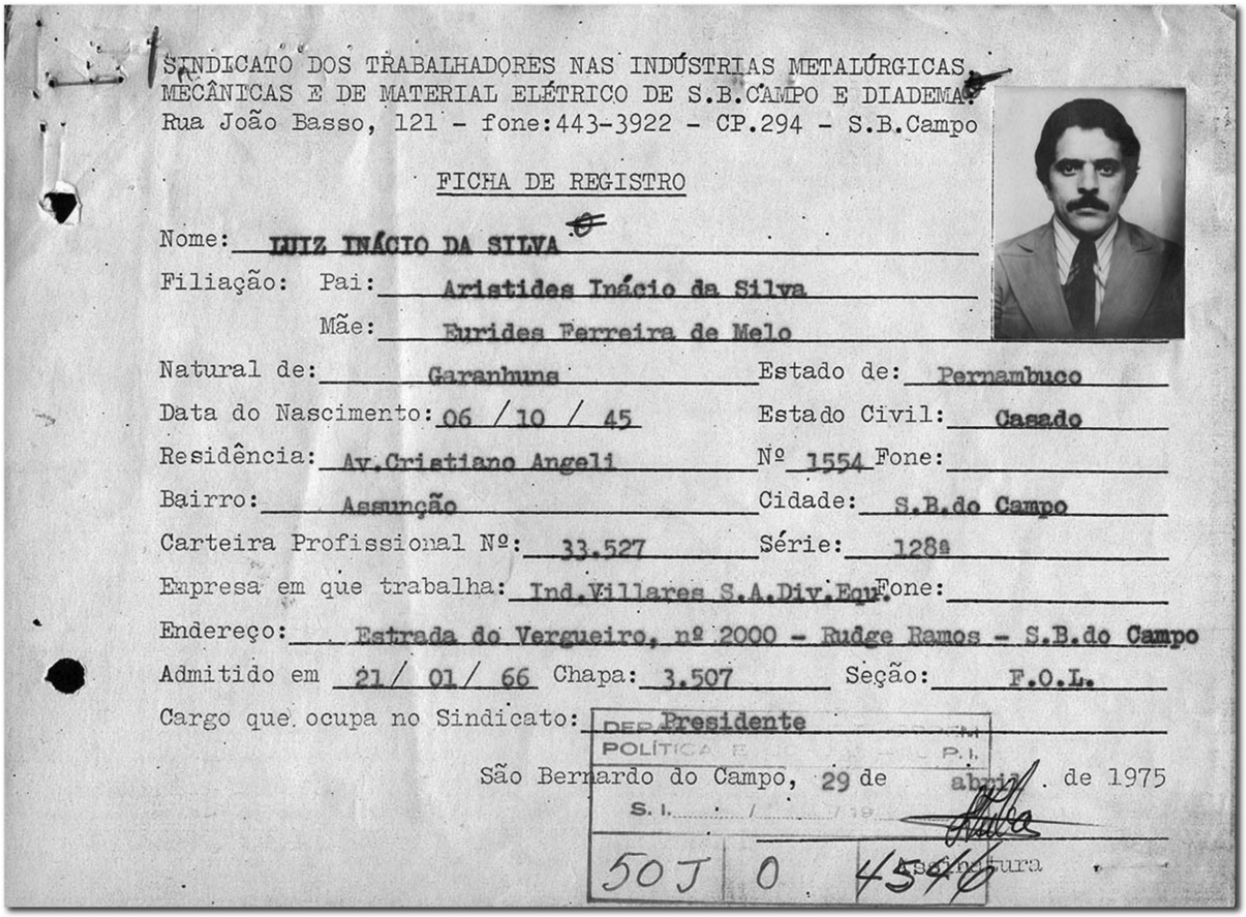
Lula, aos 18 anos, agachado à esquerda, e Frei Chico, em pé à direita, junto com amigos.



Lula em sua formatura no Senai; 1962. Arquivo Família Silva.




Lula, agachado, o terceiro da esquerda para a direita, e Frei Chico em seu time de futebol, o Náutico Futebol Clube; década de 1950. Arquivo Família Silva.



SINDICATO DOS TRABALHADORES NAS INDÚSTRIAS METALÚRGICAS, MECÂNICAS E DE MATERIAL ELÉTRICO DE S.B.CAMPO E DIADEMA
Rua João Basso, 121 - fone:443-3922 - CP.294 - S.B.Campo

FICHA DE REGISTRO

Nome: LUIZ INÁCIO DA SILVA

Filiação: Pai: Aristides Inácio da Silva

Mãe: Eurides Ferreira de Melo

Natural de: Garanhuns Estado de: Pernambuco

Data do Nascimento: 06 / 10 / 45 Estado Civil: Casado

Residência: Av.Cristiano Angeli Nº 1554 Fone:

Bairro: Assunção Cidade: S.B.do Campo

Carteira Profissional Nº: 33.527 Série: 128ª

Empresa em que trabalha: Ind.Villares S.A.Div.Equ. Fone:

Endereço: Estrada do Vergueiro, nº 2000 - Rudge Ramos - S.B.do Campo

Admitido em 21/ 01/ 66 Chapa: 3.507 Seção: F.O.L.

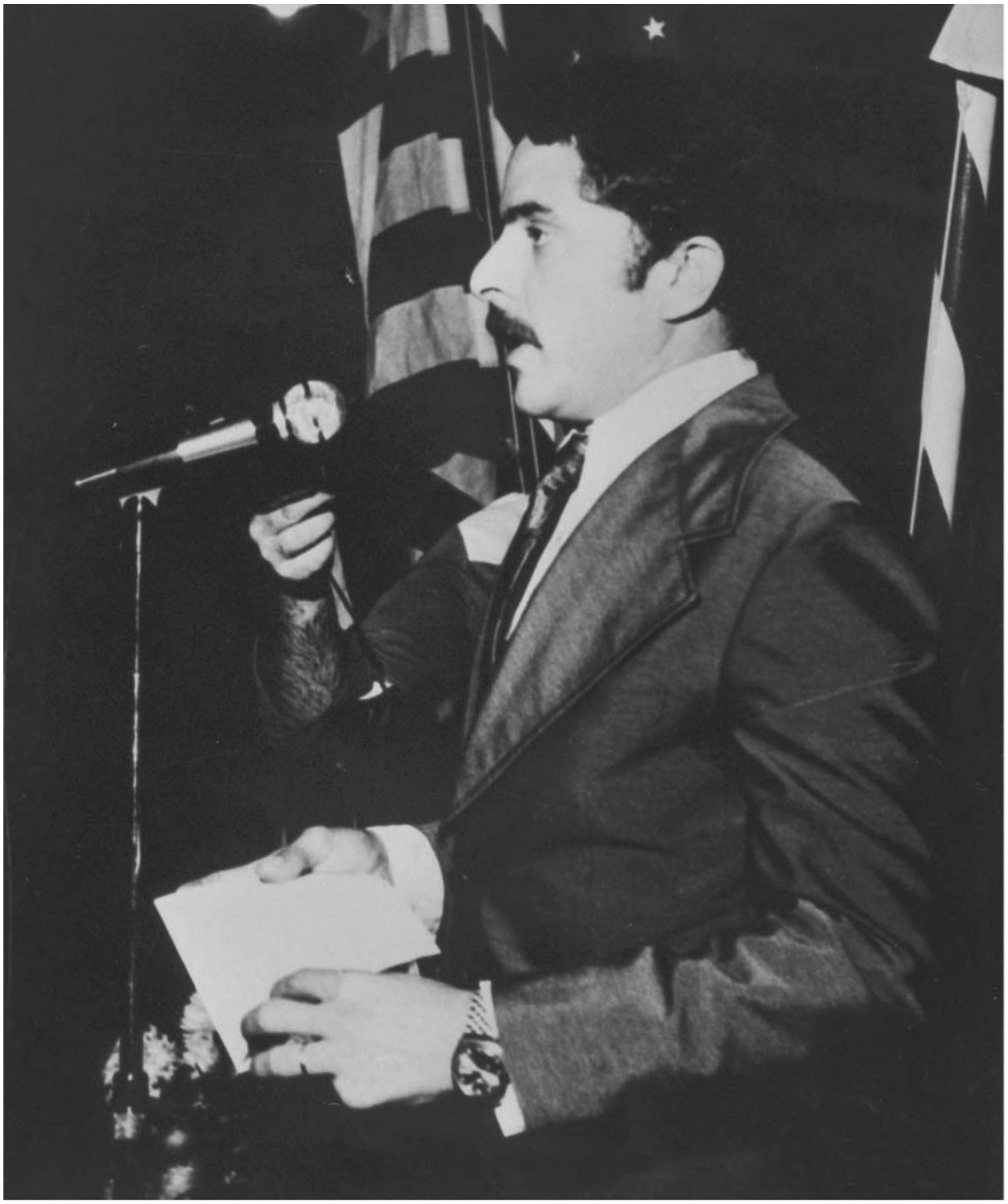
Cargo que ocupa no Sindicato: Presidente

São Bernardo do Campo, 29 de abril de 1975

Assinatura

50J 0 4546

Ficha de registro de Lula como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC; abr. 1975. Fundo Deops/Arquivo Público do Estado de São Paulo (Apesp).



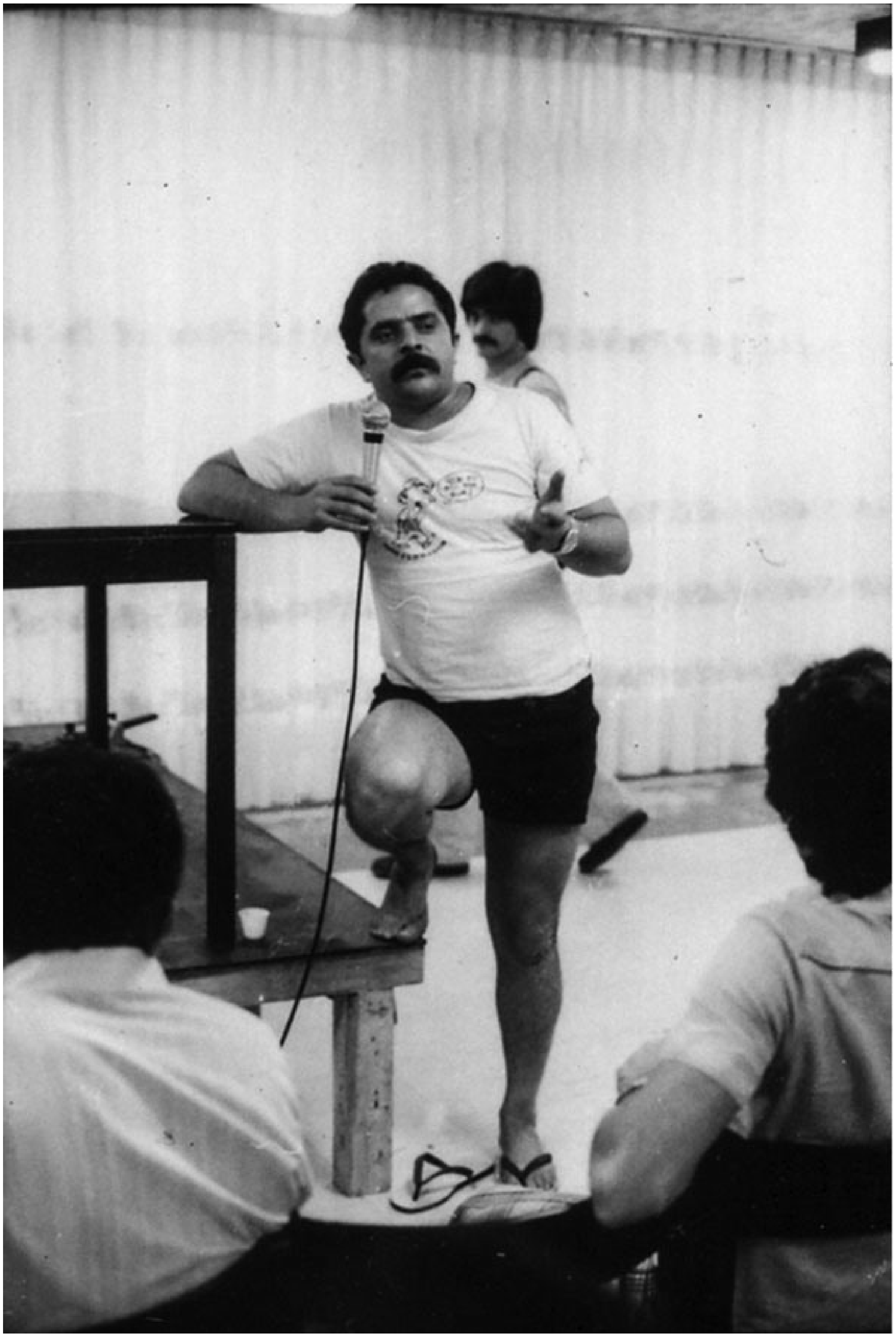
Discurso de posse de Lula como presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC; 1975. *ornal Movimento*/ Apesp.



Posse de Lula na presidência do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC; 1975. *ornal Movimento*/Apesp.



Com Tito Costa, prefeito de São Bernardo; 1979. Ennio Brauns/ /Foto&Grafia *ornal Movimento*/Apesp.



Intervenção de Lula no III Congresso dos Metalúrgicos, out. 1979. Acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp.



III Congresso dos Metalúrgicos; out. 1979. Acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp.




Saída de Lula após ser decretada a intervenção federal no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC; 23 mar. 1979. *ornal Movimento*/Apesp.




Acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp.



Assembleia de greve dos metalúrgicos do ABC no estádio da Vila Euclides; 1979. *ornal Movimento*/Apesp.



Com Elis Regina em show em São Bernardo; 7 maio 1979. *ornal Movimento*/Apesp.



Discurso na assembleia geral de greve dos metalúrgicos no estádio da Vila Euclides; 1980. Acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp.



Assembleia operária na porta da fábrica da Volkswagen em São Bernardo; maio 1979. Acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp.



Assembleia geral dos metalúrgicos no estádio da Vila Euclides; 25 maio 1980. Acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp.



Assembléia geral dos metalúrgicos no estádio da Vila Euclides, 30 mar. 1980. Acervo do Centro de Documentação e Memória da Unesp.



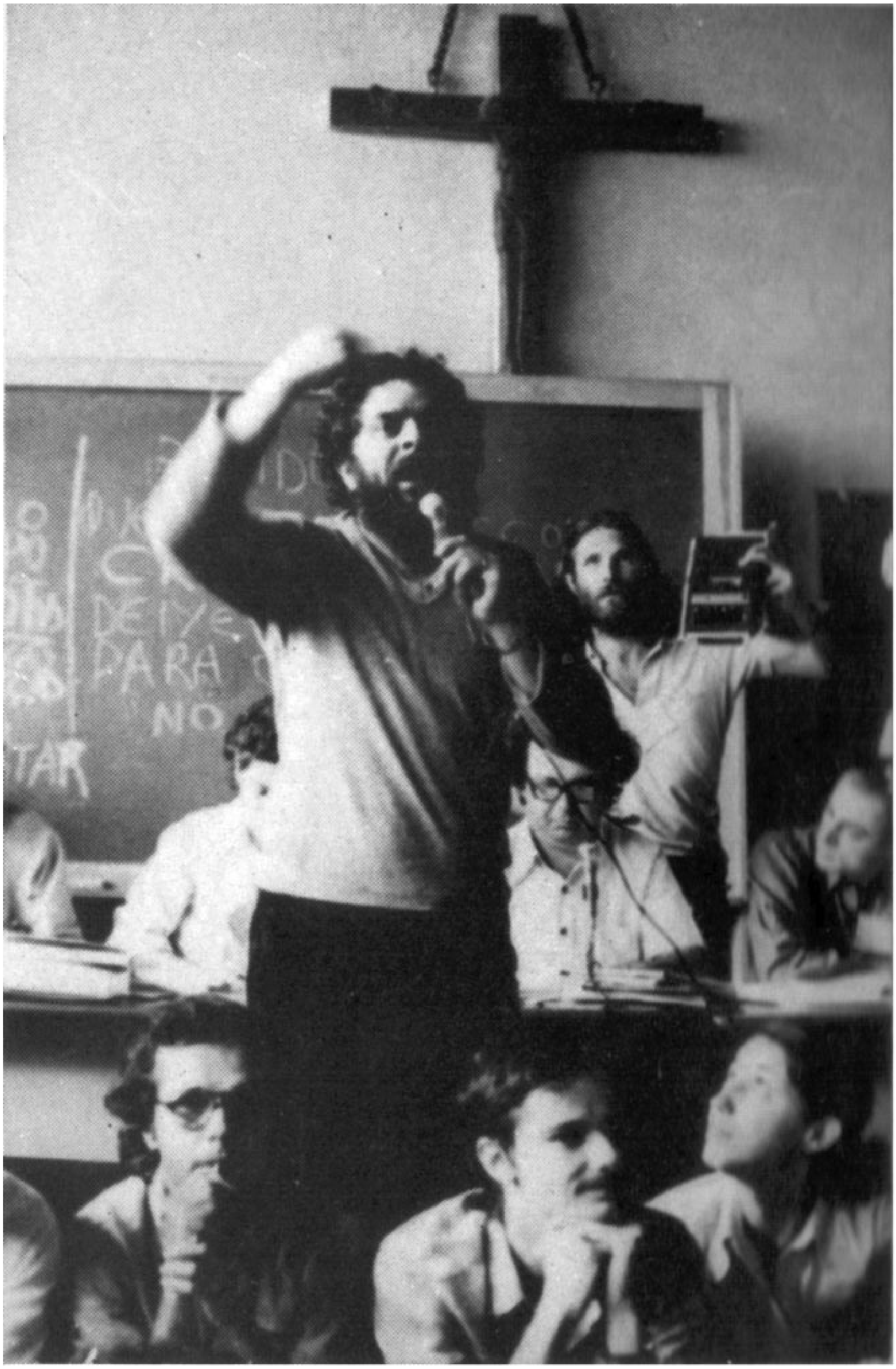

Fundação do PT no Colégio Sion; 1980. Lula é eleito presidente do partido com 93% dos votos. Ennio Brauns/Foto&Grafia/ *ornal Movimento*/Apesp.




Lula em convenção do PT. J. Freitas/ *ornal Movimento*/Apesp.



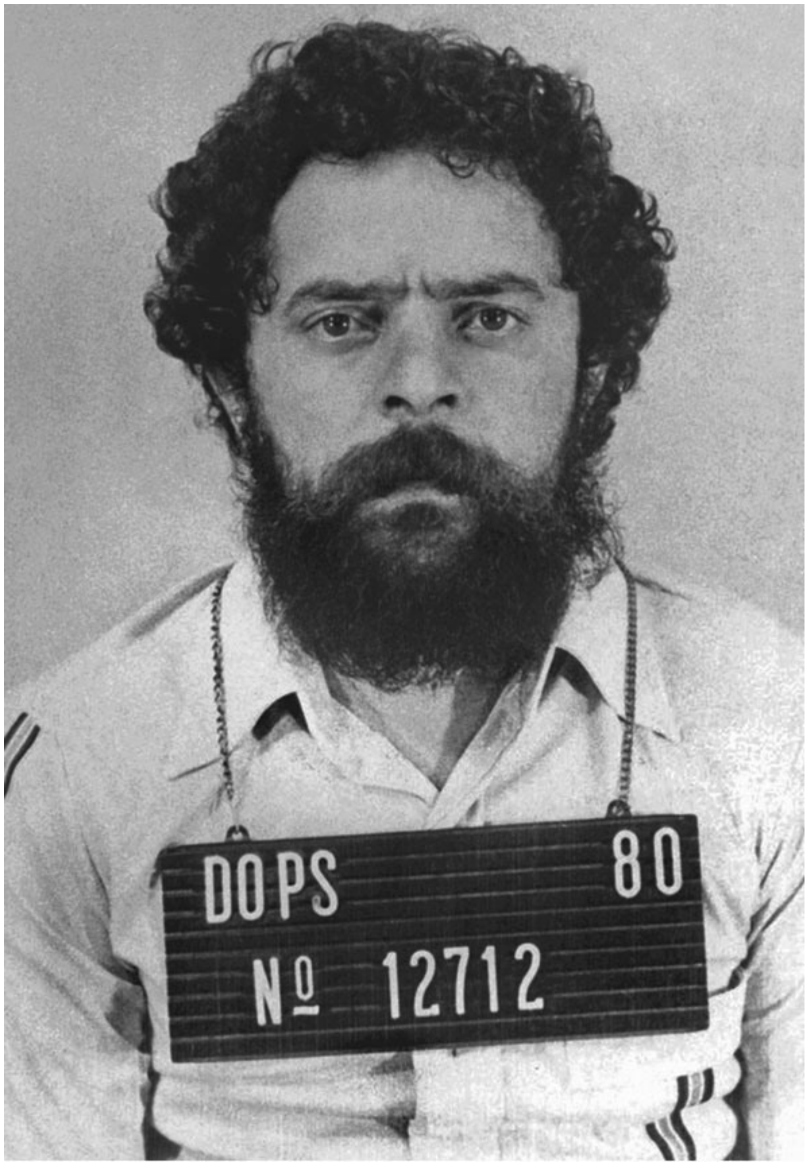

Com Marisa em ato do 1º de Maio em São Bernardo. Ennio Brauns/Foto&Grafia/ *ornal Movimento*.



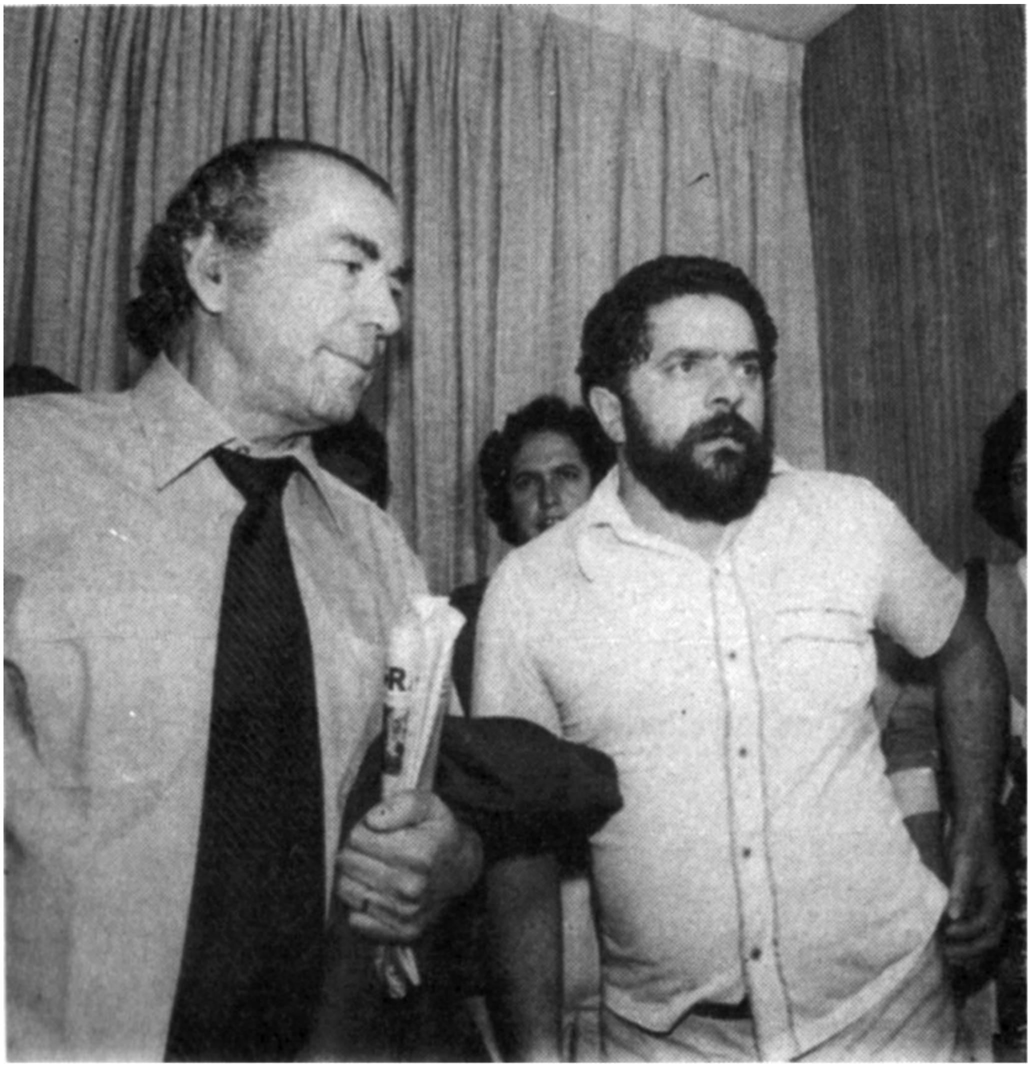

Lula em uma das primeiras reuniões do PT; 1980. Arquivo Família Silva.




Peça de divulgação da campanha de Lula, em 1982, para governo do Estado de São Paulo.




Lula preso e fichado no Dops; 19 abr. 1980, 17º dia do movimento grevista daquele ano. Fundo Deops/Apesp.



Com Leonel Brizola; 1980. Arquivo Família Silva.



Lula comemora revogação de sua prisão após 31 dias; 1980. Arquivo do Instituto Lula.

O ESTADO DE S. PAULO — 13 DE NOVEMBRO DE 1982

# Luís Ignácio, acusado de ter casa no Guarujá

Esse é um dos trechos da nota oficial divulgada ontem pelo diretório municipal do Partido dos Trabalhadores (PT), de São Bernardo do Campo.

"Agora inventaram a casa de férias no Guarujá. Nos últimos dez anos, as unicas férias que o Lula teve foram os 31 dias que passou na cadeia do Dops. Desafiamos os acusadores do Lula a mostrarem a cara e darem o endereço da tal casa do Guarujá e sua escritura."

À noite, antes de um comício no ABC, Luís Ignácio fez um desafio: renuncia à candidatura ao governo do Estado se ficar provado que possui uma casa de veraneio no Guarujá.




O panfleto distribuído contra Luís Ignácio



Luís Ignácio re
se provarem cas

# Luís Ignácio, acusado de ter casa no Guarujá

Da sucursal do ABC

"A onda da mansão do Morumbi não pegou, porque o Lula mora em Jardim Lavínia, à rua Maria Azevedo, 273. Agora inventaram a casa de férias no Guarujá. Nos últimos dez anos, as unicas férias que o Lula teve foram os 31 dias que passou na cadeia do Dops. Desafiamos os acusadores do Lula a mostrarem a cara e darem o endereço da tal casa do Guarujá e sua escritura."

Esse é um dos trechos da nota oficial divulgada ontem pelo diretório municipal do Partido dos Trabalhadores (PT), de São Bernardo do Campo, ao rebater as acusações que são feitas a Luís Ignácio Lula da Silva, presidente nacional do partido e candidato ao governo do Estado, em panfleto distribuído em vários pontos da cidade. O panfleto mostra uma fotografia de uma mansão, afirmando tratar-se da casa que Luís Ignácio possui no Guarujá, "onde passa suas férias". O candidato do PT, por sua vez, atribuiu a autoria do documento "ao pessoal do PMDB de São Bernardo".

Luís Inácio é acusado, ainda, de viajar para o Exterior, de ser o responsável "pelo desemprego causado pelas greves", de ter trocado a cadeia "por uma liberdade comprometedora". Segundo a nota do PT, as greves "não foram feitas por Lula, mas por 140 mil peões, em assembléias democráticas, da mesma forma que o desemprego existia antes de Lula e existe depois de Lula, pois é causado pela política econômica de Delfim Netto e a turma do PDS".

O documento afirma, também, que Luís Ignácio foi absolvido porque é inocente, acrescentando que "não abrimos mão de construirmos o PT, um partido sem patrões e sem generais". Sobre as viagens ao Exterior, a nota do partido diz que elas são feitas a convite de sindicatos e federações de trabalhadores de outros países, com passagens e despesas pagas por eles.

Também o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema divulgou nota oficial, afirmando que a entidade "compra a briga do Lula, porque ele lutou e sofreu conosco", acrescentando que Luís Ignácio continua pobre e que "quem tem férias caríssimas no Exterior e no Guarujá são só os ricos e os patrões".

Segundo Djalma de Souza Bom, candidato a deputado federal e presidente regional do partido, "calúnias como essas não denigrem a honestidade de Lula, mesmo porque elas não têm nenhuma relação com a vida dele, uma vida que todos os moradores de São Bernardo conhecem muito bem".

## Lula

O candidato a governador pelo PT Luís Ignácio da Silva, por outro lado, disse em Diadema que o panfleto que o acusa "foi impresso pelo pessoal do PMDB de São Bernardo, que se encontra desesperado". Luís Ignácio acrescentou que "esse boletim é ridículo, pois quem o mandou imprimir não sabe nem mentir. Se soubessem que eu tinha uma casa no Guarujá deviam publicar também seu endereço, e não só a foto, assim eu já ocupava a casa, porque é o sonho de todo trabalhador ter uma casa para morar ou para descansar".

À noite, antes de um comício no ABC, Luís Ignácio fez um desafio: renuncia à candidatura ao governo do Estado se ficar provado que possui uma casa de veraneio no Guarujá.



Luís Ignácio renuncia se provarem casa




O panfleto distribuído contra Luís Ignácio

## ...o processo

...ciação Comercial de São Paulo, Guilherme Afif Domingos, em entrevista à imprensa, procurou isentar a entidade e seu nome de qualquer participação criminosa no caso.

O diretor comercial do Diário do Comércio se negou a dar qualquer declaração à imprensa, atribuindo-se apenas a Odilon Lima Filho a versão do "contrato comercial" com a Associação Comercial. Ele foi firmado depois de Odilon ter consultado várias gráficas — a única que não fez objeção foi a da Associação, segundo Odilon — e não deu nenhum adiantamento para uma encomenda orçada em Cr$ 1,5 milhão.

Odilon pagou Cr$ 430 mil pela arte do panfleto, sem revelar à Polícia Federal quem a executou. Indicou apenas o diretor da revista O Cruzeiro, em São Paulo, Edison Viola Brenner, como o responsável pelo contato feito — e segundo ele já acertado — para distribuição do panfleto. Ouvido pela Polícia Federal, Brenner confirmou o contato mas negou que o negócio havia sido




O noticiário político continua nas páginas 2 a 12

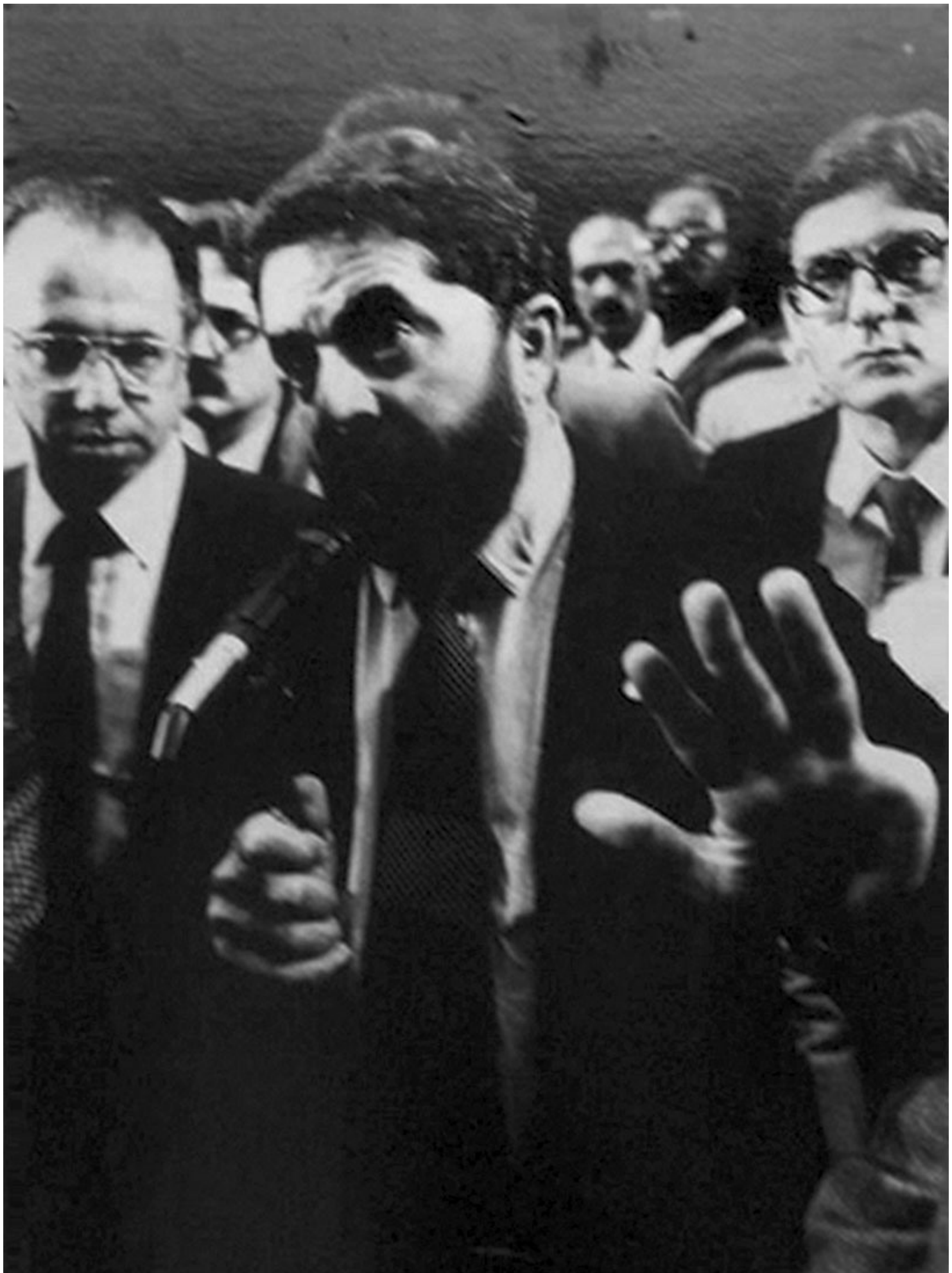
Recortes de jornal; nov. 1982. *O Estado de aulo*




Lula discursa ao lado de FHC no primeiro comício das Diretas Já, na praça Charles Miller, em São Paulo; 27 nov 1983. Lau Polinesio/Senado Federal.




Manifestação na Câmara dos Deputados pelas Diretas Já; abr. 1984. Célio Azevedo/Senado Federal.



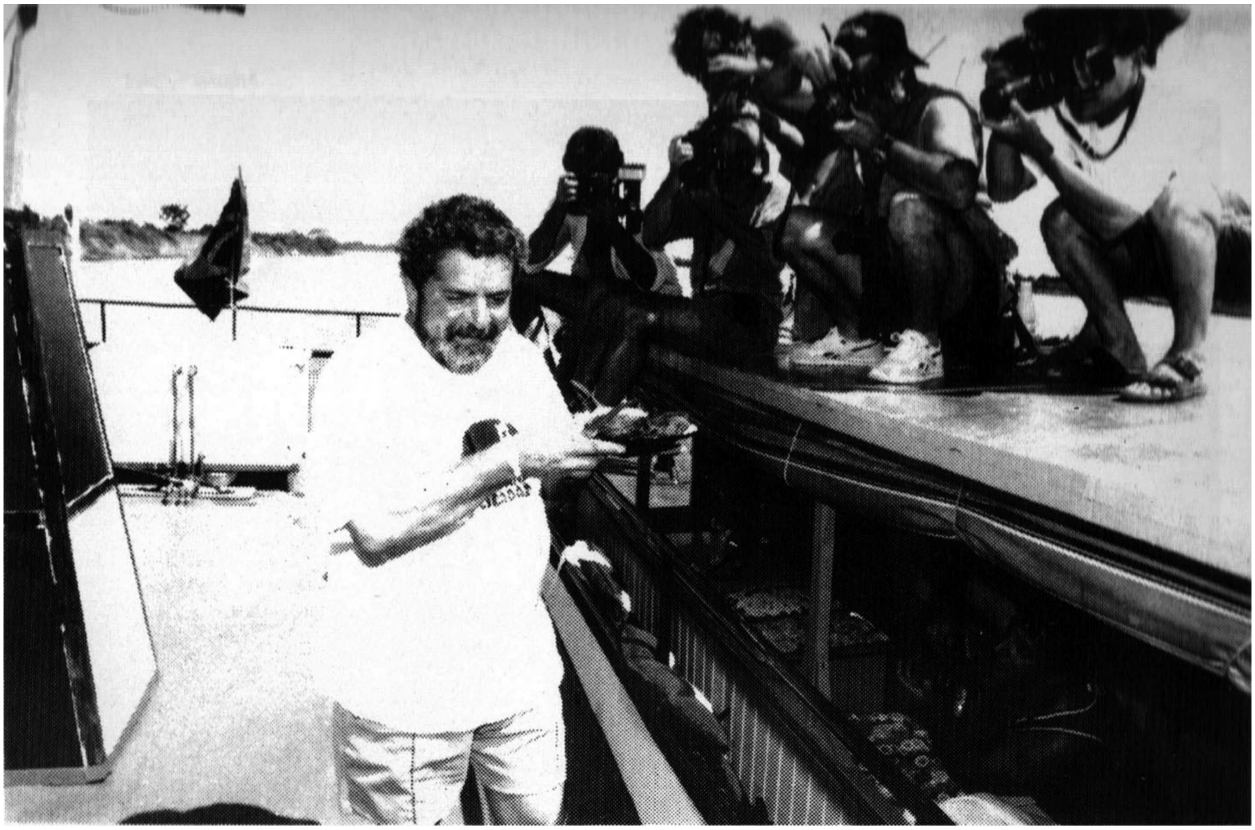
Deputado federal pelo PT, Lula discursa no plenário da Câmara dos Deputados em Brasília. Roosewelt Pinheiro/Agência Brasil.



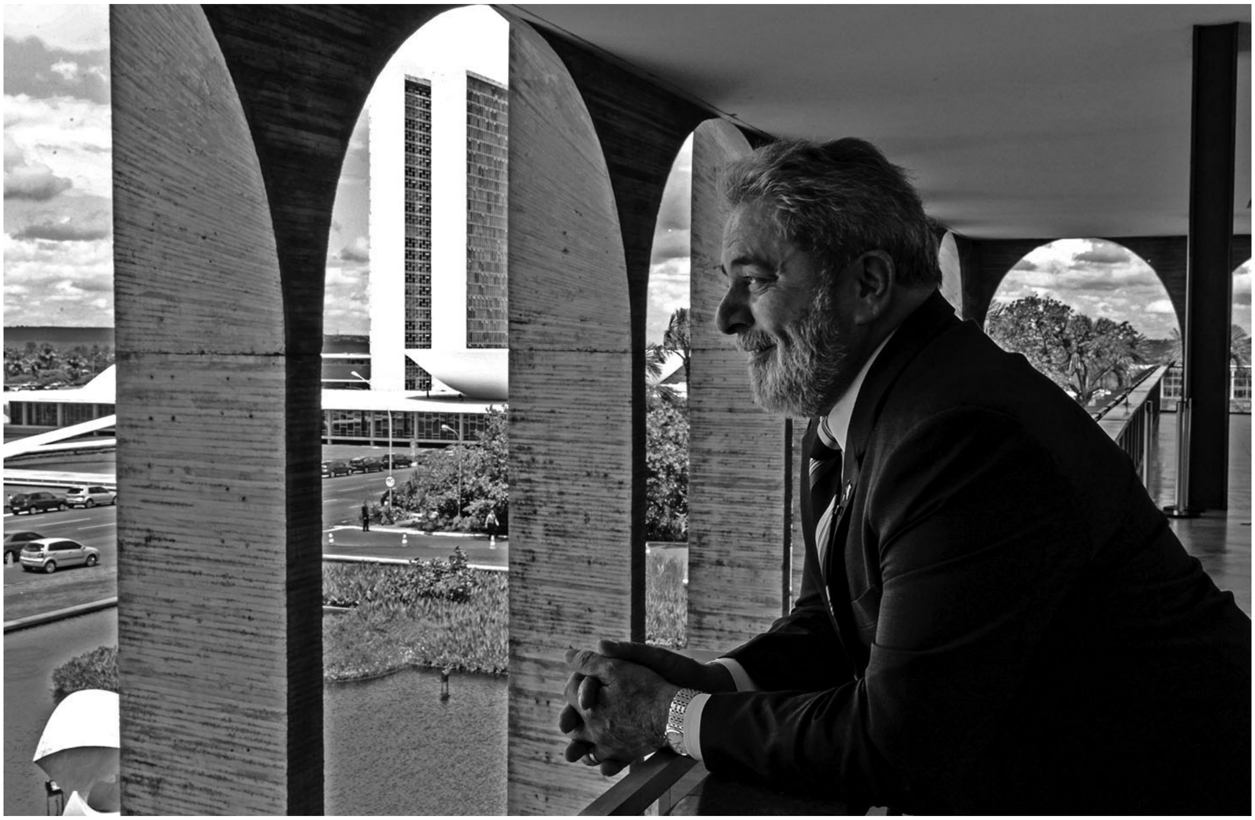

Peça de divulgação da campanha presidencial de Lula em 1989.



Candidato presidencial de enorme popularidade, Lula é sabatinado no programa Roda Viva, da TV Cultura, em São Paulo; 1994.



Durante a Caravana da Cidadania, procurado por fotógrafos até na hora do almoço. Arquivo Família Silva.



Presidente Lula no Palácio do Itamaraty, em Brasília.



Na zona Norte de São Paulo, sob forte chuva, Lula discursa durante último comício da campanha de Dilma Rousseff; 27 set. 2010.



Presidente Lula durante visita às obras dos eixos Leste e Norte do projeto de integração do rio São Francisco, em Cabrobó; 16 out. 2009.




Acompanhado dos ministros Dilma Rousseff e Edison Lobão em ato de comemoração pela primeira extração de óleo da camada do pré-sal, na Bacia de Campos; 2 set. 2008.




Trabalhadores homenageiam Lula durante evento de comemoração dos 60 anos da Refinaria Landulpho Alves, na Bahia; 29 set. 2010.



Lula discursa durante reunião dos presidentes dos países membros do Conselho de Segurança da ONU, em Nova York; 14 set. 2005.




Presidente Lula com chefes de Estado e de Governo do G-20 Financeiro, em Pittsburgh, nos Estados Unidos; 25 set. 2009.



Everton Conceição Santos toca o rosto do presidente Lula, em Lauro de Freitas, Bahia; 21 mar. 2006.



Primeira visita do presidente Lula, com ministros, à favela de palafitas Brasília Teimosa, em Recife; 10 jan. 2003.



Lula é recebido por Fidel Castro no aeroporto de Havana, em Cuba; 26 set. 2003.



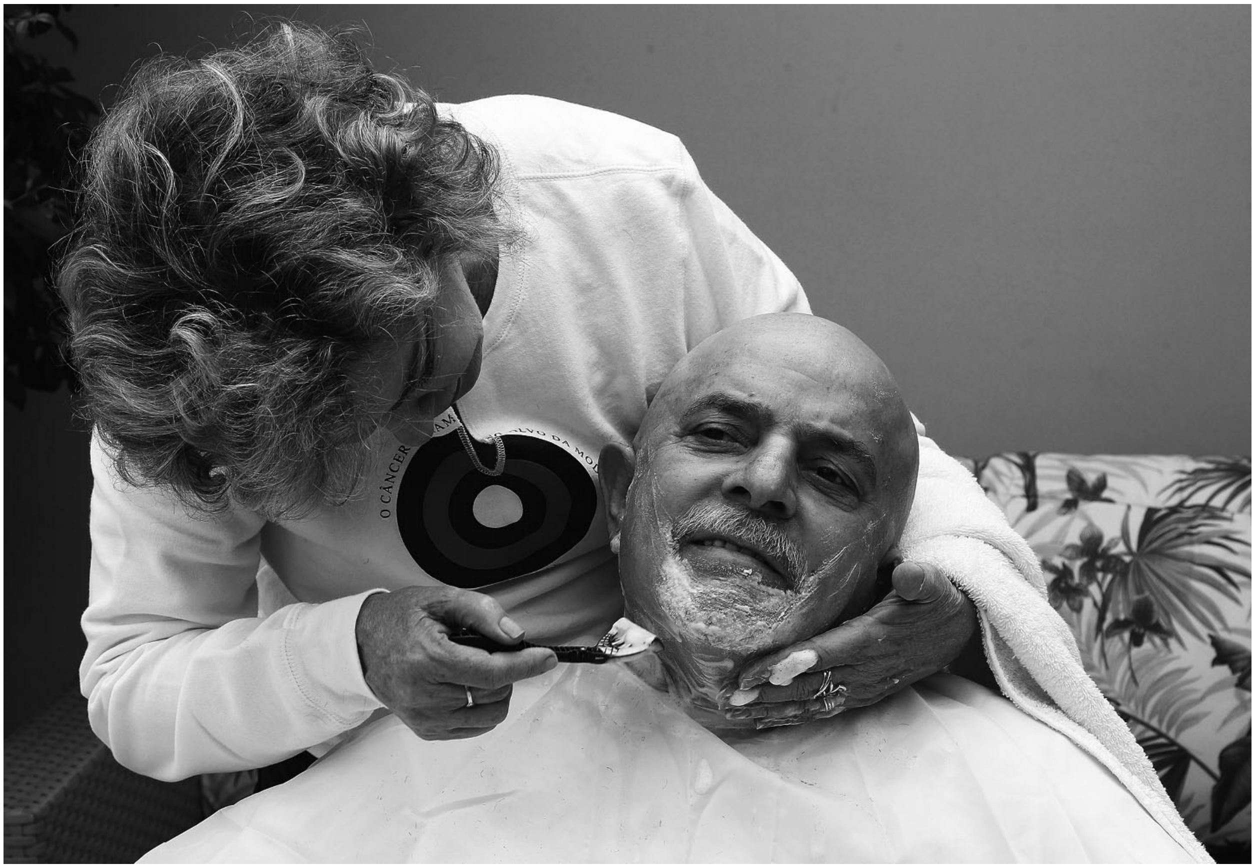
Visita ao vice-presidente José Alencar no hospital Sírio Libanês, em São Paulo; 1º jan. 2011.



Encontro com Nelson Mandela, ex-presidente da África do Sul, em Maputo; 16 out. 2008.



Com Dilma Rousseff em cerimônia de troca da faixa presidencial; 1º jan. 2011.



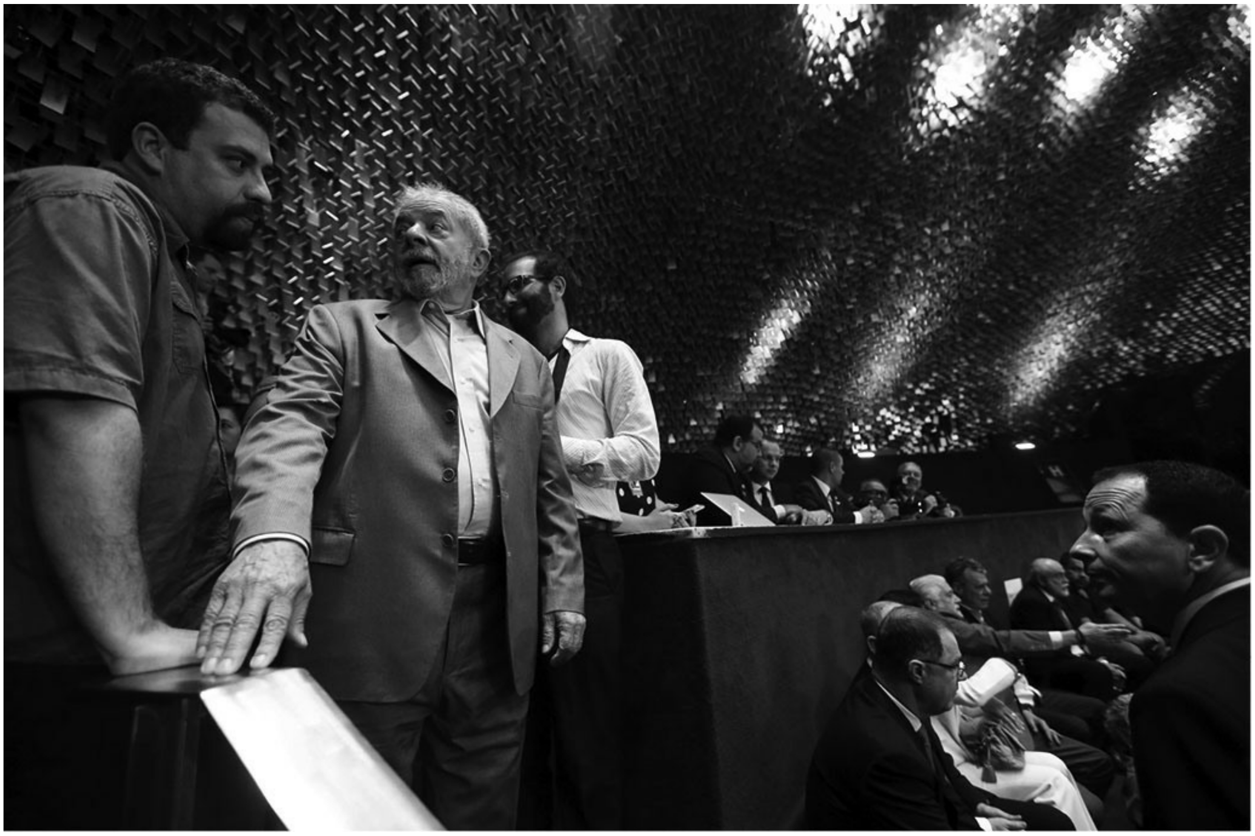
A ex-primeira-dama Marisa Letícia raspa a barba e o cabelo de Lula, em São Bernardo, devido aos efeitos colaterais da quimioterapia; 16 nov. 2011.




Parlamentares erguem cartaz no início da sessão na Câmara dos Deputados que definiria o prosseguimento do processo do *impeachment* contra Dilma Rousseff; 17 abr. 2016. MídiaNINJA.



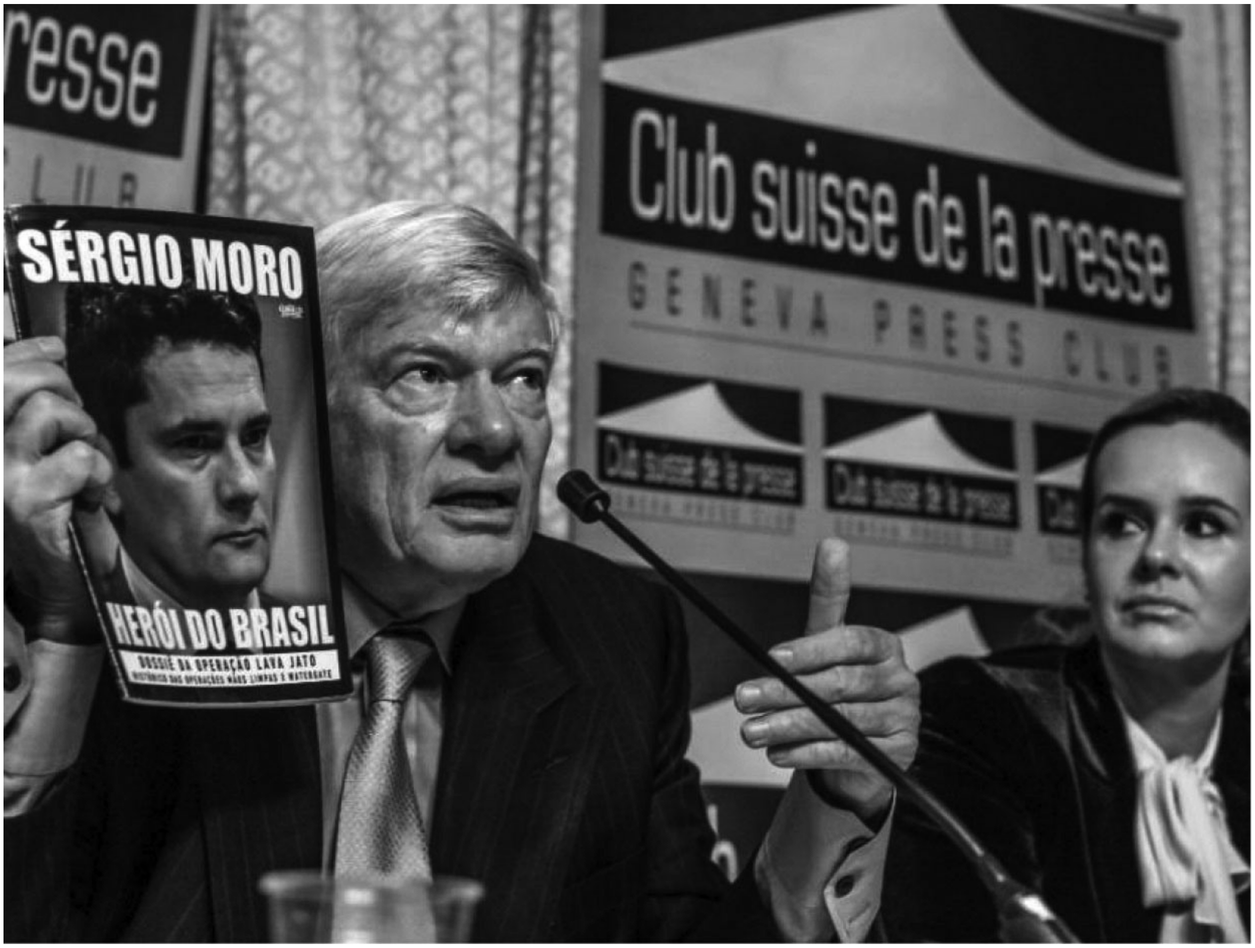

A presidenta Dilma Rousseff durante sessão de julgamento do *impeachment* no Senado; 29 ago. 2016. Willson Dias/Agência Brasil.



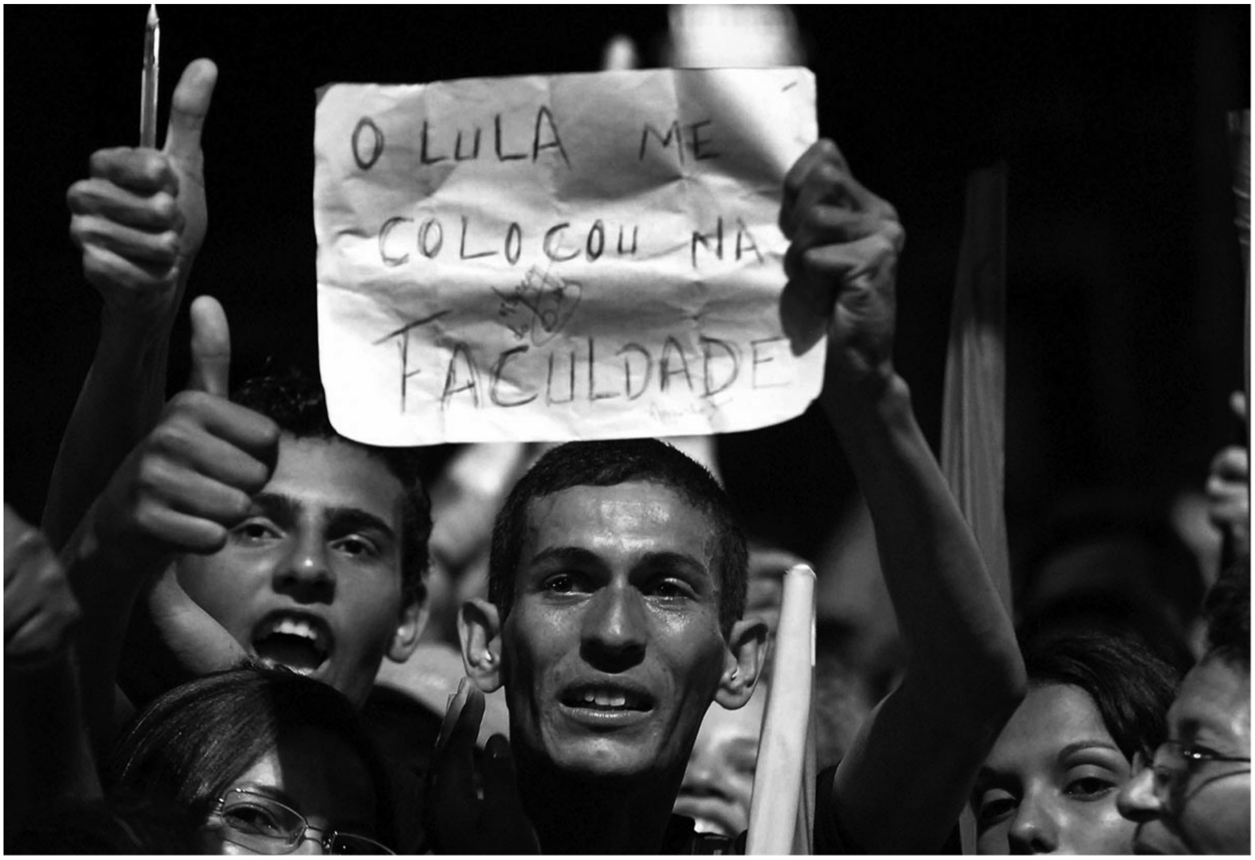
Guilherme Boulos e Lula acompanham a defesa de Dilma Rousseff na sessão de julgamento do *impeachment* no Senado; 29 ago. 2016. Marcelo Camargo/Agência Brasil.



Ato pela democracia no Recife; 13 jul. 2016.




O advogado australiano Geoffrey Robertson, que representa Lula em uma ação na ONU contra os arbítrios da Lava Jato, fala, ao lado da advogada Valeska Zanin, à imprensa internacional, em Genebra, na Suíça: "Nenhum juiz em um país civilizado se comporta como Moro, dessa maneira persecutória"; 16 nov. 2016.



Jovem exibe cartaz em comício da campanha de reeleição do presidente Lula na Bahia; 2006.



Ao receber seu 32º título de doutor *honoris causa*, concedido pela Universidade Estadual de Alagoas, em Arapiraca; 23 ago. 2017.




Ato de encerramento da Caravana Lula por Minas Gerais, na praça da Estação, em Belo Horizonte; 30 out. 2017.



Em Marcolândia, Piauí, durante a Caravana Lula pelo Nordeste; 1º set. 2017.



Em Barbalha, Ceará; 21 set. 2016.



Ato na praça Santos Andrade após o primeiro depoimento do ex-presidente Lula ao juiz Sérgio Moro em Curitiba; 10 mai. 2017.



Em Alagoas, travessia do rio São Francisco durante a Caravana Lula pelo Nordeste; 22 ago. 2017.



Em Campina Grande, na Caravana Lula pelo Nordeste; 27 ago. 2017.



Com Seu Finho, 92 anos, o vaqueiro mais velho de Sergipe, na praça de Nossa Senhora da Glória, durante a Caravana Lula pelo Nordeste; 21 ago. 2017.



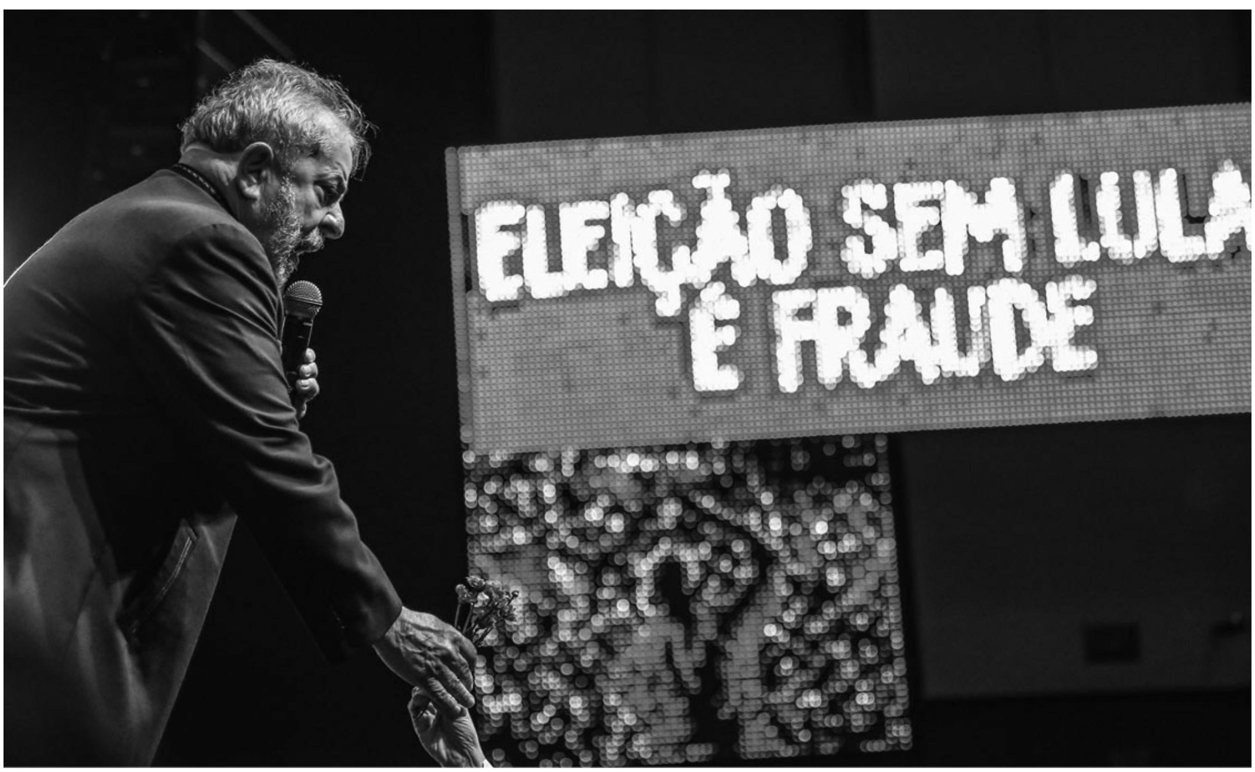

Durante ato de encerramento da Caravana Lula por Minas Gerais, na praça da Estação, no Centro de Belo Horizonte; 30 out. 2017.




Em ato pela democracia na praça da República, em São Paulo; 24 jan. 2018.



Em Ipatinga, discurso durante ato de recepção à Caravana Lula por Minas Gerais; 23 out. 2017.




Ato com artistas e intelectuais no Rio de Janeiro; 16 jan. 2018.




Com Mano Brown e Chico Buarque na inauguração do campo Dr. Sócrates Brasileiro na Escola Nacional Florestan Fernandes, do MST, em Guararema; 23 dez. 2017.




Lula na "sarrada" com a juventude, na Bahia, na Caravana Lula pelo Nordeste; 20 ago. 2017.

Todas as fotos reproduzidas neste caderno são de autoria de Ricardo Stuckert, exceto quando creditadas.








Charge da cartunista Laerte Coutinho de 16 ago. 2016.

Este livro, necessário como nunca antes na história deste país, foi publicado pela Boitempo em março de 2018.

*Direção editorial*
Ivana Jinkings

*Equipe editorial*
Isabella Marcatti, Kim Doria, Thaisa Burani, André Albert e Bibiana Leme

*Gravação da entrevista*
Mauro Calove e Cláudio Kbene

*Transcrição da entrevista*
Mauro Lopes, com a assistência de Murilo Machado

*Edição da entrevista*
Mauro Lopes

*reparação*
Ivone Benedetti

*Revisão*
Thais Rimkus

*Coordenação de produção*
Livia Campos

*Capa*
Ronaldo Alves
sobre foto de Ricardo Stuckert

*Curadoria e edição de imagens*
Ricardo Stuckert (com a assistência de Mariangela Araujo) e Artur Renzo

*Diagramação*
Antonio Kehl

*Equipe de apoio:* Allan Jones, Ana Carolina Meira, Ana Yumi Kajiki, Camilla Rillo, Eduardo Marques, Elaine Ramos, Frederico Indiani, Heleni Andrade, Isabella Barboza, Ivam Oliveira, Marlene Baptista, Maurício Barbosa, Renato Soares, Thaís Barros, Tulio Candiotto

*ersão eletr nica*
*rodução*
Livia Campos

*Diagramação*
Schäffer Editorial

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S581v

Silva, Luis Inácio Lula da, 1945-
A verdade vencerá [recurso eletrônico]: o povo sabe por que me condenam / Luis

Inácio Lula da Silva; organização Ivana Jinkings; colaboração Gilberto Maringoni, Juca Kfouri , Maria Inês Nassif; inclui textos de Eric Nepomuceno [et al.]. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2018.
recurso digital

Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
caderno de imagens; cronologia
ISBN 978-85-7559-622-7 (recurso eletrônico)

1. Brasil - Política e governo - História - Séc. XXI. 2. Livros eletrônicos. I. Jinkings, Ivana. II. Maringoni,Gilberto. III. Kfouri, Juca. IV. Nassif, Maria Inês. V. Nepomuceno, Eric. VI. Título.

18-48332 CDD: 320.981
CDU: 32(81)

---

Leandra Felix da Cruz - Bibliotecária - CRB-7/6135

12/03/2018 14/03/2018



1ª edição: março de 2018

BOITEMPO EDITORIAL
www.boitempoeditorial.com.br
www.boitempoeditorial.wordpress.com
www.facebook.com/boitempo
www.twitter.com/editoraboitempo
www.youtube.com/tvboitempo
Jinkings Editores Associados Ltda.
Rua Pereira Leite, 373
05442-000 São Paulo SP
Tel./fax: (11) 3875-7250 / 3872-6869
editor@boitempoeditorial.com.br

# E-BOOKS DA BOITEMPO EDITORIAL

*1917: o ano que abalou o mundo*
Ivana Jinkings org

*Brasil: uma biografia não autorizada*
Francisco de Oliveira

*Comum*
Pierre Dardot e Christian Laval

*Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*
Karl Marx

*Ensaios sobre Brecht*
alter Ben amin

*O Estado e a revolução*
Vlad mir I Lênin

*Fluxos em cadeia*
Rafael Godoi

*Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil*
Fl via Biroli

*A liberdade é uma luta constante*
Angela Davis

*Manifesto Comunista/Teses de abril*
Karl Marx Friedrich Engels e Vlad mir I Lênin

*A nova segregação: racismo e encarceramento em massa*
Michelle Alexander

*Outubro*
China Mi ville

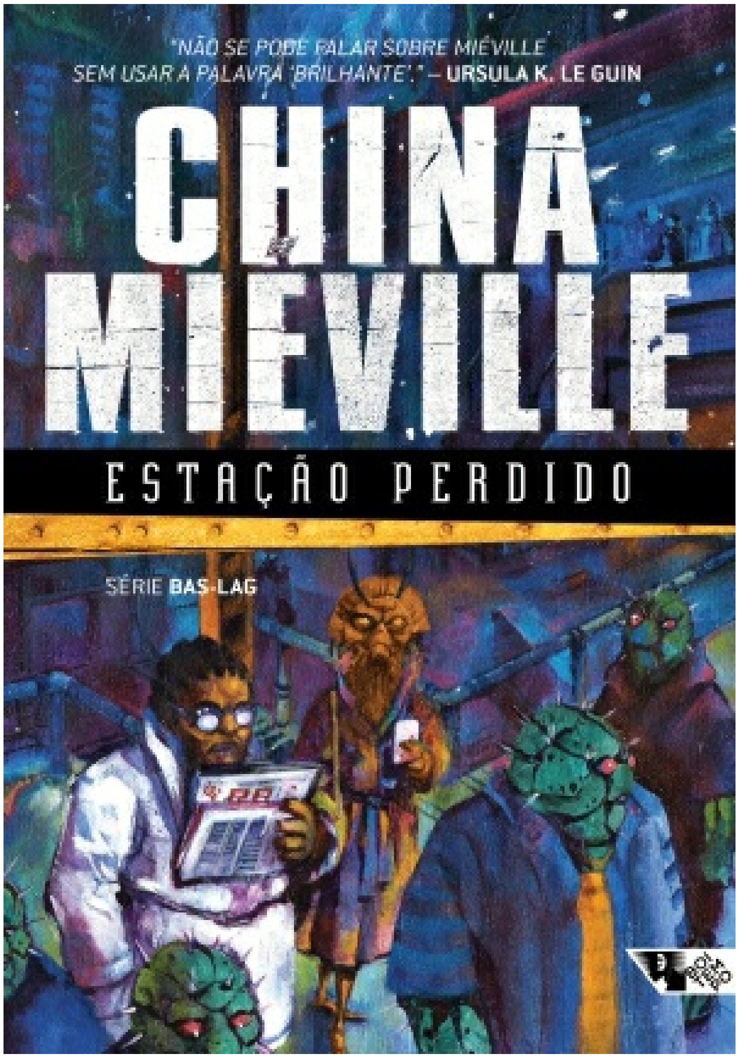
*A rebeldia do precariado*
Ru Braga

*Reconstruindo Lênin*
Tam s Krausz

*A Revolução de Outubro*
Leon Tr tski

## Siga a Boitempo

**BOITEMPOEDITORIAL**.COM.BR
/blogdaboitempo.com.br
/boitempo
@editoraboitempo
/imprensaboitempo
@boitempo



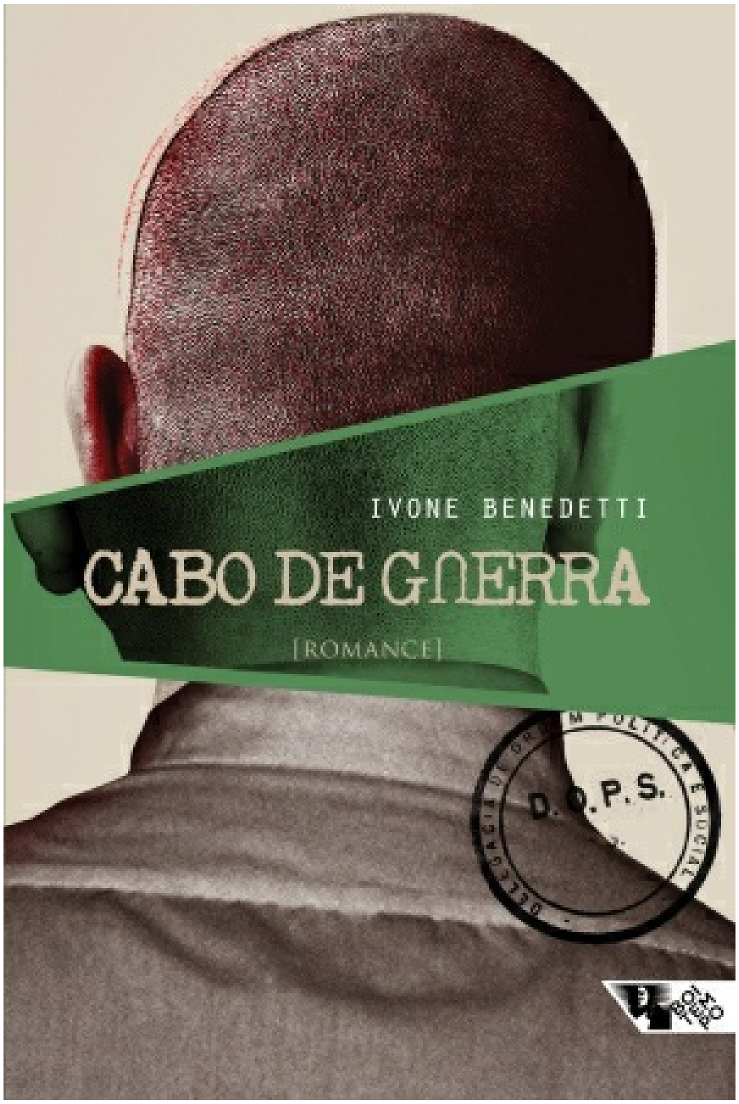

# Estação Perdido

Miéville, China
9788575594902
610 páginas

Compre agora e leia

"Com seu novo romance, o colossal, intricado e visceral Estação Perdido, Miéville se desloca sem esforço entre aqueles que usam as

ferramentas e armas do fantástico para definir e criar a ficção do século que está por vir." – Neil Gaiman "Não se pode falar sobre Miéville sem usar a palavra 'brilhante'." – Ursula K. Le Guin O aclamado romance que consagrou o escritor inglês China Miéville como um dos maiores nomes da fantasia e da ficção científica contemporânea. Miéville escreve fantasia, mas suas histórias passam longe de contos de fadas. Em Estação Perdido, primeiro livro de uma trilogia que lhe rendeu prêmios como o British Fantasy (2000) e o Arthur C. Clarke (2001), o leitor é levado para Nova Crobuzon, no planeta Bas-Lag, uma cidade imaginária cuja semelhança com o real provoca uma assustadora intuição: a de que a verdadeira distopia seja o mundo em que vivemos. Com pitadas de David Cronenberg e Charles Dickens, Bas-Lag é um mundo habitado por diferentes espécies racionais, dotadas de habilidades físicas e mágicas, mas ao mesmo tempo preso a uma estrutura hierárquica bastante rígida e onde os donos do poder têm a última palavra. Nesse ambiente, Estação Perdido conta a saga de Isaac Dan der Grimnebulin, excêntrico cientista que divide seu tempo entre uma pesquisa acadêmica pouco ortodoxa e a paixão interespécies por uma artista boêmia, a impetuosa Lin, com quem se relaciona em segredo. Sua rotina será afetada pela inesperada visita de um garuda chamado Yagharek, um ser meio humano e meio pássaro que lhe pede ajuda para voltar a voar após ter as asas cortadas em um julgamento que culminou em seu exílio. Instigado pelo desafio, Isaac se lança em experimentos energéticos que logo sairão do controle, colocando em perigo a vida de todos na tumultuada e corrupta Nova Crobuzon.



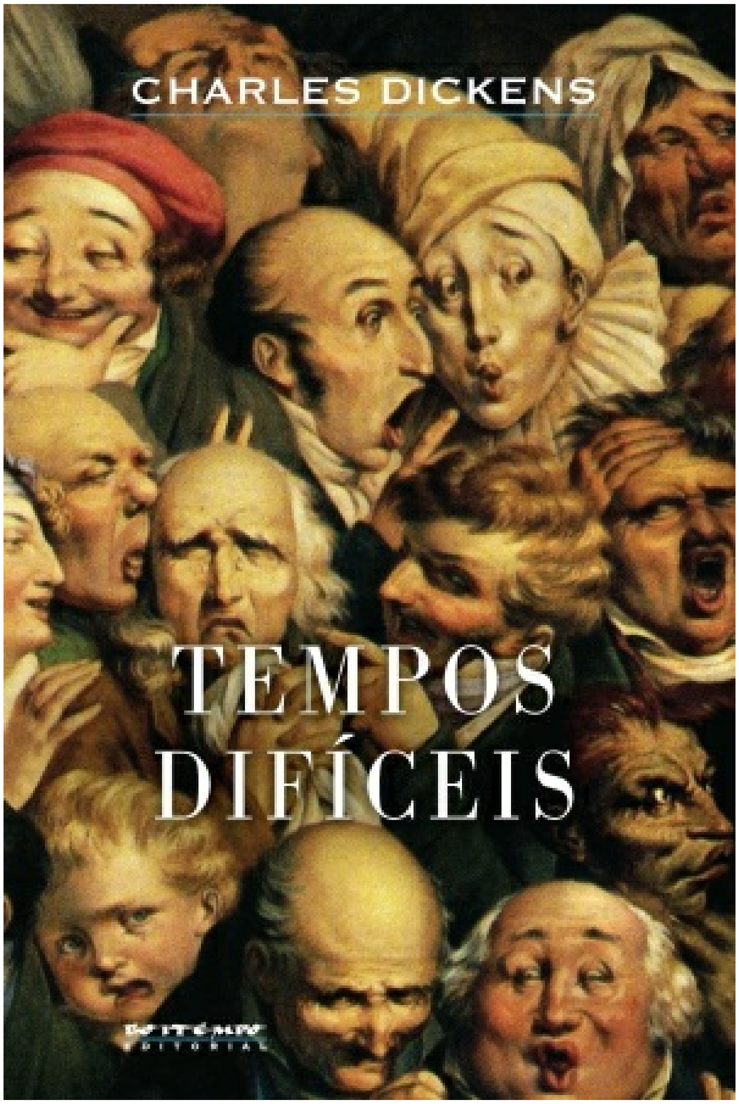

# Cabo de guerra

Benedetti, Ivone
9788575594919
306 páginas

[Compre agora e leia]

Finalista do Prêmio São Paulo de Literatura de 2010, Ivone Benedetti lança pela Boitempo seu segundo romance, o arrebatador Cabo de

guerra, que invoca fantasmas do passado militar brasileiro pela perspectiva incômoda de um homem sem convicções transformado em agente infiltrado. No final da década de 1960, um rapaz deixa o aconchego da casa materna na Bahia para tentar a sorte em São Paulo. Em meio à efervescência política da época, que não fazia parte de seus planos, ele flerta com a militância de esquerda, vai parar nos porões da ditadura e muda radicalmente de rumo, selando não apenas seu destino, mas o de muitos de seus ex-companheiros. Quarenta anos depois, ainda é difícil o balanço: como decidir entre dois lados, dois polos, duas pontas do cabo de guerra que lhe ofertaram? E, entre as visões fantasmagóricas que o assaltam desde criança e a realidade que ele acredita enxergar, esse protagonista com vocação para coadjuvante se entrega durante três dias a um estranho acerto de contas com a própria existência. Assistido por uma irmã devota e rodeado por uma série de personagens emersos de páginas infelizes, ele chafurda numa ferida eternamente aberta na história do país. Narradora talentosa, Ivone Benedetti tem pleno domínio da construção do romance. Num texto em que nenhum elemento aparece por acaso e no qual, a cada leitura, uma nova referência se revela, o leitor se vê completamente envolvido pela história de um protagonista desprovido de paixões, dono de uma biografia banal e indiferente à polarização política que tanto marcou a década de 1970 no Brasil. Essa figura anônima será, nessa ficção histórica, peça fundamental no desfecho de um trágico enredo. Neste Cabo de guerra, são inúmeras e incômodas as pontes lançadas entre passado e presente, entre realidade e invenção. Para mencionar apenas uma, a abordagem do ato de delação política não poderia ser mais instigante para a reflexão sobre o Brasil contemporâneo.




# Tempos difíceis

Dickens, Charles
9788575594209
336 páginas

Compre agora e leia

Neste clássico da literatura, Charles Dickens trata da sociedade inglesa durante a Revolução Industrial usando como pano de fundo a

fictícia e cinzenta cidade de Coketown e a história de seus habitantes. Em seu décimo romance, o autor faz uma crítica profunda às condições de vida dos trabalhadores ingleses em fins do século XIX, destacando a discrepância entre a pobreza extrema em que viviam e o conforto proporcionado aos mais ricos da Inglaterra vitoriana. Simultaneamente, lança seu olhar sagaz e bem humorado sobre como a dominação social é assegurada por meio da educação das crianças, com uma compreensão aguda de como se moldam espíritos desacostumados à contestação e prontos a obedecer à inescapável massificação de seu corpo e seu espírito. Acompanhando a trajetória de Thomas Gradgrind, "um homem de fatos e cálculos", e sua família, o livro satiriza os movimentos iluminista e positivista e triunfa ao descrever quase que de forma caricatural a sociedade industrial, transformando a própria estrutura do romance numa argumentação antiliberal. Por meio de diversas alegorias, como a escola da cidade, a fábrica e suas chaminés, a trupe circense do Sr. Sleary e a oposição entre a casa do burguês Josiah Bounderby e a de seu funcionário Stephen Blackpool, o resultado é uma crítica à mentalidade capitalista e à exploração da força de trabalho, imposições que Dickens alertava estarem destruindo a criatividade humana e a alegria.



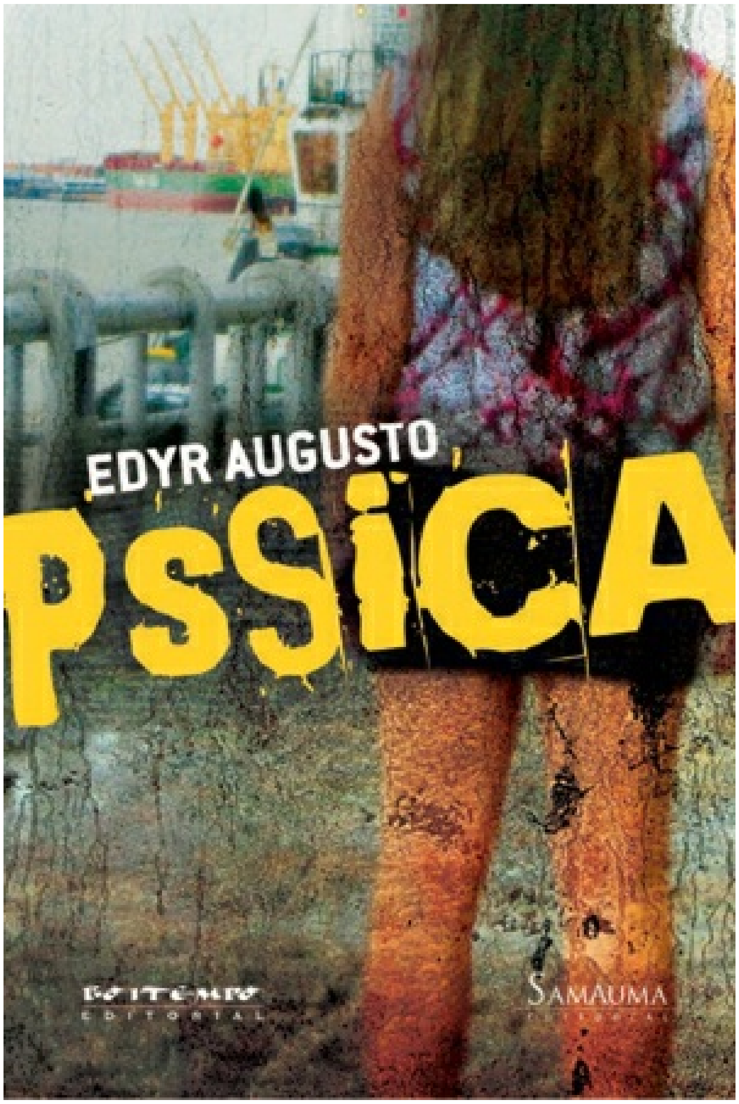

# O homem que amava os cachorros

Padura, Leonardo
9788575593622
592 páginas

Compre agora e leia

Esta premiadíssima e audaciosa obra do cubano Leonardo Padura, traduzida para vários países (como Espanha, Cuba, Argentina,

Portugal, França, Inglaterra e Alemanha), é e não é uma ficção. A história é narrada, no ano de 2004, pelo personagem Iván, um aspirante a escritor que atua como veterinário em Havana e, a partir de um encontro enigmático com um homem que passeava com seus cães, retoma os últimos anos da vida do revolucionário russo Leon Trotski, seu assassinato e a história de seu algoz, o catalão Ramón Mercader, voluntário das Brigadas Internacionais da Guerra Civil Espanhola e encarregado de executá-lo. Esse ser obscuro, que Iván passa a denominar "o homem que amava os cachorros", confia a ele histórias sobre Mercader, um amigo bastante próximo, de quem conhece detalhes íntimos. Diante das descobertas, o narrador reconstrói a trajetória de Liev Davidovitch Bronstein, mais conhecido como Trotski, teórico russo e comandante do Exército Vermelho durante a Revolução de Outubro, exilado por Joseph Stalin após este assumir o controle do Partido Comunista e da URSS, e a de Ramón Mercader, o homem que empunhou a picareta que o matou, um personagem sem voz na história e que recebeu, como militante comunista, uma única tarefa: eliminar Trotski. São descritas sua adesão ao Partido Comunista espanhol, o treinamento em Moscou, a mudança de identidade e os artifícios para ser aceito na intimidade do líder soviético, numa série de revelações que preenchem uma história pouco conhecida e coberta, ao longo dos anos, por inúmeras mistificações.




# Pssica

Proença, Edyr Augusto
9788575594506
96 páginas

Compre agora e leia

Após grande sucesso na França - onde teve três livros traduzidos -, o paraense Edyr Augusto lança um novo romance noir de tirar o fôlego.

Em Pssica, que na gíria regional quer dizer "azar", "maldição", a narrativa se desdobra em torno do tráfico de mulheres. Uma adolescente é raptada no centro de Belém do Pará e vendida como escrava branca para casas de show e prostituição em Caiena. Um imigrante angolano vai parar em Curralinho, no Marajó, onde monta uma pequena mercearia, que é atacada por ratos d'água (ladrões que roubam mercadorias das embarcações, os piratas da Amazônia) e, em seguida, entra em uma busca frenética para vingar a esposa assassinada. Entre os assaltantes está um garoto que logo assumirá a chefia do grupo. Esses três personagens se encontram em Breves, outra cidade do Marajó, e depois voltam a estar próximos em Caiena, capital da Guiana Francesa, em uma vertiginosa jornada de sexo, roubo, garimpo, drogas e assassinatos.